CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

PATRÍCIA RODARTE SILVA GOMES COELHO

FAÇA VOCÊ MESMO!
As identidades dos sujeitos da cena *underground heavy metal* e *punk* de Belo Horizonte

Belo Horizonte
2020

PATRÍCIA RODARTE SILVA GOMES COELHO

FAÇA VOCÊ MESMO!
As identidades dos sujeitos da cena *underground heavy metal* e *punk* de Belo Horizonte

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Orientador(a): Profa. Dra. Olga Valeska

Belo Horizonte
2020

Coelho, Patrícia Rodarte Silva Gomes.
C672i As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte / Patrícia Rodarte Silva Gomes Coelho. – 2020.
209 f. : il.
Orientadora: Olga Valeska

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.
Bibliografia.

1. Identidade social. 2. Heavy Metal (Música) - Belo Horizonte. 3. Punk (Música) - Belo Horizonte. 4. Hundertwasser, 1928-2000. 5. Etnomusicologia. I. Valeska, Olga. II. Título.

CDD: 781.7

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 – 3261

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE **TESE DE DOUTORADO**, REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

Aos trinta dias de outubro de 2020, às 14h00, em sala virtual da plataforma "Conferência Web" – Rede Nacional de Pesquisa (https://conferenciaweb.rnp.br/), reuniu-se a Banca examinadora, constituída pelos Membros: Prof.ª Dr.ª Olga Valeska Soares Coelho do CEFET-MG (Orientadora), Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano da UFSJ, Prof. Dr. José de Sousa Miguel Lopes da UEMG, Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral do UNINTER e Prof. Dr. Vicente Aguimar Parreiras do CEFET-MG, para examinar o trabalho da doutoranda Patrícia Rodarte Silva Gomes Coelho, sob o título "FAÇA VOCÊ MESMO! As identidades dos sujeitos da cena *underground heavy metal* e *punk* de Belo Horizonte". A Prof.ª Dr.ª Olga Valeska Soares Coelho, como Presidente da Banca Examinadora, declarou aberta a sessão, passando a palavra à candidata, para que esta expusesse sua tese. Terminada a exposição, a Presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora, que iniciaram a arguição. Terminada a arguição, retirou-se a banca examinadora para deliberação. De volta ao recinto, a Presidente deu conhecimento à candidata de que sua Tese foi aprovada e que a entrega dos exemplares com a redação final da Tese de Doutorado, contendo as contribuições da banca examinadora, deverá ser feita em, no máximo, 60 (sessenta) dias. Nada mais havendo a tratar, a Presidente declarou encerrada a sessão, cujas atividades são registradas nesta Ata, lavrada, a qual assina, juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 30 de outubro de 2020.

Profª. Drª. Olga Valeska Soares Coelho (Orientadora) – CEFET-MG
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano – UFSJ
Universidade Federal de São João del-Rei

Prof. Dr. José de Sousa Miguel Lopes – UEMG
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral – UNINTER
Centro Universitário Internacional

Prof. Dr. Vicente Aguimar Parreiras – CEFET-MG
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

À Deus,

Aos meus pais Antônio e Lourdes,

À minha querida filha Ana e meu esposo Pedro,

E familiares que torceram por mim,

Aos professores do CEFET,

Minha orientadora e bailarina Olga,

Aos amigos e bandas da cena underground de BH!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Olga.

Aos professores da minha trajetória escolar e acadêmica.

Ao CEFET-MG.

À minha família, meus pais, minha filha Ana, ao Pedro meu esposo.

À minha Tia Bidy, tios e primos.

Aos meus entrevistados Silva Dops, Fabiano, Túlio, Helinton, Arthurzinho Camarada, Arthur Fernandes, Júlio César (Junin Mheasma), Luan, César Sputinik, e Hyanna (representou muito bem as mulheres da cena underground).

Às bandas da cena metal e punk de Minas Gerais e outros estados.

À Gravadora Cogumelo (Parabéns pelos 40 anos de história do Metal e punk de BH).

Pat Pereira e João.

Ao Coletivo Metalpunk Overkill, Ganmit.

À Silva Dops pelas aulas de punk.

Aos amigos Roberto Ufo, Pedro Cataldo, Uil Camillozzi.

Ao colega de doutorado Luís Eduardo (Dudu) que me convidou para este desafio.

Á Tatiane Gandra, minha especial revisora e colega de trabalho.

Aos professores da banca

Prof. Dr. Paulo Caetano

Prof. Dr. José de Sousa Caetano

Prof. Dr. Cleber Araújo

Prof. Dr. Vicente Parreiras (ao reencontro familiar),

Profa. Dra. Raquel Bambirra (contribuições da banca de qualificação).

Aos colegas do Colégio Tiradentes e da PBH.

E o que dizer do eu! Ele se tornou uma fábula, uma ficção, um jogo de palavras: ele parou absolutamente de pensar, de sentir e de querer! [...] O que se segue daí? Não há de modo algum nenhuma causa espiritual! Toda a pretensa empiria inventada para isso foi para o inferno![1]

[1] NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2000, p. 3.

RESUMO

Este trabalho aborda a construção das identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk da cidade de Belo Horizonte. A cena underground realiza várias produções artísticas: músicas, letras, capas de discos, vestimentas, produções audiovisuais e outros. Os processos de identificação das pessoas acontecem por meio de experiências através dos sentidos, com os signos, pela convivência social e outros elementos estéticos. Para entender esta dinâmica da formação de identidades, foi proposta a teoria de cinco peles de Hundertwasser: epiderme, vestuário, casa, meio social e identidade, e meio global. As identidades são determinadas por pensamentos, convivência e posições políticas diante de injustiças sociais. Suas manifestações estéticas não se separam das manifestações políticas: são formas de resistência e sobrevivência da cultura.

Palavras-chave: Identidade social. Heavy Metal (Música) - Belo Horizonte. Punk (Música) - Belo Horizonte. Hundertwasser. Etnomusicologia.

ABSTRACT

This study approaches the construction of Underground Heavy Metal and Punk scene individual's identities in the city of Belo Horizonte. Underground scene performs many artistic works: songs, lyrics, album covers, outfits, audiovisual productions, among others. Processes of identifying subjets take place through experiences across senses with signs, social coexistence and further aesthetic elements. To understand this personality formation dynamic, "The Five Skins", by Hundertwasser, was proposed: epidermis, attire, home, character, social and global environment. Identity is defined by thoughts, coexistence and political views before social injustices. Its aesthetic displays doesn't differ from political expressions: they are forms of resistance and survival of a culture.

Keywords: Social identitie. Heavy metal (Music) – Belo Horizonte. Punk (Music) – Belo Horizonte. Hundertwasser. Ethnomusicology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A subjetivação (o eu), o corpo e o imaginário cultural (o eu construído pelo outro) 35
Figura 2 – Capa do primeiro álbum da Banda *Black Sabbath*.....49
Figura 3 - Capa do álbum Reign in blood (1986),da banda norte-americana Slayer 59
Figura 4 - Capa do álbum Unholy Grave (2014), da Banda Dunkell Reiter (Contagem-MG) 59
Figura 5 - Capa do álbum *Scourge of the enthroned* (2018), da banda gaúcha Krisiun.....61
Figura 6 - Capa do álbum Evil Never Rests (2020), da banda Sepulchral Voice 62
Figura 7 - CBGB 67
Figura 8 - Banda Ramones na porta da CBGB.....67
Figura 9 - Banda *Sex Pistols*.....68
Figura 10 - *Candem Town* 69
Figura 11 - Capa do álbum Crucificados Pelo Sistema (1984), Banda Ratos do Porão.....70
Figura 12 - Capa do álbum Brasil (1989), da banda Ratos de Porão 71
Figura 13 - Documentário Botinada, produzido pelo jornalista Gastão Moreira, em 2006 72
Figura 14 - Tina Punk e Ariel Liana.....73
Figura 15 - Punks de São Paulo.....74
Figura 16 - Festival O começo do fim do mundo, Sesc Pompéia 75
Figura 17 - Banda Sepultura.....77
Figura 18 - Origem das bandas de Heavy Metal em BH.....78
Figura 19 - Banda Kiss no Estádio Mineirão em Belo Horizonte 80
Figura 20 - Capa da publicação Cogumelo 30 anos 81
Figura 21 - Página da Revista Bizz, edição 68, março de 1991 82
Figura 22 - Capa do EP Bestial Devastation, banda Sepultura (Dezembro de 1985) 84
Figura 23 - Capa do álbum Warfare Noise (Cogumelo Records, 1986) 85
Figura 24 - Álbum Morbid Vision, Banda Sepultura (Cogumelo Records, 1986).....85
Figura 25 - Capa do álbum INRI, da banda Sarcófago (Cogumelo Records, 1987).....86
Figura 26 - Capa do álbum Warfare Noise II (Cogumelo Records, 1988).....86
Figura 27 - Capa do álbum You really big, da banda Overdose (Cogumelo, 1989) 87
Figura 28 - Capa do álbum Mirror My Mirror, da banda Witchhammer (1990) 87
Figura 29 - Capa do álbum *The laws of scourge*, da banda Sarcófago (Cogumelo 1991) 88
Figura 30 - A autora da pesquisa com Pat e o João: 40 anos da Gravadora Cogumelo 89
Figura 31 - Capa do álbum Bíblia do Diabo, Banda Sagrado Inferno (Cogumelo, 2019) 90
Figura 32 - Mostra Metal em Minas.....94
Figura 33 - Capa da Coletânea BH do Barulho - Ganmit Discos.....96
Figura 34 - Metalpunk Overkill.....97
Figura 35 - Metalpunk Overkill II 98
Figura 36 - Metalpunk Overkill III.....98
Figura 37 - Metalpunk Overkill IV 99
Figura 38 - Metalpunk Overkill V.....99
Figura 39 - Metalpunk Overkill 666.....100
Figura 40 - Bonfim Session: the last funeral 100
Figura 41 - Metalpunk Overkill VII 101
Figura 42 - Metalpunk Overkill VIII.....101
Figura 43 - Metalpunk Overkill XI 102
Figura 44 - Reviravolta Contra Cultural.....102
Figura 45 - Evento Metalpunk Overkill 2019 103
Figura 46 - Banda Atackepiléptico (1989) 104

Figura 47 - Banda Consciência Suburbana....105
Figura 48 - Reportagem sobre a Banda Consciência suburbana (formação atual)....106
Figura 49 - Álbum Paz em extinção, Banda Drástiko (2016) 106
Figura 50 - Logo do Selo Sinfonoise, BH 108
Figura 51 - Capa do EP BH Caos....109
Figura 52 - Show da Banda Exploited em Belo Horizonte-MG 110
Figura 53 - Divulgação do show da Banda Dops na Inglaterra....110
Figura 54 - Cartaz do Show do Rebellion com a Banda Dops e outros 111
Figura 55 - Flyer do Show das Bandas Dops, Pacto Social e Filhos de Inácio em Berlim (Alemanha)....111
Figura 56 - 40 anos de Punk....112
Figura 57 - 40 anos de Punk: Banda do Lixo 113
Figura 58 - Show organizado pelo Circuito Panela Lisérgica....114
Figura 59 - Darkside Festival - Projeto Panela Lisérgica....114
Figura 60 - Gonorréias Rock Festival....115
Figura 61 - Rock no parque: Banda Rocking Riders....116
Figura 62 - Logo da Banda Nadaver 119
Figura 63 - Logo do Coletivo Cerco Grotesco 120
Figura 64 - Banda Carcaça 120
Figura 65 - Vocalista da Banda de Viking Metal, Grey Wolf ,com suas indumentárias 121
Figura 66 - Banda Witchkross, de Contagem-MG....121
Figura 67 - Banda Wild Leather....122
Figura 68 - Capa do álbum INRI....128
Figura 69 - Capa do álbum The laws of scourge....130
Figura 70 - Capa do álbum Synchronicity autophagic Hedonism (2017), Banda Scalped 130
Figura 71 - Capa do álbum Bem vindos ao Brasil, da Banda Rastros de Ódio....131
Figura 72 - Capa do álbum O mundo em estado de óbito, da Banda Rastros de Ódio 132
Figura 73 - Split com as bandas Malespero e Nuclear Blood 133
Figura 74 - Banda Iron Maiden: Integrantes de cabelos compridos na década de 1980 136
Figura 75 - Cabelos com corte moicano do entrevistado Cézar Sputinik 136
Figura 76 - King Diamond 141
Figura 77 - Banda norte americana Motley Crüe 142
Figura 78 - Capa do álbum The number of the beast, banda Iron Maiden....144
Figura 79 - Capa do álbum Bathory, da banda sueca Bathory (Black Mark Record, 1984) ..145
Figura 80 - Logo da banda Defacer, Black Metal – BH....146
Figura 81 - Logo da Banda de black metal norueguesa Darkthrone 146
Figura 82 - Banda Aka Funeral, Black Metal – BH....147
Figura 83 - Logo da banda Ignorance, Death Metal - BH....147
Figura 84 - Banda Corpse Grinder - Death Metal, de Machado-MG....147
Figura 85 - A espiral da teoria das cinco peles de Hundertwasser....148
Figura 86 - Hundertwasser, o pintor rei das cinco peles 149
Figura 87 - Ismar sendo entrevistada por Clinger Carlos - Programa Heavy Metal Online ..203
Figura 88 - Silva Dops – Vocalista da Banda de Protesto Dops (entrevistado)....204
Figura 89 - Ganmit: Vocalista, guitarrista, estilista, costureiro, pintor, chef e outros....205
Figura 90 - Pedro, produtor de shows e vocalista de banda 206
Figura 91 - Árvore genealógica do Heavy Metal elaborada pelo Antropólogo canadense Sann Dunn 208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados da pesquisa 26
Quadro 2 - Principais ábuns lançados pela Gravadora Cogumelo de 1985 a 1991.....83

LISTA DE ABREBIATURAS E SIGLAS

BH	Belo Horizonte
CD	Compact Disc
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
COLTEC	Colégio Técnico da UFMG
EP	Extended Play
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
LP	Long Play
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

1.1 Contextualização do estudo 14

1.2 Justificativa 18

1.3 Definição do problema de pesquisa e objetivos 19

2 METODOLOGIA 20

2.1 Perfil geral dos sujeitos pesquisados da cena underground metal e punk de BH . 27

3 IDENTIDADES 29

3.1 O corpo 36

3.2 A subjetivação 37

3.3 O imaginário cultural 40

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 48

4.1 *Heavy Metal* como conhecimento 48

4.2 O movimento *Heavy Metal* em BH 54

4.3 O underground 55

4.4 Subgêneros do *Heavy Metal* 57

4.4.1 *Trash Metal* 57
4.4.2 *Death Metal* 60
4.4.3 *Black Metal* 62
4.4.4 *Doom Meta*l 64
4.4.5 A Cena *Punk* – Música que se abre ao protesto 65

5 A CENA METAL E PUNK DE BH DIVIDIDA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO 76

5.1 Porta da Cogumelo: Anos 80 80

5.2 Sagrada Família, um bairro feito de pessoas do metal: Banda Sagrado Inferno e *Witchhammer* 89

5.3 Santa Tereza: Sepultura e a Mostra Metal em Minas 91

5.4 Bloco dos Camisas Preta, O cover em BH e O triunfal retorno das bandas antigas: Overdose, The Mist, Mutilator7 95

5.5 Bairro Bonfim: A loira do Bonfim, Sarcófago, Metalpunk overkill 95

5.6 O Underground, hoje, Enfim! Cena de Belo Horizonte e seus diálogos com o mundo 97

5.7 Praça Afonso Arinos - 25, 30 anos de *punk* em BH: Banda do Lixo, *Attackepiléptico, Komando Kaos, Offensor* 103

5.8 BH CAOS: diálogos para a cena *underground* contemporânea 108

5.9 Explode ouvido **112**
5.10 Panela lisérgica, o Caldeirão das Bruxas da cena underground autoral de BH **113**
5.11 Gonorréias Rock Festival **115**
5.12 Rock no Parque (Teia Produções) **115**
5.13 Hyanna – Solta o verbo **116**
5.14 Barreiro: É o capeta, tia Maria! **118**
5.15 Contagem: O berço do Metal oitentista **120**
5.16 Um pouco da cena do Interior de Minas Gerais **122**
5.17 Programas na web **124**
5.18 Programas de rádio **125**
5.19 Documentários **125**
6. LINGUAGENS DA CENA UNDERGROUND DE BH **127**
6.1 A arte das capas dos álbuns **127**
6.2 Figurino **133**
6.3 Nomes das bandas: a escrita enigmática **145**
6.4 A cena *underground* vista a partir da teoria das cinco peles em Hundertwasser . **148**
6.4.1 A primeira pele: A epiderme 150
6.4.2 A segunda pele: O vestuário 151
6.4.3 A terceira pele: A casa do homem 151
6.4.4 A quarta pele: O meio social e a identidade 152
6.4.5 A quinta pele: O meio global – Ecologia e Humanidade 153
6.4.6 As cinco peles da formação identitária no *underground* 154
7. ANÁLISE DE DADOS **160**
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS **170**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **174**
APÊNDICE A - ENTREVISTAS **187**
APENDICE B - OUTROS SUJEITOS QUE CONTRIBUEM COM A CENA UNDERGROUND DE BH **203**
APÊNDICE C - ALGUNS FILMES, DOCUMENTÁRIOS, BLOGS, DISCOS **207**
ANEXO A - ÁRVORES GENEALÓGICAS **208**
ANEXO B - LISTA DE BANDAS DE PUNK EM BH **209**

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do estudo

A relação com o universo da cena underground metal e punk me acompanha desde a adolescência, e continua até os dias de hoje. Meu primeiro interesse acadêmico pela temática do *heavy metal* foi na pesquisa de conclusão de *curso Tribos urbanas: representações juvenis sobre os saberes da escola e da rua*, (COELHO, FILHO, SILVA, 2011), da qual esse grupo de sujeitos do metal participou, junto com skatistas e artesãos que trabalham na Praça de Sete de Setembro, em Belo Horizonte, hoje chamados de "Malucos BR"[2].

Depois disso, desenvolvi recentemente uma pesquisa de mestrado intitulada *Batendo cabeças! Educação estética e política tecidas a partir do heavy metal* (COELHO, 2014). Tal pesquisa me conduziu a pensar a educação de uma forma mais abrangente, na sua relação com a cidade, numa dinâmica social entre a construção das identidades dos sujeitos do heavy metal e suas relações com o mundo. Neste trabalho tive como eixo norteador as discussões de Walser (1993), que pesquisou o *heavy metal* não apenas na sua dinâmica musical, cultural e social, mas como um sistema de produção de sentidos (poder, gênero e loucura na música desse estilo). Considero este um autor fundamental para entender elementos da cultura, das linguagens e tecnologias a partir da cena underground da cidade de Belo Horizonte (BH).

Comecei meu contato com o *heavy metal* ouvindo a extinta Rádio Terra FM, que tocava músicas do estilo em um programa chamado "*O Rock que a Terra não esqueceu*". Nos domingos à tarde, contava história das bandas variadas de heavy metal como *Iron Maiden, Metallica, Slayer, Kreator, Sepultura, Sarcófago* e de hard rock também, como *Kiss, Motley Crue* e outras. Na época, eu frequentava a loja de discos e gravadora *Cogumelo*, na década de 1980 em BH, um ponto de encontro da comunidade metaleira. Situada no centro da cidade de BH, na Rua Rio de Janeiro, e com filial na Avenida Augusto de Lima, a *Cogumelo* era uma loja onde se compravam discos, camisetas e outros acessórios desse estilo, mas também um local de encontro de jovens que gostavam de heavy metal. Eles se concentravam na porta para conversar sobre bandas, ouvir o som pesado vindo de dentro na loja da Avenida Augusto de Lima e para assistir aos vídeos dos shows das bandas locais, aos sábados.

A *Cogumelo* lançou bandas como *Sepultura, Overdose, Sarcófago, Kamikaze, Witchhammer, Chakal, Holocausto, Sextrash, Mutilator* etc. Algumas destas, são conhecidas

[2] Embora esses artesãos sejam chamados popularmente de *hippies*, esse termo é negado pelos próprios Malucos BR, pois aponta para outros tempos.

pelo mundo, como a banda Sepultura, outras ainda alimentam até os dias de hoje a cena underground e foram abrigando outras bandas, com a formação de novas gerações.

Esses encontros tornaram a cidade de BH conhecida por muitos como a *capital do metal do Brasil*, de acordo com o documentário *Ruído das Minas*[3], um trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na UFMG, dos autores Gracielle Fonseca, Filipe Sartoreto e Rafael Sette Câmara, sobre o início da cena metal em Belo Horizonte. Havia também outros pontos de encontro dos fãs de metal, como os bairros de Santa Tereza e Cidade Nova. A banda Sarcófago reunia-se no cemitério do Bonfim, em bairro bem próximo de onde eu morava.

Durante a pesquisa de mestrado sobre *heavy metal* e Educação, percebi que os sujeitos mais jovens entendiam o heavy metal não apenas como estilo musical, mas como um sistema de significantes e elementos estéticos. As novas gerações do heavy metal *apreendem* um mundo histórico e cultural já construído por gerações anteriores.

Outro fato importante é o atravessamento das novas tecnologias, principalmente a partir dos anos de 1990. Até então, nos anos de 1980, circulavam fitas cassete, discos de vinil com material de bandas, e os sujeitos envolvidos na cena underground ainda se correspondiam por meio de cartas. Com o advento da web e novidades da indústria fonográfica, a repercussão e divulgação de materiais ampliam sua abrangência.

Durante o mestrado, tive muito contato com a cena underground metal e punk em Belo Horizonte, frequentando shows que abrigavam bandas com trabalhos autorais e que preservavam uma identidade própria, ainda sofrendo diversas influências musicais, ideológicas e identitárias. Conheci então dois movimentos fortes nesta cidade: *O Metalpunk Overkill*[4] e o *Movimento BH CAOS*. O *Metalpunk Overkill*, que reunia-se em shows numa molduraria no Bairro Bonfim. Esporadicamente, este acontecia em outros espaços, como Mercado das Borboletas e Matriz. Tocavam ali várias bandas de BH, do interior de Minas Gerais, de outros estados e também de outros países como Finlândia, Espanha, Portugal, etc. A sexta edição desses shows foi realizada dentro de um prostíbulo de BH, o Hotel Diamante, abrindo terreno fértil para diversas discussões a partir das culturas urbanas e outros saberes.

[3] Com direção de Filipe Sartoreto, Rafael Sette Câmara, produção de Gracielle Fonseca e edição de Leandro B. Lima e dos diretores, o documentário (realizado em 2009) fala sobre o início das bandas da capital mineira, tais como *Sarcófago, Sepultura, Sextrash, Mutilator, Witchhammer, Chakal, Holocausto*, entre outras.

[4] Evento produzido de forma *underground* e autogerida, tendo como diferencial não buscar lucro, e sim proliferar barulho e atitude política. (Gabriel Herege, Hector Cruz, baterista das bandas Aka Funeral , Ossuário, Martyrizer, e outros envolvidos na organização) (SEPULCHRALVOICE, 2019a; METALPUNK OVERKILL, 2020).

Foi publicado este relato numa matéria do site Festivalando, da jornalista Gracielle Fonseca[5], falando sobre o encontro entre o pessoal do metal extremo e os travestis. Foi a realização de um sonho tanto pelo gosto pela etnografia quanto pelo interesse pelos dois temas (*heavy metal* e travestis).

O Coletivo *Metalpunk Overkill* trabalha nas formas mais artesanais de arte, da música extrema, promovendo diálogo cultural entre as bandas de BH, de outras cidades e outros países. O *Metalpunk Overkill* pode ser definido como um encontro entre as expressões mais obscuras e submersas de uma cena criativa, que afirma a existência e *re-existência* de um movimento contra hegemônico, de trocas culturais extremamente diversificadas e singulares.

Esses dois movimentos, *Metalpunk Overkill* e *BH CAOS*, serão tratados no capítulo "*Underground*", como movimentos mais recentes da cena *underground* atual de Belo Horizonte. Eles são constituídos por trocas entre sujeitos de vários lugares e culturas, tanto do Brasil quanto do exterior. Eles também travam diálogos entre novas e antigas gerações. Num jogo entre o velho e o novo, há uma luta constante de manter viva essa chama cultural, muitas vezes oculta no cenário urbano.

Os shows são o momento de enorme empolgação entre os frequentadores da cena local e das bandas que viajam grandes distâncias para tocar, trazendo influências regionais da música, inclusive de outros países.

Além dos lugares onde ocorrem os shows, há diálogos também nas redes sociais, com trocas de materiais musicais e divulgação de eventos. Essa transposição do virtual para o encontro presencial é bastante interessante, estreita laços, amizades muitas vezes de longa data e até trabalhos em parceria entre bandas.

O *BH Caos* e o *Metalpunk Overkill* são atravessados pela enorme criatividade de seus integrantes e frequentadores. O ambiente de shows, desde os movimentos de criação e divulgação de eventos da cena em redes sociais propiciam um terreno fértil para discussões que envolvem área dos Estudos das Linguagens. Os signos, os discursos, as escolhas estéticas e ideológicas, apontam para uma direção evidente do viés contra-hegemônico. Há shows conhecidos que acontecem todo ano como o *Bloco dos Camisas Pretas*, o *Refúgio Macabro,* o *Tropa Metal,* o *Monsters of Metal BH* e o *Hell Horizonte Festival*. A arte, nesse

[5] Autora dos documentários *Ruídos das Minas* (trabalho de conclusão do curso de comunicação social UFMG, junto aos jornalistas Filipe Sartoreto e Rafael Sette Câmara). Autora do documentário *Mulheres no metal*. Sinopse: "Mulheres no Metal" é a iniciativa de Gracielle Fonseca, um documentário curto, mas bastante informativo, a respeito da presença feminina nos palcos brasileiros do som pesado. Integrante do grupo que realizou o interessante filme "Ruídos das Minas", sobre o rock pesado em Minas Gerais, a jornalista mineira fez uma extensa pesquisa e conseguiu, mesmo diante de pouquíssimos recursos, obter depoimentos de importantes bandas só de mulheres que fizeram heavy metal ao longos dos últimos 30 anos (FILMOW, 2019, *online*).

sentido, revela-se para além da música: os desenhos das capas dos *Compact Discs* (CDs), as representações e significados das letras, a criação dos figurinos por eles mesmos (coletes cheios de adereços de metal e patches pintados à mão, no caso dos punks, nenhum igual ao outro). Todos estes elementos são atravessados por um sistema de produção de sentidos que, ancorados pela tecnologia, atravessam o tempo, sendo apropriados e transformados pelos sujeitos.

Pode-se dizer que o diálogo musical (*heavy metal* e *punk*) se inicia no som pesado da guitarra, nos seus níveis de intensidade ou no ritmo violento de uma bateria. A música, de várias formas, carrega significados, discursos, ideologias. E a ideia do *faça você mesmo*, na cena *underground* metal e *punk*, alimenta a criação artística de maneira diversificada e singular, enriquecendo a dinâmica da cultura, criando assim, um campo propício para discussões das linguagens e tecnologias, inclusive sobre identidade, como é a proposta deste estudo.

O percurso metodológico deste trabalho passa pelo levantamento bibliográfico do tema em questão, as identidades, o *heavy metal* e o *punk.* Ele é guiado pelas narrativas das trajetórias dos dez sujeitos entrevistados, e pelos elementos estéticos que permeiam o corpo, as vestimentas e adereços, capas de discos, ambientes de shows e das relações com a cidade e o mundo nas construções das identidades.

As análises do eu, das subjetividades e relações com os signos, a partir das entrevistas também foram relevantes para os diálogos com contribuições dos autores. As experiências através dos sentidos e a afirmação das identidades se configuram como forma de resistência e luta dos sujeitos do *heavy metal* e do *punk.*

As seções desta tese estão divididas da seguinte maneira: no capítulo 1 são abordados o tema, a contextualização do estudo, justificativa, problema, objetivos; o capítulo 2 trata das identidades numa perspectiva ampla, não como um fechamento ontológico, mas como identificações flexíveis e dinâmicas. Em seguida, o capítulo 3 é de fundamentação teórica, com o *heavy metal* e o *punk*; no capítulo 4, a cena *heavy metal* e *punk*, é observada a partir do *underground* da cidade de BH; o capítulo 5 analisa as linguagens da cena em suas especificidades, capas de álbuns de bandas locais, figurino, signos; o capítulo 6 discute a metodologia e quadro de perfil dos entrevistados; o capítulo 7 realiza a análise de dados; o capítulo 8, as “Considerações finais”, retoma e sintetiza as discussões gerais da pesquisa e aponta para futuras pesquisas dentro da temática. Os Anexos trazem e uma árvore genealógica do *heavy metal* e subgêneros no mundo, organizada pelo Antropólogo canadense Sann Dunn, para o seu documentário *Global Metal* e as entrevistas realizadas na pesquisa.

1.2 Justificativa

Após pesquisar durante o mestrado o *heavy metal*, percebi por meio destes dois coletivos, *Metalpunk Overkill* e *BH Caos*, que não era possível estudar apenas o *heavy metal* para falar da cena underground, o punk seria um novo desafio.

O presente estudo propõe uma análise da construção das identidades de alguns sujeitos ligados à cena *underground* de BH, explorando o espaço virtual das redes sociais e ambientes de shows, em uma abordagem etnográfica. Tais sujeitos foram selecionados de acordo com sua relevância na participação dos movimentos, sejam eles de bandas ou não. O perfil mais detalhado desses sujeitos está nos Apêndices da pesquisa. O termo *sujeito* foi escolhido aqui pelo seu sentido de *singularidade* e de *protagonismo* na cena. Conforme já foi dito, a maioria produz seu figurino (de forma artesanal) na filosofia do *faça você mesmo*, criando assim uma espécie de invenção, que resiste à conjuntura da sociedade de consumo.

Para identificar as nuances identitárias desses sujeitos, busco nos autores Campoy (2010) e Caiafa (1989) elementos para discussões mais aprofundadas. O desenvolvimento deste trabalho justifica-se pelo fato de a cidade de BH ter sido uma pioneira no Brasil por lançar bandas que se destacaram no cenário internacional, como Sepultura, Overdose e outras. Até hoje a cidade mantém uma variedade de estilos de bandas de *heavy metal* e *punk*, com trabalhos autorais, que despertam o interesse para pesquisas em diversas áreas de atuação, e no caso desta, dentro do campo dos Estudos de Linguagens.

A continuidade da cena *underground* é determinada por fatores que dependem de escolhas identitárias dos indivíduos. Atualmente, têm acontecido, em BH, retomadas da cena metal dos anos de 1980, e ainda que pequenos, movimentos de encontros de shows de punks pela cidade, como o *BH Caos, Explode Ouvido, Metalpunk Overkill, e Panela Lisérgica*. Como exemplo disso, destacamos o evento de três dias que aconteceu no Cine Santa Tereza, denominado *Mostra Metal em Minas*. Esse evento, que aconteceu em junho de 2017, promoveu a exibição de documentários sobre *Heavy Metal* no contexto de Minas Gerais. Após a exibição do documentário *Ruído das Minas*, houve mesa de debates sobre *Memória, inovação e permanência na cena*, com presença de pesquisadores, músicos, documentaristas e do representante da Gravadora Cogumelo, João Eduardo de Faria Filho. No segundo dia, houve a presença de Manu Henriques, ex-integrante da Banda Sarcófago, atual Uganga

(banda do Triângulo Mineiro - Uberlândia e Araguari, com divulgação do documentário *Metal no cerrado*[6]*).*

No terceiro e último dia , houve a exibição do documentário *Mulheres no metal*[7] e em seguida aconteceu uma roda de conversa intitulada *Religião, política e atitude no metal*, que gerou muitas discussões. O encerramento do evento foi o show *Monsters of Metal*, com várias bandas que tocavam na década de 1980, e hoje retornam para uma cena com memórias daquela época e também com inovações.

Os estudos de autores como Bakhtin (2010) e Vygotsky (1999, 2009) durante a pesquisa de mestrado abriram para outros caminhos para entender a construção das identidades. Portanto, justifica-se aqui o interesse de aprofundamento do estudo de elementos da linguagem, da arte e das tecnologias como mediadoras de diálogos na cultura *underground*, para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.3 Definição do problema de pesquisa e objetivos

A identificação pessoal com determinado gosto musical ou modo de se vestir pode vir a partir da sociabilidade e do contato com os materiais produzidos na cena *underground*. Mas, antes de tudo, é necessário perguntar como esses materiais carregam signos e marcas socioculturais que participam da formação de processos identitários na cena underground *metal e punk.* Assim, nesta tese, busquei investigar como esses materiais (figurinos, produção, músicas, cds, etc.) participam da construção da identidade dos sujeitos da cena underground *metal* e *punk* de Belo Horizonte. Além disso, a presente tese buscou atingir os seguintes objetivos específicos:

- Pesquisar os processos identitários de sujeitos com o movimento metal e *punk* por meio de entrevistas e observações nos shows.
- Observar como se dão as trocas de experiências estéticas entre novas e antigas gerações da cena *underground.*
- Analisar como acontecem os processos de identificação destes sujeitos.
- Entender como acontece a preservação do movimento *heavy metal* e *punk*.

[6] Documentário que registra a turnê da banda Uganga (cena do Triângulo Mineiro), registrando sua turnê na Europa.

[7] Documentário sobre o metal brasileiro contado pelo ponto de vista feminino. Foi lançado no dia 5 de abril de 2013. Produzido por Gracielle Fonseca (que também participou como coautora do documentário "*Ruído das Minas*"). O curta, de aproximadamente 25 minutos, traz entrevistas com mulheres que contribuíram com a construção do metal nacional, contando com a participação de membros de bandas com Valhalla, Miasthenia, Divine Death, Placenta e Flammea.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa analisa a construção de identidades de alguns sujeitos da cena underground *heavy metal* e *punk* de BH. Foi necessário aqui buscar informações nas narrativas destas pessoas sobre sua iniciação no movimento, sobre o nível de envolvimento com elementos estéticos e ideológicos do mesmo, a permanência temporal e sobre as ações que dão continuidade ao movimento *underground* na cidade. O universo dos shows, das bandas e das divulgações destes em redes sociais foi um importante lócus para as análises.

No caso desta imersão nas construções de significado do *heavy metal* e do *punk* pelos próprios integrantes do movimento, com produções de sentidos que remetem posições políticas e escolhas identitárias, considera-se pertinente o método da pesquisa social, de forma geral, de acordo com Minayo (2009, p.13), as ciências sociais

> [...] Possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade da existência dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, elas abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões de subjetividades, nos símbolos e significados.

Observando a partir desta pesquisa, o que autora afirma acima tem muita ligação com os processos identitários dos sujeitos e também de grupos que se unem por possuírem gostos em comum como é o caso do *heavy metal* e do *punk.* E ainda que submissos a uma estrutura social, demonstram, mesmo que discretamente, suas identidades. Tanto as singularidades, como preferências em comum de um grupo perpassam a complexidade das relações sociais, em tempos, espaços e contextos dos mais variados. Cada sujeito pode apresentar experiências diferentes no seu contato com o *heavy metal* ou o *punk.* Seja tocando em uma banda, ou indo a shows, ou mesmo apenas colecionando discos.

A aproximação da narrativa da pesquisa com a fidelidade dos fatos está permeada de experiências muito particulares. Conforme Gomes (2004, p. 14) a escrita do autor veste a roupagem da subjetividade, como intgrante da linguagem, assumindo uma certa postura de " a sua verdade".Assim, é necessário que o pesquisador fique atento à ótica perante o registro e sua expressão. É percebido que "o documento não trata de "dizer o que houve"", mas de dizer o que o autor afirma que viu, sentiu e experienciou daquele acontecimento.

Quanto à abordagem, esta pesquisa se classifica como qualitativa. Sua intenção investigativa perpassa não somente as narrativas das entrevistas de alguns sujeitos, mas elementos imagéticos (capas de discos, letras usadas na nomenclatura das bandas) e a

linguagem escrita nas letras de músicas das bandas. Como se pode perceber, as linguagens da cena *underground* não se resumem na fala e na escrita. O mundo imagético e os signos são bastante explorados no universo da mídia contemporânea, principalmente no caso do *heavy metal* e do *punk*, conforme discutido no capítulo Linguagens.

Nas especificidades de uma pesquisa social, ainda que seja um recorte da realidade, é possível fazer uma passagem pelo cotidiano, adentrar um pouco a vida, as lutas no trabalho e ou nos estudos de alguns sujeitos, o que fazem nos seus momentos de lazer, na sua casa, nos shows, na cidade (aqui no caso, o que estas estruturas afetam, interferem ou mesmo oprimem no que diz respeito à sua identificação com *o heavy metal* e ou com o *punk*). Minayo (2009, p.13) afirma ainda que "o objeto das ciências sociais é *essencialmente qualitativo*".

> A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento, e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de conter a totalidade da vida social. (MINAYO, 2009, p. 13).

As entranhas das realidades dos sujeitos e seus discursos necessitam de uma análise mais cuidadosa e sensível. Aqui, no caso das linguagens, esta percepção deve se aguçar ainda mais na escuta, nas leituras, nas observações do corpo e das imagens deste universo das identidades que compreende o *eu*, a convivência com o outro e com o mundo.

Sendo a pesquisadora frequentadora da cena *underground*, o desejo de que fosse uma pesquisa etnográfica ou mesmo de uma etnografia virtual fica aqui evidente, pelo seu interesse pela antropologia urbana, apesar de não ter formação na antropologia.. Apesar da grande convivência com os sujeitos da cena *underground*, a etnografia exigiria da pesquisadora uma imersão maior.

O estudo aqui realizado no campo das linguagens exige formas de análises na direção do eu, das subjetividades e também da relação com grupos que têm gostos musicais em comum, com tendências estéticas aproximadas.

A tentativa de aproximação com o método etnográfico fez parte do processo metodológico desse trabalho, e era de grande interesse particular, mas não foi possível afirmar e assumir a complexidade desse tipo de pesquisa, ainda que a pesquisadora permanecesse em grande contato com a cena e também pertencesse ao grupo pesquisado. Os caminhos imprevisíveis na etnografia e a interação do pesquisador dependem de dedicação e tempo muito maior, de acordo com o que afirma Flick (2009, p. 62):

> [...] a entrevista etnográfica é, portanto, de natureza aberta – flui interativamente na conversa e acomoda digressões que podem abrir rotas de investigação novas, inicialmente não aventadas pelo pesquisador. Nesse sentido é um tipo de parceria em que o membro bem informado da comunidade ajuda o pesquisador a ir formulando as questões enquanto a entrevista se desenrola.

A investigação pretende se debruçar em análise dos sujeitos nos shows (seus figurinos, bandas de preferência e processos de identificação), com observação e entrevistas com dez sujeitos.

Há uma seleção de algumas postagens de sujeitos conhecidos da cena *underground* metal e punk (membros de bandas, ou frequentadores da cena; postagens estas que se relacionam com a construção de identidade, uma espécie de complemento das entrevistas realizadas para relacionar na análise de dados às nuances, tanto de sujeitos como de grupos e suas ideologias. Um destes dados, por exemplo, é extraído do site BHZ, referente à Ismar, uma senhora que frequenta os shows de bandas de *heavy metal* desde a década de oitenta, em BH (BHAZ, 2017). Ficaram bastante evidentes na entrevista, vários elementos ligados à sua identidade no metal, ressaltando, assim, a importância das falas para as discussões acerca do meu objeto de estudo.

Tais descrições serão complementadas com letras das músicas, desenhos das capas dos CDs (estas, trazem ilustrações de protesto, denúncia de corrupção e injustiças sociais) e EPs. Estes, podem contribuir no âmbito das linguagens. Serão divulgados também documentários, programas independentes, eventos, folders e figurinos dos integrantes dos movimentos. Além disso, vêm sendo observados, pela pesquisadora, os shows das bandas principais de *heavy metal* e *punk* da cena de BH, desde o final do mestrado até os dias de hoje. A frequência em shows e a convivência com os sujeitos da cena foram constantes.

Com base nos objetivos, esta pesquisa é definida como exploratória. Gil (2007, p. 35) assim caracteriza esse tipo de pesquisa:

> Tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria destas pesquisas envolve (a) levantamento bibliográficas, (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Como a metodologia constitui-se com um levantamento bibliográfico, entrevista com 10 sujeitos que gostam da música e dos elementos estéticos do *heavy metal* e ou do *punk*, e análise de experiências em shows e nas redes sociais que podem facilitar o entendimento do

problema de pesquisa. Ao final, a pesquisa é complementada com um anexo de sujeitos que contribuem e se destacam na cena, mas não participaram das entrevistas.

Durante o percurso em shows e eventos, foi percebido que alguns estudantes de graduação, e ou profissionais demonstravam interesse em desenvolver pesquisas interessantes ligadas ao *heavy metal* ou ao *punk*, em perspectivas diferentes deste estudo. Surgiu, inclusive, a proposta de um graduando em história da PUC Minas de formar um grupo de estudos sobre *heavy metal*. Proposta esta, que pode gerar frutos após a conclusão deste trabalho. Ocorreu também o cruzamento entre pesquisas dentro do próprio programa de doutorado no CEFET. Este trabalho, aqui desenvolvido, teve encontros de campo com a pesquisa sobre *Sarau de Poesia Marginal.* Um dos sujeitos que participa da cena *punk* de BH participou de um sarau tocando e cantando junto com outro pesquisador.

Esta pesquisa se define, quanto aos meios, como um estudo de caso, inspirado nas estratégias da etnografia. Participante, porque de acordo com Brasileiro (2013, p. 47) " há integração do investigador com a situação investigada, fazendo, de algum modo, parte do grupo", além de evidenciar a dificuldade de o pesquisador se manter neutro, por causa do "seu alto grau de envolvimento com o objeto e os sujeitos da pesquisa.". Etnográfica, porque há uma inserção do pesquisador no meio pesquisado. A permanência e assiduidade em e eventos configura aqui grande familiaridade e convivência com os sujeitos, bandas e ambiente de shows, tentando compreender seus costumes, problemas, cultura, etc. Além disso, Gomes *et al*. (2010, p. 47) destacam cinco características que explicam esse contexto: "é histórica, possui consciência histórica por parte dos sujeitos; existe uma identidade entre o sujeito e o objeto; é intrínseca e extrinsecamente ideológica; é essencialmente qualitativa.".

Além da proposta de se pensar uma pesquisa no ambiente urbano, levando em conta a proximidade da relação do pesquisador com a cena *underground*, pretende-se estabelecer observações também no espaço virtual, amparando-se em Hine (2001), através do uso de redes sociais como suporte de análise também de divulgações e eventos da cena *underground* desta mesma cidade. Além disso, já estando há um tempo com bastante contato com as bandas e frequentadores de shows da cena *underground*, há uma tentativa de aproximação com a fidelidade dos relatos. Há experiências transitórias, no ciberespaço: imagens, vídeos, textos. Ainda que sejam momentos solitários ou de concentração, abre-se a oportunidade de interação com os sujeitos e autores que dialogam com a pesquisa. A pesquisa mescla as entrevistas com os sujeitos e descrição de ambientes de shows e algumas falas importantes nas redes sociais ou vídeos que contribuem para o estudo da formação de identidades no metal e no *punk.*

Com o intuito de atender o objetivo geral proposto no início deste projeto, que é investigar como as linguagens influenciam na construção das identidades dos sujeitos do metal e do punk, foram escolhidos os procedimentos metodológicos que são descritos a seguir.

Em primeiro lugar, foi feito um levantamento bibliográfico, em âmbito geral, com autores importantes que estudam o tema identidade e linguagens. Em seguida, foram levantados estudos sobre *o heavy metal* ,um levantamento mais específico, sobre a identidade dos sujeitos do *heavy metal* (GAFAROV, 2010), sobre a cena underground (CAMPOY, 2010) e sobre a Teoria das Cinco peles a partir da obra de Hundertwasser (RESTANY, 2003).

Como a questão da identidade é bastante estudada na sociologia, construir uma lógica da construção identitária dos sujeitos da cena underground a partir das linguagens, foi o grande desafio deste trabalho.

Em segundo lugar, foram escolhidos dez sujeitos que são ligados ao *heavy metal* e ou ao *punk*, descritos no Quadro 1. O critério de escolha foi a intensidade de atuação na cena, os mais envolvidos, seja na organização de eventos, por bandas ou figurinos que sejam diferenciados. Foram escolhidos sujeitos com idades variadas também, observando e considerando experiências variadas ao longo do tempo, ainda que a memória da cena da década de 1980 seja sempre relembrada. A preocupação nesse sentido apareceu, já que o estudo é com identidades, foram as nuances diversas, uma variação de escolhas identitárias desses sujeitos, sejam eles do *punk* ou do *heavy metal*.

Em terceiro lugar, são analisados os figurinos, materiais de algumas bandas de *heavy metal* e *punk* de BH (desenhos das capas de CDs, letras de músicas). Estes são feitos a partir da observação em publicações nas redes sociais dos sujeitos que pertencem à cena metal e *punk*, bandas, shows, sites e programas relacionados como o *Heavy Metal Online*, o *Kapitan Underground*, E aí cara, Canal MG *Metal Warriors* e o extinto Programa Invasão Holocausto. Após a descrição desse material, foi necessário voltar à pesquisa bibliográfica sobre tais elementos estéticos, que configuram as linguagens da cena *underground*. Para tanto, Walser (1993), Azevedo (2009), Campoy (2010), Lopes (2006) foram autores que contribuíram para tal. Como há observações de "[...] documentos de primeira mão, ou seja, que ainda não foram analisados e que possam contribuir para a realização da investigação proposta" (GIL, 2007 *apud* BRASILEIRO, 2013, p. 46), este estudo se pauta em uma pesquisa bibliográfica/documental.

Para nortear a estrutura e foco de análise nas entrevistas realizadas, três elementos foram observados na construção identitária dos sujeitos. São eles: *corpo, subjetivação* e o

imaginário cultural (colocando o signo como elemento das três). Após o processo de qualificação desta pesquisa, Restany (2003) complementa a ideia dessa trajetória de sujeito em constante mudança, na teoria das cinco peles do artista e pintor Hundertwasser. A essência da espiral visionária pintada pelo artista trazia em si o entendimento das membranas que o sujeitos transita ao longo da sua vida, que são elementos essenciais para determinar sua identidades.

Por último, ao longo da análise das entrevistas, em seus aspectos, particularidades de cada narrativa, foi possível perceber uma semelhança nos discursos destes sujeitos que se aproximavam com a trajetória de *resistência* de Hundertwasser. Como afirma Restany (2003, p. 76), na luta pelos direitos aos "espaços felizes", na bandeira que levantava pela paz, e na afirmação da diferença. Em seguida, a descrição espacial da cena *underground* de BH é feita num segundo plano, baseando-se nas cinco peles de Hundertwasser.

O encontro e a comparação da descrição espacial da cena *underground* de BH, com a teoria das cinco peles de Hundertwasser, foi de grande relevância neste processo metodológico. A interpretação estrutural com o rizoma em Deleuze e Guattari também criam este movimento cartográfico do entendimento dos processos de subjetivação. A estrutura orgânica e a proposta estética e política de Hundertwasser apresentam uma sintonia epistemológica com os processos de formação identitárias dos sujeitos, proporcionando um diálogo dessa estrutura formada de peles e ou camadas do universo *underground*.

Quadro 1 – Entrevistados da pesquisa

Nome	Idade	Profissão	Inserção no Heavy Metal	Atuação na cena/Observações
Túlio Hetfield	29 anos	Eletricista de manutenção; Técnico em Segurança do Trabalho e Eletrotécnica.	Frequenta shows de metal e hard rock oitentista. Coleciona discos e muitos objetos que se referem à década de 1980.	Usa um figurino anos 80: Cabelo repicado estilo selvagem, camisetas de bandas da década de 80, jaquetas de couro e ou com patches, tênis cano longo, às vezes, faixa no cabelo. Seu carro também acompanha o estilo, um opala da década de 1980.
Fabiano	30 anos	Preparador/ Pintor automotivo	Frequenta os shows de bandas de heavy metal oitentista covers e autorais	A vestimenta e os cabelos deste entrevistado lembram muito a década de oitenta. Roupa, cabelo, modelo de óculos e outros.
Arthurzinho Camarada	19 anos	Auxiliar de telemarketing	Apesar da pouca idade, sabe muito sobre bandas de *heavy metal* antigas e atuais. Lê e pesquisa sobre as bandas. Frequenta os shows da cena.	Frequenta shows de punk também. Vai nos eventos da cena *underground*. Circula por todos os ambientes de shows .Estimado por todas as pessoas. Tem conhecimento sobre bandas autorais de *heavy metal e punk*.
Luan	16 anos	Estudante	Ouve bandas clássicas do *heavy metal* e de *hard rock.*	Veste-se de preto, com camisetas de bandas. Não frequenta shows.
Arthur	41 anos	Auxiliar de acabamento-Indústria têxtil	Ouve bandas clássicas e da cena underground. É colecionador de discos de bandas de heavy metal	Veste-se de camiseta de bandas de *heavy metal* muitas vezes (tem em torno de 150 camisetas de metal). Tem grande conhecimento sobre várias bandas. Já tocou na banda *Warfactor*.
Silva Dops	38 anos	Autônomo	Tem enorme participação. Organiza shows, viaja para tocar em outras cidades e no exterior. Demonstra suas posições políticas em letras de músicas e nas redes sociais.	É produtor de shows na cena underground de BH e vocalista da banda Dops. Faz shows em outras cidades do país e no exterior. Participou do Festival Mundial de *Punk* em Londres e fez shows em diversos países da Europa. Tem videoclipes da Banda Dops gravados.
César Sputinik	27 Anos	Estuda Técnicas de Mestre Cervejeiro	Baixista na Banda *Subsídio Punk.*	Usa cabelo moicano, muitas vezes na cor verde, coletes ou jaquetas com muitos *spikes* de metal. Frequenta bastante os shows de punk em BH e região.
Helinton	42 anos	Professor de Matemática	Frequentava muito os shows até a década de 1990.	Está atualmente mais distante do movimento, mas continua ouvindo bandas de *punk* do Brasil e exterior.
Junin Mheasma	50 anos	Gestor de produção industrial - aposentado	É bastante atuante na cena *underground*. Tem produzido muitas músicas nas bandas que toca: Nadaver e Carcaça (*Grot, punk*)	Baterista da Banda Nadaver e da Banda Carcaça. Participa do Coletivo Cerco Grotesco, que organiza shows de metal *e punk* na região do Barreiro – BH.
Hyanna	45 anos	Artista	Participa intensamente da cena. Apresenta em shows. Incentivo à música autoral e à poesia. Sua posição política é atuante nas redes sociais.	Muito atuante. Seu projeto de poemas autorais e performances "Hyanna solta o verbo" já é bastante conhecido na cena de BH. É muito presente nos shows que acontecem na cidade, tanto no *punk* como no *heavy metal*, principalmente de bandas autorais.

Fonte: elaborado pela autora.

2.1 Perfil geral dos sujeitos pesquisados da cena underground metal e punk de BH

É um número significativo de bandas que se fazem presentes na cena, muitas vezes escondidas em estúdios de porões de casas da periferia, que algum dia sobem ao palco, e outras que fazem constantes shows alimentando a cena de criatividade e fidelidade ao movimento que tem um perfil bastante contra hegemônico. Os sujeitos escolhidos frequentam esse universo da cena *underground*, alguns tocam ou cantam em bandas.

Durante o mestrado da presente pesquisadora, estudou-se a educação estética e política tecidas a partir do *heavy metal*. Nesse percurso, além de se identificar com o movimento metal de BH, a pesquisadora conheceu a cena *underground*. Os primeiros contatos com a cena foram com o *Metalpunk Overkill*, coletivo que promove shows com bandas de BH, de outras cidade e também do exterior. São diversas bandas de *death ou black*, vertentes das mais diversas do metal e do *punk.* Posteriormente, veio o movimento BH CAOS, um grande show com várias bandas, com o lançamento de um EP com dois CDs de 20 bandas do *punk* de do metal de BH. Nesse contato, percebeu-se, a partir do convívio com os sujeitos e com as discussões de Campoy (2010), em sua etnografia e recente pesquisa de mestrado, que as variações de estilos musicais no *heavy metal* são segmentações e categorias. O conceito de *underground*, discutido por Campoy (2010), é essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa. A cena *underground* de BH é formada por um público fiel e uma grande variedade de bandas. Tal aspecto reforça a ideia de que, quando há shows da cena, os espectadores, na sua maioria, são integrantes de outras bandas.

O acompanhamento dos shows também contribui para tais análises. A princípio, a escolha de observação de um número pequeno de bandas para traçar a metodologia desta pesquisa poderia ofuscar o aprofundamento no meu objeto de estudo: a formação das identidades a partir das linguagens e tecnologias. A diversidade e características particulares de cada banda são fundamentais para traçar tanto as forças de fora com o convívio social, como as forças de dentro, nos seus aspectos mais subjetivos, perpassando a filosofia da linguagem e suas interações com as novas tecnologias, contando também com a quantidade enorme de materiais das bandas nas publicações em rede social.

As bandas e os sujeitos trazem tantas particularidades e estilos tão diversificados que torna interessante explorar a gama de variações identitárias que produzem tanto no metal como no punk, sendo este último numa perspectiva cada vez mais artesanal, vivendo intensamente a verdadeira essência do *faça você mesmo.*

Nesse meio, há bandas de metal inspiradas nos anos de 1980, resgatando a indumentária dos sujeitos e a identidade musical da época. Há bandas de metal que se fundamentam no obscuro, na morte e no apodrecimento do corpo, bandas de punk que expõe a insatisfação social e política utilizando-se das expressões artísticas mais variadas. Não é somente música: é indumentária, são diversas experiências estéticas e do corpo, é a arte nas suas infinitas possibilidades.

Uma descrição mais detalhada dos sujeitos pesquisados encontra-se nos Apêndices A e B.

3 IDENTIDADES

O tema identidade foi estudado de maneira profunda pelo sociólogo inglês Stuart Hall, que se baseia nas identidades culturais, e pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a partir das esferas da vida, que ele nomeia de líquidas, por serem passageiras. Ambos têm foco na pós-modernidade.

Bauman (2005) define identidade a partir das atividades do sujeito ligadas a determinadas comunidades. Ele propõe duas esferas de comunidade: as de vida, com ligação permanente, absoluta, e as comunidades de ideias, formadas por diversos princípios. O que é significativo para ele é a crença nas necessidades de escolhas contínuas: identidades em construção. A identidade para Bauman (2005, p. 84) é problematizada a partir do que ele chama de crise de pertencimento. A identidade é algo precário, cuja essência se define de acordo com vínculos entre as pessoas, é "uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa de ser devorado". É uma experimentação ilimitada de diversas possibilidades, somadas a outras ou não, que podem ainda ser inventadas ou recriadas.

Hall (2006) utiliza-se do termo *identidades culturais* para falar sobre nosso pertencimento a etnias, por meio do uso de linguagens, da religiões e geografia. Porém, o autor entende que o contexto do mundo atual está "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9). Esse deslocamento e/ou descentralização do sujeito do seu mundo social e cultural é chamado por ele de "crise de identidade".

Assim, é possível perceber nesses dois autores a ideia de identidades flutuantes, que não são mais percebidas como permanentes ou estáticas. Os indivíduos constituem-se sob as influências da técnica, do consumo, da mídia, do convívio social, dentre outros. A esfera do consumo é um elemento marcante na realidade do mundo contemporâneo. Pode ser fronteira de inclusão ou exclusão social, de pertencimento a grupos ou não.

Stuart Hall tornou-se referência em estudos das identidades no âmbito cultural do contexto da pós-modernidade. Esse autor aponta que as identidades que antes estabilizaram o tecido social, agora abrem espaço para novas identidades de indivíduos fragmentados. Identidades contemporâneas são como casas em construção e em constantes mudanças estruturais. Hall (2006) analisa os rumos que as identidades culturais vão tomando, no atravessamento da condição moderna. O autor alimenta as discussões sobre identidade,

alertando para as complexidades e problematiza aspectos que envolvem a *descentralização do sujeito*.

As discussões de Hall (2006) sobre identidades culturais amparam-se em três concepções de identidade: a do sujeito individualista, a do sujeito sociológico (interação social) e a do sujeito pós-moderno (que carrega em si uma identidade não mais estática, híbrida, orgânica, fragmentada). Nessa última, as certezas e a permanência nas escolhas identitárias tornam-se voláteis. São estas as condições pós-modernas tão detalhadamente estudadas pelo sociólogo e Zygmunt Bauman em seus universos líquidos.

No capítulo *Nascimento e morte do sujeito moderno*, a partir da concepção de sujeito individualista, Hall (2006) afirma que a identidade se constitui através de rupturas com discursos, abrindo outras possibilidades com o advento do conhecimento e outros paradigmas. De acordo com Hall (2006, p. 46), "o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno". O homem, ao longo dos anos, é cercado por aspectos da complexidade do mundo e das relações sociais atreladas aos adventos da evolução tecnológica. Assim, a identidade não é algo estático, mas em constante mutação, torna-se orgânica, sob a iminência de novas mudanças.

Amparado nas "culturas nacionais como comunidades imaginadas", Hall (2006, p. 47) desconstrói o pensamento sobre as identidades culturais formadas em comunidades e em nações, através dos efeitos de uma modernidade tardia, e também como estão sendo afetadas tais identidades diante dos processos de globalização. Para o autor, as nações são comunidades imaginadas, que são mantidas por heranças do passado, pela vida em conjunto e pela perpetuação de uma herança, de cultura nacional como identidade unificadora. Ele destaca que as nações são perpetuadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança. Nesse sentido, o autor afirma que as culturas nacionais "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural" (HALL, 2006, p. 62). Assim, considera que as nações na modernidade são verdadeiros "híbridos culturais".

Hall (2006) usa também como eixo de análise das identidades a globalização. Tal processo conduz a uma tendência mais heterogênea de aspectos identitários a partir das culturas nacionais. O autor levanta três impactos dos processos globalizantes: a desintegração, as forças de resistência e a mutação (surgimento de novas identidades híbridas). Para Hall (2006, p. 73), "existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do estado-

nação". Forças internas e externas constroem, reconstroem identidades, reforçam o mosaico de hibridismos nos sujeitos contemporâneos. Tais discussões alimentam solos epistemológicos de muitas pesquisas amparadas na filosofia, sociologia, psicologia e linguagens. Ainda que se trate de subjetividades, nada escapa dos efeitos globais.

O autor vai mais além: propõe um debate sobre o global, o local e o retorno da etnia em relação às identidades. Santos (2002) também problematiza o localismo globalizado e o globalismo localizado em seus estudos sobre os processos excludentes da globalização. Lembra que o sujeito, por mais isolado que esteja de uma submissão ao sistema capitalista, não consegue escapar dos efeitos da globalização. A era do jogo entre novas identidades globais e novas identidades locais emerge entre a resistência e a aceitação do novo. Trata-se da contestação e do deslocamento de identidades, agora não mais estáticas, visando às pluralidades, os aspectos políticos e a diversidade. Para Hall (2006, p. 87), as nações tentam recuperar sua "pureza anterior", efeito este chamado de "tradição" pelo autor Kevin Robins, referido por Hall. Para o autor, "quando as nações aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença" (HALL, 2006, p. 87), trata-se de um processo denominado de "Tradução". Esse jogo complexo das nações, que fica entre manter a tradição e transformar-se a todo tempo, favorece a concepção de culturas híbridas.

Fundamentalismo, diáspora e hibridismo – o autor demonstra a variação e contradições nos contextos de globalização, entre desvios e deslocamentos, que descentram os sujeitos, fragmentam as paisagens culturais e pluralizam as identidades.

As identidades, a partir destes processos entram em situações provisórias e variáveis em relação às suas identidades, por causa das transformações estruturais do mundo. Hall (2006, p. 12) afirma que "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única identidade, mas de várias identidades.".

A identidade ora subjetiva, passa a ser construída historicamente, não havendo nenhuma segurança em relação a afirmação de uma única identidade. As pessoas transitam em vários espaços e convivem com diferentes grupos, assumindo identidades em diversas situações e condições sociais. Essa mobilidade é proporcional também às representações possíveis do sujeito, ela se configura ao longo da vida, na medida em que se multiplicam convivências e condições estruturais da sua transição por espaços diversos. Ampliam-se, assim, as possibilidades de mudanças. Hall (2006, p. 13) afirma que "à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.".

Giddens (2003) pode complementar com aspectos que se relacionam com a participação das estruturas do tecido social na construção das identidades dos sujeitos. A sociologia seria superficial para fazer entender as escolhas identitárias, assim é preciso ir atrás das singularidades e experiências sensíveis. A tríade sociologia/psicologia/filosofia se faz necessária para conhecer o percurso da formação das identidades. Os aspectos da infância, toda a tradição familiar ou de convivência com babás ou outras crianças são o ponto inicial para a base. A partir da narrativa biográfica do sujeito, há processos de identificação que ele assimila ou não para si, seja nas relações de trabalho ou de lazer, pelos ambientes onde circula, que hoje são espaços complexos de sociabilidades.

A esfera do consumo é um aspecto marcante na realidade do mundo contemporâneo. É fronteira de inclusão ou exclusão social, de pertencimento a grupos ou não. As marcas da moda tornam-se símbolos que reproduzem signos nas mentes de grande parte da população assalariada ou distribuída em subempregos ou no mercado de trabalho cheio de rupturas, instabilidade e domínio da técnica.

A identidade a partir da técnica, para Galimberti (2003), parte da noção de indivíduo na antropologia ocidental, através do pertencimento do sujeito ao grupo com o qual se identifica. De acordo com o autor,

> [...] hoje, as ações do indivíduo não são mais lidas como expressões de sua identidade, mas como possibilidades calculadas pelo aparato técnico, que não só as prevê, mas até mesmo prescreve a forma de sua execução. Executando-as, o sujeito não revela sua identidade, mas a do aparato, no seio do qual a identidade pessoal se resolve como pura e simples funcionalidade (GALIMBERTI, 2003, p. 19).

Atitudes como tocar um instrumento, fazer um vocal gutural, bater cabeça ou entrar no *mosh* são tais possibilidades arraigadas na técnica que conduzem a representações identitárias, muitas vezes enxergadas como critérios de classificação utilizados pelo outro que observa ou convive com aquela pessoa . Nem o próprio sujeito pode imaginar que representação o outro produz dele.

> A vontade de potência, vontade viva do sujeito corporeizado se configura, portanto, como interseção e articulação entre forças de fora e forças de dentro, entre excitação e assimilação, entre passividade e atividade, entre a memória como autoformação e a memória como resistência, entre passado e futuro, entre autorregulação e abertura para o outro (GARCIA DOS SANTOS, 2004, p. 115).

Assim, a experiência oportuniza o afeto, a alteridade, a disponibilidade para o que vem de fora. O corpo desse sujeito vivo, entregue à experiência, ainda que sofra ou que venha a se ferir, está à revelia da assimilação, em que sempre há uma excitação. Para o autor, um corpo vivo que está sujeito à excitação passiva correspondente a uma assimilação ativa, que "consiste em reduzir a alteridade ao idêntico e apropriar-se do que vem de fora, ao mesmo tempo, compensando a alteração e englobando-a" (GARCIA DOS SANTOS, 2004, p. 112).

Os sujeitos do metal e do *punk* , com a atitude do f*aça você mesmo*, propõem alternativas que tentam escapar da lógica do capital, ainda que com a crítica social em suas letras de músicas ou pelas linguagens e representações dos seus modos de vestir, tatuagens, cabelos e outros. O grito de protesto pelo viés artístico vai traçando suas escolhas identitárias (incluindo aqui suas posições ideológicas para pensar suas insatisfações diante de um mundo de injustiças, preconceito e segregação, mesmo que perpetrando-as).

As identidades dos sujeitos são permeadas e influenciadas por diversas esferas da vida moderna. Elas vão se constituindo de suas vozes nas ruas, nas redes sociais, para muito além das aparências, enfim, das diversas possibilidades de agir com a funcionalidade do seu aparato técnico.

Assim, percebe-se claramente a importância da interpretações de tais vozes (no caso aqui, na amostra dos entrevistados) para o entendimento da complexidade da produção de subjetividades**.** Há interação e interdependência dos sujeitos com um espectro de coisas que vão construindo sua identidade provisória. Portanto, a linguagem em todos esses processos torna-se o eixo de toda formação humana e de tudo que foi ou há de iminente na construção das identidades.

Robert Walser, músico e pesquisador norte-americano, aponta como elementos definidores da identidade *heavy metal* a forte ligação entre as pessoas a partir dos elementos propriamente musicais. Apesar de ser músico, ele pesquisa o *heavy metal* não apenas no seu sentido musical, na técnica, mas nos desdobramentos e elementos estéticos que o mesmo oferece. Walser (1993) salienta que no dicionário inglês *Oxford* registram-se usos do termo *heavy metal* desde 1828, primeiramente em assuntos militares, significando *grandes armas* ou *balas de um tamanho maior*, *tiro de grande porte*. Com o tempo, esse termo adquire o significado mais abstrato de pessoas com "capacidades, mentais ou físicas, poder e influência" (WALSER, 1993, p.1). De acordo com o autor, a ideia de peso e de poder permeia o heavy metal desde os tempos passados, já assumindo uma identidade característica até se definir como gênero musical. Como destaca Walser (1993),

> *Heavy metal* agora denota uma variedade de discursos musicais, práticas sociais e significados culturais, os quais giram em torno de conceitos, imagens e experiências de poder. A altura e intensidade da música *heavy metal* visivelmente empodera (capacita) os fãs, cujos gritos e bater de cabeças testemunham a circulação de energia nos concertos. O metal energiza o corpo, transformando espaço e relações sociais (WALSER, 1993, p. 2).

Nesse sentido, Walser (1993) pesquisa a música *heavy metal* como um sistema de significantes sociais que atrai e une tais sujeitos, nas suas diversas manifestações artísticas e identitárias.

Para Gafarov (2010), que estuda a identidade dos sujeitos do *heavy metal*, o termo *estética da identidade* define a nova estética integral que abrange a esfera da vida cotidiana, estilos de vida e design tanto quanto o campo dos valores morais e da crítica social. O autor trabalha a identificação ao estilo tanto de forma subjetiva, como as influências genéricas que homogeneízam. Cada *headbanger* tem uma identidade própria, nenhum é igual ao outro. Baseando-se na filosofia, Gafarov (2010) desperta um olhar para a formação e para as especificidades da identidade na comunidade *heavy metal* como um problema acadêmico. Ele se ampara na situação atual das mudanças sociais fundamentais que levam à pluralidade e à ambiguidade das estruturas sociais e dos mundos-da-vida. Na comunidade metal, o uso de roupas pretas, por exemplo, não é o indício de pertencimento ou de identificação apenas, ou de adesão ao modo de vida. As suposições básicas originam desdobramentos bem mais específicos, seja na escolha das bandas, seja na escolha da vestimenta, ideologias e comportamentos.

Gafarov (2010) ressalta que o sujeito contemporâneo recria sua identidade a partir de um velho mundo, que fora quebrado, a partir de declínio dos discursos de algumas instituições. O autor destaca que o novo vai se sobrepondo ao velho , dando abertura para a heterogeneidade. Isso dialoga com o contexto da cena underground, seja no surgimento de subgêneros ou na formação de identidades dos sujeitos dessa cena. A *estética da identidade*, termo usado pelo autor, pode ser a opção de liberdade individual e, ao mesmo tempo a força que integra comunidades com gostos em comum. O amplo espectro cultural que a cena *underground* metal e *punk* constrói a todo tempo é produto desse movimento de quebras de velhas estruturas estéticas e ideológicas e formações de novas especificidades.

Para melhor direcionar a observação e descrição das nuances e variações identitárias, foram escolhidos três elementos importantes: o *corpo*, a *subjetivação* e o *imaginário cultural*, todos esses permeados pelos signos do *heavy metal* (caveiras, cruzes invertidas e outros) e do

punk (a suástica cortada, a repugnância ao nazismo, caveiras, moicanos, o A de anarquia e outros).

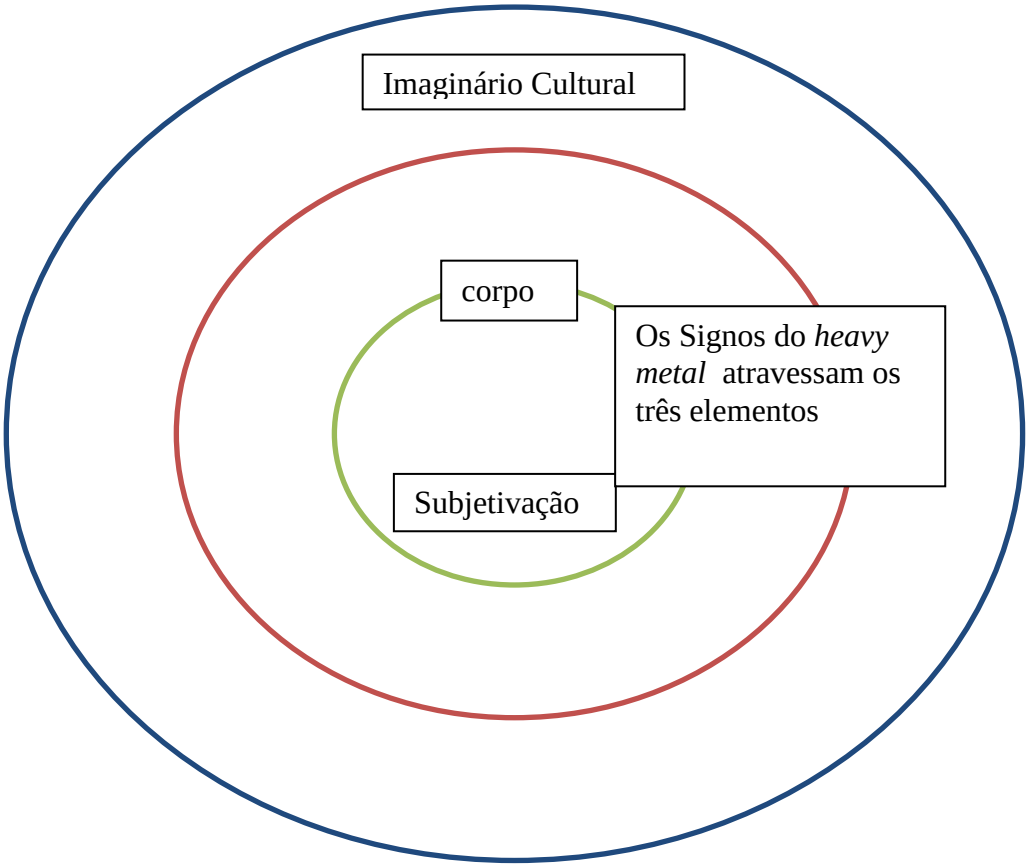


Figura 1 - A subjetivação (o eu), o corpo e o imaginário cultural (o eu construído pelo outro)
Fonte: elaborado pela autora.

Os signos do *heavy metal* permeiam os três elementos acima: subjetivação, corpo e imaginário cultural. Este diagrama pode ser imaginado de forma tridimensional, sendo que a subjetivação remete ao interior, ao pensamento, às linguagens e resultados de interações sociais; o corpo, como mediador da subjetivação e do imaginário cultural, e por fim, na parte mais externa, das relações humanas, o imaginário cultural. Porém estes elementos podem se entrelaçar de forma desordenada nos processos de construção de identidades. Para melhor entendimento destes critérios, seguem algumas análises de autores sobre cada um.

Ao longo da história, em diversas instituições, o *corpo* foi controlado, afastado de sentimentos, impulsos, desejos e atravessado de discursos e imposições:

> Moldado pelo contexto social e cultural em que se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimônias dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção de aparência, jogos sutis de sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (LE BRETON, 2010, p. 7).

O mundo atual incorpora tais relações do *corpo* com espaços diversos: mídia, relações humanas (espaços virtuais ou não), igrejas, escolas, lazer, centros estéticos, academias, etc. Esses espaços participam da dimensão de controle, da desumanização, da fragmentação e de processos civilizatórios dos indivíduos. O corpo no mundo contemporâneo sai do pertencimento do indivíduo para se deixar atravessar por esses signos coletivos e paradoxais. Le Breton (2010) complementa, a partir de estudos sociológicos e culturais, as dimensões do *corpo*, incluindo as simbólicas, bastante exploradas por Nancy (2000) que estuda o *corpo* em quatro perspectivas: filosófica, artística, científica e tecnológica. Ele não separa corpo de pensamento e cultura. A linguagem no *corpo* acontece de forma dialógica, entrelaçando o sensível e o inteligível, no caso desta pesquisa, com figurinos, o ritual do *mosh*, tatuagens e outros.

3.1 O corpo

O *corpo*, como um texto a ser lido, representa um veículo da arte e da sensibilidade. No *heavy metal* e no *punk*, o corpo produz sentidos e identificações: os figurinos pretos, cabelos longos, tatuagens, os movimentos do *mosh* ou do *pogo*, as cabeças batendo no ritmo do som pesado criam uma identidade de grupo, ou mais, podem criar singularidades a partir das escolhas dos sujeitos, como suas bandas favoritas, ou seu colete de patch feito de forma artesanal.

As identidades podem ser construídas por experiências através dos sentidos: visão e lembranças de objetos pessoais, cheiros (perfume que a pessoa usa, por exemplo), comidas e bebidas prediletas de alguém, voz ou maneira de gesticular, andar. O corpo e o modo de se vestir, a entonação de voz e outros. Tudo isso remete à memória de alguém, a uma identidade que deixou rastros ou cicatrizes no tempo. A evocação de uma identificação subjetiva acontece através da memória e do corpo. O corpo, mesmo ausente, deixa rastros e cicatrizes de memória. Corpo e pensamento recriam as novas invenções subjetivas. O corpo sai da dimensão estética para a sensível, que sente o mundo, suas dores, indignações, insatisfações, o

corpo explorado, o corpo de luta, que não busca a perfeição, mas o direito de ser inconfundível, único, inacabado, a espera do outro para selecionar fragmentos para si.

O corpo, elemento fundamental nesta pesquisa, inclui a afirmação da existência como sujeito, a produção de indumentárias, e principalmente as representações e signos que inventam o eu e as possibilidades do pensamento do outro. Outra questão importante é o viés político-ideológico que as discussões de Nancy (2000) poderão contribuir com o corpo na cena *underground*. O corpo-linguagem é uma infinita produção de sentidos. Assim, neste estudo, não se busca entender um corpo uno com fronteiras na pele, mas um corpo universal ligado a experiências sensíveis a partir do contato com o outro e com a natureza (inclusive essa transformada para o consumo). Na obra de Hundertwasser, a teoria das cinco peles, descrita e interpretada por Restany (2003), pode-se compreender essa integração homem e natureza, discutida adiante, na seção 5.4,"A cena underground a partir da teoria das cinco peles de Hundertwasser."

A escrita, a interpretação e os desenhos do corpo escapam das linhas do papel e das suas dimensões fisiológicas para alcançar as vielas da sensibilidade, das construções de pensamentos, elementos estéticos e políticos das suas entrelinhas. As cifras dos discursos são permeadas de experiências, intenções e tensões. Os atravessamentos do corpo nos tempos e espaços, suas cicatrizes e rastros de outros corpos, suas influências identitárias deixadas em outros corpos ou levadas por outros definem o percursos e escolhas dos sujeitos. O corpo, de acordo com Nancy (2000, p. 15) torna-se "lugar de existência não apenas por ocupar um espaço preenchido", mas por deixar pensamentos para além da sua passagem pelo mundo, para além da frágil condição humana e do seu limite. O autor descreve o corpo como uma "arquitectônica dos sentidos" (NANCY, 2000, p. 25).

3.2 A subjetivação

A partir do conceito *subjetivação,* a formação identitária do eu se configura numa conversa interna, em meio a um jogo de pensamentos, experiências e signos socioculturais. Todos esses processos são movimentos contínuos, em constante iminência de transformação, um devir.

Pensar em identidades é pensar no sujeito. A produção de subjetividades, para Deleuze e Guattari (1995), gira em torno das dimensões sociais, mentais e ambientais. São importantes as ações de ver, perceber e se relacionar com o mundo. Portanto, para entender os processos

das construções identitárias, é fundamental ter a noção de um rizoma, elemento presente na obra de Deleuze e Guattari (1995), fundamental na Biologia para o estudo de espécies vegetais. O rizoma, para os autores evita hierarquia, não estabiliza os sujeitos. A linha de raciocínio sobre a produção de subjetividades acontece de forma natural, seguindo a ordem biológica. Assim, a compreensão dos processos identitários é proposta por esses autores com algo essencial para o estudo de vegetais na biologia, o rizoma. Assim, descrevem os autores,

> Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto [...]. Oposto a uma estrutura, [...], o rizoma é feito somente de linhas. [...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...], o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados [...] todo tipo de "devires". (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

As subjetividades são construídas de forma iminente, orgânica, num jogo entre memória e inovação, negação e/ou aceitação de si e do outro, das coisas, dos pensamentos, das formas de agir, dos modos de ser, passando pela ética e estética. Deleuze e Guattari (1995) são precisos e didáticos ao explicar tais processos tão complexos da formação humana. São linguagens internas em constantes tensões com linguagens externas.

O rizoma, para os autores acima, está aberto a possibilidades, aos devires constantes da formação humana, a partir de um espectro enorme de mudanças, escolhas identitárias, ou da negação das mesmas.

As experiências através dos sentidos (visão, audição, tato) também acompanham o raciocínio de Deleuze e Guattari (1995) na episteme biológica. O mundo natural tem uma produção de sentidos para explicar o processo de construção de subjetividades. Para os autores, não há uma separação do psicológico e biológico. O homem constitui-se num universo de coisas interligadas. Assim, considera-se não apenas nesse âmbito, mas num jogo de coisas exteriorizadas e interiorizadas, através da linguagem e principalmente da semiótica. Guattari e Rolnik (1999, p.34) destacam principalmente a semiotização coletiva através da mídia em "uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade".

O contexto de produção de subjetividades para Guattari e Rolnik (1999) não depende apenas de um aspecto, mas de uma teia de relações, inclusive do homem com a natureza, de

elementos fisiológicos, orgânicos, biológicos, técnicos, de corpos, e experiências sensíveis e pensamentos. O sujeito pode ser afetado por elementos estéticos ou mesmo ideológicos, podemos dizer, afetado por diversas formas de energia. Os autores explicam que há processos de semiotização coletiva, principalmente com a mídia.

> A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 31).

A produção de subjetividades envolve um sistema complexo, que envolve várias esferas humanas de uma forma orgânica, prestes a mudanças constantes, tensões, escolhas e negações. Há interação e interdependência dos sujeitos com um espectro de coisas que vão construindo sua identidade provisória. Portanto, o papel da linguagem em todos esses processos torna-se o eixo de toda formação humana e de tudo que foi ou há de iminente na construção das identidades.

Encontramos em *Ecce homo*, de Nietzsche (2016), um acompanhamento de toda essa complexidade do sujeito, uma interpretação de um sujeito idealista. O entrelaçamento do eu e do outro junto com forças internas e externas: foge a ele se constituir sozinho como sujeito. A concepção filosófica de subjetivação é volátil, mutante. As experiências atualmente são múltiplas ou fragmentadas. Constituir-se como sujeito é impregnar-se do outro e do eu, atravessando um campo de tensões, numa constante dialética do pensamento e do diálogo com o mundo. O sujeito é conjunto de linguagens, pensamentos, ideologias do outro e nada estático ou comprovado. Na pergunta “como se chega a ser o que é?” (NIETZSCHE, 2016, p. 57), o autor toca no egoísmo da autoconservação, mas também na importância dos “erros da vida, do seu significado e o seu valor, bem como as estradas mais longas e os círculos viciosos” (NIETZSCHE, 2016, p. 57). Ele ressalta o perigo do rápido autoconhecimento, pois é necessário que o homem atravesse esses caminhos. A transmutação de todos os valores que se desenvolvem em um só indivíduo pode ser o preceito do que quer dizer identidade, ou o próprio esboço do “eu”.

3.3 O imaginário cultural

O *imaginário cultural* pode ser entendido nas dimensões e sentidos estéticos, com a intervenção de signos e avalanche de pensamentos de determinados sujeitos e ou comunidades, estes, entrelaçados pelas relações com a natureza e a técnica, nas esferas sociais, culturais, macro e micro políticas. As representações criadas pelo outro ou por um grupo em relação a uma pessoa também podem criar identidades flutuantes ou provisórias. Para Vygotsky (1996, p. 133), "os traços sociais e de classe formam-se no homem a partir de sistemas interiorizados, que nada mais são do que sistemas e relações sociais entre pessoas, trasladados para a personalidade". A partir das interações entre os sujeitos, surgem possibilidades de criação do novo, seja no imaginário coletivo ou individual, ou mesmo nas práticas iminentes a se tornarem reais a partir de elementos oriundos da cultura.

Considerando também que o sujeito transita por vários espaços e esferas da vida, no trabalho ou lazer, cada lugar propicia experiências que o tornam único, não meramente a cópia do outro ou do conjunto de identificações. Nancy (2014, p. 40) explica tais mutações, utilizando-se do termo "multiversos", e não universo, que são diversos mundos e modos de vida entrelaçados.

> Ser não é mais em si, mas contiguidade, contato, tensão, torsão, cruzamento, agenciamento. Este, é claro, não acontece sem oferecer traços de "construção", entendida com mútuas disposições e distribuições dos multiversos que se entrepertencem, e não como (su)posição de um ser ou de um real essencial. (NANCY, 2014, p. 40).

O signo permeia o corpo, a subjetividade e o imaginário cultural. Para Santaella (2002, p. 8), "o *signo* é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo, etc.).". O signo é que produz sentidos e povoa pensamentos, que contribuem nos processos identitários. Numa linha do tempo ao longo da vida do sujeito, sua narrativa biográfica vai se transformando. Na perspectiva da rede social, o sistema capta os gostos e afinidades, projetando um *self* virtual. É possível acompanhar os sujeitos pesquisados nessa linha do tempo, e nessa construção do *self* pelas suas imagens e discursos, ou mesmo na sua convivência com determinados grupos ou indivíduos. No *heavy metal* e no *punk*, os elementos ligados à arte (música, ritual do *mosh* ou do *pogo*, e outros) constituem identidades, através da experiência dos sentidos. Os signos no heavy metal, por exemplo, a cruz invertida, a caveira, roupas pretas, são elementos estéticos que atraem sujeitos que têm afinidades com os mesmos e com a sonoridade do estilo.

Numa recente pesquisa de doutorado intitulada*: Heavy metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: a Música do Demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*, Lopes (2006) tem o foco na apropriação dos símbolos religiosos, que são transformados em convenções artísticas pelo metal e seus astros e seguidores. Assim, a configuração dos signos migra do sagrado para a alegoria do mundo obscuro, profano. Essa inversão de signos demonstra que o imaginário pode fazer do objeto significados particulares, individuais ou de convenções coletivas.

Uma curiosidade que se percebe no vocalista Ozzy Osbourne[8], de acordo com a revista *Rolling Stone*[9], numa entrevista é o uso de crucifixos, uma espécie de marca registrada da banda Black Sabbath.

Para a semiótica, o *heavy metal* é um terreno fértil para análises. O próprio corpo ou uma capa de disco convoca a análises muito profundas que atravessam outra dimensão estética. Quando um sujeito que gosta de metal é visto por um grupo que não frequenta o meio ou não gosta, surgem pensamentos e discursos sobre aquele universo desconhecido para eles: a roupa preta pode ser interpretada como algo relacionado à morte, tristeza e outros; as tatuagens ainda marginalizam, cabelos grandes para homens podem virar motivos de exclusão, principalmente para conseguir um emprego. Fato que se repete, nesse contexto, é que depois de conhecerem o personagem desse mundo, em uma convivência mais cotidiana, surgem sempre comentários do tipo: "eu achava que você fosse do mal". Assim, o discurso do outro ou de um coletivo vai criando identidades fictícias sobre esse sujeito. A impressão que é causada no outro produz discursos que podem ser cristalizados. As identidades, no olhar do outro, podem se tornar estigmas sociais ou marcas provisórias. O olhar do outro, muitas vezes advindo de ambientes conservadores, marca a imagem dos sujeitos do *heavy metal* com um sinal de menos, contaminado por preconceitos sociais e culturais.

Em outro aspecto, a *performance* tem grande relevância para análise de corpo e identidade. Para Zumthor (2005), a palavra *performance*, indica em parte da sua palavra , forma, que .poderia ser algo finalizado, desenhado, com algum formato definido, porém, a performance sugere ação ou devir que tem intenção de comunicar algo e ou também sentir, perceber. "É um conjunto de percepções sensoriais" (ZUMTHOR, 2007, p.52).

[8] John Michael Osbourne. Natural de Aston, Inglaterra. Vocalista da banda de *heavy metal* britânica Black Sabbath e da banda com o seu nome Ozzy Osbourne. Sua primeira banda foi a *The Polka tulk Blues Band*, que passou a se chamar *Earth*, mais tarde. O repertório era *blues e rock*. Em 1969, após descobrir a existência de uma banda de mesmo nome, Ozzy, Tony Yommi (guitarra), Bill Ward (bateria), Geezer Butler (baixo) mudam o nome da banda para Black Sabbath. Em 1978, Ozzy segue a carreira solo e somente ao final do ano de 1908, Ozzy retoma os vocais da banda *Black Sabbath*. Ozzy Osbourne alcançou a venda de mais de 100 milhões de cópias álbuns vendidos, somando sua carreira solo com a do Black Sabbath. (ANDRADE, 2006, *online*).

[9] (REDAÇÃO, 2019a).

> [...] *Performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata. Nesse sentido, não é falso dizer que a performance existe fora da duração. Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. Ela as faz "passar ao ato", fora de toda consideração pelo tempo. (ZUMTHOR, 2007, p. 50).

Pode-se dizer que a *performance* ocorre à luz da experiência estética. Ela escapa do discurso lógico, da racionalidade para as possibilidades, especulando as possibilidades de comunicação e expressão, ou contra expressão. A linguagem do corpo supera as expectativas da linguagem falada e escrita. O pensar, o agir, ampliam na *performance*, a perspectiva de comunicação. O espectador é parte da *performance*, que constitui-se uma obra inacabada, entregue ao imaginário e aos signos

A regulação do corpo ocorre nos diversos ambientes, e controle deste, seja na escola, no trabalho e outros lugares, apontam que os movimentos dos corpos nos shows, seja no *mosh* ou no *pogo* são formas de resistência ou protesto contra as imposições das estruturas de poder.

A performance do corpo nos shows é comum nas manifestações tanto de *headbangers* como de *punks*. No caso do metal, o *mosh* é uma dança em forma de círculo na qual os sujeitos dão socos e pontapés, geralmente no momento em que a música está mais forte e vibrante. O mosh torna-se então ritual dos shows de metal extremo, principalmente. As expressões podem causar estramento a quem não frequenta a cena underground, pelos movimentos bruscos, empurrões, chutes e socos. O mosh representa o ápice dos shows, seu movimento de energia máxima daquela plateia em consonância com a banda que está no palco.

Na dissertação de mestrado *We Who are not as others: Análise das noções de violência no mosh a partir do heavy metal*, Andrada (2013) destaca o conceito de *mosh* em Ambrose (2001), autor do livro *The violent world of mosh culture*. De acordo com o autor, o *mosh* é uma forma de dança ritualizada e furiosa que combina uma violência muito real com demonstrações emocionais fortes, bem como com situações de vida e morte ao som cru do rock'n roll. O *mosh* surgiu junto com o punk rock, na década de 70 (AMBROSE, 2001).

De acordo com Andrada (2013), no documentário sobre a história do punk *The filth and the fury*, dirigido por Julie Temple, o baixista da banda *Sex Pistols*, Sid Vicious, revela que criou esta maneira de dançar quando ia aos shows da banda e ainda não era integrante dessa, por volta de 1976.

O *pogo*, para o *punk*, carrega um significado social, estético e político, mais voltado também para o ideal de liberdade e protesto, nas danças *chutadas*, lançando seus pés

ao alto e dançando em círculo também. Quando é *hardcore* então, a batida fica mais rápida, a dança acontece numa sincronia que pode virar uma espécie de *ballet* selvagem, com ritmo marcante e cadenciado.

No Brasil, em geral, o *mosh* acontece em shows de bandas de *heavy metal* extremo, na cena *underground*, em locais mais amplos onde é possível abrir o chamado *clarão* em forma de círculo em meio a um grupo de pessoas, que pode ser pequeno ou grande, de acordo com o tamanho do público dos shows.

O corpo, no espaço dos shows, encontra o momento que se livra, mesmo que temporariamente, dos instrumentos controle. Sendo assim, o universo do *heavy metal* possibilita processos, ações e experiências identitárias que envolvem a música, os sujeitos, seus corpos e identificações. O corpo experiencia conexões sensíveis e inteligíveis, que abrem espaço para variadas interpretações semióticas.

O corpo torna-se alvo de análise e até mesmo julgamento de uma pessoa ou de grupos maiores. E assim, podem causar afastamento, exclusão ou raramente, no caso do heavy metal ou do punk, aproximação (grande parte por pessoas que se identificam com estes). Há um campo de tensões, resistências e até mesmo, de sobrevivência. Lutar pela afirmação de uma identidade em certos locais pode se tornar um artifício de luta e resistência.

> A relação do corpo com o gênero já é logo de cara expressada pelo nome mesmo, Metal pesado. Simbolizando resistência e força do que a sociedade vem tentando nos enfiar goela abaixo desde sempre. A energia e a fúria expressada musicalmente pode caracterizar a necessidade de termos que "gritar" para seguirmos da maneira que desejamos ser. Eu resumo a isso! (Fabiano, entrevistado)

Bauman (2005) descreve os dois polos das identidades a partir de relações sociais: num polo ficam os que conseguem afirmar ou desarticular suas identidades; no outro polo, as pessoas que tiveram negadas suas escolhas identitárias. Para o autor (2005, p. 44), são "identidades que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar, nem das quais conseguem se livrar, identidades que o esteriotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam".

A observação e o discurso do outro cria identidades para os sujeitos, sem que ele mesmo perceba. E muitas vezes, isso pode ser um bloqueio para que outras pessoas possam aproximar-se para conhecer a verdadeira identidade, sem o peso dos preconceitos, de outras experiências, isenta de rótulos.

Dentro da cena *underground heavy meta*l e *punk* de BH, as identidades são múltiplas e estão ligadas a tempos e contextos (MERCER, 2014). E isso remete a mudanças constantes,

iminentes. Para Mercer (1990, p. 43) “a identidade somente se torna uma questão, quando está em crise, quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. O lugar da identidade é o da mudança, de uma engrenagem orgânica em pleno funcionamento e movimento. Pensamento, linguagem, experiência e mudança. Estes termos fazem parte do contexto das construções identitárias.

É possível que para entender a complexidade dos estudos de identidade seja preciso buscar, para além da sociologia, muitas explicações a partir da linguagem. Há elementos que vão muito além do corpo e da convivência com o outro. Há pensamentos e tensões internas do sujeito. A construção do eu é atravessada por elementos externos e internos. O sujeito absorve algo que vê, ouve ou sente e o pensamento transforma isso, dialogando com outras experiências anteriores. Há um processo de condensações, aceitações ou tensões para transformar aquilo em algum traço identitário.

A formação de tais processos identitários, de acordo com Ushioda (2011, p. 13), depende de “um processo orgânico que emerge de um sistema complexo de inter-relações.”. Tais inter-relações estão ligadas ao universo do trabalho, das escolas e universidades e dos ambientes de lazer ou de redes sociais na internet. Tais processos podem se fragmentar, pausar ou incubar no pensamento do sujeito.

De acordo com Bauman (2005) há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas. Os subgêneros do heavy metal e do punk são exemplo dessa infinidade de hibridismos, não somente nos desdobramentos do som, mas também dos estilos e figurinos. As identidades são coleções de multisujeitos entrepostos ao longo do tempo, aceitos ou negados. Uma espécie de tecido que vai sendo criado a partir do pensamento e da esfera das experiências cruzadas com uma seleção de signos que produzem sentido para determinada pessoa. Signos estes, que agradam aos olhos, às memórias e também à capacidade de criação de algo novo.

Pelas observações de campo, é possível notar que não basta vestir uma camiseta de determinada banda ou frequentar shows, os sujeitos do metal e do punk revelam suas identidades através do discurso, das ideologias e opiniões sobre política nas redes sociais ou atitudes do seu cotidiano.

Frequentar determinado grupo ou criar laços de amizade passam muito mais a dimensão política do que a estética hoje. A banda Dops, banda *punk* de protesto de Belo Horizonte (descrita no Capítulo 4), encena claramente suas posições ideológicas em letra de música:

Cultura do conformismo

Cartas marcadas de antemão
Escondendo a suja intenção,
Promovendo a conformação,
Distraindo a nossa atenção,

Maldita cultura do conformismo,
Só a elite lucra com isso.

Obediência e escravidão,
Senso comum é prisão.
Transformar a situação.
Não é baderna,
É libertação!

Maldita cultura do conformismo,
Só a elite lucra com isso.
(DOPS, 2020, *online*)

Headbangers (exceto alguns) e *punks* principalmente revelaram pensamentos, indignações sobre discursos de ódio, preconceito e exclusão. A formação humana é ligada nas lutas por melhorias no país, e tais lutas traçam também percursos de construção identitária destes sujeitos. Muitos não querem ter como amigos pessoas que promovem o ódio a pessoas excluídas socialmente, a intolerância ou a repressão religiosa, a violência e segregação das mulheres, a resistência contra a igualdade de gênero e etnias, e outros. O discurso do outro manobra as escolhas identitárias. Um integrante de alguma banda se revela nesse grupo e afasta grupos de pessoas que eram anteriormente seus fãs. A identidade transita muito mais nas ações e pensamentos dos sujeitos do que *performance* artística e corpo.

Há uma Identidade Estética versus Identidade Política, sendo que esta última se torna fator determinante para escolhas identitárias, o caminho da ética, da busca da garantia de direitos. As cenas metal e *punk* de BH não transitam no circuito cultural da elite, elas são a representação maciça do proletariado, ou da grande massa de jovens desempregados por causa da falta de oportunidades do país. O trabalho também cria um universo identitário complexo, cria rupturas dos sujeitos com suas identidades, mesmo que temporárias, para serem aceitos nestes ambientes formais. Não somente no modo de vestir, ou cortando os cabelos para conseguir uma vaga de emprego. Todo o pensamento de contestação de um sistema será abafado, ou calado para dar lugar à emergência de sobreviver.

O que interessa nesse estudo é a afirmação e as nuances da diferença, não somente a identidade coletiva, de grupo. A subjetivação e o imaginário cultural reafirmam a importância da alteridade e do equilíbrio entre a afirmação do Eu e do outro, compartilhando entre si fragmentos identitários.

A narrativa da construção do Eu é complexa, cheia de instabilidades e acasos. O sujeito pode se criar e recriar numa determinada linha do tempo da sua vida. Mercer (2014) denomina de *self* a forma como a pessoa se vê. Para a autora, há o *self temporal* e o contextual. *Self temporal* não é um produto acabado, ele é dinâmico. Há uma narrativa ao longo do tempo que aponta para um futuro próximo, há um devir[10] que não se separa de experiências do passado com o futuro.

O *self contextual* ocorre na dialética do consciente e do subconsciente, num jogo entre ansiedade e conquista. A ansiedade que move a conquista, a motivação.

A identidade é experiência e negociação, com múltiplas dimensões de culturas e contextos: Há um lócus público e privado de aprendizagens, experiências e estratégias, uma construção dinâmica do sujeito, fluida, de fora pra dentro, de dentro pra fora, como vários ciclos osmóticos.

As práticas discursivas, símbolos e signos fazem parte de escolhas, hibridismos, tensões, negações, associações ou transformações de artefatos culturais e linguagens. Portanto, é uma síntese de tensões, uma dialética entre um sujeito inacabado e o devir.

> Eu, com 13 anos, um dia comecei a ouvir uns batidos de bateria, logo veio a guitarra bem distorcida, mais do que o Sabbath, que meu primo de 20 e poucos anos ouvia em casa. Achei bacana demais ficar ouvindo o som (que depois fui saber ser a procreation of the wicked). Desci lá, uns 50 metros daqui. Era o Sepultura. Resolvi ser daquele jeito ali desde então. Hehehe! (Casito Luz, Banda Witchhammer, em postagem em rede social, 2019)[11].

Este exemplo ilustra as influências identitárias ao longo da vida das pessoas, neste caso, o som que vinha de um lugar próximo esboça raízes para outras criações artísticas deste músico conhecido na cena. E dessa linha do tempo, surgem trabalhos originais, fusões artísticas, outras novas bandas que passam também a fazer parte do cenário underground mineiro.

A virtualização é outro elemento que não pode ser esquecido diante de discussões contemporâneas sobre linguagens. No caso dos eventos na cena *underground*, há inúmeros registros como memórias expressas em fotos, vídeos de shows e encontros desses grupos de seguidores. A cidade como lugar de encontros, música e arte, completa-se e dialoga com o

[10] Cerca de 500 a.C., Heráclito escreveu o seguinte: "Tudo flui e nada permanece, tudo dá forma e nada permanece fixo. Você não pode pisar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas e ainda outras, vão fluir.". Nietzsche era um admirador de Heráclito. Enxergava a humanidade com um vir a ser sem fim, uma espécie de metamorfose permanente. A vontade de "criar" do "super-homem" e a arte como devir. (BOAVENTURA, 2010, *online*).

[11] LUZ, Casito. Postagem em página pessoal, Facebook. Belo Horizonte, maio de 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/jose.oscar.9026. Acesso em: 29 mai. 2019.

espaço virtual. Pierre Levy (1996), manifesta-se sobre esses novos espaços e tempos da dinâmica sociocultural.

> A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênese. (LEVY, 1996, p. 23).

Esses desdobramentos são indispensáveis para o estudo das identidades a partir das linguagens e da teia de relações que constituem. A abertura ou não para a alteridade, a criatividade, o design, os símbolos e signos estabelecem a comunicação e também as tensões neste universo virtual. É no mundo das imagens e sons que as linguagens também se configuram para além da convencional linguagem escrita. O uso das tecnologias facilita esta ampliação das linguagens, proporcionando aos sujeitos diversas experiências através dos sentidos, por tempos, lugares e situações, abrindo para infinitas possibilidades e mediações.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 *Heavy Metal* como conhecimento

O *heavy metal*, como um gênero musical e como um movimento social-político[12], está presente por todo o mundo. A comunidade *heavy metal* é denominada de *headbangers*, referindo-se ao intenso movimento da cabeça com longos cabelos na plateia dos shows, ou de *metaleiros*, nome inventado pela mídia[13] nos anos de 1980 para definir o grupo.

As primeiras pesquisas sobre *heavy metal* foram realizadas pela socióloga Deena Weinstein (1991), com o livro *Heavy Metal: the music and its culture* e pelo musicólogo Robert Walser (1993), com *Running With the Devil: power, gender and madness in Heavy Metal Music*. E Will Straw (1984), comunicólogo, contribuiu anteriormente, em publicação mais discreta com a questão do *heavy metal* como subcultura da indústria fonográfica.

As pesquisas brasileiras sobre *heavy metal*, como as de Avelar (2004, 2011), Janotti Júnior (2003, 2004, 2005), Cardoso Filho (2005, 2006), Ribeiro (2007), Lopes (2006) e Campoy (2010), se baseiam em vários autores internacionais como Straw (1984), Weinstein (1991), Walser (1993), Berger (1999), Hill (2010). Além desses, o jornalista Christe (2010) traz uma historiografia do *heavy metal*, numa sequência cronológica de surgimentos das bandas e suas influências.

Segundo esse autor, o *heavy metal* como gênero musical surge, aproximadamente, no final dos anos de 1960, na Inglaterra, com a banda *Black Sabbath*, marcado pelo lançamento de seu disco de mesmo nome, tendo várias influências, desde o *blues* até a música clássica (WALSER, 1993; CHRISTE, 2010). Mas, para Leão (1997), há uma característica singular no heavy metal, que o classifica como tal. O autor afirma que " a receita simples para definir o heavy metal para os menos inteirados no lance é: pegue um bom *riff* de guitarra, adicione peso com baixo e bateria e acrescente um vocal forte ou gritado. Presto! Aí está uma banda de heavy metal básica" (LEÃO, 1997, p. 09).

O som distorcido da guitarra era um dos diferenciais para um som e todo um universo de elementos estéticos e signos que estava por vir. Esse momento histórico do início da Banda

[12] Este grupo assume suas posturas políticas a partir das suas manifestações estéticas que ainda enfrentam preconceito e discriminação. Por serem formas incomuns de vestimentas, de uso de cabelos longos, a música com o som distorcido, e formas de protestos ou denúncia social nas letras de músicas de algumas bandas.

[13] De acordo com Avelar (2011), o primeiro Festival Rock in Rio, em 1985, na cidade do Rio de Janeiro, reuniu diversas bandas (Iron Maiden, AC DC, Ozzy Osbourne, Scorpions e outros). E assim surgiu, na Rede Globo, o uso do termo *metaleiros* para definir o público presente, que usava roupas pretas, cabelos grandes, braceletes e outros acessórios com metal.

Black Sabbath é descrito por Christe (2010), que manifesta seu espanto com o poder explosivo dos temas da banda pioneira (considerando aqui, um recorte que refere-se à experiência do autor e de grande parte das bibliografias lidas). Para descrever a novidade que chegara, com características artísticas e referências estéticas diferentes das que o mundo estava antes acostumado e não apenas no âmbito musical , explicita o autor que:

> [...] essas poderosas correntes – por tanto tempo esquecidas e adormecidas até que a guerra, a crise e a angústia pudessem despertar e trazer à tona seus mais horrendos poderes – não possuíam definição nem emitiam sons até serem capturadas e subjugadas por uma epifania conhecida como Black Sabbath: a banda primordial, a origem do heavy metal.(CHRISTE, 2010, p. 13)

A capa do primeiro álbum da banda Black Sabbath mostrava uma velha casa de campo estilo inglesa. Na frente, arbustos ressecados e a imagem de uma feiticeira pálida e esverdeada, relembrando filmes de terror. Na lateral direita há uma árvore de tronco grosso marrom-avermelhada. O céu nublado e, no alto do lado esquerdo, o título *Black Sabbath.*

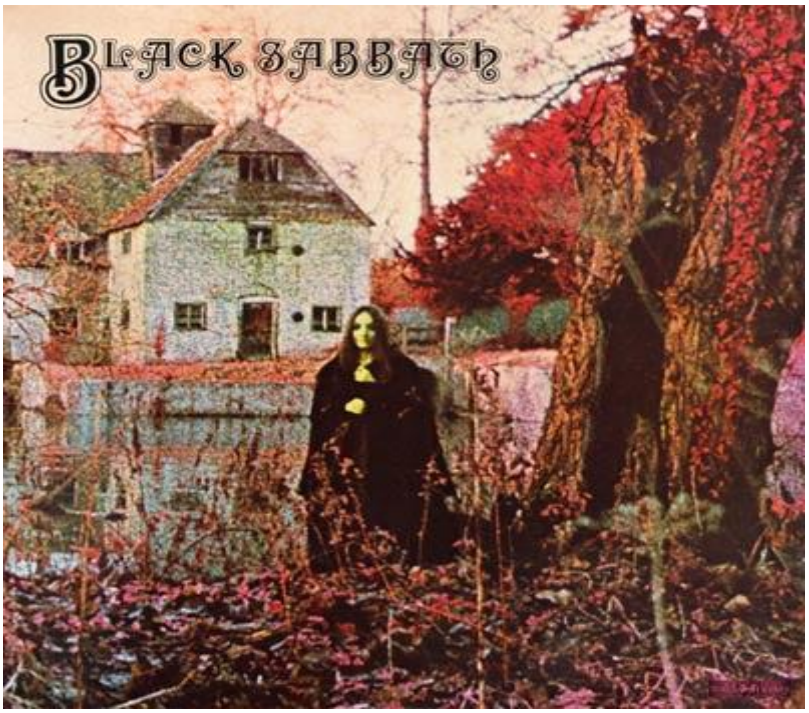


Figura 2 – Capa do primeiro álbum da Banda *Black Sabbath*
Nota: Álbum Black Sabbath. Black Sabbath, Vertigo, 1970, UK.
Fonte: Wikipédia (2019).

Nas páginas internas do encarte desse disco, há alguns detalhes e um poema gótico inscrito em um crucifixo gigante e invertido.

> Ainda chove, os véus das trevas envolvem as árvores enegrecidas, que, contorcidas por uma violência sem par, largam suas folhas cansadas e dobram seus troncos ao solo cinzento de asas mutiladas. Entre as ervas, as papoulas sangram ante a uma morte gestual, e coelhos, natimortos em armadilhas, permanecem imóveis, como que guardando o silêncio que cerca e ameaça engolir todos aqueles que possam ouvir. (CHRISTIE, 2010, p. 17).

De acordo com Christie (2010), os integrantes da banda passavam uma imagem horripilante – o que deu à banda a fama de satanistas e incomodou um público mais religioso e conservador.

Essa produção de sentidos, trazia ali algo novo, a partir de um conjunto de elementos estéticos que fomentam a pesquisa de Walser (1993). Os discursos produzidos a partir do som pesado, e todos os desdobramentos da variedade de representações que o universo do *heavy metal* são analisados por este autor.

Walser (1993) apresenta o significado do termo *Heavy Metal*, desde 1828, a partir do dicionário Oxford, a princípio no contexto militar, que queria dizer *grandes armas* com munição, ou somente esta, ou seja, *balas de um tamanho maior*. Por volta de 1822, é acrescentado o termo *tiro de grande porte*. E neste período também é introduzido um significado mais abstrato: que referia-se a pessoas com "capacidades , mentais ou físicas, de poder e influência", que poderia ser um adversário em disputas (WALSER, 1993, p. 1). A questão do poder, do gênero e loucura são os eixos centrais de uma experiência identitária estudados por Walser (1993). O *heavy metal*, para o autor, constitui-se como um novo sistema de signos, que não se limita apenas à arte musical e performática, mas em trocas significativas e processos inteligíveis para as percepções das linguagens, e a partir destas, das construções identitárias.

Mulheres, também foram pioneiras neste tema na pesquisa acadêmica, como Azevedo (2009), em sua tese de doutorado intitulada *É para ser escuro!: codificações do black metal como gênero audiovisual*. Azevedo (2009, p. 103) assim define o *heavy metal*, a partir da sua tese:

> Heavy metal é a designação pela qual os meios de comunicação e os ouvintes não familiarizados com este universo referem-se ao conjunto dos vários subgêneros de metal. Entretanto, é possível considerar o heavy metal como apenas um entre estes subgêneros. Muito esquematicamente, considerar-se-á que o metal dividiu-se, em meados dos anos 1980, em duas vertentes básicas: metal extremo e não extremo. No grupo do metal não extremo, situam-se os subgêneros cujas características sonoras e iconográficas aproximam-se mais da sonoridade de aceitação massiva: heavy metal, power metal, prog metal, metal gótico, metal melódico. "Metal extremo" é uma expressão usada por fãs, críticos e músicos para se referir ao conjunto dos subgêneros de metal cuja expressão de agressividade é mais intensa e deliberada: thrash metal, death metal, black metal e doom metal. Cada um destes subgêneros possui estilos com nuances particulares.

A expansão do *heavy metal* pelo mundo aconteceu rapidamente, chegando ao final dos anos de 1980 conhecido em um número muito grande de cidades do Brasil, inclusive em BH. O lançamento do primeiro *Long Play* (LP) da banda Stress[14], do Belém do Pará, pode ser considerado o marco do início do gênero no Brasil, o primeiro disco que se caracteriza como tal (FORMAS, 2019). Muito brasileiros comemoram o dia do *heavy metal* na data de lançamento desse LP, no dia 13 de novembro de 1982. Era um som novo chegando.

Avelar (2011) afirma que esse surgimento do *heavy metal* em BH se deu em um contraponto aos processos de apropriação política da música popular pelas estruturas de poder da época. O autor faz um contraponto entre *heavy metal* e clube da esquina. A música Coração de estudante, de Milton Nascimento e Wagner Tiso, é tornada quase um hino ligado à resistência ao regime militar. Observar esse contexto artístico e político faz-se necessário para discutir mais à frente o surgimento, no bairro de Santa Tereza, de uma das bandas de heavy metal com a maior divulgação no âmbito internacional, Sepultura. Para o autor,

> As cruzes invertidas, as alusões satânicas e a obsessão escatológica negavam aquilo que a música de Milton ficou famosa por expressar: a esperança de que por trás do universo religioso, tradicional e conservador do catolicismo mineiro residisse um núcleo emancipatório e fraternal de compaixão politicamente disponível. (AVELAR, 2011, p. 118).

O *heavy metal* emerge nas montanhas, com sua identidade própria, sendo reconhecido internacionalmente por seu percurso "faça você mesmo", entre coletes jeans com desenhos de canetinha remetendo à banda *Iron Maiden*, em meio à falta de recursos tecnológicos. Neste sentido, Queiroz e Tugny (2006) sugerem que a etnomusicologia como

> área do conhecimento que estuda as músicas brasileiras enquanto expressões culturais e identitárias diversas, deve se propor a dar visibilidade e buscar compreensões múltiplas e recíprocas através de processos de aproximação, troca e diálogo contínuo constante (QUEIROZ; TUGNY, 2006, p. 52).

Outro pesquisador que dialoga com as expressões culturais e diversidades, Janotti Júnior (2003, 2004, 2005) traz na sua pesquisa sobre *heavy metal* na cena da cidade de Salvador, *heavy metal* com dendê, misturando o som pesado, à nomenclatura da famosa culinária baiana, que expressa à cultura pop midiática. O pesquisador viveu e continua

[14] A banda começou na cidade de Belém, capital do estado do Pará, em outubro de 1974. André Chamon foi convidado pelo paraense Wilson Silva e pelo carioca Pedro Lobão para formar uma banda de rock. Aceitaram o convite e chamou seu amigo de infância, Leonardo Renda, para participar do projeto. Em 1975, Wilson ouviu Roosevelt Bala cantar uma música do Led Zeppelin na escola e o convidou para ser o vocalista e baixista da banda (FORMAS, 2019).

integrando ao seu trabalho de pesquisa, o universo do heavy metal, desde seu conhecimento sobre o cenário acadêmico internacional até as estruturas midiáticas e culturas locais. Janotti Júnior (2004) descreve as características do som pesado, característico do *heavy metal*.

> A intensidade do volume é um elemento constitutivo do universo metálico, reiterando a idéia de peso. O sentido de poder presente na intensidade sonora está ligado à extensão espacial presente no volume excessivo. Essa espacialidade enfatiza a força física do que é denominado heavy metal. O alto volume demarca espacialmente o cotidiano em relação a outras formas de audição musical. Antes da temática das letras, é a idéia de peso, presente nos timbres graves e/ ou distorcidos, que identifica as bandas de heavy metal. A própria sonoridade parece assim, diretamente relacionada às imagens teratológicas que permeiam o rock pesado. (JANOTTI JÚNIOR, 2004, p. 24)

Seguindo a linha da mídia, Cardoso Filho (2010) realizou estudo comparativo das práticas de escuta desenvolvidas a partir da interação dos ouvintes com três álbuns de bandas de Rock, a saber: *Dark Side of the Moon* (PinkFloyd), *Nevermind* (Nirvana) e *In Rainbows* (Radiohead). Em sua tese *Práticas de escuta do rock: experiência estética, mediações e materialidades da comunicação* (2010), faz um panorama da música popular massiva do século XX. Esse trabalho teve como membro da banda Janotti Júnior. É possível perceber nesse ambiente acadêmico um diálogo pertinente e uma abertura para diversas áreas de estudo do *heavy metal*, cruzamentos ou interlocuções entre as pesquisas do gênero.

Outro trabalho relevante ligado ao contexto regional, *Dinâmica das identidades – Análise estilística e contextual de três bandas de metal da cena rock underground de Aracaju*, tese de Hugo Ribeiro, um etnomusicólogo, músico, características estas que enriquecem o teor de sensibilidade para análise do trabalho. Ribeiro (2007) tem como eixo central a compreensão de como os participantes da cena participam dos processos de diferenciação, criando e mantendo fronteiras estilísticas. A análise foi feita com três bandas de diferentes – *The Warlord, Scarlet Peace, Sign of Hate* – que representam três estilos diferentes – *Heavy*, *Doom* e *Death Metal*, respectivamente. A pesquisa gira em torno dos estudos sobre identidade, experiência musical e gênero/estilo.

Além destes trabalhos relacionados aos contextos midiáticos e da etnomusicologia, o universo feminino no cenário metal é também tema de destaque. Pires (2018) aborda a questão das práticas discursivas das publicações da revista *Roadie Crew*[15] relacionadas a mulheres no *heavy metal*. A "manutenção de relações assimétricas de gênero" (PIRES, 2018, p. 5) se faz no discurso ao longo dos anos de publicações da mesma. A pesquisadora, que no

[15] Revista Brasileira especializada em Heavy Metal, disponível em: https://roadiecrew.com/.

seu trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais, produziu com outros colegas, o conhecido documentário, *Ruído das Minas*, sobre a gênese da cena metal de BH. Anos depois, produziu outro documentário, o *Mulheres no Metal*, também ressaltando que esse universo na cena metal não é apenas enfeitado pela beleza feminino, mas um território de lutas por garantia de direitos, respeito e reconhecimento à participação e construção histórica das mulheres no *heavy metal*.

> Não devemos ignorar, tampouco, o fato de que os gêneros discursivos presentes na Roadie Crew são consumidos pela comunidade discursiva do metal, composta de fãs, produtores culturais, produtores de conteúdo e artistas do metal, muitos dos quais atualmente assumem a escrita em veículos online especializados. (PIRES, 2018, p. 5)

Outra pesquisa relacionada ao universo do *heavy metal*, é ligada aos movimentos do corpo no *mosh* e sua relação com a violência: Andrada (2013). A intenção da pesquisa etnográfica foi discutir as experiências no *mosh* - um tipo de dança que acontece nos shows com empurrões, socos, chutes, porém com um conjunto de regras - a partir das noções de violência. O trabalho traz dados e depoimentos de diversas pessoas que praticam o *mosh* nos shows. A partir das experiências de pessoas que praticam o *mosh*, observou-se que a violência vivida nesse tipo de dança acontece em condições distintas, onde há um conjunto de regras e estruturas compartilhadas entre os participantes de um *mosh*. A pesquisa tenta desconstruir a noção de violência e ressignificá-la a partir do texto *A Arqueologia da Violência*, de Pierre Clastres.

Para entender a cena *underground*, foi necessário aqui, descrever o que se entende por *heavy metal*, a partir das primeiras pesquisas no exterior e, posteriormente, no Brasil. É necessário entender, também, esses processos no *punk*, pois a cena *underground* tem esse diálogo e tensões constantes entre a cena metal e *punk.* Para tanto, CAMPOY (2010), em sua pesquisa etnográfica, *Trevas sobre a luz: O underground do metal extremo no Brasil*[16], muito contribui para nortear as questões da construção de identidades dos sujeitos a partir das linguagens, que é o eixo central dessa tese, procurando compreender melhor a partir de outras referências e entrevistas, um recorte da cena *underground* de BH e algumas conexões com a cena do interior de Minas Gerais. Na seção 3.3 *Underground*, poderemos conhecer um pouco mais da etnografia de Campoy (2010) para entender os movimentos da cena na cidade de BH.

[16] Um livro, fruto da sua dissertação de mestrado, que ganhou o prêmio de melhor dissertação no Concurso ANPOC de obras científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais, em 2009.

Este trabalho pretende debruçar-se sobre os estudos de Campoy (2010), que também permitem analisar o movimento *heavy metal* em sua particularidade mais significativa: a sobrevivência no Brasil de grupos muito variados, mas com referência forte e atividades voltadas para sua preservação. A etnografia de Campoy (2010) foi traçada através de grupos que se autodenominam, distintivamente, como *metal extremo* e percorreu vários locais de diversas regiões do país, pesquisando o surgimento e o contexto da cena underground no Brasil de acordo com as segmentações do *heavy metal* com suas influências e nuances. É necessário explorar a cena local para captar as singularidades de suas linguagens e processos identitários dos sujeitos ali presentes.

4.2 O movimento *Heavy Metal* em BH

O início do movimento *heavy metal* na década de 1980 em BH permanece na lembrança de muitos sujeitos. Foi um tempo em que houve o lançamento das primeiras bandas de metal e de intensa produção artístico-musical apoiada pela gravadora Cogumelo *Records*. Há uma busca pela preservação dessa memória, por manter uma cultura viva e, ao mesmo tempo, perpetuar o *heavy metal*. Há, por exemplo, encontros nos shows, na maioria das vezes, marcados nas redes sociais pela internet. Há lançamentos de novas bandas, uma fruição artística híbrida em meio a diversidade do *heavy metal* e suas segmentações (CAMPOY, 2010), como o *trash metal*, o *death metal*, o *black metal*, o *doom metal* e outros.

Nesse sentido, há uma experiência sensível que engloba discurso musical, práticas sociais (vestuário, dança, linguagens) e sentidos culturais. A manutenção de uma ideologia que pode carregar consigo a crítica social e política, num movimento contra hegemônico continua a se destacar em letras de músicas das bandas mineiras. Os encontros pela cidade muitas vezes acontecem em espaços esquecidos e atualmente reativados pela comunidade metal. Belo Horizonte abriga uma cena *heavy metal* underground bastante variada, com bandas de diversas vertentes que se tornam bastante interessantes para estudos antropológicos.

O contexto dos grupos *heavy metal* e *punk* de BH nos leva a pensar nestes como *constelações móveis* (CANEVACCI, 2005), que se dissipam facilmente. Nesse sentido, se por um lado os grupos de *heavy metal* participam, como todos os demais, da hibridização dos estilos e gostos (CANCLINI, 1997) que a mobilidade do espaço urbano permite; por outro, a interação entre espaço urbano e virtual entre os sujeitos do *heavy metal*, principalmente os mais jovens, também se constitui de forma permanente, com divulgação de materiais das bandas, shows, parcerias para eventos da cena, etc. Os estudos de Gafarov (2010) propõem o

uso do termo *comunidades participativas* para definir os grupos que apreciam a música *heavy metal*. Esse autor pode trazer contribuições nesta pesquisa, ampliando o diálogo de suas bases epistemológicas com as propostas dos autores que discutem as linguagens e tecnologias apontadas a seguir.

4.3 O underground

O *underground* é tudo aquilo que foge das mídias comuns, do acesso às grandes culturas de massa. A intenção da cena *underground* é a oposição aos meios de circulação não somente de produção musical, mas de produtos culturais, que tem na sua intenção o privilégio pela diferença e afirmação de identidade própria.

Segundo a socióloga norte-americana Weinstein (2000), é possível definir o cenário *underground* da seguinte forma.

> Underground, em sentido de purgatório, é um termo para bandas e estilos que não são comumente populares, mas que podem ou têm possibilidades de vir a ser. Underground, no sentido de inferno, refere-se a uma música que é tão extrema, em termos de sonoridade, de letras, ou ambos, que não atraem a grande audiência. Bandas que tocam metal underground, de tipo infernal, não possuem esperança ou desejo (se eles forem conscientes) de ir em direção ao outro lado, ao céu do estrelato pop. Como outras formas de artes elitistas, o metal underground é apreciado por uma audiência diferenciada. (WEINSTEIN, 2000, p. 283-284)

Campoy (2010) constrói seu conceito de *underground* a partir da etnografia que fez pelo Brasil, com a diversidade de bandas, identidades particulares e singularidades de cada grupo estudado e das produções independentes. Para Campoy (2010, p. 35), a participação e a prática do *underground* são explicadas, como, em parte, "o resultado de uma rejeição do outro pólo, aquilo que chamam de *mainstream*.". Para o autor, *underground* se define como "um conjunto de atividades interessadas em produzir, circular, apresentar e escutar metal extremo no Brasil." (CAMPOY, 2010, p. 47). O *underground* por si só, já é a afirmação da diferença, e da oposição a culturas massivas.

Bourdieau aposta na ideia de legitimidade, da criação e originalidade. Na sua definição de campo artístico, a sociologia da arte, o autor atenta não apenas para as posições sociais constitutivas do campo artístico:

> A sociologia da arte, deve então debruçar-se não apenas nas posições sociais constitutivas do campo artístico e nos determinantes sociais que levam certos artistas a ocuparem certas posições, mas fundamentalmente o modo com que os campos são

> capazes de produzir os artistas como produtores legítimos de objetos de crença, de valor e de prazer estético. (CATANY *et. al*., 2017. p. 68)

Todos os desafios da cena *underground* de poucos recursos, de trabalho artesanal, e do *faça você mesmo*, são sua própria caracterização como tal. Para Janotti Júnior (2004, p. 118):

> [...] as próprias dificuldades encontradas na falta de espaço, na escassez de material e na deficiência técnica, acabam se transformando em relatos que atribuem um valor à capacidade de enfrentar os obstáculos e à possibilidade de os membros da cena de encararem conjuntamente esses fatos.

A cena *underground* é terreno de tensões em lutas, um universo contra hegemônico que usa como arma suas produções artísticas, para criar frestas e tentar escapar um pouco do massacre das instituições e do contexto de exclusão.

Ribeiro (2007) define o *underground*, a partir das particularidades da cena de Aracaju, cena esta que faz parte da sua tese. O autor afirma que:

> São considerados pertencentes ao rock underground aqueles grupos ou bandas que compartilham uma crítica à cultura de massas presentes em muitas vertentes do rock "comercial". Rock independente ou rock alternativo também são termos utilizados para designar o rock underground. [...] as bandas de rock underground são aquelas que não participam diretamente de grandes eventos midiáticos, sendo quase sempre marginalizados pela mídia e sociedade em geral, desenvolvendo, dessa forma, uma rede própria de comunicação e divulgação, e uma cena alternativa. (RIBEIRO, 2007, p. 46)

Geralmente, os sujeitos da cena são os próprios consumidores de seus produtos culturais, sejam eles, discos, *demos*, artigos feitos artesanalmente, como *fanzines*, vestuário e outros. Os lugares dos shows, geralmente são cedidos de forma gratuita, as bandas não visam o lucro e sim reconhecimento dentro daquele grupo, e normalmente há eventos gratuitos ou com preços mais acessíveis. Há selos alternativos, canais de comunicação, páginas em rede social, web rádios, *fanzines*. Em grande parte, os shows acontecem em espaços esquecidos pelo poder público, locais antigos, fábricas desativadas ou bares periféricos da cidade.

De acordo com Campoy (2010), os sujeitos que escolhem o *underground*, correm num caminho diferente do *mainstream*[17].

> É isso que os praticantes reclamam quando colocam a ideologia no primeiro degrau de importância. Dizendo que o metal extremo *underground* é uma filosofia de vida extrema, antes de significar certa funcionalidade da música para se buscar outros fins, os praticantes estão afirmando que a música que eles fazem não pode ser

[17] Enquanto os objetivos do metal extremo *underground* são "ideologia e atitude", os do *mainstream* seriam a "fama e o lucro" (CAMPOY, 2010, p. 97). Shows com bandas conhecidas em todo o mundo, que vendem milhões de cópias de álbuns, como Metallica, *Iron Maiden* e outras, são consideradas na categoria *mainstream.*

> compreendida como uma mera fruição estética, como uma arte contemplativa que serve unicamente à abstração, à reflexão ou ao deleite dos ouvidos. Não. Essa é a maneira que o *mainstream* ouve música. Eles entendem que ouvem metal extremo com seus corpos, eles fazem da música uma relação social. (CAMPOY, 2010, p. 281).

Essa afirmação do autor vai de encontro com o contexto e identidade punk e, para além disso, com a função da música e dos corpos como instrumento de protesto.

4.4 Subgêneros do *Heavy Metal*

Muitas dúvidas surgiram na escrita deste capítulo. Uma historiografia seria bem mais tranquila, pois materiais não faltam na internet ou em livros. Mas a percepção do que caracteriza cada segmentação ou subgênero seria necessária para perceber as nuances identitárias. As entrevistas feitas neste trabalho mostram muito das identidades musicais de alguns sujeitos. Foram escolhidos os principais subgêneros, abordados por Campoy (2010) como referências principais, mas foram surgindo, ao longo do tempo, vertentes destes subgêneros, que necessitam de pesquisas mais profundas, no sentido musical. Como o foco aqui é linguagem, a escolha foi tomar de exemplo *um recorte* dos subgêneros mais conhecidos.

Este recorte dos subgêneros é apenas para apresentar nuances identitárias, num panorama geral da cena. A intenção é perceber e interpretar os inúmeros rizomas e representações dos discursos, signos e símbolos marcantes de cada subgênero, que vem muito dos olhos e ouvidos de cada fã ou músico.

4.4.1 Trash Metal

Thrash Metal é um subgênero do *heavy metal*, caracterizado por seu ritmo rápido e agressividade. As canções usualmente têm batidas rápidas e *riffs* de guitarra que regem a música, intercalados com solos ao estilo *shred*. As letras normalmente tratam de problemas sociais e repudiam o rígido controle do Estado, usando linguagem forte e direta, similarmente ao que acontece no gênero *Hardcore Punk*. Muito chamada de *o vovó do heavy metal*, ou *old school*, por ser um subgênero considerado uma velha escola de um metal com som sujo, rasgado, que seus seguidores batem as cabeças, muitos com longos cabelos, jeans rasgados, coletes de patches com outras bandas de *thrash*, principalmente.

> O *trash* é técnico e não está baseado na *faça você mesmo* musical próprio do *punk*; seus músicos usam cabelos longos e não moicanos; calças pretas coladas ao corpo e não bermuda; e se querem divulgar alguma ideia, é aquela do som pesado e não a da anarquia, tão ligada no imaginário urbano, ao movimento punk (CAMPOY, 2010, p. 145).

O autor afirma acima que os adeptos do *Thrash Metal* não usam bermuda, porém alguns usam esta vestimenta. E isto pode variar de países ou e segmentos de bandas.

O gênero nasceu no início dos anos 1980, combinando o ritmo veloz da bateria e a atitude do *Hardcore Punk* com uso de pedal duplo nos bumbos da bateria, além de pesados e complexos estilos de guitarra influenciados pela *New Wave of British Heavy Metal*. *O Thrash Metal* foi uma inspiração para futuros gêneros extremos como *Death* e o *Black Metal*.

Segundo especialistas no gênero *Heavy Metal*, a primeira banda a fazer músicas com esse estilo musical foi a banda *Venom*, com o disco *Welcome to Hell*, em 1981, cujas letras obscuras, velocidade sonora e pesada, vieram a influenciar toda uma geração posterior. Tanto que a banda é considerada percursora tanto do *Trash*, quanto do *Black Metal* (ao lançar um disco com o mesmo nome).

A partir de 1982, surgem inúmeras bandas em todo o mundo: na Alemanha, *Destruction, Sodom, Kreator*; nos Estados Unidos, as bandas *Anthrax*, *Slayer*, *Exodus.*

No Brasil, a banda de *Thash Metal* pioneira foi a *Dorsal Atlântica*, do Rio de Janeiro, que dividiu suas músicas em um *split* álbum com o *Metalmorphose Ultimatum*, de 1984, é talvez o primeiro álbum de *Thrash Metal* brasileiro. Bandas de *hardcore* como *Ratos de Porão* e *Lobotomia*, de São Paulo, inseriram as influências de Thrash Metal em seu som em modos da década de 1980.

O *Thrash Metal* no Brasil consistia basicamente três cenas:

- a de São Paulo (de bandas como *Korzus, Antares, Vulcano* etc);
- a do Rio de Janeiro (de bandas como *Dorsal Atlântica, Azul Limão, Taurus* etc.);
- a mais notória, de Belo Horizonte (de bandas como *Sepultura*, *Chakal*, *Mutilator*, *Overdose*, entre outras, alavancadas graças ao selo *Cogumelo Record*s).

Sem dúvida nenhuma, a banda brasileira de *Thrash Metal* de maior repercussão dentro e fora do Brasil foi o *Sepultura*. Inicialmente, mais voltada para o *Black/Death Metal* (vide *Split* álbum dividido com a banda *Overdose*), logo com o lançamento de *Schizophenia*, em 1987, a banda despontou no exterior e assinou contrato com o selo europeu *Roadrunner Records*.

Ainda hoje, muitas bandas lançam suas produções musicais porque possuem um público fiel mesmo com outros gêneros de *Rock/Heavy Metal* surgindo nos anos de 1990 e 2000.

Em seguida, vertentes desse subgênero. Ressalta-se que muitas vertentes do *trash metal*, foram descritas em outros subgêneros por serem oriundas de mesclagem e fusões.

Figura 3 - Capa do álbum Reign in blood (1986),da banda norte-americana Slayer
Fonte: Slayer (2019).

Figura 4 - Capa do álbum Unholy Grave (2014), da Banda Dunkell Reiter (Contagem-MG)
Fonte: Metal (2020).

Na cena de BH e região metropolitana, temos bandas que representam o *trash metal Dunkell Reiter*. Na figura da capa do álbum *Reign in blood* (1986) da banda Slayer há imagens satânicas e um bode sentado num trono, um fogo saindo do chão e pessoas torturadas ou corpos dependurados. Na capa do álbum *Unholy Grave* (2014), da Banda *Dunkell Reiter*, há uma caveira em um cemitério numa imagem bem assombrada, com troncos de árvores.

4.4.2 Death Metal

Subgênero extremo do heavy metal, *agrega*, tipicamente, guitarras com baixa afinação, muito distorcidas, tocadas com técnicas como *palm muting* (palhetadas abafadas) e *tremolo picking*, vocais urrados e gritos, bateria tocada de maneira agressiva e potente com uso de pedal duplo ou técnica de *blast beat*, alguns teclados ou atonalidade, ritmo extremamente rápido e mudanças abruptas de tempo. As letras das músicas de *Death Metal* podem abordar temas como a violência de filmes, religião, satanismo, ocultismo, histórias de terror, natureza, misticismo, mitologia, filosofia, ficção científica e política, e também podem descrever atos extremos como mutilação, tortura, estupro, canibalismo e necrofilia.

A origem do termo é controversa, variando desde uma entrevista com a banda *Venom*, em uma coletânea chamada *Death Metal*, lançada pela gravadora alemã *Noise*, em 1984, em que reuniu as bandas *Hellhammer (*depois *Celtic Frost), Helloween e Running Wild*; bem como a fita de demonstração (*demo-tape*) da banda *Possessed*, intitulada também *Death Metal*, em 1984.

A primeira geração surgiu no início de 1980, com as bandas, *Hellhammer (Celtic Frost), Sodom, Possessed* e a brasileira *Vulcano*. Nesse período, outras lançaram seus fonogramas: *Kreator, Sepultura, Slayer*. No Brasil, surgiram muitas bandas além do *Sepultura e Krisiun: Sarcófago* (que tinha uma linha *Black/Death* Metal nos seus primórdios), *Mutilator* e *Dorsal Atlântica*, dentre outras.

Com características herdadas do *Grindcore*, a segunda geração chega com um som mais visceral e mais agressivo ainda. Melhoria das técnicas de guitarra, utilização de outras afinações mais graves, vocais guturais ainda mais graves. Na segunda geração destacam-se as bandas: *Cannibal Corpse, Deicide, Death*.

Figura 5 - Capa do álbum *Scourge of the enthroned* (2018), da banda gaúcha Krisiun
Fonte: Krisiun (2018).

Na cena de BH temos as bandas *Eminence* (que saiu recentemente do cenário para turnês pelo mundo), *Divine Death, Scalped, Sepulchral Voice (death/thrash), Ignorance, Morbid Prophecy, Last Conscious (death/thrash).*

Das vozes que ecoam das sepulturas do Cemitério do Bonfim, surgia a banda de *Death/Thrash Metal Sepulchral Voice*[18], formada em BH no ano de 1987.

[18] Sua formação é: Harley Senra (Vocal), Luiz Sepulchral (Guitarra), Ronaldo Ron Seth (Guitarra), Pepê Salomão (Baixo), Lélio Gustavo (Bateria). Este último, comentarista de futebol conhecido em canais de TV e rádio.

Figura 6 - Capa do álbum Evil Never Rests (2020), da banda Sepulchral Voice
Fonte: Bessoni (2020).

4.4.3 Black Metal

Este subgênero que surgiu na década de 1980 é caracterizado por batidas mais rápidas, vocais *guturais* e/ou rasgados, estruturas sonoras não convencionais. Seu diferencial em relação a outros subgêneros, em termos de linguagens e elementos estéticos é a horda, todo esse conjunto que envolve a banda e as ideologias, entre elas, a negação do cristianismo, a exaltação ao satanismo, o uso de símbolos como a cruz de cabeça para baixo, o bode, a estrela de cinco pontas, o figurino preto, e maquiagens como o *corpse paint*. Há uma exigência para pertencer a essa horda e suas fronteiras são bem delimitadas: quem escolhe o black metal, procura seguir de forma fiel sua ideologia.

Grande parte das bandas falam de satanismo, anticristianismo, paganismo e é considerado o subgênero mais extremo dentro do escopo do *Heavy Metal*. Na Noruega, muitos dos seus membros realizam ou realizaram ataques incendiários a igrejas. Ocorreu um assassinato, que foi realizado pelo líder da banda norueguesa *Burzum* ao guitarrista da banda norueguesa *Mayhem*, *Aarseth* ou *Euronymous*, com 23 facadas. Segundo os historiadores, na

cena *Black Metal* norueguesa, criou o chamado *Inner Circle*, acusado de realizar ataques às igrejas norueguesas.

Os artistas utilizam *corpse paint* (pintura de cadáver) no rosto em suas apresentações ou capas de discos, e adotam pseudônimos. Essas pinturas podem simbolizar elementos de guerra, ódio, agonia. Segundo relatos de Wilson (2014), a primeira banda a utilizar *corpse paint* foi a banda brasileira de Black Metal Sarcófago (Ver p´gina 126 deste trabalho).

De acordo com Azevedo (2009), as primeiras bandas de *black metal* surgem na Europa, no início da década de 1980, destacando-se: *Celtic Frost* (Suíça), *Bathory* (Suécia), *Mercyful Fate* (Dinamarca) e *Venom* (Inglaterra). A autora também destaca a banda Sarcófago, de BH, Minas Gerais, entre as primeiras.

> Além da Noruega, outros países possuíam cenas significativas no início dos anos 1990, como por exemplo, a sueca, a grega e a francesa, conhecida sob a sigla LLN, Les Légions Noires e mesmo a brasileira. Entretanto, embora o BM não tenha surgido exclusivamente na Noruega, foi a vertente norueguesa, surgida na virada da década de 1980 para a de 1990, responsável por sua consolidação. Se, por um lado, os fatos extra-musicais deram visibilidade ao BM, do outro, a música manteve-se fora das grandes gravadoras e dos meios de comunicação de massa, ou seja, em nível underground. (AZEVEDO, 2009, p. 8).

A autora afirma, também, que as bandas norueguesas mais populares, como *Dimmu Borgir* e *Satyricon*, recebem mais atenção dos meios de comunicação de massa, e participam de eventos.

A segunda geração veio nos anos de 1990, com as bandas *Mayhem*, *Burzum*, *Immortal*. Foi nessa época que aconteceram os atentados às igrejas e cemitérios, que, de certa forma, contribuíram para divulgação desse subgênero no mundo.

A terceira geração, final dos anos de 1990 até os dias de hoje, traz uma sonoridade afastada do *Black Metal tradicional*, com o uso de teclados e elementos de música clássica. As bandas *Dimmu Borgir e Cradle of Fifith* são referências nessa linha de *Black Metal* da terceira geração, chamado também de *Melodic Black Metal* ou *Symphonic Black Metal*.

Bandas brasileiras: Sarcófago – é, definitivamente, a banda mais conhecida internacionalmente. Respeitada até mesmo por aqueles que não gostam desse subgênero; *Volcano* – banda santista na ativa até os dias de hoje; *Malkuth* – banda recifense que tem como característica músicas bem trabalhadas; *Morbid Prophecy* – que faz parte da terceira geração do *Black Metal*.

A singularidade do *Black Metal* se reforça ainda mais com sua atuação e prática dentro da cena, ainda que nas margens obscuras das cidades, e para Campoy (2010), uma luta que está dotada de grande importância afetiva e moral para o praticante. É nesse contexto que a

palavra *honra* se entrelaça nessa luta, pela maneira própria de gravar, de fazer e divulgar seus trabalhos, na contramão da sociedade capitalista, uma modo particular de manter a cena *underground.*

> [...] são das bandas de black metal a maioria da entrevistas publicadas nos zines, são delas e das bandas de death metal a radical maioria das gravações circuladas pelo underground e são os shows dessas bandas que mais acontecem país afora. São os músicos dessa bandas que montam os selos e os distros, esses promotores da movimentação do underground" (CAMPOY, 2010 p.182)

Na cena de BH, a banda pioneira é a Sarcófago, desde a década de oitenta, que ficou mundialmente conhecida, tornando-se referência e inspiração para bandas posteriores, conquistando o respeito internacional, com fãs e seguidores de várias gerações, mesmo depois de encerrada. A repercussão do trabalho da banda vem até os dias de hoje. Algumas bandas como *Agaurez, Impurity*, *In Nomini Belialis*, *Defacer* e *Iron Trash* fazem parte deste cenário do *black metal* de BH.

4.4.4 Doom Metal

O *doom metal* usa, no geral, os mesmos instrumentos dos demais gêneros derivados do *heavy metal*: guitarras, baixo e bateria. As bandas mais tradicionais geralmente usam somente um guitarrista, que faz os solos e as partes rítmicas. Algumas bandas usam dois guitarristas para dar mais poder à sua música, ainda que nem sempre seja assim. No entanto, são muitas as bandas (normalmente as mais extremas) que intercalam o uso de teclados, assim como elementos sinfônicos como flautas, violinos e harpas. Também há vários grupos que adicionam sons gerados por sintetizadores, como os grupos de *drone/doom*. Estas, inclusive, frequentemente dispensam o uso da bateria por seus tempos largos e densos.

Os guitarristas afinam seus instrumentos a notas realmente baixas e fazem grande uso de distorção (gerando *riffs* muito pesados), que junto a ritmos consideravelmente lentos são características predominantes do gênero. O precursor desta forma de tocar foi o *Black Sabbath*, seguidos por uma onda de bandas oitentistas.

Os vocais são limpos, tendo alguns vocalistas que cantam em estilo operístico. Algumas bandas mesclam vocais guturais com vozes agoniadas – herança do *Hardcore* e outras utilizam vocais mais amplos, tais como *barítonos, mezzo-sopranos e sopranos.*

As letras são um dos aspectos mais importantes no *doom metal*, sobre tudo quando se trata de bandas influenciadas pelo *death metal*. Historicamente são niilistas, incluindo temas como: perdição, ocultismo, depressão, terror, medo, dor, mitologia, ódio, amor e simbolismo

religioso (como tumbas, igrejas, sacerdotes, catedrais, cemitérios, anjos, demônios, Deus e figuras sagradas). Todos estes temas são comumente comunicados de forma poética e profunda, muitas vezes usados como críticas à sociedade e ao mundo. Estes temas são comuns nas bandas de *doom metal* em geral, com exceção dos estilos *stoner metal* (que fala sobre experiências psicodélicas, drogas e álcool) e o *sludge metal* (que aborda temas de problemas sociais e pessoais dos indivíduos). Ainda assim, as letras podem variar dependendo do estilo de cada banda ao criar a sua música.

O tema central do *doom*, no entanto, sempre foi o futuro lúgubre que aguarda todos nós. Em outras palavras, a inevitabilidade da morte. Destaque para as bandas: *Anathema, Candlemass.*

4.4.5 A Cena Punk – Música que se abre ao protesto

O movimento *punk*, de acordo com Caiafa (1989) e outros autores, surgiu na Inglaterra por volta de 1976/1977, com jovens de famílias com baixo poder aquisitivo que eram excluídos do mercado de trabalho. Com o enfraquecimento do movimento *hippie*, o movimento *punk* surge como forma de expressão de resistência e de contracultura.

A definição do contexto do *punk*, feito por Antônio Bivar[19], jornalista e escritor pioneiro na temática, vai de encontro à vida cotidiana para se fazer entender o contexto. Para Bivar (1982, p. 59):

> O punk não é uma moda louca, é a realidade. Se as pessoas estão com medo do punk, a culpa é delas, porque elas não entendem a vida. A vida diz respeito ao concreto, ao fundo do poço, gente patética, aborrecida, e um índice de desemprego mais alto do que nunca. O punk reflete a vida como ela é, nos apartamentos desconfortáveis dos bairros pobres, e não do mundo de fantasias e alienação que a maioria dos artistas cria. É verdade que o punk destruirá, mas não será uma destruição irracional, o que o punk destruir, será depois reerguido com dignidade.

A efervescência do movimento *punk* inglês vinha fazendo nascer num território dos subúrbios paulistas e cariocas, a cena que marca o cenário das metrópoles na época. Ábramo (1994) contribuiu também com a etnografia *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo*

[19] É um dos organizadores do festival *O Começo do Fim do Mundo*, marco do movimento *punk* nos anos 1980. Lança *Longe Daqui Aqui Mesmo* (1995), segundo volume de memórias sobre os anos da contracultura no Brasil. O mais importante festival de música *punk* realizado no Brasil, nos dias 27 e 28 de novembro de 1982, no SESC Pompeia (SP), que contou com a participação de bandas *punks* que fizeram história no cenário nacional e internacional, com destaque especial para Inocentes, *Olho Seco*, *Cólera e Ratos de Porão.* Morou em Londres, onde conviveu com outras personalidades da cena cultural brasileira, então exilados pela ditadura militar, como Jorge Mautner, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Leilah Assumpção. No campo da dramaturgia, escreveu outras obras premiadas como *Alzira Power* e *Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã*.

urbano de São Paulo, já na década de 1990, que ampara-se na antropologia urbana para analisar a estética juvenil, com os signos e códigos próprios de linguagem. Silva e Guerra (2015) estudam o contexto urbano contemporâneo dos grupos punks de Portugal. A autora Paula Guerra publicou também sobre a cena *punk* de alguns países da Europa, como Espanha e sobre *punks* chineses. O panorama destes autores abrange bandas, editoras, críticos, divulgadores e outros.

Outra bibliografia, que não se insere no contexto acadêmico, mas mostra de forma mais aberta um recorte da gênese do *punk*, não apenas na Inglaterra, é o livro intitulado *Mate-me por favor* (MCNEIL; MCCAIN, 2013). Os escritores Legs McNeil e Gillian McCain colheram relatos de muitos personagens conhecidos, em meio a overdoses de sexo, drogas e *rock and roll*. O autor Legs está presente também como participante. Há depoimentos de Lou Reed, Wayne Kramer, Iggy Pop, Patti Smith, Dee Dee Ramone, William Burroughs, Debbie Harry e outras figuras conhecidas (algumas falas de artistas que já haviam morrido na época, retiradas de arquivos). O período abordado vai de 1965, bem antes do CBGB[20], local de encontro no auge do movimento *punk*, até 1992, quando segue para outras segmentações e ou combinações.

[20] O CBGB é pouco mais que um bar, um palco e dois banheiros. Desde que o clube foi inaugurado em 1973, muito pouco mudou sobre o espaço físico, com uma exceção: o grafite. O clube nunca tentou impedir que seus clientes adicionassem mosaicos de tinta e lápis que literalmente cobrem cada centímetro quadrado das paredes do clube. Por mais sujas e em camadas de tinta que sejam, as paredes contêm a história do clube, dos músicos aos fãs. CBGB: Décadas de Graffiti documenta esse fenômeno com fotografias da coleção particular do fundador e proprietário do clube, Hilly Kristal, além de imagens contemporâneas. Músicos que enfeitaram o palco do clube também oferecerão lembranças sobre o grafite. A verve das letras, a bobagem apaixonada e bêbada das palavras e mensagens ecoam o poder e a inovação das inúmeras horas de música que gritaram no palco. Por mais efêmeras e fugazes que sejam essas emoções, são coisas que as pessoas desejam possuir e este livro oferecerá a oportunidade de fazê-lo. Enquanto a reputação do CBGB está enraizada na música, a música gerou uma cena que as pessoas agora associam ao clube como um espaço físico. Sem a música, não haveria clube; o mesmo que sem o clube não haveria música. Sem este livro, não haveria registro desses tratamentos gráficos da estética punk, principalmente porque o clube logo não existirá mais.
Pessoas importantes para a história da casa, como Tommy Ramone, Debbie Harry do *Blondi*e e Steven Van *Zandt*, guitarrista do Bruce Springsteen, chegaram a criar, em 2005, uma campanha chamada Save The CBGB, com o objetivo de tentar arrecadar fundos para ajudar Kristal a pagar as dívidas. Infelizmente não deu certo e uma era chegou ao fim. A casa foi o palco onde surgiram nomes como Ramones, *Blondie, Talking Heads* e *Television*. O CBGB pode ser considerado o berço do punk rock e da new wave americanos. No dia 15 de outubro de 2006, Patti Smith realizou o último show da história do CBGB & OMFUG *(Country, bluegrass, blues and Other Music For Uplifting Gormandizers*), lendário bar localizado no bairro do *Bowery*, em *Nova York.* Hilly Kristal, dono do CBGB, lutava contra o despejo desde 2005, devido à falta de pagamento do aluguel do espaço (SALYERS, HELL, 2006; BAHIANA, 2010, *online*).

Figura 7 - CBGB
Fonte: Rollingstone (2015)

Figura 8 - Banda Ramones na porta da CBGB
Fonte: Muzplay, (2020).

O surgimento do *punk* passa claramente por uma estreita ligação com a arte, com a *Factory* do artista Andy Warhol (referência na *Pop Art* e também padrinho do *Velvet Underground*, que abrigava representações artísticas como Stooges, Television, Patti Smith, MC5 e *New York Dolls*). Estabeleciam-se ali, relações estreitas de artistas e músicos que

faziam surgir manifestações que apontavam para outras propostas estéticas e novas sonoridades.

Havia também o *Max's Kansas City*, local que Patti Smith leu publicamente suas poesias, era um reduto vanguardista de Nova Iorque. De acordo com McNeil e McCain (2013), o movimento chega a Londres em 1975, através de Malcom MacLaren, que foi empresário da banda *New York Dolls*, e mais tarde criou seu próprio grupo, com uma estética inovadora, o Sex Pistols. Mas toda a estratégia era bem ligada à moda, a uma nova esfera de design.

> É interessante observar que os Sex Pistols, este ícone do punk, foi uma banda formada a partir da visão comercial - e de autopromoção - do empresário Malcolm McLaren, dono de uma loja de roupas, Sex, em Londres, inspiradas nos acessórios das práticas sadomasoquistas. Apenas o guitarrista Steve Jones e o baterista Paul Cook já se conheciam e tocavam juntos esporadicamente. Apesar disso, a banda conseguiu lançar um disco muito significativo para a estética punk, Never mind the bollocks (Virgin Records UK/Warner Bros. USA, 1977), cujo prestígio se mantém até os dias de hoje entre os fãs. McLaren era casado com a estilista Vivienne Westwood, figura central na criação da estética visual punk, incluindo o aproveitamento de sucata como item de vestuário. (AZEVEDO, 2009, p. 108).

A vestimenta *punk*, com seus adereços de metal, grande parte, *spikes* pontiagudos, o uso de roupas de couro, era a novidade de uma nova possibilidade de referência de criação, inclusive para outros estilistas pelo mundo. Mas, o contexto do *punk* não parava por aí, tinha um cenário bastante complicado, que favorecia a necessidade de alternativas de modos de vida e discursos de uma parcela significativa de jovens da época.

Figura 9 - Banda *Sex Pistols*
Fonte: Mondo (2019).

Na Inglaterra, o desemprego e a ausência de novas perspectivas da juventude foi o gatilho para o surgimento de um novo estilo, uma nova ideia de estética, que faz nascer o som perfeito para uma nova forma de protesto. O bairro londrino *Candem Town*, era conhecido como o berço do movimento *punk*. No final da década de 1970, as bandas The *Clash e Sex Pistols* se reuniam nos estúdios e bares deste bairro para compor, ensaiar e fazer shows.

Figura 10 - *Candem Town*
Fonte: João (2020).

A maioria das bandas de *punk* dos Estados Unidos não vingou. O *punk* inglês encontrou destaque no seu visual, nos seus protestos, ganhou capas de revistas, manchetes de jornais e televisão. "Os principais adeptos eram os jovens filhos de operários das periferias de Londres e de algumas cidades da América do Norte que sob os governos Tatcher e Reagan viram suas expectativas de vida frustradas." (GALLO, 2010, p. 287).

A palavra *punk* teve significados diversos na visão da sociedade tradicional, foi traduzido para *madeira podre utilizada para acender fogo*, ou *vagabundo de pouca idade*, e até mesmo como *lixo*. Consideradas *sujas*, *rebeldes* e *perigosas* ou, em inglês arcaico, *prostitutas* (GALLO, 2008; VIANNA, 2010). Neste caso, pessoas sem valor, rejeitadas. O *punk* até os dias de hoje é visto como a escória da sociedade, e o que é rejeitado pelas instituições e padrões convencionais. Gallo (2008, *online*) reforça aqui esse estereótipo:

> A estética punk que privilegia o sujo, o escuro, a violência, visa representar o produto mais puro da civilização moderna enquanto dejeto. O mundo em que vivemos, então, é experimentado como distopia. Não há felicidade, nem futuro, e ao contrário do que cultivavam os hippies na sua esperança pela harmonia vindoura, o punk adere à revolta, ao desespero e à tristeza profunda como marcas distintivas.

O movimento *punk* se espalhou por outros centros urbanos como Berlim, e outros centros urbanos da Europa, e depois foi chegando a São Paulo por volta de 1978, com jovens do subúrbio e/ou ligados ao movimento sindicalista do ABC paulista.

No Brasil, o registro de primeiros estudos sobre o *punk* foi do jornalista e escritor Antônio Bivar, que se iniciou na década de 1970. Bivar publicou o livro *O que é punk?*, da coleção Primeiros Passos, que descreve a gênese do movimento *punk* (GALLO, 2010).

O surgimento do *punk* no Brasil ocorre em meados de 1977, na cidade de São Paulo e proximidades. Em seguida, influenciou jovens do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Rio Grande do Sul e outros estados. Mas de acordo com Bivar (1982), Caiafa (1989), Gallo (2008) e Silva e Guerra (2015), o *punk* se firmou nos anos de 1980, na perspectiva ideológica. Para Gallo (2010, p. 289), o surgimento não foi apenas cópia de protestos gerais, mas de viés político numa perspectiva mais local, no caso do Brasil, a ditadura, das perseguições e "criminalização pela imprensa e pela mídia".

A cena *punk underground* no Brasil começa nos subúrbios das cidades de São Paulo. Grupos como o Cólera, Os Inocentes, Ratos de Porão e Olho Seco passaram a se organizar na virada da década de setenta para a oitenta. O primeiro álbum da Banda Ratos de Porão foi "Crucificados pelo Sistema (1984), lançado pela gravadora New Face Records, e um álbum de destaque foi "Brasil", lançado em 1989, pela gravadora Eldorado. A capa, desenhada pelo quadrinista Marcatti[21], denunciava os problemas sociais do país: a miséria, a violência e outros.

Figura 11 - Capa do álbum Crucificados Pelo Sistema (1984), Banda Ratos do Porão
Fonte: Discogs (2020).

[21] Francisco A. Marcatti Jr. é um cartunista brasileiro, representante do quadrinho *underground* no Brasil.

Figura 12 - Capa do álbum Brasil (1989), da banda Ratos de Porão
Fonte: Farias (2019).

Bem depois do seu reconhecimento com o punk, vocalista da banda, João Gordo[22], ficou conhecido na mídia por programas de Televisão na MTV e outros. A Banda Ratos do Porão se tornou bastante conhecida na cena de São Paulo e, também, nacionalmente.

Esse contexto do *punk* paulista, de acordo com Ruy (2014), é retratado no Documentário Botinada, produzido pelo jornalista Gastão Moreira. O documentário retrata o surgimento de *punk* no Brasil. Esse movimento surge com jovens da classe operária, por volta da segunda metade da década de 1970, principalmente na Vila Carolina, na zona norte de São Paulo, próxima ao Bairro do Limão e a Freguesia do Ó, bem na periferia paulistana, local cercado por fábricas e comércio popular (RUY, 2014).

[22] João entrou para a banda Ratos de Porão em 1983. Seu primeiro show com o grupo foi na PUC de São Paulo em julho de 1983. Em 1996 começou carreira de apresentador na MTV Brasil. Já comandou os programas *Suor, Garganta e Torcicolo*, *Gordo Pop Show*, *Gordo on Ice*, *Gordo a Go-Go*, *Piores Clipes do Mundo*, *Gordo Freak Show*, *Gordo à Bolonhesa*, *Fundão MTV*, *Gordoshop* e *Gordo Visita*. (NADAPOP, 2016).

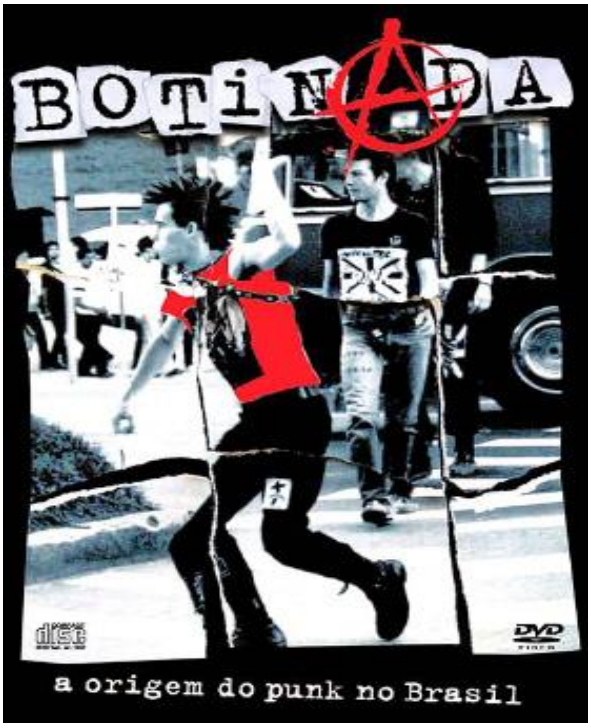


Figura 13 - Documentário Botinada, produzido pelo jornalista Gastão Moreira, em 2006
Fonte: Ruy (2014)

Ariel[23], um dos 77 entrevistados no documentário Botinada, foi fundador da Banda Restos de Nada, ex-membro do Inocentes e líder do Invasores de Cérebros. O músico tem um legado histórico na música paulistana é um dos primeiros *punks* do Brasil, o pioneiro, que enfrentou o período pesado da ditadura, não era fácil ser punk, sofrendo diversas perseguições, não somente pela vestimenta, cabelos diferentes, mas pelo ideal a seguir, pelo movimento de resistência contra injustiças sociais e imposições do governo. O diálogo com o anarquismo era pautado em "destruir tudo para depois construirmos com dignidade" (fala do Zorro, banda Invasores de Cérebos, Ex M-19, Documentário botinada, 1:56)

Ariel explica o nascimento do punk, afirmando sobre cultura da resistência, que havia duas escolhas: ser como os pais ou ir contra o sistema que nos sujeita a triste realidade. Sua esposa, há mais de 30 anos, Tina Ramos[24], levou a minissaia para a cena punk, enfrentou

[23] Ariel Invasor, lenda do *punk* de São Paulo. Participou do início do movimento *punk* em SP e permanece até os dias de hoje na cena *underground*. Fundador das Bandas Restos do Nada e Invasores de Cérebro ex-membro da banda Inocentes. Foi um dos 77 entrevistados no Documentário Botinada, do jornalista Gastão Moreira, atual apresentador dos Programas sobre *heavy metal e punk*, Gasômetro e Cazagastão (NADAPOP, 2016).

[24] A janela da casa na Freguesia do Ó, zona oeste de São Paulo, é a única pista de que ali, naquela rua calma, mora o punk brasileiro, ou boa parte do que o movimento representou. Adesivos de bandas e selos de punk rock colados no vidro fazem com que a reportagem da *Tpm* pense: "Deve ser aqui". Quem atende a porta é Tina Ramos, 50 anos, conhecida como Tina Punk (o apelido "Tina" ela ganhou na adolescência, quando tinha o cabelo comprido como o da personagem de Mauricio de Sousa; o nome dela é Rosineide), acompanhada de Ariel Liana, seu marido há mais de 30 anos e vocalista do Restos de Nada, banda icônica do movimento (LEMOS, 2013, *online*).

brigas de rua (a cena de São Paulo tem até hoje muitos grupos rivais, incluindo grupos neonazistas) e lutou pelo movimento. Em uma reportagem da Revista *Trip* (LEMOS, 2013), Tina conta como era ser mulher e punk na época.

> Tina Punk era uma das poucas meninas do movimento e, com os marmanjos, encarava também as gangues. “Eu era da gangue da Vila Carolina”, diz Ariel. “E a grande briga sempre foi entre os punks do ABC e os punks do subúrbio. Era briga por espaço. E esse espaço era o centro da cidade.” Tina, na época, era respeitada por todas as gangues. Mas as coisas pioraram na metade dos anos 80 com a chegada dos carecas, grupo que propagava ideias neonazistas e o white power, trazendo para a cena os canivetes, os revólveres e a intolerância. “Eles surgiram como uma gangue para acabar com os punks e aos poucos foram ficando ideologicamente de direita, com aquelas ideias horríveis de bater em gay e em nordestino”, diz Tina (LEMOS, 2013, *online*).

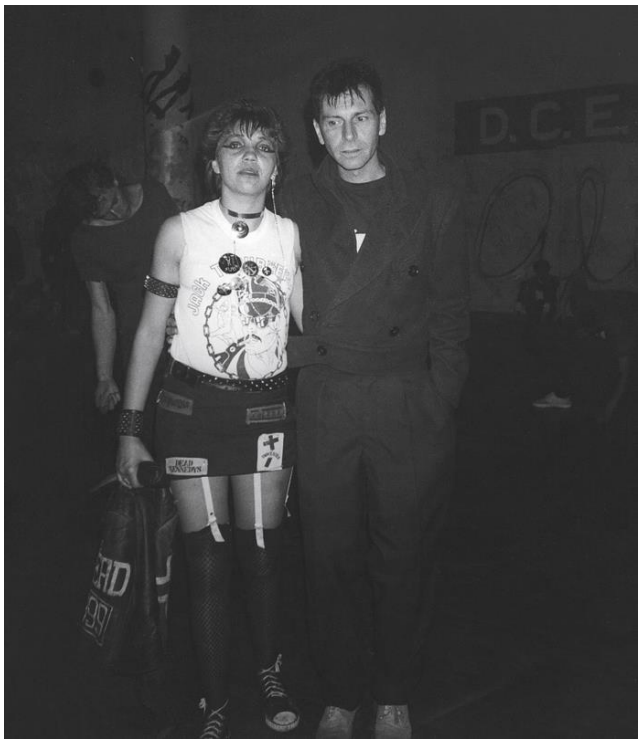


Figura 14 - Tina Punk e Ariel Liana
Fonte: Lemos (2013)

Figura 15 - Punks de São Paulo
Fonte: Ruy (2014).

Por outro lado, apesar de serem vistos como desordeiros, recusados pela mídia e pelo mercado, mantêm um sistema de comunicação próprio e artesanal de *flyers*[25] e *fanzines*[26], criam *gigs*[27] de bandas montadas sem aparato tecnológico, criam seus figurinos originais, tocam um som bruto, sem lapidações e as batidas mais rápidas e ou cadenciadas.

As cidades contemporâneas são cenários de ocupação dos *punks*: cabelos moicanos, roupas rasgadas, brincos, tatuagens, pinturas faciais. Eram vistos pelos grupos mais hegemônicos como uma afronta às convenções sociais. E atualmente, sua postura libertária. As identidades punks se configuram em contextos macro e micro, com um protagonismo tanto de territórios, bem como de seus próprios produtos culturais. Para Silva e Guerra (2015, p. 15),

> O *punk* é uma cena local, virtual, global e translocal. É uma matriz de ligação entre diferentes protagonistas: bandas, editoras, promotores, críticos, divulgadores, os consumidores, os fãs; e os recursos e meios, como os discos e outros registos fonográficos, os concertos e outros eventos, os bares, as caves, as salas e outros espaços, os jornais, os fanzines, as lojas de roupas, os acessórios e os discos, as ruas e as feiras, as plataformas físicas e digitais… Esta estrutura tem uma espacialidade e uma territorialidade, inscreve-se num meio social (físico ou, mais ultimamente, virtual), potenciando economias de aglomeração e escala.

[25] Flyers são folhetos com informações sobre bandas, divulgação de shows e eventos, fanzines.
[26] Os fanzines surgiram na década de 1930, nos Estados Unidos, com as publicações de ficções científicas. O termo fanzine é derivado da junção dos termos dos termos ingleses fantastic e magazine e, em síntese, tornou-se magazine de fã (MAGALHÃES, 1993; PRADO, 2016).
[27] *Gigs* são apresentações de bandas, sem finalidade de lucro, mas com o intuito de trocas de experiência e diversão, em busca de recursos coletivos (MAGALHÃES, 1993; PRADO, 2016).

Figura 16 - Festival O começo do fim do mundo, Sesc Pompéia
Fonte: Ruy (2017).

Como a intenção deste trabalho engloba a *cena underground*, é necessário considerar, além das bandas de *heavy metal*, as bandas de *punk* que movimentam um circuito alternativo de cultura. Abro aqui, neste estudo, um desafio de pesquisar um universo novo que até então ainda não fora explorado anteriormente na minha trajetória acadêmica: o *punk*. Apesar de não divulgados na mídia, é possível encontrar esse gênero em shows ou eventos relacionados pela cidade. No recente contato com o Movimento BH Caos, de BH, percebe-se um ambiente favorável para muitas discussões acadêmicas, não somente no âmbito da música e do lazer, mas também de elementos estéticos e políticos que envolvem a cidade e seus problemas, bem como os efeitos do neoliberalismo e dos processos excludentes advindos da globalização.

Esses desdobramentos são indispensáveis para o estudo das identidades a partir das linguagens e da teia de relações que constituem.

A batida rápida do *punk* não é apenas barulho, é um emaranhado de discursos, corpos em movimento e mudanças constantes, identidades que não permanecem as mesmas, e principalmente, as tensões da luta dos que não querem pertencer a um processo civilizatório rápido, impregnado no seio das instituições, trabalho, família, escola, religião. A construção das identidades *punks* também perpassa essa complexidade, na luta pelo direito à escolha de novas formas de sobrevivência e manifestação. Para Campoy (2010, p. 245), essa luta, que ele mesmo nomeia "guerra simbólica" na cidade, se encontra no centro desses processos de identidades.

> Eles acharam seus verdadeiros selves se afastando de falsos fluxos centrais. Eles se acharam em um submundo onde concebem um fluxo do tempo como menos civilizatório e fragmentado, mais atávico e total, sincronizado com seus verdadeiros para si (CAMPOY, 2010, p. 282).

5 A CENA METAL E PUNK DE BH DIVIDIDA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Belo Horizonte é para muitos denominada *a capital do metal do Brasil*, de acordo com relatos do Documentário *Ruído das Minas*[28]. Mas, de acordo com Jannotti Júnior (2004, p. 36), "o metal já possuía cenas espalhadas por todo país", referindo-se à banda Stress[29], de Belém-Pará.

Pode-se afirmar que a cena de BH cresceu a partir da década de 1980. O ponto marcante, com os primeiros sinais de heavy metal foi com o início da banda Sagrado Inferno, no Bairro Sagrada Família, e posteriormente da Banda Sepultura, no Bairro de Santa Tereza (que serão apresentadas a seguir). Outras bandas importantes foram surgindo em outros bairros.

A cidade de BH relatada no documentário, um perfil de cidade conservadora, alinhada com valores do regime militar da época, famílias com formatos tradicionais em sua maioria. Nasce ali nos anos 1980, um movimento de jovens que buscam e compartilham discos, fitas cassete do gênero musical heavy metal, um material bem restrito para a época, muitas vezes vindo do exterior, buscados em São Paulo, e de acordo, com relatos, havia figuras muito conhecidas, que foram os primeiros divulgadores desse material, como o músico Roberto Ufo[30], que hoje é chamado de *pai do metal em BH*, por pertencer à primeira geração destes jovens que trouxeram e criaram material autoral de *heavy metal* para Belo Horizonte. Estes jovens, chamados de *headbangers*, e de forma mais popular, metaleiros, por causa dos adereços que usavam, como cintos, braceletes e colares de metal, usavam cabelos compridos, roupas pretas. A cidade se dividia ali em uma parte dominante hegemônica e outra marginalizada, de acordo com os relatos do documentário Ruído das Minas. Eram vistos como satanistas, bêbados, drogados, vagabundos, muitos passavam por várias revistas pela polícia num

[28] Resultado de um trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social na UFMG, o *Ruído das Minas* é um documentário que narra os *primórdios da cena Heavy Metal* da capital mineira e que causou grande repercussão, sendo exibido inclusive na MTV. Conta com depoimentos das bandas *Witchhammer, Sextrash, Overdose, Chakal, Holocausto*, o clássico *Sarcófago* e, óbvio, o *Sepultura*, que foi nosso baluarte mor na ascensão do *metal brasileiro* e, queiram alguns ou não, é nossa banda mais lembrada lá fora. Seus realizadores, *Filipe Sartoreto*, Gracielle Fonseca, Rafael Sette-Câmara e Leandro Lima, disponibilizaram o download do documentário na íntegra, bem como a capa do mesmo em resolução max, o que anula totalmente os fins lucrativos da produção. Filipe, o mentor do projeto, planeja o lançamento do material em DVD (RUÍDO, 2010, *online*).

[29] A banda começou na cidade de Belém, capital do Pará, em outubro de 1974. A importância da banda paraense Stress para cena nacional é irrefutável, pois esta foi a primeira a registrar um álbum de *Heavy Metal* no Brasil. O início desta história se volta ao longínquo ano de 1974, quando Wilson Motta e Pedro Lobão – dois colegas de um clube de natação de Belém (PA) – perceberam que tinham algo em comum, o Rock. O cenário do Rock brasileiro da década de 70 possuía bandas de várias vertentes, indo do Hard Rock, *Glam Rock*, *Rock* Progressivo e Psicodélico ao puro e básico *Rock And Roll* (BATALHA, 2017).

[30] Foi integrante das Bandas Sagrado Inferno, Sepultura, Sarcófago e Calabouço. História completa na Entrevista no canal *MG Metal Warriors* (Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=j6nHIbYo518).

mesmo dia, era a imagem do mal para uma sociedade conservadora da época, incluindo o discurso político dos dias atuais.

Trazendo para a visão cultural, muitos destes jovens deixaram de ser apenas consumidores de material de bandas do exterior, para serem criadores de material original, muitos reconhecidos internacionalmente, como a banda Sepultura, *Overdose, Kamikaze, Sarcófago, Witchhammer*, e outras. A Rádio Terra FM[31] e a Gravadora Cogumelo[32] marcaram o cenário metal de Belo Horizonte. A Rádio Terra, tocando os lançamentos das bandas locais e a cogumelo, atuando como gravadora e na divulgação das bandas.

Figura 17 - Banda Sepultura
Fonte: Cliff (2017).

Uma pesquisa muito relevante, relacionada à questão espacial do *heavy metal*, intitulada *Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal em Belo Horizonte nos anos 1980***,** foi realizada por pesquisadores Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais (CALAÇA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018). O trabalho analisou como ocorreu o processo de territorialização relacionado a distintos grupos identitários

[31] Rádio Terra FM, voltada para a divulgação de músicas do gênero *heavy metal* e afins. Era sintonizada na frequência 99,9 FM. Fazia programas específicos, como *O rock que a Terra não esqueceu*. Recentemente, a rádio foi retomada num link de web rádio em rede social do usuário Cláudio Terra, apontando para uma possível volta da rádio convencional.

[32] *Cogumelo Records* (também conhecida como Cogumelo Discos e Fitas e Cogumelo Produções) é uma gravadora independente brasileira de Belo Horizonte, Minas Gerais, fundada em 1980, originalmente como uma loja de discos especializada em rock. Cinco anos depois se transformou num selo fonográfico para o lançamento do álbum split *Bestial Devastation / Século XX* entre Sepultura e Overdose (COGUMELO, 2019, *online*).

vinculados ao gênero musical intitulado heavy-metal, no contexto da Belo Horizonte da década de 1980.

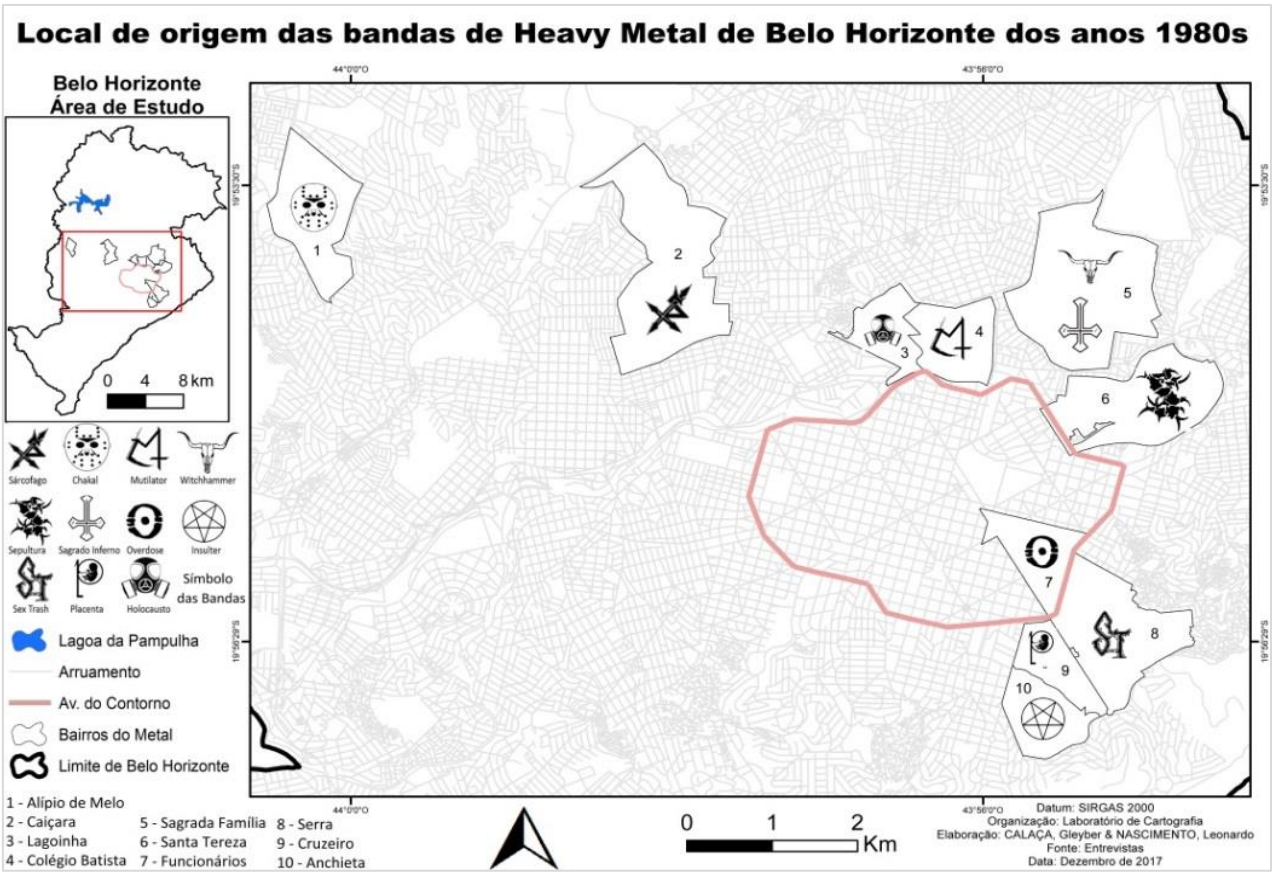


Figura 18 - Origem das bandas de Heavy Metal em BH
Fonte: Calaça, Nascimento e Diniz (2018).

Utilizando siglas e legendas, Calaça, Nascimento e Diniz (2018) destacam na Fig. 18 os bairros onde nasceram as bandas mais conhecidas, referências estas onde moravam integrantes ou aconteciam ensaios como *Chakal* (Bairro Alípio de Melo), Sarcófago (Bairro Bonfim, Próximo ao Caiçara), Holocausto (Bairro Lagoinha), Banda *Mutilator* (Colégio Batista), *Witchhammer* e Sagrado Inferno (Bairro Sagrada Família), Banda Sepultura (Bairro Santa Tereza), Banda Overdose (Bairro Funcionários), Banda *Sex Trash* (Bairro Serra), Banda Placenta (Bairro Cruzeiro), Banda *Insulter* (Bairro Anchieta).

As mulheres também participam dessa lista de bandas: a banda Placenta[33], formada apenas por mulheres, na ativa entre 1985 a 1987, do subgênero thrash metal, gravou a demo *Madness in bus*, em 1997 (CALAÇA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018). Suas temáticas eram

[33] Mais informações sobre a banda, em: https://www.metal-archives.com/bands/Placenta/12388.

álcool, política e satanismo. A banda feminina de *trash metal* Prepúcio[34], formada em 1986, gravou a demo *Rehearsal* em 1988. Apesar de a cena ser bem masculina, a presença das mulheres é destaque e retratada no *Documentário Mulheres no Metal*, abordado em matéria do Jornal Estadão (MOREIRA, 2013). Outra mulher importante a ser lembrada na cena foi Ismar Tupinambá, que não tocou em bandas, mas marcou presença nos primeiros shows da banda Sepultura e outras bandas da época, inclusive internacionais que vinham tocar na cidade. Ismar continua por muitos anos. Ela fez história como personagem da cena e fã incondicional de bandas de *heavy metal* (BHAZ, 2017).

O mapa apresentado na Fig. 17 foi extraído do trabalho de Calaça, Nascimento e Diniz (2018), artigo foi ancorado nos conceitos de Magnani (2008) sobre circuito, mancha e pedaço, para descrever a territorialização do movimento *heavy metal* na cidade de BH. Analisando os mapas que construíram, os autores da pesquisa afirmam que:

> [...] O circuito o heavy-metal apresentava vasta gama de territórios, que cumpriam múltiplas funções, reforçando como destaque uma distribuição aglutinada na parte central de Belo Horizonte e seus arredores imediatos. Pedaços, trajetos e manchas já receberam análises nos mapas anteriores, mas alguns comentários complementares podem ser postos tendo em vista a sobreposição das suas espacialidades. É notório o quanto os trajetos lembrados pelos entrevistados articulam os pedaços e os locais de shows. O momento de uma apresentação de heavy-metal era, possivelmente, quando os headbangers faziam a maior interação entre os pedaços, criando uma espécie de network. Talvez fosse ainda o instante que os adeptos do gênero se permitiam percorrer as maiores distâncias, à fim de assistir outros grupos. (CALAÇA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018, *onlin*e).

Além desse movimento inicial de bandas de *heavy metal* autorais, Calaça, Nascimento e Diniz (2018) descrevem marcos iniciais desse movimento da cena metal, BH recebeu bandas conhecidas mundialmente, como a Banda *Kiss*, em 1983. Mesmo com protestos de grupos religiosos na porta do Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão, o show teve presença de milhares de fãs. A cidade, até então, nunca tinha visto algo parecido.

[34] Mais informações sobre a banda, em: https://www.metal-archives.com/bands/Prep%C3%BAcio/12389.

Figura 19 - Banda Kiss no Estádio Mineirão em Belo Horizonte
Fonte: Peixoto (2015).

Em seguida, BH recebeu bandas como *Exciter* e *Venon*, em 1986. Tais shows foram influências para os jovens e também para trabalhos das bandas. A distorção do som, ainda que a banda *Kiss*[35] seja classificada como banda de *hard rock*, para muitos especialistas em música e pesquisadores do *heavy metal*, foi a porta aberta para outros sons mais pesados e para gerar interesse de procura por outras bandas, propriamente de heavy metal.

A seguir, apresenta-se um recorte regional de BH, destes primeiros sinais na cena a cidade.

5.1 Porta da Cogumelo: Anos 80

A Gravadora Cogumelo assume um papel importante quando se diz que BH é a capital do *heavy metal*. A gravadora e loja completou, em 2020, 40 anos de existência. A Cogumelo foi criada pelo casal Pat Pereira e João Eduardo, em 1981. Havia duas lojas, uma na galeria do Edifício Tratex, na Rua Rio de Janeiro, e outra na Avenida Augusto de Lima, esquina com Rua Rio de Janeiro, no centro de Belo Horizonte. Esta última tornou-se ponto de encontro de jovens que gostavam de rock, tanto dentro da loja comprando discos, demos, fitas camisetas e outros acessórios, como por fora da loja da Avenida Augusto de Lima, para ouvir o som que

[35] Kiss é uma banda do estilo *hard rock*, formada em 1973, em *Nova York*, por Paul Stanley e Gene Simmons. A banda recebeu 28 discos de ouros com cerca de 100 milhões de álbuns vendidos pelo mundo. Conhecida mundialmente pelas maquiagens, e por seus shows que incluem guitarras esfumaçantes, pirotecnias e outros efeitos (KISS, 2020).

vinha lá de dentro, e exibição de vídeos aos sábados, como relata o documentário Ruído das Minas (RUÍDO, 2010).

Em 1985, a Cogumelo torna-se também uma gravadora independente, lançando um *split* com duas bandas da cena mineira: Overdose e Sepultura. O disco *Século XX/Bestial Devastation* fez com que o selo Cogumelo ficasse conhecido entre os fãs e a mídia.

Quando a Cogumelo completou 30 anos, foi lançado um livro, com o próprio selo, *Cogumelo 30 anos*, com apoio da Prefeitura de BH. Esta obra reúne todas as capas e descrições dos álbuns lançados até o ano de 2012. Fotos com capas dos discos, dos recortes de revistas, jornais, textos dos criadores do selo Cogumelo e do conhecido jornalista e crítico musical Arthur G. Couto Duarte (DISCO, 2013).

No ano de 2020, a gravadora completa 40 anos dedicados ao *heavy metal* e todo o segmento de música denominada extrema autoral.

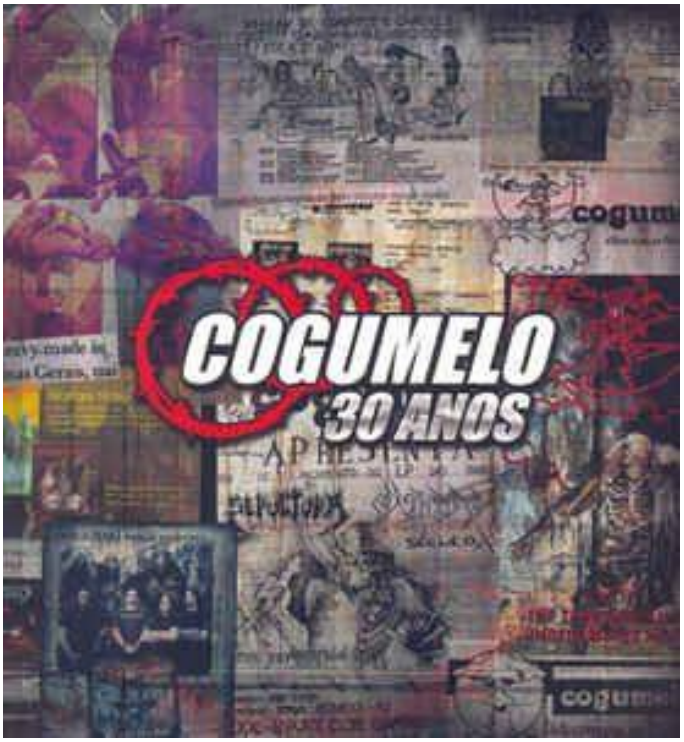
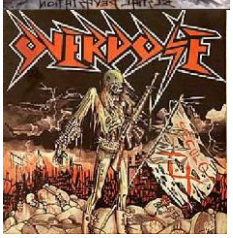
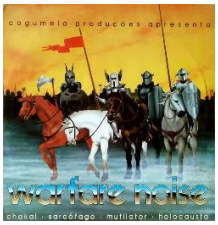
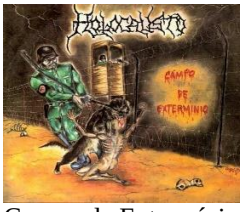
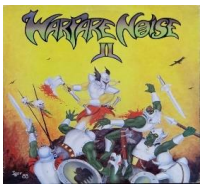


Figura 20 - Capa da publicação Cogumelo 30 anos
Fonte: Disco (2013).

Figura 21 - Página da Revista Bizz, edição 68, março de 1991
Fonte: Disco (2013).

As capas dos discos ganhavam trabalhos artísticos de grande reconhecimento, com a arte de Kelson Frost, Jimmy Leroy, Gavião, com trabalhos gráficos de Jim Lee e Ibsen Otoni. O livro-catálogo tem a parte da década de 1980, chamada de *os anos do metal*, que relata o início e o crescimento rápido da Cogumelo, depois do lançamento dos discos *Morbid Visions* e I.N.R.I. (DISCO, 2013).

Quadro 2 - Principais ábuns lançados pela Gravadora Cogumelo de 1985 a 1991

1985	1986	1987	1988	1990	1991
 Bestial Devastation – Sepultura e Overdose	Morbid Visions- Sepultura  Warfaire Noise- Coletânea EP Kamikaze- Machado de Guerra	Schizophrenia- Sepultura Inri- Sarcófago Immortal Force- Mutilator  Campo de Extermínio – Holocausto Abominable Anno Domini- Chakal	 Warfaire Noise- Coletânea The first and the last- Witchhammer	Mirror, my mirror- Witchhammer	The laws of scourge- Sarcófago

Fonte: elaborado pela autora.

A Cogumelo também reuniu bandas de *heavy metal* de BH para lançar álbuns: *Bestial Devastation* é o *Extended Play* (EP) de estreia da banda brasileira de metal Sepultura. Foi lançado em 1985 pela gravadora. O álbum tinha um diferencial, pois o outro lado era ocupado

pelo lançamento da banda Overdose, chamado Século XX. *Warfare Noise* foi lançado em 1986. O álbum apresenta quatro bandas brasileiras de *heavy metal*: *Chakal, Mutilator*, Sarcófago e Holocausto. O ano de 1987 foi também bem produtivo, sendo lançados os álbuns: Campo de extermínio, da banda Holocausto; *Immortal force*, da banda *Mutilator* e *Abominable Anno Domini*, da banda Chakal. O álbum *Warfare Noise* II também foi lançado pela Cogumelo *Records*, em 1988. Este, com as bandas *Witchhammer, Mayhem, Megathrash* e *Aamonhammer*. Foram 31 discos lançados até 1990.

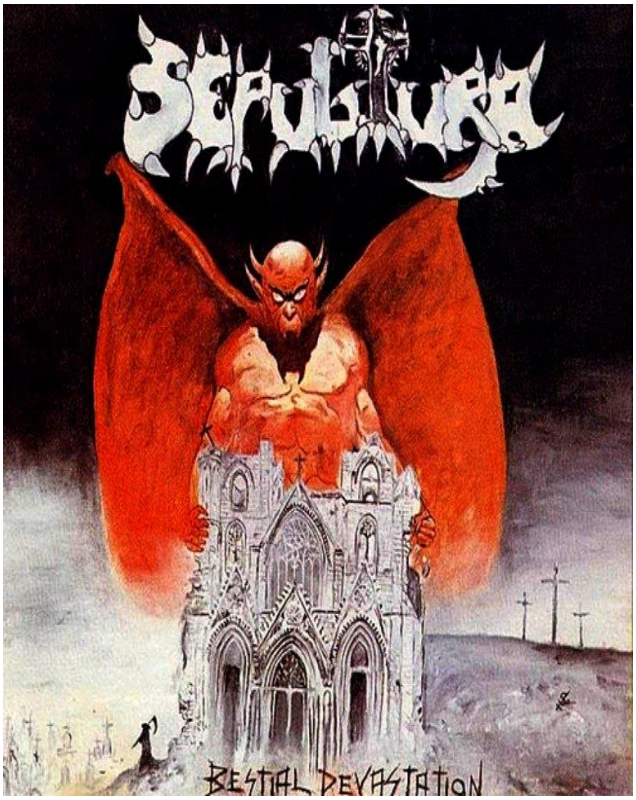


Figura 22 - Capa do EP Bestial Devastation, banda Sepultura (Dezembro de 1985)
Fonte: Sepultura (2019) (Ilustração de Sérgio Oliveira).

Figura 23 - Capa do álbum Warfare Noise (Cogumelo Records, 1986)
Fonte: Brown (2015).

Figura 24 - Álbum Morbid Vision, Banda Sepultura (Cogumelo Records, 1986)
Fonte: Sobreira (2017).

Figura 25 - Capa do álbum INRI, da banda Sarcófago (Cogumelo Records, 1987)
Fonte: Azevedo (s.d.).

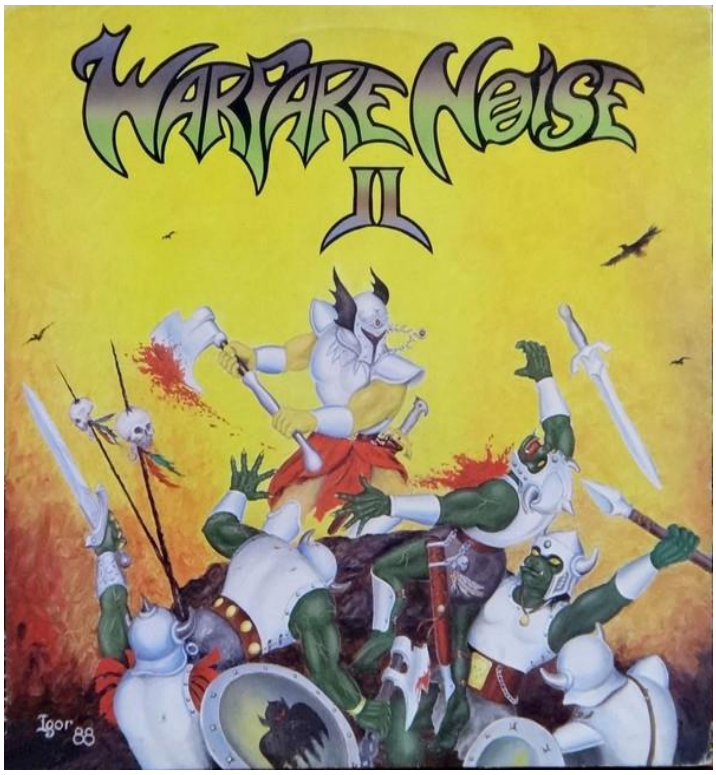


Figura 26 - Capa do álbum Warfare Noise II (Cogumelo Records, 1988)
Fonte: Discogs (2020a).

Figura 27 - Capa do álbum You really big, da banda Overdose (Cogumelo, 1989)
Fonte: Discogs (2020c).

Figura 28 - Capa do álbum Mirror My Mirror, da banda Witchhammer (1990)
Fonte: Discogs (2020c).

A outra parte do livro, a década de 90, intitulada *os anos da queda*, quando a gravadora investiu em segmentações musicais fora do *thrash/death* que marcou os anos 80. Foi nessa década que a Cogumelo lançou mais bandas de *black metal*, como *Amen Corner*, Sarcófago (que até então seria destaque o terceiro e conhecido álbum da banda, *The Laws of*

scourge, ano 1991; a banda viajou pela Europa e América do Sul), *Murder Rape, Akerbeltz, Murder*. Lançaram assim, 82 discos até o ano 2000. Nesse meio, alguns álbuns fora do segmento do *heavy metal*, também foram lançados, com pouca adesão (DISCO, 2013).

Figura 29 - Capa do álbum *The laws of scourge,* da banda Sarcófago (Cogumelo 1991)
Fonte: Fonte: Discogs (2020d).

Os anos 2000 receberam o nome *O novo milênio - o metal sobrevive* e demonstram uma fase de recuperação e inovação do *heavy metal* nacional: lançamentos de bandas como *Drowned, Hammurabi* e Sarcasmo. E a volta de algumas já conhecidas, como *Kamikaze, Witchhammer e Cirrhosis*. Foram apenas 38 discos lançados no período entre 2000 e 2012, com alguns relançamentos e tiragens. (DISCO, 2013).

O local da loja Cogumelo se tornou um marco da memória do *heavy metal* na cidade de BH. Na década de 1980 era o lugar onde os *headbangers* se reuniam para ouvir um som, ver vídeos aos sábados ou no fim do expediente de trabalho ao anoitecer. Se alguém olhasse de cima, uma visão aérea, o lugar era marcado por uma mancha negra, por causa da vestimenta dos frequentadores da loja que ficavam ali na porta, não somente para comprar discos, camisetas, e outros, mas para encontrar com pessoas que tinham gostos em comum. Um público mais restrito, que gostava de ouvir ou tocar, surgiam as primeiras bandas de *heavy metal* em BH. O apoio dos proprietários, Pat Pereira e João, da loja que se tornou gravadora, contribuiu para o reconhecimento internacional de bandas como o Sepultura. A

gravadora Cogumelo completou, em 2020, 40 anos de história, trilhando a cena *heavy metal* e *punk* de BH.

Figura 30 - A autora da pesquisa com Pat e o João: 40 anos da Gravadora Cogumelo
Fonte: acervo pessoal da autora (2020).

5.2 Sagrada Família, um bairro feito de pessoas do metal: Banda Sagrado Inferno e *Witchhammer*

Em 1983, no Bairro Sagrada Família, surgia a banda Sagrado Inferno, pioneira no *heavy metal* brasileiro. Seus primeiros integrantes foram: Dilsinho (guitarra), Marquinhos (baixo), Silvinho (guitarra), Rogério (vocal) e Ronaldo (bateria). Passou também pela banda,

o baixista Fernando Pazzini, que mais tarde, passou a tocar na Banda Overdose e Beto Roncaferro, baterista, que morava em Santa Tereza, já falecido. Gravaram apenas um EP com três músicas: Vida Macabra (que se tornou um hino do metal mineiro, e fora interpretada em shows por bandas importantes da cena de BH, como *Witchhammer*), Perseguição e Sagrado Inferno. O nome Sagrado Inferno, de acordo com relatos de Roberto Ufo, que foi também integrante da banda, a parte sagrado tinha boa intenção de idéias, e a parte da palavra inferno não tinha a intenção satânica, a princípio, ela se referia a um som pesado, bem infernal, no sentido de agitado. Diferente da intenção da vertente *black metal*, de alusões satânicas, o nome buscava a sonoridade pesada.

A banda retorna depois de mais de 30 anos, desta vez, com Marquinhos na bateria e seus dois filhos, Markin (Vocal e guitarra) e Lucas (baixo). Foi num dos eventos da Molduraria Enquadros, no Bairro Bonfim, onde acontecem os shows do Coletivo *Metalpunk Overkill* (relatado em seguida, ainda neste capítulo) que aconteceu o primeiro show de retorno da Banda Sagrado Inferno, já citada anteriormente. Marcos Rodrigues, baixista na época da formação original, depois de mais de mais de 30 anos, retorna tocando com os dois filhos (hoje como baterista), Markin (vocal e guitarra) e Lucas (baixo). Relembraram o hino do metal mineiro Vida Macabra e Sagrado Inferno. Em 2019, a banda assinou um contrato com a Cogumelo *Records*. E o primeiro fruto dessa união foi o lançamento do álbum de estreia do grupo, intitulado *Bíblia do Diabo*, em julho do mesmo ano (SEPULCHRALVOICE, 2019b).

Figura 31 - Capa do álbum Bíblia do Diabo, Banda Sagrado Inferno (Cogumelo, 2019)
Fonte: Sepulchralvoice (2019b).

Em 2020, a Banda Sagrado inferno lança a música *Sua doença não tem cura*[36], em meio à pandemia de Covid 19, fazendo uma crítica da sociedade como refém do capitalismo.

A banda Witchhammer tem uma relação estreita com a banda Sagrado Inferno. Já tocou a música *Vida Macabra*[37] num show BH *Metal Forces* debaixo do Viaduto Santa Tereza. Este show foi um marco na cena *underground* de Belo Horizonte, pois retoma as origens dos primeiros sinais do som *heavy metal*.

WitchHammer é uma banda de *Thrash Metal* do BH, formada por Casito (vocal e baixo), Paulo Caetano (guitarra e vocal), Rogério Sena (guitarra solo) e Teddy (baterista). Gravou em 1987 a coletânea *Warfare Noise II*, na qual a banda participou, a convite da Cogumelo, com as faixas *Weekend In Auschwitz* e *Degradation Process*. Esta coletânea também teve a participação das bandas Mayhem, Megathrash e Aamonhammer. No ano seguinte, gravou o primeiro álbum somente da banda, *The first and the last*. Em 1990 o segundo álbum foi lançado: *Mirror, My Mirror*. O álbum teve a participação da cantora lírica Sylvia Klein, resultando numa fusão de estilos inovadora na época. Teve ótima avaliação e foi muito bem recebido pelo público da cena metal. O terceiro álbum da banda, *Blood On The Rocks* foi lançado em 92. Em 1995, a banda se separou e voltou em 2001 (WITCHHAMMER, 2010). Em 2006, gravou *Ode to Death*, já com um novo integrante, o guitarrista Rogério. E, em 2018, o álbum *The first and the last*, uma edição comemorativa de 30 anos do primeiro álbum da banda.

O documentário *Somos feitos de pessoas*[38], dirigido por Richardson Pontone, relata a história da banda, que foi formada por volta do ano de 1986 (MG METAL WARRIORS, 2019).

5.3 Santa Tereza: Sepultura e a Mostra Metal em Minas

Santa Tereza, o bairro mais comentado do *heavy metal*, é onde surge a banda Sepultura. Avelar (2011) faz uma análise da obra da banda de forma bastante organizada, numa dimensão retórica e política. No capítulo 3, Sepultura e a codificação do nacional no heavy metal brasileiro de seu trabalho, o autor faz uma crítica à associação do *heavy metal* com o niilismo e a violência. Em subcapítulos, o autor vem analisando as narrativas dos trabalhos da banda ao longo da sua trajetória. O capítulo teve contribuições do Prof. Dr. Paulo

[36] O videoclipe pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=MZmMDXQZTII.
[37] O videoclipe pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=8l2Ggchz-3s
[38] Pode ser visualizado no link: https://www.youtube.com/watch?v=hrx2pH0b-hk

Henrique Caetano com as referências sobre o *heavy metal* brasileiro; outros colaboradores também participaram. A densidade deste ensaio é resultante dos suas instâncias retóricas simbólicas, literárias, musicais (AVELAR, 2011, p. 39). Instâncias estas, muito valiosas para as discussões sobre linguagens, apontadas ao longo deste trabalho.

O Sepultura surge num bairro tradicional de BH, Santa Tereza. Local este onde a música do Clube da Esquina já criava uma atmosfera artística e um campo fértil para a chegada de novas experiências estéticas. Avelar (2011) assim descreve o surgimento da banda:

> Fundado em 1984, nos primórdios de um boom de heavy metal particularmente forte em Belo Horizonte, a formação do Sepultura nos primeiros discos consistiu dos irmãos Max (guitarra, vocal) e Igor Cavalera (bateria), Paulo Jr. (baixo) e Jairo T. (guitarra). Lançados pelo então recém criado selo de metal Cogumelo Records, o Sepultura gravou dois álbuns ainda firmemente baseados na receita tradicional do death metal: Bestial Devastation (1985) e Morbid Visions (1986). (AVELAR, 2011, p. 112).

O autor também analisa outros trabalhos da banda com o vocal de Max Cavalera, como *Schizophrenia* (1987), *Beneath to remains* (1989), *Arise* (1991), *Chaos AD* (1993), e o Redescoberta do Brasil no álbum *Roots* (1996) com a estadia da banda na tribo Xavante, no Mato Grosso, com participação dos indígenas, do músico baiano Carlinhos Brown, e outros. Menciona os álbuns após a entrada do vocalista Derrick Green: *Against* (1998) e *Nation* (2001) (AVELAR, 2011).

A obra da banda Sepultura oferece muitos elementos para estudos, principalmente na etnomusicologia e, principalmente, neste caso, das linguagens. Avelar (2011) vai mais além, fazendo um comparativo das ideias e apropriações de signos e suas intencionalidades entre o trabalho do Clube da Esquina[39] e da Banda Sepultura, ancorado nos símbolos religiosos e na arte barroca.

> A arte de Milton também havia refletido e refratado uma certa iconografia católica das Minas Gerais dos carros de boi, igrejas barrocas e ladeiras de paralelepípedos, todos, varridos pela modernização, mas preservados como objetos de luto em elegias musicais.
>
> [...]

[39] Milton Nascimento, Fernando Brant, Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso, Toninho Horta, Lô Borges e Beto Guedes se destacaram como os principais ícones do Clube da Esquina: uma turma de amigos, músicos e compositores gestada em meados dos anos 1960 e que, na década seguinte, passou a ser reconhecida, nacional e internacionalmente, por meio de sua denominação emblemática. A capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, abrigou inicialmente a agremiação desse "Clube". O Clube da Esquina surgiu da grande amizade entre Milton Nascimento e os irmãos Borges (Marilton, Márcio e Lô), no bairro de Santa Tereza, Belo Horizonte, em 1963, depois que Milton chegou à capital para estudar e trabalhar (DINIZ, 2017, p. 1).

> Na reserva poética de rituais de migração e abandono criada pela música de Milton, a imagem recorrente é a do matuto interiorano que parte e regressa com o diploma, num ritual em Belo Horizonte, que é terra estranha, metonímia da modernidade e objeto de desejo. De lá, o sujeito, em geral, volta como visita, de preferência, com uma sinhá mocinha para apresentar. (AVELAR, 2011, p. 117)

> Enganaram-se os que viram no satanismo do primeiro Sepultura uma mera cópia de Slayer. A resposta à pesada herança cristã de Minas Gerais era nítida. Enquanto a música de Milton havia se apropriado de símbolos de caridade e fraternidade, dotando-lhes de um sentido político e emancipatório (processo que culmina em Sentinela e Missa dos Quilombos), o heavy metal mergulharia na iconografia católica para articular não uma reapropriação, mas uma estratégia de radical negação, inversão e esvaziamento de seus conteúdos. Ao contrário de Milton, o metal não distinguia uma mensagem recuperável na religiosidade mineira. Cancelava-a através de um uso descontextualizador, que esvaziava seu aparato simbólico. As cruzes invertidas, as alusões satânicas e a obsessão escatológica negavam aquilo que a música de Milton ficou famosa por expressar: a esperança de que por trás do universo religioso, tradicional e conservador do catolicismo mineiro residisse um núcleo emancipatório e fraternal de compaixão politicamente disponível. O metal em Minas emerge não como cópia do satanismo de bandas europeias e americanas, mas como negação dessa disponibilidade. (AVELAR, 2011, p. 118)

O autor deixa claro, também, para além dessas apropriações, uma intenção política , onde o apoio de Milton à campanha das diretas foi “o abandono definitivo por parte da adolescência urbana mineira, de qualquer identificação com a MPB” (AVELAR, 2011, p 117).

A campanha em prol do progresso e da índole fraternal estava distante do que fora colocado anteriormente na década de 1970.

E o *heavy metal* não enxergava a esperança de recuperação na tradição religiosa. O mundo continuava caótico, assim como o som distorcido que a banda Sepultura começava a produzir ali no mesmo bairro, o de Santa Tereza.

Mostra Metal em Minas - Cine Santa Tereza

Muitos anos depois, mais precisamente no mês de junho do ano de 2017, ainda no mesmo bairro de Santa Tereza, em BH, acontecia a primeira edição do *Mostra Metal em Minas*, já na terceira edição, no Cine Santa Tereza - Museu da Imagem e Som, com várias exposições do material da cena metal de BH, exibição de documentários e debates. O evento foi organizado pelo vocalista da banda *Witchhammer*, Casito. A autora dessa pesquisa participou de uma mesa de debates da organização de algumas temáticas e dos convidados dos debates realizados após a exibição dos documentários. Estiveram presente na mesa *Memória e inovação na cena metal de BH*: o Prof. Dr. Henrique Paulo Caetano e João

Guimarães, da Gravadora Cogumelo. O documentário *Ruído das Minas* foi exibido antes e, em seguida, aconteceu o debate[40].

No ano seguinte aconteceu a segunda edição da Mostra com convidados variados, incluindo a pesquisadora e uma das autoras do documentário *Ruídos das Minas*, Gracielle Fonseca, também autora do documentário *Mulheres no Metal*.

Nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2019, foi realizado o Mostra Metal em Minas[41], terceira edição, no Cine Santa Tereza. O curador do evento foi o baixista da banda *Witchhammer*, Casito Luz. A autora dessa pesquisa participou mesa de debates intitulada *Metal à direita, metal à esquerda: a dialética das amizades pós eleições*. O evento contava com exibição de documentários, debates, workshop com a banda Concreto, exposições de fotos, e outros materiais da cena metal de BH.

Figura 32 - Mostra Metal em Minas
Fonte: (MONSTERS, 2020).

A mesa de debates foi composta por dois membros de cada lado: membros que defendiam os movimentos de direita; e do outro, membros que defendiam os movimentos de esquerda, com direito a uma bandeira do Movimento LGBT. A autora da pesquisa mediou a mesa. Durante a discussão, bastante tensa, foram tratados embates bem atuais da cena em relação ao comportamento de sujeitos da cena e a questão da identidade foi colocada em

[40] Nesta mesma noite foi feito o convite para a banca desta pesquisa ao Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano.
[41] Mais informações sobre a terceira edição do Mostra Metal em Minas: https://santaterezatem.com.br/2017/06/07/mostra-metal-em-minas-historia-do-heavy-metal-mineiro-na-tela/

pauta, com algumas comparações sobre as mudanças identitárias dos sujeitos ao longo dos anos.

5.4 Bloco dos Camisas Preta, O cover em BH e O triunfal retorno das bandas antigas: Overdose, The Mist, Mutilator7

Este movimento musical teve início no ano de 2013, tendo como objetivo difundir a cultura do rock e *heavy metal* da cidade de BH. É ligado à casa de shows *Stonehenge*, mas é realizado em quarteirão fechado, principalmente na área próxima ao Bar, no Barro Preto. Geralmente a entrada dos eventos é gratuita, perante doação de um litro de leite, que seriam levados para a Santa Casa de Belo Horizonte, Hospital da Baleia, Sociedade São Vicente de Paula e outras entidades da mesma cidade.

Muitas bandas *covers* apresentam, como Lurex (cover da banda Queen), Seu Madruga (*AC DC)*, Banda Volume 4 (*Black Sabbath*), Trem das Sete (Raul Seixas) e outras. E muitas autorais também, como Concreto. E neste evento teve o retorno de bandas antigas, como Overdose, *The Mist, Mutilator.*

5.5 Bairro Bonfim: A loira do Bonfim, Sarcófago, Metalpunk overkill

É o bairro onde se passava a lenda urbana A loira do Bonfim. Lenda essa, muito contada em programas sensacionalista da TV local, lugar também da antiga boemia, que reúne antigos prostíbulos e hotéis. Poucos mantêm atividades hoje em dia. Esta lenda ganhou uma música da Banda Nadaver[42]. A música compõe a coletânea BH do Barulho, junto com outras bandas de *punk* e outras vertentes da cena *underground*.

[42] Banda NADAVER: banda Mineira/BHMG, formada em 2015 incumbida a difundir e propagar um novo conceito musical, dentre as vertentes e estilos existentes entre o rock e o metal. GROT (abreviação de Grotesco),é o estilo original que denomina o som do NADAVER. Membros: Mamute (Urros e Vocal), Saulo Maia (Vocal, Guitarra), Juninho Mheasma (Bateria), Edson Conrado (Baixo) (SOUSA, 2018, *online*).

Figura 33 - Capa da Coletânea BH do Barulho - Ganmit Discos
Fonte: (SOUSA, 2018, *online*).

O Bairro Bonfim é um local místico, que abriga um cemitério com grandes obras de arte, onde foram enterradas muitas personalidades mineiras: o Cemitério do Bonfim. E neste cemitério, a Banda Sarcófago tirou a foto em um grande túmulo negro para lançar seu primeiro álbum, o INRI, referindo às letras iniciais do crucifixo, uma capa bastante polêmica para a época, pois seus integrantes usavam uma pintura facial que mais tarde foi chamada de *corpse paint*. Usavam braceletes de pregos, cintos com formatos de balas de fuzil, crucifixos dependurados de cabeça para baixo, o álbum foi lançado pela Cogumelo *Records* e teve reconhecimento mundial, principalmente na Escandinávia, em revistas especializadas[43] e regravações de bandas de *black metal*, como *Darktrone*[44],

Surgiu um lugar histórico, um túmulo dentro do cemitério do Bonfim, que a banda Sarcófago lançou na capa do CD intitulado INRI**.** O lugar virou cenário importante nesse circuito cultural e histórico do *heavy metal*. Muitas pessoas tiram fotos até hoje no túmulo onde foi feita capa deste álbum da banda Sarcófago.

Outro lugar que tem muita relação com o *underground* de BH é a Molduraria Enquadros. Situada à Rua Ildeu Gramschelli, a Molduraria pertence a um dos membros da Banda *Preceptor*. Alguns shows organizados pelo Coletivo *Metalpunk Overkill* foram feitos na Molduraria. A grande maioria foi no Mercado das Borboletas. Este evento é conhecido por

[43] Foi declarado na Revista Terrorizer: "Imagine o que não teria acontecido se I.N.R.I não tivesse sido lançado" (TERRORIZER, 2015, *online*). Ressaltando a importância do álbum para influência de outras bandas estrangeiras.
[44] O *Darkthrone* começou como uma banda de *death metal*, mas no final de 1990 e início de 1991, quando eles estavam ensaiando o material que viria a se tornar Goatlord, Nocturno Cult, Zephyrous e Fenriz desenvolveram interesse pelo *black metal* (FUKKWITT, 2020).

tocarem bandas nacionais (de Belo Horizonte, interior de Minas Gerais e outras cidades) e também do exterior.

5.6 O Underground, hoje, Enfim! Cena de Belo Horizonte e seus diálogos com o mundo

O Coletivo *Metalpunk Overkill*[45] trabalha nas formas mais artesanais de arte, da música extrema, promovendo diálogo cultural entre as bandas da cidade de BH, de outras cidades e outros países. O *Metalpunk Overkill* pode ser definido como: o encontro entre as expressões mais obscuras e submersas de uma cena criativa, que afirma a sua existência e *re-existência* de um movimento contra hegemônico, de trocas culturais extremamente diversificadas e singulares (METALPUNK OVERKILL, 2020).

Figura 34 - Metalpunk Overkill
Fonte: (METALPUNK OVERKILL, 2020).

[45] Evento produzido de forma *underground* e autogerida. O coletivo *Metalpunk Overkill* foi criado por Gabriel Herege, e outras pessoas: Hector Cruz (Baterista das bandas Ossuário e Aka Funeral), Michel Noctívago, Júnior Cruz, Natalie Meneguel, Adriano Magrão, Lucas Simas, Aline Firp, com apoio da Molduraria Enquadros (Eduardo Ferreira), cedendo local (situada no Bairro Bonfim) para grande parte dos shows (METALPUNK OVERKILL, 2020).

Figura 35 - Metalpunk Overkill II
Fonte: (AGATHOCLES, 2013)

Figura 36 - Metalpunk Overkill III
Fonte: (VITTORTORMENTOR, 2014)

Figura 37 - Metalpunk Overkill IV
Foto: (SONIK, 2014)

Figura 38 - Metalpunk Overkill V
Fonte: News (2014).

Figura 39 - Metalpunk Overkill 666
Fonte: (METALPUNK, 2014).

Figura 40 - Bonfim Session: the last funeral
Fonte: Audrey (2017).

Figura 41 - Metalpunk Overkill VII
Fonte: Pescada (2015).

Figura 42 - Metalpunk Overkill VIII
Fonte: (METALPUNK, 2015).

Figura 43 - Metalpunk Overkill XI
Fonte: Pescada (2016).

Figura 44 - Reviravolta Contra Cultural
Fonte: (REVIRAVOLTA, 2014).

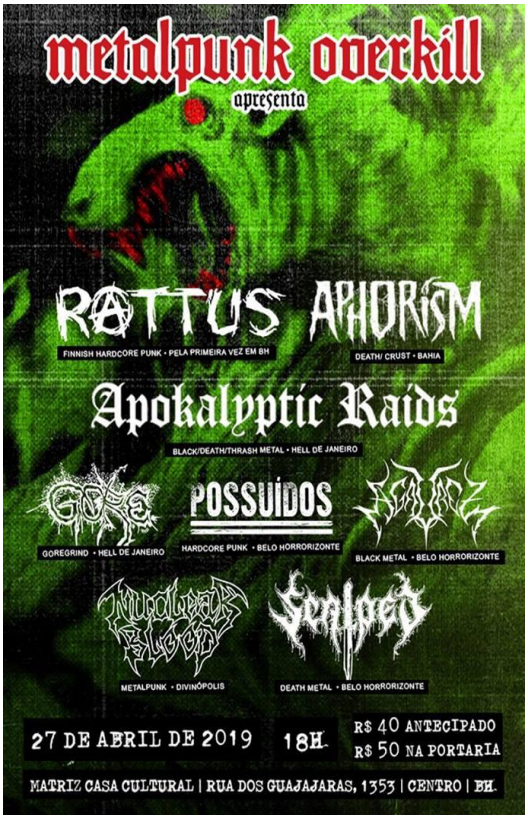


Figura 45 - Evento Metalpunk Overkill 2019
Fonte: Teixeira (2019).

5.7 Praça Afonso Arinos - 25, 30 anos de *punk* em BH: Banda do Lixo, *Attackepiléptico, Komando Kaos, Offensor*

Década de 80 / 90, os encontros punks de BH eram na Praça Afonso Arinos, o reduto *punk* da época. Ameba, vocalista da banda *Attackepiléptico*, e os *punks* se encontravam nesta praça. A *Banda do Lixo*, *Offensor* e *Komando Kaos* foram também as primeiras bandas *punks* de BH. De acordo com alguns relatos da cena, a *Banda do Lixo e Attackepiléptico* foram as pioneiras.

Todos os anos, os *punks* também desfilam junto a movimentos populares e estudantis na Avenida Afonso Pena, logo depois da passagem desfile de Sete de setembro dos militares. Esse movimento é chamado também de Grito dos Excluídos[46] (PRATES, 2019). Outro local muito frequentado pelo movimento punk de BH é o *Instituto Helena Grecco*[47], que está à

[46] O Grito dos Excluídos é uma passeata realizada desde 1995, uma vez por ano, todo dia sete de setembro. A cada ano, ativistas e movimentos sociais trazem às ruas questões sociais e populares, com o objetivo de protestar por seus direitos e propor caminhos alternativos para uma sociedade mais igualitária e inclusiva (PRATES, 2019, *online*).

[47] Espaço público comunitário e movimento social classista e popular. Auto gestionário, autônomo, livre e independente ao Estado, aos governos, às empresas e à institucionalidade (INSTITUTO, 2020).

frente nas lutas de movimentos sociais. O Instituto fica situado no Bairro de Santa Tereza e sempre promove eventos, debates, shows de bandas *punks*, e outros ligados a lutas pelos direitos humanos, principalmente.

Dois relatos de sujeitos influentes no *punk* de BH são marcantes para definir o que é contexto de resistência e como estavam à frente em discussões das lutas em defesa dos direitos humanos.

De acordo com Carl Dornelas, guitarrista da banda *Attackepiléptico* (PORTAL UAI, 2019, *online*), "[...] a missão do punk é escancarar as mazelas da sociedade, [...] anarquia, feminismo, veganismo, antifascismo, e nós já viemos com essa coisa que hoje tá em moda aí de feminismo, nós já viemos há 30 anos falando sobre isso".

O vocalista da banda *Attackepiléptico,* Ameba, faz seu relato sobre a sua insatisfação com o contexto do país.

> Esses anos todos levantando a bandeira do anarquismo, confrontando a sociedade mineira conservadora, chauvinista, racista, fascista... a nossa influência vem direto da desgraça social, a nossa influência direta é da desigualdade social, desse estado de coisas caóticas que o mundo vive hoje, sacou (PORTAL UAI, 2019, *online*).

Figura 46 - Banda Atackepiléptico (1989)
Fonte: Henrique e Monteiro (2014).

Uma história antiga do *punk* em BH vem da Banda do Lixo. Muitos dizem ter começado simultaneamente aos movimentos da cena de São Paulo.

De acordo com Henrique e Monteiro (2014), o movimento *punk* chega em BH a partir da segunda metade da década de 1980. Especificamente por volta do ano de 1986, surgia a

banda *Punk* HC *Atack Epiléptico*, formada por Ameba (vocal), o irmão Nado, já falecido (bateria), Zezório (guitarra) e Vitim (baixo). Suas influências vieram do já existente cenário *punk* de São Paulo. O marco foi a Banda Ratos De Porão, banda *punk* que, no mesmo ano, gravou o seu terceiro álbum intitulado de *Vivendo Cada Dia Mais Sujo e Agressivo,* álbum lançado em 1987. A gravadora era a Cogumelo *Records*, um selo tradicional de música pesada de BH, notadamente de bandas de Metal. Com a colaboração do músico Andreas Kisser, nos solos de alavanca, a banda preservava a amizade com a banda Sepultura. Enquanto em São Paulo, isso não acontecia, pois raramente uma banda *punk* se relacionaria com uma banda de *heavy metal.* A cena paulista já era bem demarcada por rivalidades, os seus movimentos eram bem delimitados, com conflitos constantes. A banda também criou o mini festival *Aqui não tem Natal*, um show realizado no final do mês de dezembro, com diversas bandas de *punk* para protestar contra o consumo e a farsa materialista em relação a esta data.

Outra banda conhecida, denominada Consciência Suburbana, com quase 25 anos de história, passou por várias formações e continua ativa na cena, tocando em shows. Suas letras de músicas falam de injustiça social e outros temas. O seu vocalista, Ganmit, é bastante conhecido na cena, é estilista, tem uma marca de roupas com seu nome, e um programa transmitido *on line* chamado *Kapitan Underground*, que recebe várias bandas e pessoas atuantes da cena de BH, não somente de punk, como de *heavy metal*.

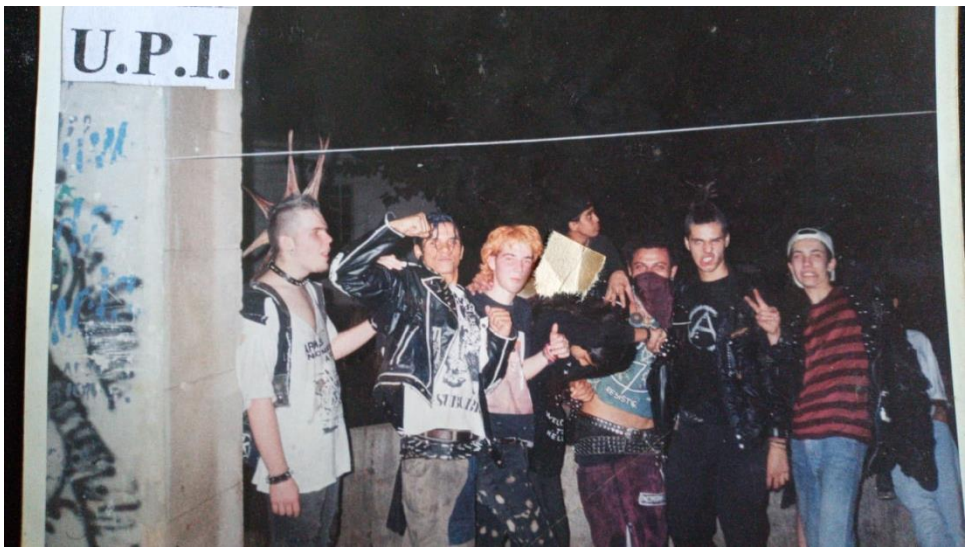


Figura 47 - Banda Consciência Suburbana
Fonte: Material cedido pelo vocalista Ganmit, de seu acervo pessoal.

LETRAS PUNK E BOA CONSCIÊNCIA

Consciência Suburbana comemora duas décadas de muita produção

AMANDA LIRA

No ano em que se comemoram as quatro décadas do punk no Brasil, a banda belo-horizontina Consciência Suburbana chega aos 22 anos com uma vasta discografia e letras que denunciam injustiças.

Originado do encontro de jovens nas praças da região Leste da capital mineira, o grupo, que começou com alguns amigos que não sabiam tocar instrumentos, conta hoje com três integrantes: Ganmit no vocal e na guitarra, Márcio Aranha no baixo e Cristian Antonine na bateria.

Tendo como influência os cânones do punk rock brasileiro, sobretudo o internacional Ramones, a banda segue a proposta do punk "de raiz". "A gente toca um punk rock mais simples e direto. Hoje em dia, a maioria das bandas punk transita mais entre o metal e o hardcore", reconhece o artista, que trabalha como costureiro e estilista.

Depois da primeira canção, composta por apenas três acordes, o grupo evoluiu, amadureceu e conquistou seu espaço. "Houve uma evolução da gente mesmo, de criação, de poder executar uma música melhor. E isso abriu muito mais espaço", conta Ganmit. "Hoje a gente tem condição de tocar em lugares que a gente antes não conseguia e também temos instrumentos melhores", comemora ele.

Angariando seu espaço no cenário musical, o grupo apresenta-se em bares, casas de show e centros culturais, conseguindo cativar um público diversificado. "Mesmo tocando punk rock, acho que a banda consegue assimilar pessoas de outros estilos. Quando tocamos em praças, por exemplo, crianças e idosos chegam e ficam dançando", alegra-se.

Sob supervisão do jornalista Felipe Pedrosa

Mande sua sugestão para o Super Talentos, com foto e telefone,

Com o Consciência, os amigos já se apresentaram no Teatro Marília, na capital

Marginalização superada

GANMIT
VOCALISTA

Sobre o que falam as composições da banda? Eu acho que é legal colocar nossa realidade pra fora. Os nossos problemas estão aqui, e o interessante é falar sobre nossa vida, sobre a nossa luta pra sobreviver. Nós cantamos sobre o desmatamento, a crise política, as mazelas da sociedade e as coisas que nos oprimem, sempre pregando a paz entre as pessoas.

Qual é o espaço pro punk? Acho que o punk faz parte da cultura do país. Hoje, acredito que a gente tenha deixado de ser marginalizado pela sociedade. Entramos e saímos dos lugares sem sermos vistos como baderneiros.

Figura 48 - Reportagem sobre a Banda Consciência suburbana (formação atual)
Fonte: Material cedido pelo vocalista Ganmit, de seu acervo pessoal.

A banda Drástiko também se destaca no cenário *underground*, com letras de protesto. Seu EP *Paz em extinção*[48], gravado em 2016, ganha destaque pelos temas políticos atuais, onde fazem da criatividade, veículo de protesto e luta pelos direitos humanos. Recentemente, a banda gravou um videoclipe intitulado *Lama*[49], com a temática voltada pela indignação pelas vítimas do rompimento da Barragem na Empresa Vale, em Brumadinho e em Mariana, Minas Gerais. A banda Concreto[50] também lançou um EP, intitulado "Lama", em 2017, em homenagem às vítimas da tragédia da Mineradora Samarco, na cidade de Mariana.

Figura 49 - Álbum Paz em extinção, Banda Drástiko (2016)
Fonte: acervo pessoal da autora.

[48] Pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=XbQfRrjTHeM
[49] Pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=jxibLAOGEWE
[50] A banda Concreto foi formada no ano de 1994, possui mais de 25 anos de carreira. Membros: Marcelo Loss (Voz e baixo), Túlio de Paula (voz e guitarra), adriano Fidélis (guitarra) e Teddy Almeida (bateria).
Fonte: https://rockecia.com.br/banda/concreto/

O centro de BH era a forma mais fácil de acesso para os grupos se encontrarem. A Praça Afonso Arinos foi o local mais frequentado pelos primeiros *punks*. Outros locais que eram ponto de encontro: a porta da *Pop Rock* Discos, na Rua Tupis e também a porta da Cogumelo Discos, dentro de uma galeria, na Rua Rio de Janeiro .

Dois eventos marcantes para o cenário *punk* mineiro foram: o show da banda Ratos do Porão, em 1987, no Diretório Central dos Estudantes, Rua Gonçalves Dias, próximo à Praça da Liberdade; e o show da banda nova-iorquina *Ramones*, junto com a banda mineira Sepultura, no Parque de Exposições da Gameleira, em 1994.

Atualmente, os membros das bandas antigas e fãs reúnem-se todo ano no Encontro *Punk* Geriátrico. O nome é uma ironia pela idade das pessoas que frequentavam o antigo cenário *punk*. Este encontro é marcado, geralmente, em bares do Edifício Arcângelo Maletta[51], um espaço bastante frequentado por pessoas ligadas à cena *underground*. Outro local também frequentado por eles é o Mercado das Borboletas[52], na Avenida Olegário Maciel, no Centro de BH. Chamado também de Mercado Novo, ele abriga bares alternativos, restaurantes vegetarianos e lá aconteciam muitos shows não somente da cena metal e *punk*, mas outras festas de outros grupos urbanos.

A respeito do objeto de estudo deste trabalho, as identidades destes sujeitos do cenário underground demonstram que há uma faixa etária de pessoas com mais de 40 anos, em sua maioria. Há um envolvimento e um afeto muito grande com a memória vivida por eles. Apesar do retorno de muitas bandas, e do diálogo com pessoas das novas gerações, que gostam das mesmas bandas, há um mobilização dessa memória, das vivências que tiveram na década de oitenta e início dos anos noventa. Há uma força integradora de reviver o passado e de prolonga-lo através de reencontros, trocas de experiências e histórias marcantes entre estes sujeitos, e ao mesmo tempo de propor inovações derivadas deste legado.

[51] O Edifício Maletta, histórico edifício localizado no centro de Belo Horizonte, foi construído sobre o Grande Hotel no ano de 1957. Inaugurado no final de 1961 seu uso é tanto comercial quanto residencial. Possui vários estabelecimentos como sebos, livrarias, cabeleireiros, *lan house* e restaurantes. O lugar é um centro gastronômico, marcado pela diversidade cultural, com muitas opções de bares, café, *drinkeria* e restaurantes. Possui uma varanda com vista para Rua da Bahia e para a Av. Augusto de Lima (EDIFÍCIO, 2020, *online*).

[52] O Velho Mercado Novo, localizado na área central da capital mineira, é um espaço dedicado aos eventos culturais da capital mineira. O terceiro piso do antigo mercado novo, conta com cerca de nove mil metros, e estava desativado há muitos anos. Em dezembro de 2010, o mercado recebeu o Vendendo Peixe, evento promovido por um coletivo de artistas. A partir daí, o amplo espaço foi revitalizado e recebeu o projeto Mercado das Borboletas. Neste espaço acontecem diferentes encontros entre artistas e outros movimentos organizados de Belo Horizonte. O responsável pela revitalização do mercado foi o artista visual Tarcísio Campos Ribeiro Junior. O espaço estará aberto para eventos culturais e outras manifestações ligadas a produções independentes, sejam artísticas, culturais, turística, serviços entre outras (MERCADO, 2020, *online).*

5.8 BH CAOS: diálogos para a cena *underground* contemporânea

O lançamento da coletânea BH Caos foi o que despertou o interesse para esta pesquisa, pois foi o primeiro contato com os *punks*, depois da pesquisa de mestrado com o *heavy metal*. O EP de lançamento foi feito pelo selo *Sinfonoise*[53], criado pelo vocalista da banda Rastros de Ódio[54], Cleuber. O selo tem vários lançamentos (Bandas Renegados, Distúrbio Sub-humano, Rock De La Rua, *The Elephants*) e é responsável também pela Revista *Caoz Magazine*, que documenta a cena underground de Belo Horizonte.

Figura 50 - Logo do Selo Sinfonoise, BH
Fonte: (CLEUBER; CLEIA, 2018).

O BH Caos foi um projeto com 16 bandas de metal e *punk* :*Dops*, Estado de Fúria, Certo Porcos!, Rastros de Ódio, *Rock de La Rua*, *Spirit*, Mata Borrão, *Fake*, *Offensor*, Consciência Suburbana, *Komando Kaos*, , *Bulldogs*, Os decréptos, Distúrbio Sub-humano, *Iron Trash*, Renegados. Foi gravada uma coletânea, no ano de 2014, em um EP[55] com diversas músicas que abordam protestos políticos recentes.

[53] A Sinfonoise Records foi criado em 2013 para lançar e distribuir bandas de Belo horizonte, porém o selo não se restringe apenas a cena local, visando também bandas de outras cidades e do exterior (CLEUBER; CLEIA, 2018).
[54] Website oficial da banda: http://www.rastrosdeodio.com.br/.
[55] Nos desenhos de sua capa, há imagens da Praça Sete de Setembro, da polícia, de mazelas sociais e instituições religiosas, além da corrupção. Nesse movimento, as bandas fazem shows frequentes, também convidando bandas de outros lugares, dialogando com um programa independente na web denominado *Kapitan Underground* que recebe bandas da cena e entrevistados.

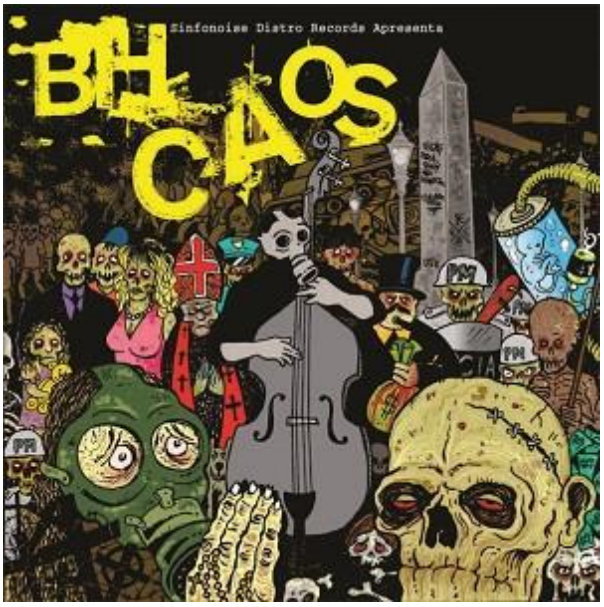


Figura 51 - Capa do EP BH Caos
Fonte: BH (2020).

Os shows são o momento de enorme empolgação entre os frequentadores da cena local e das bandas que viajam grandes distâncias para tocar, trazendo influências regionais da música, inclusive de outros países.

Além dos lugares onde ocorrem os shows, há diálogos também nas redes sociais, com trocas de materiais musicais e divulgação de eventos. Essa transposição do encontro presencial para o virtual é bastante interessante, estreita laços, amizades muitas vezes de longa data e até trabalhos em parceria entre bandas.

Durante essa pesquisa, no ano de 2019, a Banda Dops abriu o show da banda escocesa *Exploited*[56], na casa de shows *Mister Rock*. Em seguida, eles seguiram para uma turnê na Europa, para participar do maior festival de *punk* do mundo, o *Rebellion Festival*[57].

[56] The Exploited é uma banda escocesa, formada em 1979. É considerada uma das bandas mais importantes e mais influentes do cenário punk britânico e mundial, o Exploited faz um som agressivo com letras politizadas, contra a mediocridade e a corrupção política, a violência da polícia, as guerras, a religião e a favor dos deserdados não só do seu país, mas também mundial (EXPLOITED, 2020, *online*).

[57] "Blackpool 1996 viu o primeiro festival *Feriados no Sol*. Desde então, estivemos no MORECAMBE, mudamos de nome para WASTED e levamos nosso festival ao redor do mundo para Austrália, EUA, Japão, Alemanha, Holanda, Itália, Basco e Áustria. Sempre havia o risco de ser apenas um festival retro com um número cada vez menor de participantes, então 2007 assistiu ao lançamento do REBELLION. Tomando nosso festival Punk estabelecido com todas as bandas que amamos e queremos ver ano após ano e combinando-o com o melhor da nova raça, ampliando o escopo para incluir muitos sub gêneros e a cena 'alternativa' em geral, estamos orgulhosos ter um evento que sentimos ter um verdadeiro espírito festivo. Adicionamos palcos literários, exposições de arte punk, palcos acústicos, poesia, roupas vintage, tatuadores, oficinas de cura e muito mais.". (HISTORY, 2014, *online*, tradução nossa).

Figura 52 - Show da Banda Exploited em Belo Horizonte-MG
Fonte: The Exploited (2019).

Figura 53 - Divulgação do show da Banda Dops na Inglaterra
Fonte: DOPS (2019).

Figura 54 - Cartaz do Show do Rebellion com a Banda Dops e outros
Fonte: Billy (2020).

Figura 55 - Flyer do Show das Bandas Dops, Pacto Social e Filhos de Inácio em Berlim (Alemanha)
Fonte: cedida por Silva Dops, de seu arquivo pessoal (Ilustração de Lucas de Carvalho Marchi).

O *BH Caos* e o *Metalpunk Overkill* são atravessados pela enorme criatividade de seus integrantes e frequentadores. O ambiente de shows, desde os movimentos de criação e divulgação de eventos da cena em redes sociais propiciam um terreno fértil para discussões que envolvem área dos Estudos das Linguagens. Os signos, os discursos, as escolhas estéticas e ideológicas, apontam para uma direção evidente do viés contra hegemônico. Há shows conhecidos que acontecem todo ano como o *Bloco dos Camisas Pretas*, o *Refúgio Macabro*, o *Tropa Metal*, o *Monsters of Metal BH* e o *Hell Horizonte Festival*. A arte, nesse sentido, revela-se para além da música: os desenhos das capas dos CDs, as representações e significados das letras, a criação dos figurinos por eles mesmos (coletes cheios de adereços de metal e patches pintados à mão, no caso dos punks, nenhum igual ao outro). Todos esses elementos são atravessados por um sistema de produção de sentidos que, ancorados pela tecnologia, atravessam o tempo, sendo apropriados e transformados pelos sujeitos.

5.9 Explode ouvido

O Explode Ouvido foi um festival com várias bandas, organizado pelo vocalista da banda Dops, Silva Dops, entrevistado nesta pesquisa. O primeiro festival Explode Ouvido tinha a intenção de juntar bandas de diferentes segmentos do *punk* e a arte com personagens de quadrinhos. A arte dos *flyers*, da 1ª à 7ª edição, foram feitas pelos cartunistas Leandro Franco[58], de Guarulhos (São Paulo) e Cleuber Toskko[59], de Belo Horizonte.

Outros eventos importantes ligados ao *punk* foram os shows comemorativos dos 40 anos de *punk*, no ano de 2017. Estiveram presentes, além de bandas de BH, bandas de São Paulo, como Filhos de Inácio e Dependentes Químicos.

Figura 56 - 40 anos de Punk
Fonte: Quarenta (2017).

[58] Perfil de Leandro Franco no Facebook: https://www.facebook.com/leandrofrancoestudio/.
[59] Vocalista da Banda Rastros de Ódio, banda de *Death metal, punk* técnico violento. Cleuber Toskko também tem produções no selo *Sinfonoise Fanzine* e a Revista Caos Magazine, que é uma revista independente voltada para apoiar e difundir a cultura underground e suas respectivas bandas e pessoas que lutam neste meio.

Figura 57 - 40 anos de Punk: Banda do Lixo
Fonte: Festival (2017).

5.10 Panela lisérgica, o Caldeirão das Bruxas da cena underground autoral de BH

O projeto Panela Lisérgica, do músico e produtor Pedro Cataldo, nasceu a partir da ideia de unir, em um único evento, todos as ramificações artísticas. É o projeto mais aberto a estilos musicais diversificados da cena *underground* de BH. A iniciativa partiu de bandas independentes e de agitadores culturais da cidade de BH que abriram espaço para bandas de rock autoral. A ideia seria promover o encontro de propostas autorais, experimentais, psicodélicas, minimalistas e surreais, com fins de desvendar o núcleo vanguardista da cidade. Hoje o projeto é realizado no *Bar Café Bier*, com o nome anterior de Saramandaia Bar, situado na avenida do Contorno (CCA, 2016).

Figura 58 - Show organizado pelo Circuito Panela Lisérgica
Fonte: Circuito (2016).

Figura 59 - Darkside Festival - Projeto Panela Lisérgica
Fonte: Darkside (2020).

5.11 Gonorréias Rock Festival

O *Gonorréias RocK Festival* aconteceu debaixo do viaduto Santa Tereza, no baixo centro de BH. Foi organizado pelo vocalista da Banda os Mula Preta, Karide. Teve apoio do Corpo de Bombeiros, com distribuição de preservativos e campanha de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, e no palco, um show com várias bandas da cena *underground* de BH (AGENDA, 2018).

Figura 60 - Gonorréias Rock Festival
Fonte: (AGENDA, 2018).

5.12 Rock no Parque (Teia Produções)

O Projeto *Rock no Parque* é realizado em parceria com a Fundação de Parques Municipais de BH, organizando shows de banda autorais ao ar livre, especificamente em parques municipais da cidade. O organizador do evento é o músico Márcio Aranha, da Banda Márcio Aranha e a Teia, produtor e criador da Teia Produções. A ideia do projeto é a realização de shows, incluindo uma campanha pela Paz.

Acontecem outros eventos pela produtora, também em outros locais. Um deles foi realizado na Praça Arco Verde, no Bairro Nova Cintra, com a presença de bandas de *rock* tocando ao ar livre. Foi também uma grande despedida do vocalista Polaco, da Banda *Rock De La Rua*, que tocou no dia e faleceu alguns anos depois.

Figura 61 - Rock no parque: Banda Rocking Riders
Fonte: Teia (2016).

5.13 Hyanna – Solta o verbo

Apesar desta pesquisa não ter sido reconhecida como etnografia por questões metodológicas e pelo compromisso no tempo da docência, esse projeto tem um sabor especial para a autora, pelo cunho bastante etnográfico das relações estreitas que teve ao longo do tempo com os sujeitos da pesquisa. A entrevistada Hyanna estudou no mesmo colégio que a presente autora: o Colégio Técnico da UFMG (COLTEC), há mais de 25 anos atrás. O reencontro aconteceu numa mesa do Bar do Bolão, em Santa Tereza, depois da primeira edição do Mostra Metal em Minas, no ano de 2017, mostra essa realizada no cine Santa Tereza, conforme já descrito anteriormente neste capítulo. De acordo com a entrevistada, "*Hyanna Solta o Verbo - Poesia & Toda Arte*" é um projeto autoral e *underground* idealizado pela artista autodidata, Hyanna da Cunha. Constitui-se por poesia, textos, músicas e protesto.

Hyanna sempre escreveu desde que se entende por gente, se autodenomina *Construtora Com Palavras* e começou a compor em 2008. Criou o projeto mutante em 2016 enviando poesias por áudio pelo *Whatsapp* através de uma lista restrita de amigos, depois veio o grupo no *Facebook* (que hoje tem mais de 1.000 inscritos) e o canal no *YouTube* em outubro 2017. Ela é *da resistência* - como diz - e agita a cena cultural. Chegou a fazer acontecer quatro *Manifestos contra a normalidade* (evento antifascista em parceria com bandas autorais e cada um com um monólogo de protesto), tendo sido o 5º cancelado por causa da pandemia

por COVID 19. Apoia as bandas autorais e espaços alternativos, faz participações como Mestre de Cerimônia em eventos de Rock and Roll em todas as vertentes, intervenções poético performáticas e faz registros fotográficos também. Além de ser, dentro de seu autodidatismo, uma multi-instrumentista bastante corajosa. É um *trabalho em construção*, como a própria artista relata. Segue abaixo um dos seus poemas criados neste projeto:

Dos iludidos
E da voz da verdade
(Hyanna da Cunha)

"ELES" acham
Que vão me calar
E servir meu coração
Em fatias no jantar,
Pois meu grito
De indignação
Trinca as máscaras
E expõe a podridão.

Iludidos!

Ainda não viram nada.

Vou buscar forças
Em minha dor
E no sofrimento
Dos injustiçados
E me refazer no pranto
Das viúvas
E mães
Cujos filhos
Foram assassinatos.

Vou buscar forças
Das mulheres violadas
E dos negros
Perseguidos
E discriminados.

Vou buscar forças
Das bruxas
Que vocês
Queimaram e queimam
E dos loucos
Que vocês
Silenciaram e silenciam.

Meu grito
É o grito das minorias
E sua crueldade
E sua covardia
Ou sua máquina midiática
De lavar mentes suscetíveis
Nunca poderão conter
A verdade
De uma artista

Que crê no que faz
E luta com verdade.

Iludidos!

Vocês ainda não viram nada.

E se eu morrer
Outros gritarão por mim,
Pois o tempo de impunidade
Precisa
E vai
Chegar ao fim.

(*Hyanna da Cunha, entrevistada dessa pesquisa*)

Outro movimento de protesto vem da banda Garagem Dinossauro. Formada em 2014, em BH, o Garagem Dinossauro é uma banda de *rock* autoral, com sonoridade influenciada pelas bandas de punk rock nacionais dos anos 1970/80, como Titãs, Plebe Rude, Camisa de Vênus e Garotos Podres. Com letras de crítica social e de claro posicionamento político, a banda Garagem Dinossauro[60] busca uma identidade que concilie protesto e agressividade à possibilidade de entendimento das letras das músicas pelo público, razão pela qual são elaboradas em português e em um ritmo de punk rock mais clássico e cadenciado. Os sons vem do bar Ursal[61].

As músicas que comporão o primeiro lançamento da banda vão da crítica à classe média brasileira, com sua arrogância em se achar rica e odiar pobre ("Classe Mérdia", "Doutorado", "Nariz de Palhaço", "Gourmet de c* é r*la") à crítica ao conservadorismo, alienação das instituições sociais burguesas ("Só quando estou bêbado", "Teatro Burguês", "Caguei", "Desconfie" e "Tem que ir ao Show").

A formação atual do Garagem tem Heitor Silva na guitarra, Tony Lessa no baixo, Jorge Cota no vocal e Tales Lacerda na bateria.

5.14 Barreiro: É o capeta, tia Maria!

O bordão *É o capeta, tia Maria* surge no Barreiro. Diz a lenda que surge das falas de três membros atuantes da cena metal extrema desse grande bairro: Birité (vocalista da Banda

[60] https://www.youtube.com/watch?v=Dv3KLZBAQREp
[61] URSAL (acrônimo para União das Republiquetas Socialistas da América Latina ou União das Repúblicas Socialistas da América Latina) é um termo criado em tom jocoso pela socióloga brasileira Maria Lúcia Victor Barbosa, em 2001, para ironizar as críticas feitas por políticos e intelectuais de esquerda à Área de Livre (https://www.facebook.com/ursalbar/).

Ignorance), Jean Carlos (frequentador de shows) e Marceleza Barreiro (Do selo e distribuidora Punho Cerrado Distro). O bordão sugere que o som extremo assusta as mulheres beatas da região, e assim, quando veem alguém do metal extremo, rezam, e dizem *É o capeta, tia Maria!* Essa frase se tornou famosa e é repetida em shows, redes sociais e outros locais de encontro destes sujeitos e amigos deles.

O Barreiro, uma grande região que se mistura às cidades de BH e Contagem, ainda que pertencente à primeira, traz a tradição das antigas áreas rurais, e ao mesmo tempo de sujeitos que gostam ou tocam em bandas de metal extremo. Sendo porta de entrada para cidades no entorno de Belo Horizonte, como Ibirité e Brumadinho, o Barreiro preserva esse clima da natureza, com o Parque das Águas e o Parque do rola Moça, com seus cursos d'água. O Barreiro inclui diversos bairros: Araguaia, Barreiro de Cima, Bonsucesso, Brasil Industrial, Cardoso, Conjuntos Habitacionais Bonsucesso, Flávio de Oliveira e Teixeira Dias, Diamante, Flávio Marques Lisboa, Milionários, Olhos D'água, Pilar, Pongelupe, Santa Helena, Serra do José Vieira, Solar, Urucuia e Vila Cemig.

Dos membros da banda Nadaver e banda Carcaça, Junin Measma e Werlem (Nadaver), surgiu o coletivo Cerco Grotesco. Este organiza shows com várias bandas da região do Barreiro outros lugares no *Motoclube Vutus* e no conhecido *Viaduto das Artes*. A Banda Nadaver tem produzido várias músicas: A loira do Bonfim; 381, a rodovia da morte; e outras com temas muito interessantes.

Figura 62 - Logo da Banda Nadaver
Fonte: Nadaver (2017).

Figura 63 - Logo do Coletivo Cerco Grotesco
Fonte: Cerco (2017).

Outro projeto que estes músicos criaram foi o coletivo de shows debaixo do Viaduto das Artes, no Barreiro, com o apoio da prefeitura da cidade. Junim Measma é baterista há mais de 30 anos, tocando em bandas autorais de *grot* e metal.

Figura 64 - Banda Carcaça
Fonte: Carcaça (2020).

5.15 Contagem: O berço do Metal oitentista

Ali do lado, colada em BH, Contagem tem se destacado como espaço rico da criação de bandas de um cenário mais recente, que tocam metal oitentista. A banda *Grey Wolf* (hoje em trabalho solo) investiu no *viking metal* com som e todo a indumentária que o estilo merece (peles de animais, calça de couro, e outros adereços); gravou CDs e tem local de destaque, pois são poucas as bandas do segmento.

Figura 65 - Vocalista da Banda de Viking Metal, Grey Wolf ,com suas indumentárias
Fonte: Carnelossi (2015).

As bandas *Witchkross* (autoral) e *Wildleather* (cover *Mötley Crue*, *Def Leppard* e outras, com algumas músicas autorais) apostaram nas calças justas de oncinha e outros bichos. Apresentam *performance* de palco que não deixam a desejar para as bandas de *hard* e metal estrangeiras.

Figura 66 - Banda Witchkross, de Contagem-MG
Fonte: (WITCHKROSS, 2020).

Figura 67 - Banda Wild Leather
Fonte: Carnelossi (2015).

Exxordium, Túmulo de aço, *Rocking Riders* e *Dunkell Reitter* apostaram no *Thrash Metal* autoral, com um som de peso e criatividade.

Durante o curso das disciplinas de doutorado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), foi realizado um trabalho em grupo na disciplina Poéticas da edição, um vídeo com a música da banda *Rocking Riders*, *The triumphant path of war*[62], com imagens do pintor surrealista-expressionista Zdzisław Beksiński (1929-2005). O vocalista da banda, Luciano Roberto, esteve presente durante a apresentação do trabalho, trazendo grandes contribuições.

5.16 Um pouco da cena do Interior de Minas Gerais

- *Programa Heavy Metal On Line: documentárioss, coberturas de shows, de Caratinga para o mundo*

Clinger Carlos criou o Programa *Heavy Metal Online* em 2012. Começou cobrindo shows tanto no interior de Minas e chegou a ir até o *Wacken Open Air Festival*. O programa é conhecido por produzir documentários com diversos temas polêmicos que circulam não apenas no universo da cena metal de Minas Gerais, mas no cotidiano político do país. Temas como fascismo, nazismo, machismo, feminismo foram desenvolvidos com entrevistas com

[62] O videoclipe da música pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=UQVkJE7R5aY

diversas personalidades do *heavy metal*, integrantes de bandas principalmente, dão sua opinião sobre diversos temas (HEAVY, 2019).

- *A cena de Itaúna e Divinópolis: Contra hegemonia política, lutas pela terra e muito som pesado*

Itaúna e Divinópolis são cidades que têm participado intensamente na cena do metal e *punk* mineiro. As conhecidas bandas *Until the end, Cracked Skull, Deadliness, Malespero, Nuclear Blood, Necrobiotic, Möderisch* e outras têm vindo muito a BH, bem como à festivais em outras cidades, mostrando que o interior de Minas não fica para trás quando se trata de criatividade na música autoral.

A Banda *Cracked Skull*, de Itaúna tem participação intensa efetiva não apenas na cena metal do interior de Minas, mas em diversas lutas por garantias de direitos coletivos. O vocalista Clênio tem levantado a bandeira do Antifascismo e de outros movimentos de combate ao preconceito e injustiças sociais, inclusive na batalha pela terra, combatendo a velha cultura do agronegócio.

O Coletivo Pulso, de Divinópolis, é o movimento que une o *punk* com propósitos ideológicos para um mundo melhor. A articulação da música com a ação dos sujeitos das bandas tem claramente uma luta de resistência, em defesa da contracultura. O coletivo não é apenas um projeto de bandas locais, mas também uma cultura alternativa: alimentação vegana, cultivo de alimentos orgânicos, busca por energia limpa, e outras ações que contribui para mudanças positivas na comunidade.

- *A cena do Triângulo Mineiro*

A Banda Uganga, de Araguari, tem Manu, ex-integrante da banda Sarcófago como vocalista. A banda fez uma turnê pela Europa de 27 dias. Manu tem muita atuação na cena, e mantém um programa chamado *Underdose*, que divulga trabalhos autorais e tem quadros de cobertura de shows e entrevistas.

Em Uberlândia, temos a banda *Scourge*, que está no underground há mais de 30 anos tocando Death Metal.

- *Sul de Minas, com Masturbator e Will Dissident:*

O cenário do sul do estado de Minas Gerais tem como destaque a Banda *Masturbator*, com alguns anos de estrada no metal extremo.

Um personagem conhecido é Will Dissidente. É um sujeito que se veste bem no estilo oitentista, cabelos grandes, calças apertadas, camisetas justas. Ele é sociólogo, formado pela Universidade de São Paulo (USP), tem três programas de rádio em Varginha: Rádio *Rock Online, Canalrock Dissident* e Distorção. Veio da Paraíba para o sul de Minas e atua na luta Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), em defesa das minorias.

- *João Monlevade: Terra de Headbangers fiéis*

A cena de Monlevade tem a banda Necrópole, que participa da cena extrema e muitos seguidores do metal extremo. Muitas pessoas desta cidade organizam vans para virem aos shows em BH de forma constante. Monlevade tem presença garantida nos shows de bandas estrangeiras e nacionais.

- *Paraopeba e o menino prodígio do metal extremo*

Joubert mora na cidade de Paraopeba e frequenta os shows de metal extremo desde muito novo, na sua adolescência. É vocalista da banda Escória e mantém a Horda Thamiel, com *black metal*. Organizou shows em Sete Lagoas e tem se destacado na cena *underground* do interior de Minas e BH.

5.17 Programas na web

Nesse contexto, também existem programas independentes que circulam na web: *Heavy Metal On Line, Invasão Holocausto, E aí cara?, Underdose* (TV e Web), MG *Metal Warriors.* Canal MG Metal Warriors - Museu vivo do Metal Mineiro: criado pelo jornalista Luís Flávio Gim, que atualmente cobre eventos do gênero, com entrevistas e divulgação de materiais e shows. No período da epidemia de *Covid* 19, passou a transmitir *lives*[63] com entrevistas de músicos e personalidades da cena metal , punk de Minas Gerais, com convidados também de outros estados.

[63] Transmissão pela internet via redes sociais ou canais, com interação de outras pessoas assistindo e podendo participar da mesma.

5.18 Programas de rádio

Há também diversos programas de rádio que divulgam a cena local, como o *Programa Portaria do Rock*, apresentado por Rogério Salvador, que leva o nome porque o mesmo trabalha na portaria da Rádio UFMG Educativa, situada dentro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Recentemente, foi colocada na ativa a extinta Rádio Terra FM, agora com programação transmitida pela web. O idealizador desse retorno, Cláudio Terra, tem procurado estações de rádio convencionais para um provável retorno. A rádio mantém algumas programações do formato da década de 1980 e 1990, quando ainda estava na ativa.

5.19 Documentários

- *METAL: a headbanger's journey*

O documentário *METAL: a headbanger's journey* apresenta a trajetória do antropólogo canadense Sam Dunn, de 31 anos, que se tornou fã do *heavy metal* aos 12 anos. O antropólogo visita vários países do mundo em busca de opiniões, inclusive sobre a origem, as diversas perspectivas e razões pelo qual o gênero é amado por diferentes pessoas no mundo.

- *Global Metal*

Global Metal é um documentário dirigido por Sam Dunn e Scot McFadyen. É a continuação do Documentário *Metal: A Headbanger's Journey*. O roteiro é sobre o impacto da globalização sobre as culturas de diversos países perante o *heavy metal*.

- *Ruído das Minas*

É um documentário sobre a origem do Heavy Metal na cidade de Belo Horizonte-MG. Foi um trabalho de conclusão de curso de Jornalista de Felipe Sartoretto, Gracielle Fonseca e Rafael Sette Camara, que ganhou grande repercussão nas mídias.

- *Mulheres no Metal*

O documentário Mulheres no Metal surgiu da iniciativa da jornalista Gracielle Fonseca. É um documentário curto, que trata da presença feminina nos palcos brasileiros do som pesado. Integrante do grupo de monografia que realizou o interessante filme “Ruídos das Minas”, sobre o rock pesado em Minas Gerais, a jornalista mineira realizou uma pesquisa e conseguiu, mesmo com poucos recursos, depoimentos de importantes bandas de mulheres que fizeram heavy metal ao longos dos últimos 30 anos.

- *Botinada: A Origem do Punk no Brasil*

Botinada: A Origem do Punk no Brasil é um documentário brasileiro que o início do movimento punk no Brasil, entre 1976 e 1984. Foi produzido e dirigido por Gastão Moreira e lançado em 2006, trazendo entrevistas e imagens inéditas com os participantes do movimento.

6. LINGUAGENS DA CENA UNDERGROUND DE BH

6.1 A arte das capas dos álbuns

A cena *underground* (metal e *punk*) constitui-se através de um sistema de produção de sentidos que opera através das linguagens. Campoy (2010), ao pesquisar as cenas de algumas vertentes locais do *heavy metal* espalhadas pelo país, afirma que o termo *underground* é utilizado por grupos urbanos formados a partir de um tipo de música e em cada um encontra realidade distinta.

Caiafa (1989) explora o *underground* entre os *punks.* Um ponto em comum entre esses grupos é a proposta do *faça você mesmo* a sua música, o seu figurino e suas ideias, na contramão de uma indústria cultural e da hegemonia. Há, nesses grupos da cena *underground*, processos identitários que os chamam a participar e permanecer ali, seja na criação de expressões musicais e artísticas seja na recepção dos mesmos, sob forma de mediações e experiência estética, ampliando relações dialógicas entre tais sujeitos. Nesse contato, os sujeitos carregam em si os signos que transitam pelo universo da cena *underground*. Há linguagens mantidas vivas pela tradição e produção de coisas novas também. Tais mediações presentes nesses grupos são marcadas por diversas modalidades de arte. Uma arte com capacidade de transvalorar inclusive situações caóticas do planeta, de injustiças, da guerra , da violência, miséria e outros. O *do yourself* (faça você mesmo) para o processo de composição e divulgação do trabalho da banda *Warriors Of The Rainbow* é um exemplo desta transvaloração da tragédia. A banda foi formada em julho de 2014 pelo baixista Rodrigo Nunes (ex *Drowned, Eminence, Preceptor* e atual *Hellcome*) e pelo vocalista Rodrigo Fonseca (*Hellcome*). O nome do projeto foi inspirado na profecia indígena dos *Guerreiros do Arco-Íris*, guardiões de novos conceitos e vivências para a humanidade. Recentemente, com a pandemia da Covid 19, a banda produziu o videoclipe *The virus*[64], demonstrando o caos urbano com a disseminação da doença. O *underground* carrega essa marca de trabalhar a arte, a partir dos problemas sociais e do caos.

Entre eles circulam várias formas de experiências, fazendo da cidade um espaço de criatividade musical e desdobramentos artísticos: rituais nos shows (o *mosh* e o *pogo*), montagem de figurinos e a escolha da identidade de cada banda (seus símbolos em forma de desenhos ou letras) e até mesmo as manifestações de rivalidade ou violência. Portanto, para

[64] O videoclipe pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=Vrheevzqs54

estudar esse universo de possibilidades que é a cena *underground*, é preciso buscar, de forma dialógica, como tais sujeitos e seus grupos constroem a partir dos sentidos e escolhas identitárias que se desdobram nas linguagens que atravessam esse contexto de diversos signos.

Baseando-se em Campoy (2010), é possível perceber que o pertencimento ao grupo social da cena *underground* advém da construção conjunta de sentidos. Essa teia de sentidos pela cidade, na dinâmica desses grupos, não se limita a palavras e inclui movimentos da música, da cultura, do corpo e da ocupação dos espaços da rua. O emaranhado de sentidos sustenta a permanência temporal e as representações sociais desses grupos pela cidade. Tal acesso aos elementos acima caracteriza a cena *underground* como grupo social com características particulares que o diferenciam.

Como exemplo, é possível citar aqui a capa do álbum I.N.R.I. (FIG. 68), da banda mineira Sarcófago. O próprio nome Sarcófago leva a pensar em um ambiente fúnebre. A imagem da capa do álbum é um túmulo, onde os quatro integrantes da banda pousam para a foto em suas roupas em couro preto, com apetrechos militares, cruzes invertidas nas mãos como forma de contestar o cristianismo, cabelos longos; um deles lembrando umo estilo punk, cabelo corte moicano.

Figura 68 - Capa do álbum INRI
Fonte: Azevedo (s.d.).

A capa do álbum na FIG. 68 é uma sobreposição e expressão de signos: cruzes invertidas, letras em formatos de espadas, roupas e maquiagens pretas. A foto tirada no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, remete a um ambiente fúnebre e de terror.

A tese de Lopes (2006) aborda de forma detalhada de tais signos. Em sua etnografia, Lopes (2006, p.112) faz uma análise dos símbolos advindos do *heavy metal*, como a *mão chifrada*, "os dedos indicador e mínimo estiram-se em paralelos. O médio e o indicador ficam dobrados sob o polegar.". A *mão de fogo*, que seria "o braço estendido, em ângulo próximo de noventa graus, a mão aberta com os dedos semicerrados como se segurasse algo em chamas" (LOPES, 2006, p. 112), a cruz invertida e outros símbolos que criam representações para os sujeitos do heavy metal e também outros tipos de representação para os sujeitos que não são da cena e que vinculam os símbolos a algo do *mal* ou *diabólico*. O *heavy metal* é carregado de símbolos e signos que oferecem vasto campo de análises semióticas, um universo para diversas pesquisas, seja em capas de discos, em letras de músicas, figurinos e comportamentos dos sujeitos.

Lopes (2006) justifica o uso de um símbolo comum em álbuns de bandas de *heavy metal*, a cruz invertida.

> No mundo artístico revolucionário do heavy metal, esses valores e símbolos religiosos são dessacralizados e transformados em símbolos artísticos – convenções estéticas – não religiosos (ou numa operação alternativa, convertidos em signos incorporando outros valores religiosos que os atribuídos pelas referidas religiões). (LOPES, 2006, p. 41).

A cruz invertida, as roupas pretas, o som fúnebre e o som pesado nos acordes das guitarras, corpos tatuados com imagens de caveiras ou demônios e outros são elementos identitários desse universo.

A capa do álbum *The laws of Scourge* (FIG. 69), da Banda Sarcófago, traz signos que remetem à morte, ao sombrio, ao terror: uma mulher de pele muito clara e cabelos longos escuros, com roupa preta de renda, usando maquiagem com cores preta, roxa e vermelha deitada em cima de rosas vermelhas, com troncos de espinhos enrolados no pescoço e cabeça. A capa deste álbum era algo incomum, inédito para a época, uma imagem que os significados afetaram os sentidos de muitos fãs que até hoje escutam e divulgam este trabalho.

Figura 69 - Capa do álbum The laws of scourge
Fonte: Fonte: Discogs (2020d).

Figura 70 - Capa do álbum Synchronicity autophagic Hedonism (2017), Banda Scalped
Fonte: (SCALPED, 2020).

A capa do álbum *Synchronicity Autophagic Hedonism* (FIG. 70), gravado pela banda *Scalped* e lançado em 2017, também em Belo Horizonte, exemplifica um contexto mais contemporâneo e caótico, envolvendo questões políticas, além da estética provocativa com imagem de uma mulher com olhos vendados e uma balança nas mãos, representando a justiça cega e um bispo com rosto pintado de branco e preto, parece gritando no ouvido desta mulher, ao fundo a bandeira do Brasil, um homem de terno sujo de sangue, e o céu com fumaça cinza escuro.

A cena *underground* do *punk* e outras vertentes trazem também capas de álbuns expressivas e atuais. A arte destes trabalhos é a tradução real dos problemas do país, de uma forma bem aberta, num discurso evidente da indignação do povo e das camadas populares.

Figura 71 - Capa do álbum Bem vindos ao Brasil, da Banda Rastros de Ódio
Fonte: Bem (2014).

Na FIG. 71, a capa do álbum tem uma mulher nua ao centro com os olhos vendados e dinheiro na sua meia arrastão, numa posição de *poledance*, representando a justiça cega, e em volta, os ratos, que atuam ali como os políticos corruptos, com suas propinas e dando risadas, traduzindo a hipocrisia e a falta de caráter. Logo atrás, na imagem, as favelas brasileiras, que configuram a pobreza da população, o abismo e exclusão social. As capas da Banda Rastros de Ódio trazem a denúncia social, os problemas do país, a indignação em forma de sátira, numa linguagem expressividade dos desenhos do artista e vocalista da Banda, Cleuber Toskko.

O trabalho artístico do da capa do álbum apresentado a seguir (FIG. 72), com o título *O mundo em estado de óbito*, mostra, através dos símbolos e convenções da sociedade atual que o *punk* vomita todos esses elementos que causam nele repugnância, e reforçam o consumismo, as injustiças e desigualdades sociais, corrupção, ideologias dominantes, etc.

Em forma de desenho, a linguagem que denuncia o óbito de uma sociedade doentia, alienada. Ressaltando também o cenário da cena underground com a panela representando as bandas, a imagem mostra que mesmo dentro da cena há tensões entre os sujeitos.

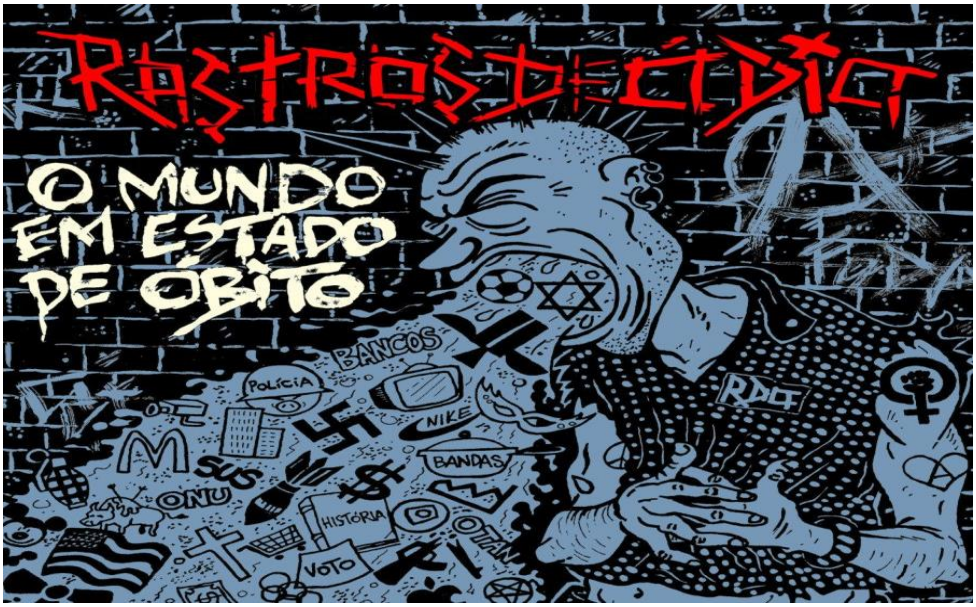


Figura 72 - Capa do álbum O mundo em estado de óbito, da Banda Rastros de Ódio
Fonte: Tosco (2014).

A cena do interior de Minas também traz novidades junto ao Coletivo Pulso. As Bandas Malespero e Nuclear Blood lançaram o *Split*[65], que em sua arte faz uma crítica aos governantes que apoiam idéias que contrariam a ética e os direitos humanos. Na capa do álbum (FIG. 73), os governantes coroam o líder nazista Adolph Hitler.

[65] Material de áudio onde se unem mais de uma banda para gravação de áudio, no caso deste, em Split dividido.

Figura 73 - Split com as bandas Malespero e Nuclear Blood
Fonte: Santos (2017).

6.2 Figurino

O figurino não é apenas pele que cobre o corpo, ele é a ressonância de diversas representações estéticas sobre aquele sujeito que o veste. O figurino, muito mais que tecido e costura, fala ao outro, desperta sentimentos, convida a leituras, a criações e discursos.

O figurino é expressão de elementos estéticos que ampliam a construção das identidades através do pensamento e linguagem, que ressoam representações sociais. Não o tecido apenas, mas as maquiagens, cabelos, pinturas e ou tatuagens no corpo, desenham mapas infinitos que complementam identidades, somam pensamentos e fruições artísticas.

O figurino remete singularidades e tantas pontes para palavras, para sua atividade polifônica nas linguagens. Os movimentos entre o eu e o outro que constituem formações identitárias, pensamentos e atitudes são ventos imprevisíveis sem direção certa. O figurino pode tentar dar um pouco de pistas sobre um determinado sujeito, seus gostos, cores, emoções, sentimentos.

O figurino, a vestimenta, a roupa é forma de comunicação que ressoa, sem convenções sociais, mas com significados infinitos. O figurino de cor escura, negra é marcante *no heavy metal* e no *punk*, com raízes góticas. O ar sombrio, de terror, muitas vezes depressivo está nas capas de discos, figurinos de shows e de fãs.

- *O ar sombrio: Influências do gótico*

As vestimentas de muitas pessoas e alguns ídolos do *heavy metal* são inspiradas no estilo gótico. Roupas pretas ou de outras cores escuras, capas, espartilhos, cartolas, muito ilhós e fitas trançadas, remetem ao medieval, ao romantismo e trazem desdobramentos da arte gótica.

As primeiras influências do gótico, de acordo com Pinto (2014), surgiam no século II, na região da França e depois foram para toda a Europa até o século XV. A arquitetura e a literatura gótica foram bastante marcantes e estão presentes até hoje em muitas cidades do mundo, inclusive BH.

De acordo com Pinto (2014, *online*), a arquitetura gótica é marcada em igrejas católicas ou fachadas de casas, com torres compridas, pontiagudas, e conseguiam iluminação através de "[...] janelas delicadamente trabalhadas e de vitrais em forma de rosáceas".

Na literatura, ainda que o Romantismo tenha destaque, o autor inglês Horace Walpole, explorou a Idade Média no cenário de castelos e lugares mal assombrados. O Castelo de Otranto, sua obra de 1764, em destaque Frankestein, clássico que traz o terror, o mistério e o sombrio.

E mais tarde na Inglaterra, até o final do século XIX, surgem os desdobramentos do gótico, com a construção da nova casa do Parlamento, em Londres. Fazendo parte do conjunto, o *Big Ben* e a *Tower Bridge*.

E todas as influências artísticas levam assim para a escolha das vestimentas. Uma delas foi o fato de a Rainha Vitória vestir somente preto, depois de ficar viúva. Assim, o local da casa do Parlamento, conhecido também como *Victorian Gothic*.

Outro momento do gótico no contexto histórico, com novo significado foi o fim da década de 1970. E Londres, continuava o cenário perfeito: a atmosfera *pós-punk* obscura, com sentimentalismo e melancolia foi representada por bandas como *The Cure*, *Joy division*, *Siouxie and the Banshees*, Os integrantes usando roupas pretas, maquiagem pesada e escura, principalmente nos olhos, para homens e mulheres. "Historicamente, a base do vestuário gótico é preta, aceitando algumas cores como sobreposição. Quais cores e quantidades delas é uma tendência interna que varia ao longo das décadas dentro da própria subcultura gótica e em cada cena local." (KIPPER, 2008, p. 48).

No videoclipe da Banda *Opeth*[66], *Porcelain Heart*[67], podem ser vistos alguns figurinos clássicos inspirados no gótico e no romantismo, nas paisagens frias da Escandinávia. Mulheres com vestidos longos de cor preta fazem performances em cômodos sombrios de uma casa, ao som das variações musicais da banda, ora com um som progressivo e alguns minutos do som pesado e sujo do *death metal*, com requintes do erudito. A banda preserva tais particularidades de grande variação de sonoridades e cenários do clima frio da região, de personagens vestidos de negro tanto na capa de álbuns e videoclipes.

- *A Cor preta*

A roupa preta é um elemento que identifica as pessoas que gostam de *heavy metal*. A grande maioria usa camisetas com nome das bandas preferidas ou imagens de álbuns destas. O uso das estampas de caveiras cria uma identificação de um grupo. As combinações de cores escuras, do preto e vermelho, do preto e roxo trazem um ar fúnebre para as vestimentas. Estas cores inspiram o terror, a atmosfera que os palcos e lugares de shows. As roupas de couro, espartilhos pretos compõe os figurinos de bandas conhecidas. O preto da vestimenta cria certo pertencimento ao grupo, que pode associar ou diferenciar os sujeitos do metal.

- *Cabelo*

Os cabelos grandes, muito usados pelos fãs e integrantes de bandas de *heavy metal* ficam mais evidentes quando batem as cabeças com movimentos de trás para frente ao ritmo do som pesado.

Pode-se observar que os hábitos se repetem de um lado do mundo, bem como de outro, são pontos em comum. A ideia de consumo de produtos culturais/midiáticos, lembrando as discussões pode explicar parte desta escolha. No que interessa este trabalho, Hall (2006, p. 74) define que:

> Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas"- como consumidores para os mesmo bens, clientes para os mesmos serviços públicos para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo.

[66] Banda Sueca de *Heavy Metal Progressivo/Death Metal*. Formada em 1990, pelo vocalista/guitarrista Mikael Ärkefeldt e pelo baterista Anders, sob o nome inicial de *Eruption*; esta era uma banda cover de *Bathory*, *Death*, etc (OPETH, 2006).
[67] Videoclipe pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=D0cDmm7Cz_k

Figura 74 - Banda Iron Maiden: Integrantes de cabelos compridos na década de 1980
Fonte: Mourão (2019).

Os cabelos dos *punks* na sua linha mais comum podem ser moicanos ou coloridos, raspados nas laterais da cabeça.

> Na época, como meu estilo voltou-se para o punk, eu usava moicano, colorido com muito papel crepom, correntes, cadeados, soco inglês (que eu mesmo fabricava com chumbadas de rodas de carro na rua). Tudo era usado para me defender nas muitas brigas na qual eu me metia, principalmente contra os "carecas". Na escola eu mantinha meu cabelo maior para manter o padrão social exigido pela instituição, mas fora dela eu me libertava. Hoje não tenho mais o moicano (saudade) e a temática punk é apenas uma ideia, que se renova ao ouvir os clássicos da época ou mesmo novas bandas. Digo que fui institucionalizado pela sociedade e seus padrões. (Helinton, entrevistado).

Figura 75 - Cabelos com corte moicano do entrevistado Cézar Sputinik
Fonte: acervo pessoal do entrevistado Cézar Sputinik.

- *Os spikes*

Os *spikes* são metais pontiagudos, muito usados pelos *punks* na customização de coletes e jaquetas. Geralmente, são acompanhados de patches, pedaços de tecidos com nomes das bandas. Muitas vezes são pintados à mão, o que torna a confecção do figurino mais artesanal.

- *Tatuagens e modificações corporais*

A tatuagem era muito comum apenas no contexto da cena metal e *punk underground*. Muitos desenhos de caveiras, elementos do terror, rostos de ídolos das bandas, etc. Hoje ela se tornou comum mesmo entre pessoas que não frequentam a cena. E a presença ou não de tatuagem não serve como fator determinante de uma identidade, a não ser por desenhos e seus significados nas convenções sociais.

O texto a ser lido no corpo configura-se de imagens, signos que remetem gostos, alguns partilhados entre si como caveiras, ídolos das bandas de *heavy metal* ou de *punk*.

Muitos tatuadores circulam na cena *underground* ou têm bandas, como o Jonny Armani da banda *Bulldogs Crossover*, Luís Lopes, Bozó da Banda Overdose, Carina Alok da Banda Agaurez.

> Agora estou com a cabeça raspada. Tenho 11 tatuagens e não pretendo parar. Me visto como sou e vou pra qualquer lugar: calça boca de sino, Jeans justo, couro, camisa de banda ou não, vestidos retrô e acessórios - amo acessórios! Pulseiras, anéis, colares e gargantilhas. Mas o que vale é você ser de verdade, autêntico e se sentir bem. Não curto essa de estereótipo para curtir um estilo musical." (Hyanna da Cunha, entrevistada)

- *Colete de patches*

Os coletes de patch são muito comuns no figurino da grande maioria dos *headbangers.* Cada colete é confeccionado a partir de patches (pedaços de tecidos pintados com o nome de uma banda ou desenho) das bandas preferidas dos sujeitos. Nenhum é igual ao outro. Quanto mais patches nos coletes mais representativa fica a experiência daquele sujeito no metal. Uma espécie de coleção de bandas que ouvem.

No *punk*, os coletes são incrementados com tachas ou *spikes* (metais pontiagudos) de metal; também colocam patches nas calças. Tais calças podem ser de tecido xadrez ou jeans bem velhos e ou rasgados.

- *Coturnos*

Os coturnos são muito usados pelos *headbangers*, tanto músicos como fãs. É um calçado que representa muito o contexto militar, uso da força e poder. Usado em trabalhos pesados (construção civil, metalúrgicas, fábricas, etc.) e ou militares (treinamentos, guerras, etc.), os coturnos no contexto do heavy metal trazem algumas representações. Eles saem do universo masculino para serem usados também por mulheres *headbangers*, que combinam o calçado com roupas pretas, espartilhos de renda, saias, vestidos, fazendo assim o contraste do pesado e do romântico ou gótico.

Os coturnos, neste contexto, podem ser vendidos com caveiras de metal, estrelas de cinco pontas, *spikes* de metal pontiagudos, etc. Muitas bandas, como Scorpions, *Kiss* (no caso do *hard rock*) utilizam coturnos com plataformas altas. Estes coturnos mais altos ressaltam a sensualidade de membros das bandas e fazem parte da *performance* de palco.

- *Couro e armas*

Adornos de couro nos braços, cintos com metais grandes ou em formato de balas de armas pesadas, roupas pretas ou de couro, ou mesmo armaduras de couro mais grosso e tachas ou adornos de metal representam muito o figurino dos seguidores do *black metal*. No palco, usam também machados, armas brancas, facas e até mesmo velas escuras para suas performances, que muitos chamam de uma missa negra, indo a sentido oposto ao catolicismo.

- *Cruz invertida no pescoço ou nas roupas*

É muito comum ver a cruz invertida em capas de álbuns de bandas *black* e *death metal*, dependuradas no pescoço de seguidores destes gêneros do metal. Assim considera CAMPOY (2010, p. 194): “[...] Entretanto, nenhum outro símbolo será mais ostentado pelo apreciador de *black metal* do que a cruz católica invertida.”.

A tese de Leite Lopes (2006) faz uma análise dos símbolos e signos religiosos invertidos no cenário *heavy metal*. A dessacralização dessa cruz, ora da religião, do sagrado. para ser incorporada num contexto profano:

> [...] o mundo artístico do heavy metal é discriminado, estigmatizado, temido e incompreendido principalmente por gerar um curto-circuito simbólico entre categorias de dado e de construído em não adeptos, ao recodificar símbolos sagrados do mal (tidos como dados) em convenções estéticas artísticas (tidas como construídas). (LOPES, 2006, p. 40).

A escolha de alguns símbolos como sagrados, ou do bem, e outros como referência do mal, principalmente no contexto religioso, é desconstruída nas produções de sentidos no *heavy metal*. As convenções estéticas e produções artísticas são descomprometidas com convenções morais, podem ter função alegórica sem maiores preocupações com normas ou comportamentos.

- *Temas de horror*

As camisetas, capas dos discos e imagens de videoclipes das bandas clássicas ou de *death, black metal* têm presença marcante do cenário do horror, dos filmes assustadores de terror, de lugares sombrios, cemitérios, castelos, arbustos secos, locais abandonados e outros. Morcegos, teias de aranhas, cobras venenosas são elementos que ilustram o cenário metal.

- *A caveira – Signo da igualdade*

A caveira estampa peles, roupas, discos, palcos e milhares de contextos do rock, do *punk* e do *heavy metal*. E apesar de a maioria das pessoas a identificarem como objeto de representação da morte, os *headbangers e punks* se apropriam dela como elemento estético com fortes afirmações de identidade de grupos.

Os ossos, apesar da fragilidade do corpo, permanecem por muitos anos, afirmando a existência, a memória. Assim reafirma a resistência e a vida que esteve naquela sustentação da carne e da pele.

Outra representação que a caveira remete é o terror, os ossos que assustam. E o terror apresenta aproximações nítidas com o *heavy metal*, nos videoclipes, nas capas de discos, camisetas, palcos e rituais de shows, etc.

A caveira pode também ser a única forma de afirmar a igualdade entre os seres, num mundo com preconceito, xenofobia e outros processos excludentes.

- *O corpsepaint*

Os rostos pintados de branco e preto, rostos inconfundíveis de sujeitos do *black metal.* A pintura de rosto é tradicional nas hordas (conjunto de elementos e rituais estéticos do *black metal*; não somente a música, mas as ornamentações de palco, os figurinos, ornamentações e ideologia). O *black metal* configura um universo erudito, de um refinamento estético muito apurado. Toda a sua escuridão, o lado obscuro e frio, talvez solitário o leva a isto. Um lado extremo, isolado e incomum. Ele não precisa de multidões, sua representação o eleva por si é algo absoluto. Campoy (2010, p. 192) descreve como é a pintura *corpsepaint.*

> Exploremos um pouco mais essas pinturas cadavéricas, exclusivas do black metal no underground, que os músicos usam quando se apresentam. Apesar de que cada músico possui uma pintura própria, o *corpsepaint* em geral se define pelo espalhamento de uma pasta branca, a mesma que os palhaços usam, pelo rosto todo e uma pasta negra delineando os olhos e, em alguns músicos, também a boca.

De acordo com o autor, a origem do *corpsepaint* é controversa. Ele afirma que alguns atribuem a bandas norueguesas, outros afirmam o uso pioneiro no Brasil pela banda mineira Sarcófago, extinta, mas ainda com muitos seguidores que cultivam sua memória e continuam indo ao Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte para tirar fotos no histórico túmulo da capa do álbum INRI (FIG. 68), da mesma banda (CAMPOY, 2010).

Mas, para o autor Scott Wilson (2014), no livro *Melancologia: Teoria e ecologia do Metal Negro*, a Banda Sarcófago é referência da criação do Corpse Paint. A origem do *corpse paint* (pintura cadavérica), segundo o autor, não se encontra na Finlândia, Noruega ou Suécia, mas no Brasil. A discussão acerca do surgimento desse estilo de maquiagem sempre remete à influência fundacional do álbum de estreia do Sarcófago (1987), sobre a apresentação visual da primeira onda de artistas de *Black Metal* escandinavos, que de certa forma copiaram a assinatura visual destes cidadãos da cidade de Belo Horizonte: braceletes com pregos, cinturões de bala, bochechas pintadas de branco e a maquiagem negra circular ao redor dos olhos (WILSON, 2014).

Outro precursor do uso do *corpse paint* é King Diamond. O ídolo do *heavy metal* usa uma cartola preta e um casaco longo com camisas no estilo gótico.

Figura 76 - King Diamond
Fonte: King (2017).

- *O feminino no hard rock e no metal*

Percebe-se que em muitas bandas, como *Motley Crue*[68]*,Def Leppard*[69]*, Twisted Sister*[70]*, Dokken*[71]*, Poison*[72]e outras, seus integrantes usavam um visual bastante feminino: rosto maquiado, cabelos compridos com corte selvagem, calças coladas com estampas de onça ou tigre, são complementadas pela performance de palco, a sensualidade é algo bem

[68] Motley Crüe é uma banda norte-americana de *glam metal*. A banda é conhecidas pelas brigas, polêmicas, excessos e caos. O grupo foi formado na Califórnia, em 1981, tem mais de 30 anos de carreira. Seus integrantes usam calças justas de estampas de animais, se maqueiam como mulheres, usam cabelos corte selvagens e repicados em tamanho maior. Em 2019, foi lançado o filme "*The dirt*",dirigido por Jeff Tremaine: a história da carreira da banda, uma comédia e drama biográficos (REDAÇÃO, 2019b, *online*).

[69] Banda inglesa, de Sheffwild, Yorkshire iniciada em 1977. Estilo: Hard rock, pop rock. O álbum *Hysteria* (1987) foi o mais vendido (JENSEN, 2020).

[70] Banda americana (Nova Iorque), formada em 1973. Estil: *Hard Rock*. Letras de músicas com temas de rock, rebelião, festas, diversão e sexo (WILKUN, 2020).

[71] Banda de *hard rock*, de Los Angeles, Califórnia - EUA, formada em 1977. Suas letras falam de amor e questões pessoais. Os integrantes usam maquiagens femininas e calças coladas, roupas com estampa de animais selvagens (ALOOF, 2020).

[72] *Poison* é uma banda americana (Pensilvânia) de *glam metal*, que iniciou em 1983. Em 1989, a banda consagrava-se como a sexta maior banda de *Hard Rock* dos EUA nos anos 80, atrás de Mötley Crüe, Def Leppard, Bon Jovi. Usavam maquiagens femininas, e roupas justas com estampas de animais (REDAÇÃO, 2019b, *online*).

evidente nestes figurinos. A lycra das calças coladas faz uma espécie de segunda pele que ressalta o contorno dos corpos ou mesmo sua boa forma, no caso da banda *Manowar*, seria uma espécie de intenção mostrar o corpo e sua boa forma física. Ao mesmo tempo em que o tecido justo, no caso da lycra, evidencia o corpo na sua forma mais natural possível, sem esconder seus detalhes, seus músculos.

Figura 77 - Banda norte americana Motley Crüe
Fonte: (REDAÇÃOb, 2019).

O couro é outro tecido muito usado nas vestimentas das bandas. Muitas calças de couro com aberturas laterais, com ilhós e trançados, combinadas com muitas jaquetas de couro com tachas de metal. O jeans é outro tecido constante nas vestimentas no metal. Muitas vezes este vem rasgado ou é customizado pelos seguidores do metal.

Essa questão do visual feminino do *glam metal* é discutida por Walser (1993) no capítulo 4 de seu livro (Forjando masculinidades – sons do heavy metal e imagens do gênero sobre gênero). O autor cita Debord (1983, p. 4): “O espetáculo não é uma coleção de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens.”. Na análise de Walser (1993) há uma *performance* destas bandas voltada para o andrógeno, e não uma mera cópia do que se convenciona chamar de feminino. No palco ocorre um empoderamento, a partir dessa desconstrução simbólica, que revela a instabilidade semiótica da configuração de gênero.

- *As lingeries no metal – Corpo, sensualidade e performance*

Os espartilhos são muito usados por mulheres do *heavy metal*. Os trançados de fitas dos espartilhos ressaltam a sensualidade e a elaboração detalhada de um figurino metal. As

armações de ferro por dentro que controlam o corpo, dão formato e cintura ao corpo feminino, dando destaque ao decote no busto. Há uma grande inspiração medieval, lembrando as pessoas e castelos europeus dessa época.

O espartilho também sugere algo de erudito. O corpo que toma o formato da elegância das cinturas finas e bustos firmes. A *performance* metal traz sensualidade, de coreografias sensuais no palco ou mesmo dos fãs.

No *heavy metal* não apenas os corpos das mulheres fazem performances, mas os homens também, principalmente no *glam ou hard rock*, como descrito acima, incrementam seus figurinos com calças justas, trançadas com fitas em ilhós, aberturas laterais, tudo que evidencie os corpos e suas curvas, tatuagens, etc.

- *A mão chifrada*

A mão chifrada tornou-se gesto usado em shows de heavy metal ou como saudação entre *headbangers*. A princípio é interpretada por Lopes (2006, p. 111).

> O "símbolo do demônio" ou símbolo do heavy metal, a mão em forma de chifres, com o punho fechado e os dedos mínimo e indicador levantados, hoje em voga mesmo em shows de bandas de outros gêneros, teria sido introduzido pelo segundo vocalista do Black Sabbath, Ronnie James Dio, que o teria herdado de sua avó siciliana como uma proteção popular italiana contra o mal olhado, uma espécie de figa, chamada de "malocchio". O vocalista exibia tal símbolo manual para o público ao entrar no palco, em substituição ao símbolo de paz e amor com as duas mãos e de cabeça para baixo (mais uma inversão do LOVE em EVIL) do primeiro vocalista, Ozzy Osbourne.

Ao contrário do significado para pessoas fora da comunidade metal, de algo maligno, ou que remete ao demônio, entre os sujeitos que a utilizam no contexto de *heavy metal*, pode ser uma saudação entre pessoas com gosto comum ou que estão gostando de um show de bandas desse estilo.

Um personagem conhecido nas capas e shows da banda britânica *Iron Maiden*, é o *Eddie The Head* ou *Edward The Head*. Considerado o mascote morto-vivo da banda *de heavy metal Iron Maiden,* Derek Riggs se baseou em uma propaganda de guerra publicada durante a Guerra do Vietnã para desenhar sua primeira versão.

Figura 78 - Capa do álbum The number of the beast, banda Iron Maiden
Fonte: Studio (2020).

Imagens de figuras consideradas profanas para a sociedade em geral, são comuns em capas de discos de *heavy metal*. Lopes (2006, p. 109) considera que

> A capa do álbum "The Number of The Beast" deixa claro o ponto de vista dos músicos: o diabo aparece na ilustração como fantoche com cordas controladas por Eddie, mascote da banda (encenado originalmente pelo português Manu da Silva dono do Eddie's Bar de Portugal), apresentando o demônio como um joguete manipulado, mero fantoche. Na capa de um compacto o desenho ilustra Eddie lutando e vencendo o boneco representando o demônio. Símbolos sagrados do mal convertidos em convenções artísticas, dessacralizados, perdem seu poder de coerção e efeito aterrorizante para os fãs do mundo artístico empreendedor de tais operações, ao ter seu caráter construído exposto, mas continuam a gerar pânico - daí acusações, estigmatização e invisibilização do gênero - entre os que os tomam por dados, como símbolos sagrados inquestionáveis, dogmas de uma ontologia que escolheu explicar o mundo em uma bipartição cosmológica estática e dicotomizada entre bem e mal.

Essa *linguagem do mal* foi construída a partir de símbolos e imagens ao longo do tempo. Considerando esse pensamento sobre a dicotomia bem/mal, sem considerar a ética, um termômetro para o equilíbrio. A imagem cristalizada ou um número, no caso o 6 (repetido 3 vezes, 666) torna-se símbolo do demônio, do terror, ou do castigo e punição. Ou mesmo um animal como o bode, simbolizado no *black metal* como representação do subgênero, no caso, proporciona interpretações semióticas diversas. Essa linguagem, principalmente na chamada Horda, que traz mais elementos estéticos para análises (crucifixo de cabeça para baixo, estrela de cinco pontas, o bode, satã e outros).

Um elemento importante que Azevedo (2009) traz nas conclusões da sua tese é a *atmosfera* criada, no caso da música do subgênero *black metal*. O som, além de remeter os sujeitos a pensamentos e imagens, a partir das experiências, também criam determinada

sensação que toma conta de ambientes, cenários, e outros. Ela refere-se a "[...] um detalhamento da relação entre trilha sonora de cinema e TV e os códigos empregados pelo BM para a construção daquilo que os adeptos denominam de atmosfera." (AZEVEDO, 2009, p. 219). Atmosfera essa que alcança um modo de refinamento, pelas fronteiras bem delimitadas e criação de elementos estéticos particulares. O clima de terror, o diálogo tranquilo com a morte, com a escuridão, suas formas de resistência, caracterizam bem estas fronteiras com outros subgêneros.

Outra análise bem pertinente de Azevedo (2009, p. 2019) é sobre a criação de uma personagem em uma banda de *black metal*, não somente pelo uso das pinturas em preto e branco, o *corpse paint* e figurinos de cores pretas, mas também por gestos e ou performances que desafiam instituições impostas para a sociedade, e pela "prática de criarem-se personas artísticas supernaturais e sobrehumanas.".

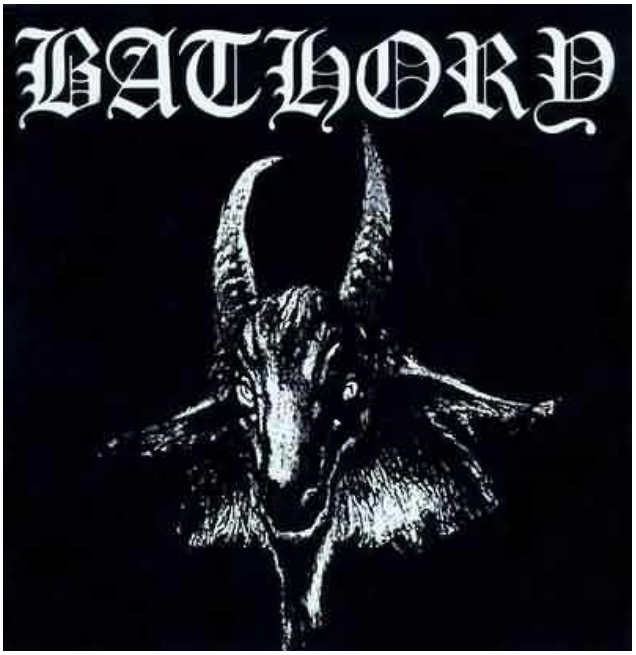


Figura 79 - Capa do álbum Bathory, da banda sueca Bathory (Black Mark Record, 1984)
Fonte: Quorthon (2012).

6.3 Nomes das bandas: a escrita enigmática

Outro elemento importante a ser observado nas linguagens na cena *underground* refere-se às *logos* das bandas. A grande maioria, principalmente, bandas de *death e black Metal* têm nomes difíceis de serem lidos. Algumas apresentam uma aparência de macarrão instantâneo quebrado, letras com formas não convencionais, inspirando terror, escuridão, e

outros elementos de contexto próximos a tais signos. Azevedo (2009, p. 19) descreve em sua tese, as formas das letras utilizadas nas logos de bandas de *black metal*.

> Como em todos os lugares do planeta, nos quais há bandas de BM, os logotipos seguem o mesmo padrão. As cores são preto, branco e vermelho, com formas pontiagudas, pentagramas e crucifixos invertidos, alusões à escrita medieval, a formas orgânicas de insetos e plantas ou a instrumentos cortantes. (AZEVEDO, 2009, p. 19)

Figura 80 - Logo da banda Defacer, Black Metal – BH
Fonte: Hellcommand (2020).

Figura 81 - Logo da Banda de black metal norueguesa Darkthrone
Fonte: Cannibalex (2020).

Figura 82 - Banda Aka Funeral, Black Metal – BH
Fonte: Salpius (2020).

Figura 83 - Logo da banda Ignorance, Death Metal - BH
Fonte: Ignorance (2020).

Figura 84 - Banda Corpse Grinder - Death Metal, de Machado-MG
Fonte: Oziris (2020).

Todos estes elementos povoam a estética e linguagens da cena *underground*. É um território denso em termos de estudos nas linguagens. Após fazer um panorama geral da cena de BH, apresenta-se aqui um recorte de algumas características desse contexto, voltado para o que interessa, que são objetos e processos ligados a linguagens e à construção das identidades tanto de subgêneros, como dos sujeitos em suas experiências artísticas, e interações culturais.

Antes de partir para a análise de dados, foi necessário explicar as estruturas que envolvem o sujeito com o mundo, para entender seus processos de construção de identidades na cena metal e punk. Tais processos podem se encaixar em uma teoria, desenvolvida pelo artista austríaco Hundertwasser, a teoria das cinco peles.

6.4 A cena *underground* vista a partir da teoria das cinco peles em Hundertwasser

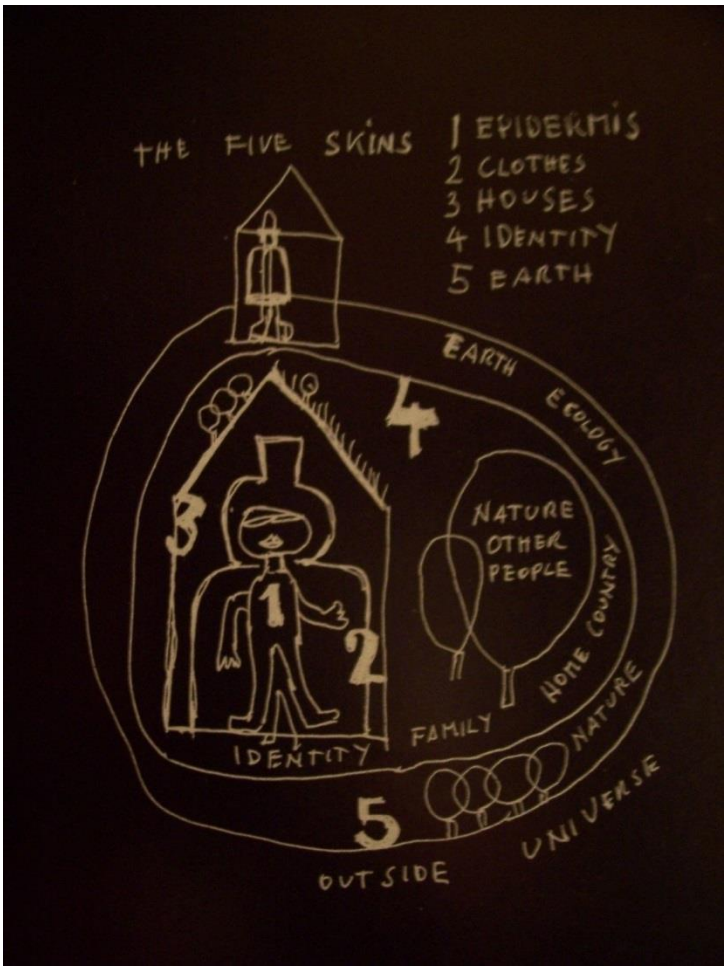


Figura 85 - A espiral da teoria das cinco peles de Hundertwasser
Fonte: (RESTANY, 2003).

O crítico de arte e filósofo cultural francês Pierre Restany publicou um livro sobre a obra de Hundertwasser. A trajetória do artista é descrita e ilustrada com suas obras, bem interessantes no campo da arte, da arquitetura e da ecologia. Tal trabalho traz a construção empírica do artista sobre a teoria das cinco peles, que será de grande valia para o entendimento do panorama e das relações sociais da cena *underground*, posteriormente. Será feita uma apresentação de um recorte da vida e obra do artista, e em seguida, suas relações com a trajetória de construções identitárias dos sujeitos da cena *underground.*

De acordo com Restany (2003), Hundertwasser nasceu em Viena, em 15 de dezembro de 1928. É o artista mais conhecido na Áustria. Sua carreira ganha reconhecimento depois de uma longa estadia em Paris, com exposições e performances. E em seguida pela volta ao mundo em museus, pelas mãos do seu empresário Joram Harel.

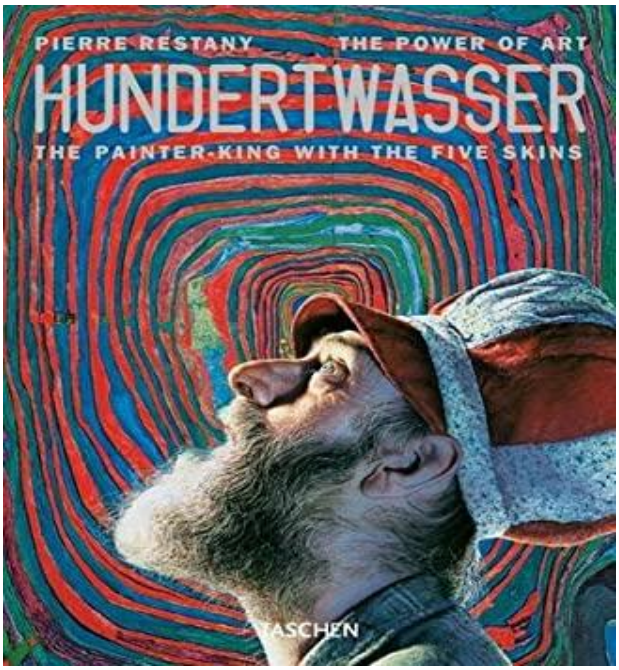


Figura 86 - Hundertwasser, o pintor rei das cinco peles
Fonte: Hundertwasser (2020).

Em 1968, Hundertwasser comprou um velho veleiro de madeira na Sicília e o leva para Veneza, o reforma e rebatiza com o nome de *Regentag* e segue navegando nas costas do Adriático**.** O cineasta Peter Schamoni o encontra e filmam juntos *Regentag* (dias de chuva), apresentado no Festival de Cannes em 1972 (RESTANY, 2003).

O artista deixa bastante claro a sua atividade ideológica militante a favor de um habitat de melhor qualidade. De acordo com Restany (2003), Hundertwasser plantou mais de 60.000 árvores no mundo inteiro, depois da operação *Inquilino Abero* em Milão. Ainda no ano de

1972 publica o manifesto o teu direito de janela- o teu dever de árvore, numa emissão pela televisão. Além de pintor, sua atuação na arquitetura foi abrangente, mais precisamente unia no seu plano ideológico, arte, arquitetura e ambiente. E nesse plano, Hundertwasser vai entrar em guerra contra a poluição sob todas as suas formas: poluição do ar, o risco nuclear, atentados à natureza, destruição do patrimônio. De acordo com Restany (2003), Hundertwasser plantou mais de 60.000 árvores no mundo inteiro, depois da operação *Inquilino Abero* em Milão, em 1973. O artista chegou a visitar o Brasil, depois de passar pela Nova Zelândia, em 1977. Passou pelo Rio Negro, na Amazônia.

Com a pintura da sua primeira espiral , em 1953, "[...] Hundertwasser sela a marca da sua visão de mundo, da sua relação com a realidade exterior" (RESTANY, 2003, p.10). Sua metáfora, a princípio, o homem possui três peles: sua epiderme natural, seu vestuário e a sua casa. Em 1967 e 1968, o artista aparece nu, despido da segunda pele (vestuário) para defender o direito do homem a terceira pele, sua casa, completando o ciclo da espiral.

O despertar de sua consciência, após 1972, faz assim aparecerem a quarta pele, que é o meio social, e a quinta pele, "a pele planetária, ligada diretamente ao destino da biosfera, à qualidade do ar que se respira, e ao estado da crosta terrestre que nos protege e nos alimenta." (RESTANY, 2003, p. 11). Portanto, são as cinco peles, pensadas por Hundertwasser: A Epiderme, O Vestuário, A Casa, A Identidade Social e O Meio Global e Ecológico.

6.4.1 A primeira pele: A epiderme

Na ilustração do livro, Hundertwasser aparece nu (RESTANY, 2003, p.14), mostrando suas convicções naturistas. Mas não é apenas isso que define todo o pensamento que é constrói na sua teoria.

A primeira pele consiste no eu com a natureza e o mundo orgânico. Não somente ligada às necessidades fisiológicas, sexuais ou à deterioração do corpo, mas também às experiências dos sentidos e do inconsciente de cada sujeito. Um encontro consigo mesmo, com o Eu de toda a complexidade das relações orgânicas internas, para tanto, o homem nu, se desprende das exigências e convenções sociais, para ficar livre a criar.

Restany (2003) o denomina médico da arquitetura, pois estreita a relação corporal humana e orgânica com o meio ambiente.

Na metáfora do bolor, Hundertwasser propõe que "[...] o habitante deve cultivar o próprio bolor doméstico." (RESTANY, 2003, p. 23). As paredes das casas, para ele devem se expandir, deixando a natureza também livre pra crescer, para que possamos respirar o ar da

floresta. Restany (2003, p. 23) assim descreve: “[...] A metáfora do bolor torna-se assim a imagem parabólica da espiral expansiva do indivíduo: a casa que o homem talha segundo o seu gosto, é a extensão do vestuário que cobre sua pele biológica.”.

No seu Manifesto da Santa Merda, o artista propõe o uso da matéria fecal como húmus que aduba a terra, resgatando o ciclo natural, uma aproximação com a natureza, contrariando a interrupção desse ciclo higienista, artificial. Na sua teoria, o corpo tem extensões que são orgânicas e se interdependem, principalmente para o bem estar humano (RESTANY, 2003).

6.4.2 A segunda pele: O vestuário

Hundertwasser fazia suas próprias roupas, meias e sapatos. Mais tarde viria os eu famoso boné colorido de uma espécie de patchwork. Sua indumentária era exótica, a calça parecia um pijama listrado. O artista percebeu que suas vestimentas serviam de passaporte social. Outro detalhe é que suas roupas tinham reversibilidade, o tecido era o mesmo por dentro e por fora. Restany (2003, p. 39) afirma que nas vestimentas do artista “não há costuras grossas, bainhas cozidas ou retalhos acrescentados.”. As roupas eram confortáveis, e mesmo sendo rico, e podendo pagar caro por tecidos, incentivava a antimoda, servindo como tendência para estilistas italianos e japoneses.

O autor cita a interligação entre a consciência individual e a nacional. A bandeira como segunda pele da nação.

6.4.3 A terceira pele: A casa do homem

A casa é onde se passa grande parte da vida. Hundertwasser propõe outra ideia de habitat, com paredes irregulares, com plantas ou árvores saindo da sua dimensão espacial, misturas coloridas. Uma arquitetura expansiva, onde o homem tem a escolha do seu bem estar e identidade própria na sua moradia. Restany (2003, p. 45) assim descreve a influência do artista: “O ato de construir à Hundertwasser vai imprimir a marca específica da sua criatividade sobre o fragmento do tecido urbano que lhe é confiado, sobre a dimensão física e humana do ambiente.”.

A cidade de Viena ganhou em sua arquitetura as criações de Hundertwasser. Ele permanece na “estrutura viva do tecido urbano” (RESTANY, 2003, p. 48). Sua criação mais interessante em termos de design exterior é a central de incineração dos lixos domésticos e de aquecimento urbano da cidade. O artista transformou a construção em “uma mesquita-palácio

digna das Mil e uma noites". (RESTANY, 2003, p. 47). Muitas outras obras inovadoras e resultado desse r*edesign*[73] podem ser encontradas por Viena, incluindo não somente edifícios, mas casas com telhados de relva, com muita vegetação, bem nas influências naturistas.

Restany (2003, p. 49) relembra uma frase-chave de Hundertwasser: "A minha preocupação obsessiva pela qualidade da pintura preparou-me para enfrentar os problemas da qualidade de vida, da dignidade do trabalho, do respeito pela natureza, da higiene moral da ecologia.".

O projeto artístico-humano-ecológico de Hundertwasser extrapola as cores das suas pinturas, para o pensamento de que o lugar deve servir ao homem e não o homem ao local que mora ou ao seu meio natural e ou urbano.

6.4.4 A quarta pele: O meio social e a identidade

Essa é a parte da teoria de Hundertwasser que muito interessa na discussão central deste trabalho.

Como o artista era filho único, teve uma percepção tardia da quarta pele. Depois da morte da mãe em 1972, o artista "[...] torna-se então mais sensível ao meio social, aos problemas de identidade ligados a um grupo, a uma comunidade ou uma nação" (RESTANY, 2003, p. 63). Então, Hundertwasser começa a viajar com seus vinte anos, vai para a Itália e conhece o pintor francês René Braut, que passou a chamar de Brô, e ganha uma nova família, a dos amigos. Em seguida indo para Paris, onde ganhara reconhecimento de sua obra. E continuou viajando com o amigo, para a Índia, Nepal e Nova Zelândia. Continuaram amigos até a morte de Brautno, ano de 1986, em Paris.

Restany (2003) confirma que essa quarta pele não se limita a família, mas expande-se para o conjunto de grupos que fazia parte da sua vida coletiva. A nação também fazia parte da trama desse tecido identitário. No caso do pintor, que conhecia muitos países, uma espécie de mosaico "supranacional" (RESTANY, 2003, p. 65).

Uma das importantes partes da sua vida foi o encontro com um jovem estudante na *École Normale Supérieure* da *Rue D'Ulm*, Leopold Sédar Senghor, que viria a ser futuramente o presidente do Senegal e grande apóstolo humanista da negritude. Quando este presidente abriu o *Festival de Salzburgo*, em 1977, refere-se à Áustria como "expressão da

[73] Para Restany (2003, p. 49) são intervenções sobre a fachada do edifício, que incluem o arranjo e intervenção dos espaços interiores.

civilização universal" (RESTANY, 2003, p. 67), citando o músico Mozart, o poeta Rilke, e o pintor Hundertwasser.

Nessa trajetória, uma passagem importante do artista foram seus desenhos feitos para selos, quando Luxemburgo foi capital europeia da cultura em 1995. Os selos tornaram-se veículo importante na mensagem de harmonia universal que o artista promovia, com imagens "belas e portadoras de paz" (RESTANY, 2003, p. 70).

Pela narrativa de Restany (2003) é possível afirmar também da importância e Hundertwasser no design, vista em sua linha de relógios de pulso e de bolso, com os números das horas na parte de fora, por volta do ano de 1992. Desenhou também bandeiras.

Toda essa grandiosidade estética em Hundertwasser está amarrada na sua resistência política, para o bem estar social. Para Restany (2003, p. 76), o artista levantou a bandeira de uma Áustria "ecológica e não nuclear", o que fez com que ele levantasse a bandeira da sua campanha contra a União Europeia. A luta contra esse esvaziamento identitário é assim reforçada nas análises de Restany (2003, p. 76).

> Os computadores supranacionais e multinacionais de Bruxelas nivelarão as diversidades específicas do atual humanismo austríaco e essa normalização varrerá todas as esperanças de espaços felizes. Hundertwasser vê na Europa unida a obliteração do seu projeto de sociedade e o apagamento definitivo dos poucos traços que deixou depositados em solo austríaco.

As relações subjetivas com a macro política nunca são nulas, ninguém se isenta de mudanças que possam afetar seus modos de vida, seu bem estar e sua identidade. A interdependência de uma pele para outra é visível no percurso da teoria das cinco peles de Hundertwasser. É uma estrutura com ciclos orgânicos como uma célula gigante que trabalha a todo tempo na manutenção da vida e da existência com direito a toda a sua pluralidade.

6.4.5 A quinta pele: O meio global – Ecologia e Humanidade

Restany (2003, p. 79) afirma sem nenhuma dúvida que "[...] Hundertwasser é naturalmente verde, como é naturalmente pintor, austríaco, cosmopolita e pacifista.".

O bolor e o fermento ativo que criam identidades próprias fora da arquitetura de ângulos retos abrem perspectivas de uma natureza que cresce de forma espontânea. Seu plano ecológico fica bem claro em: "O Direto da janela - O dever de árvore (1972), a Retrete de Húmus (1975); a Santa Merda (1979) - traduzem a fidelidade à ordem superior da natureza na sua regeneração espontânea." (RESTANY, 2003, p. 79).

O artista demonstrou que por mais que mude essa quinta pele, a força da resistência pela qualidade de vida independente do avanço de novas tecnologias, e para tanto, utilizou a arte, nas suas formas

6.4.6 As cinco peles da formação identitária no underground

A transposição das cinco peles da cena *underground* de BH, nas suas trocas internas e suas conexões com outras cenas no mundo. No *heavy metal* e *no punk, as cinco peles* podem ser representadas da seguinte forma: a pele do sujeito, seu figurino (roupas, maquiagens, cabelos, tatuagens, etc.), o palco e a *performance*, a cidade (a cena urbana *underground*), e por fim, a cultura/ indústria cultural e por fim uma pele permeável, sem fronteiras ou barreiras: O som do metal e suas manifestações e elementos estéticos com suas infinitas trocas e *reapropriações identitárias*.

A *pele* dos sujeitos do metal e do *punk*, seja com tatuagens e piercings ou não, é a superfície de contato mais sensível das emoções e do afeto com o som, com as diversas dimensões artísticas. Tocar um instrumento, criar, tocar e permear-se de uma mistura de elementos do outro, se autoconstruir. A Teoria das Cinco Peles é definida por Restany (2003, p. 11).

> A espiral visionária de Hundertwasser atingiu a sua máxima amplitude. Para recolher o essencial da substância da mensagem que ela contém, a evidência do bom senso impôs-me um método: a exploração sucessiva de cada pele, começando pela epiderme, a zona membranosa mais próxima do eu profundo, aquela que encarna a nudez do homem e do pintor.

A primeira pele é também conexão de corpo e pensamentos, é instrumento de protesto e afirmação identitária. Vai muito além de desenhos na pele, ou ornamentos, é toda essa porosidade que favorece trocas de forma orgânica. O nu de Hundertwasser é essa disponibilidade da primeira pele nos sujeitos da cena metal e *punk*, a mudanças contínuas, e os embates da condição humana. Os modos de narrar um mundo que é também sujo, perverso, imperfeito. Essa primeira pele, é ornamentada de preto, das cores vermelhas do sangue humano, e possibilita criar outra personagem, não apenas nos palcos, mas fora do trabalho, de instituições, para deixar seus poros respirarem um pouco na atmosfera da arte.

O *figurino*, também descrito no capítulo de linguagens, aqui é representado como a segunda pele, traz características singulares destes sujeitos, que se originaram de múltiplos desdobramentos identitários de várias pessoas, de seus ídolos integrantes das bandas de *heavy*

metal e/ou *punk*. Cabelos longos, com moicanos, que podem representar a força, a resistência de um grupo. Roupas pretas, calças justas, rasgadas, com estampas animais, confeccionadas com couro, mostrando o físico atlético nos palcos são comuns nesse universo metal.

O *palco*, a casa do *underground*, que aqui é denominado de terceira pele, é o lócus das performances não apenas do som, das vozes e peso das guitarras, mas do corpo. O show de cada banda tem seus rituais, suas maneiras particulares de mexer corpos, de bater cabeças. A presença dos morcegos nos palcos com o Ozzy Osbourne, suas corridas pelo palco e os baldes de água jogados, são marcos que definem sua presença e irreverência. Os fãs esperam por aquilo como uma celebração. O palco reforça sua estrutura com o movimento dos corpos que complementam os sons pesado. A música por si só não basta, a energia dos músicos e fãs, os efeitos especiais, iluminação, fogo, projeção de imagens incrementam.

A *cidade*, local de encontro social, definida como a quarta pele, como local de divulgação cultural, de encontro dos sujeitos. Para muito além da sua arquitetura, do seu trânsito, é uma pele permeável, onde circulam manifestações culturais das mais variadas. No caso dessa pesquisa, BH tem eventos autorais e com bandas covers também, que podem acontecer nas áreas centrais ou nas periferias.

> Belo Horizonte é reconhecida como grande representante do heavy Metal nacional e possui projeção internacional graças á bandas como Chakal, The Mist, Overdose, Mutilator, Sarcófago, Holocausto, Sepultura e tantos outros que influenciaram gerações e são frequentemente citadas como percursores do Metal Brasileiro nos anos 80. Atualmente o cenário de Belo Horizonte e região é repleto de bandas de qualidade como o Witchkross, Wild Leather, Drástiko e Exorddium, algumas inclusive já vieram pra minha cidade (João Monlevade) em eventos que organizei em parceria com amigos (Túlio Hetfield, entrevistado).

O entrevistado acima mora em João Monlevade e vem sempre a BH assistir shows de bandas da sua preferência citadas acima. A maioria oitentistas, mas ele cita uma banda *punk*: a Drástiko. Assim, pode-se perceber que há abertura para outras vertentes e novidades da cena underground. A banda Drástiko[74] trabalha com letras de protesto, uma delas, trazem o novo Videoclipe intitulado *Lama*, que se refere à tragédia do rompimento da barragem da empresa Vale em Brumadinho. A cidade, aqui no caso, que não é BH, entra não somente como cena, mas com os seus problemas sociais, ambientais, da banalização da vida, da exploração do trabalho e da impunidade.

[74] Várias músicas da banda podem ser acessadas neste link: https://soundcloud.com/rodrigo-35240743.

A cidade de BH, como pele sem fronteiras, permeável para o diálogo de outros povos e culturas, recebe na música autoral da cena underground um lado oportunidade de protestos através de manifestações estéticas. Um lado não muito bonito, mas real, da miséria, do desemprego, da violência, das estruturas de poder e da marginalização da diferença. Ainda que pequeno o movimento, que poucas pessoas conheçam ou até cantem tais músicas autorais, há uma representação da insatisfação coletiva que dialoga com outros grupos culturais.

Não há como falar de uma cena metal e *punk* numa cidade de BH isolada. Ela dialoga com bandas e pessoas de outras cidades, principalmente do interior. A cena de Itaúna, do Triângulo mineiro, de João Monlevade, do sul e do norte de Minas. Os eventos da cena underground de Belo Horizonte, em sua maioria têm bandas da capital, do interior e outros estados, e no caso do Coletivo *Metalpunk Overkill*, citado no início desse trabalho, bandas do exterior.

A pele cheia de poros da cidade tem lugar também para a memória, de muitas pessoas que frequentavam a cena, e por algum motivo, exigências da formalidade de trabalho e outros, não têm muito contato, mas preserva na sua essência a identidade, numa chama acesa, ainda que pequena, mas firme, frequente.

A percepção dos sujeitos mais novos sobre a cidade traz uma memória transmitida por outras gerações e pela mídia, e ainda que não tenham vivido a época no início das bandas de *heavy metal* em BH, agregam conhecimentos e interesse pela história cultural e enxergam que essa pele denominada cidade, tem poros que atraem novas gerações para a memória e a continuidade do movimento metal.

> A cena de BH é sensacional, no sentido que tudo começou aqui, os maiores movimentos de bandas foram aqui,e eu me orgulho com isso,e na época que eu conheci essa cultura em BH, eu me senti "em casa" (Arthur Camarada, entrevistado).

Apesar da pouca idade, o entrevistado Arthur demonstrou conhecimentos sobre bandas antigas de BH, músicas que marcaram o cenário e frequenta os shows de underground que acontecem atualmente.

> Apesar do cenário atual ser bem diferente tanto para o Punk e heavy Metal com a chegada das redes sociais e difusão da informação em larga escala, isso acabou impactando tanto negativamente como positivamente no cenário de BH. Atualmente ficou mais fácil a difusão de material e divulgação de eventos em proximidade com o público alvo em questão, mas na contramão temos uma avalanche de bandas que não somam parcerias entre si por motivos diversos, o que torna esses agrupamentos muito limitados e seletivos. Isso prejudica a conquista de espaço e diminui a união entre os headbangers, ocasionando uma dispersão do público no cenário

> underground. Um dos eventos underground que destaco na cidade é o Metalpunk Overkill, que além de representar a união entre dois seguimentos culturais da cidade é uma ótima oportunidade para conhecer bandas da região, além de atrações de diversos cantos do país. Posso afirmar que BH seja meu segundo lar em MG. Foi em Belo Horizonte que fiz diversas amizades e parcerias para futuros eventos em minha cidade á fim de difundir o heavy Metal em uma grande parceria mineira e incluir Monlevade na rota de diversas bandas sedentas pela selvageria das apresentações ao vivo, assim como foi também a cidade na qual vivi momentos intensos com diversas histórias malucas e bizarras. Belo Horizonte também é a rota de diversos artistas e bandas nacionais e internacionais que me influenciaram e pude ter o prazer de presenciar ao vivo (Túlio Hetfield, entrevistado).

As mulheres ainda são minoria na cena *underground*, mas as que frequentam a cena têm participação impactante. O envolvimento da entrevistada com a cena e sua posição de resistência é claramente descrito por ela. Pela sua trajetória nos movimentos, percebe-se que a cidade oferece uma diversidade de sons, lugares, e grupos. A cidade é, nesse sentido, aqui descrita:

> Eu sou belorizontina. Nasci e cresci aqui. Minha escola musical se fez aqui. Há cenas fortes e resistentes em BH no Punk/Hardcore, no Rock, no Metal, no Blues, no Reggae, no Soul e até no Rap. Eu vou em eventos autorais de todo porte. Apoio demais o Underground e a resistência. Prestigio eventos com bandas cover também e respeito, mas acho que estamos precisando mesmo de movimentos com os que Márcio Aranha e a Têia Produções, Ronnei Scanners da Toca dos Scanners, Cerco Grotesco, Marcenaria Artística, Rancho do Rock e o Mister Rock, por exemplo, têm apoiado e fortalecido, dando moral pro autoral prioritariamente. Acho válido demais. Não tenho nada contra bandas cover, tributo e/ou releituras. Rolam eventos mistos também em espaços maiores como praças, tem o Viaduto das Artes com o Barreiro Rock (que tem somado muito ao autoral), tem a Pista de Skate, tem os festivais organizados na rua pelos Camisa Preta e o Stonehenge Rock Bar e outros movimentos alternativos na resistência cultural. Juntos somos mais fortes - é o que penso e apoio (Hyanna, entrevistada).

Há um grupo pequeno, mas muito fiel, na cena autoral da cidade. Tem a cena do metal extremo, que acontecia bastante em locais como era a antiga molduraria, o coletivo *Metalpunk Overkill*. A cena *punk* também se inclui nesse movimento. Mas também há outro movimento importante organizado pelo entrevistado Silva Dops, que reúne bandas de BH, de São Paulo e Rio de Janeiro; sua banda, Dops participou inclusive do *Festival Mundial de Punk* na Europa, o *Rebellion Festival*, realizado em 2019, com convite firmado para o Festival de 2020.

A *Cultura* seria a quinta pele do *heavy metal* e do *punk.* Ela abraça todo o universo dessa estrutura de formação identitária, os sujeitos e o emaranhado de interações, transformações, reapropriações, aprendizagens e produção de sentidos. Pode-se dizer que a cultura é pele permeável. A indústria cultural e a cena underground são camadas da epiderme

que afetam grupos diferentes ou entram às vezes em interseção: um sujeito que frequenta grandes shows pode também transitar no cenário autoral do metal e do *punk*.

Para Weinstein (2000), duas formas diferentes de *heavy metal* se constituem a partir da década de 1980: a comercial, que pode ser chamada de *mainstream*, e outra, *underground.* Nesta última prevalece um cenário artístico autoral: músicas, indumentárias e vestimentas, palco e performances são criações próprias, de um grupo mais fechado, com fronteiras bem delimitadas, dentro de um universo obscuro, de um som pesado mais sujo. Cada banda tem características distintas das outras, figurinos únicos, elementos do som que as identificam, pela metranca, pelo vocal gutural, pelo uso de mis de uma guitarra ou baixos, etc. Campoy (2010, p. 73) identifica o *underground* como "um sistema de circulação de pessoas e produtos em nível nacional, tanto formulado quanto estimulado pelos contatos.".

No show de *underground*, várias bandas tocam, algumas vêm de outras cidades, e até de outros países (caso do *Metalpunk Overkill*, do Festival Explode Ouvido, do *punk*). Bandas de *black, death, trash metal* podem tocar no mesmo palco com bandas de *punk*. As bandas normalmente não recebem cachê, os produtores não lucram muito, há uma troca: as bandas podem vender seus CDs, *demos*, camisetas, *bottons*, etc. Pode haver presença de um representante de algum selo vendendo material de bandas diversas, como é o caso do *Totem Records* (do professor e colecionador Edmar Alves), Punho Cerrado, representada pelo Marcelo Marceleza Barreiro, apelido conhecido pelo bairro que mora em BH. Há presença também nos shows um conhecido selo do cenário *punk* de BH, a *Sinfonoise*, do vocalista da Banda Rastros de Ódio, Cleuber Toskko.

Diferente da cena *underground*, a epiderme do *Mainstream*, ou da indústria cultural metal e *punk*, a cultura é de mercado, de arrastar multidões para grandes estádios de capitais e ou cidades maiores para shows de uma banda apenas, com venda de ingressos com preços altos, incluindo aqui os grandes festivais[75] pelo mundo, como *Monsters of Rock, Hellfest, Wacken*, Inferno Festival, *Rock in Rio* e outros. Há todo um aparato de pessoal que trabalha nos palcos e indiretamente, de logística da banda, patrocinadores, um universo que gera lucro para muitas empresas e diversos segmentos.

Dessas cinco peles e suas relações coma cultura e com o outro, o entrevistado Túlio descreve sua afinidade com elementos do heavy metal e do hard rock metal oitentista.

[75] Site Festivalando (https://festivalando.com.br), turismo musical, da jornalista Gracielle Fonseca Pires. Ela é mestre em Linguagens pela Universidade Federal de Viçosa. O título da dissertação é "A bela é fera: Análise discursivo-crítica das performatividades do gênero nas entrevistas da Revista Roadie Crew" (PIRES, 2018). Foi também uma das autoras do documentário Ruído das Minas, sobre *o heavy metal* em BH, trabalho de sua conclusão de curso de Comunicação Social pela UFMG.

> Sou um reflexo de uma época que não vivi, mas que faço de tudo para sentir e ser, pois é a minha essência e fonte de auto estima. Ou seja, pra mim existem 3 tipos de pessoas , aquelas que apenas escutam o som, aquelas que vivem do som e aquelas que vivem o som, posso dizer que me enquadro na terceira opção. Sou aquele tipo de cara que mantem os Mullets, usa tênis retrô cano alto, coletes de patches com diversas bandas oitentistas, inclusive com alguns patches referentes a algumas figuras populares ou personagens que possuem algo semelhante á minha pessoa, sou aquele sujeito que prefere gastar uma grana á mais em alguns discos de vinil pra sentir a essência e o prazer de colar um som no toca discos, ou até mesmo as velhas fitas cassete, e que tbem prefere acelerar um Opala com um Def leppard no talo e deixar os Mullets ao vento, do que pagar de materialista genérico com o carrinho do ano preocupado em agradar as pessoas ao redor (Túlio Hetfield, entrevistado).

7. ANÁLISE DE DADOS

O início da identificação com o *heavy metal* ou com o *punk* é um marco para entender como os processos de construção das identidades acontecem. Esse primeiro encontro do sujeito com o *heavy metal* ou com o *punk* pode acontecer de geração para geração, através do contato com a música e os diversos signos. As capas de discos, as camisetas, o som pesado, os shows podem ser um desses pontos de significação.

O primeiro contato com a música é fundamental, mas pode acontecer a identificação inicial com os signos do *heavy metal*, por exemplo.

> Em meados dos anos 90 eu tinha um grande fascínio por filmes de terror e ficção científica, (Outra de minhas paixões) ficava alucinado quando meu pai me levava nas lojas de discos, adorava admirar as artes das capas que sempre retratavam criaturas de fantasia medieval, monstros, zumbis e seres cibernéticos, além de artes abstratas bizarras que retratavam diversos temas. (Túlio, entrevistado).

O entrevistado Túlio teve contato através de outra geração e também pela sua identificação com a arte, nos desenhos e a partir do cinema. A experiência estética configura grande parte desse processo de construção identitária. Essa *estética da identidade*, denominada por Gafarov (2010), é parte constitutiva da experiência dos sentidos dos sujeitos: ver, ouvir, sentir algo por uma imagem, por um som. O primeiro contato com o heavy metal de muitos sujeitos também acontece nessa esfera das identificações. A primeira pele da teoria das cinco peles de Hundertwasser, a epiderme, descrita por Restany (2003), configura esse primeiro contato da experiência sensível e dos signos.

As festas entre os amigos era o momento oportuno para conhecer novas bandas. No bairro onde moram, formavam grupos de pessoas com gostos em comum:

> No meu primeiro emprego como jovem aprendiz ainda em 2004 que eu fui comprando meus primeiros CDs originais. Em 2005 teve uma festa de aniversário de um amigo aqui do bairro, Alexandre, nessa festa tocaram Sarcasmo, Horned e Incredulus (eu acho), esse foi meu primeiro contato com o Metal underground de Contagem/BH e que venho acompanhando até então (Fabiano).

Essa experiência com a estética e com a música metal revela o viés da *convivência social entre amigos de bairros* de BH e de Contagem. Essa convivência, analisada a quarta pele, o meio social e identidade, analisada por Restany (2003) é o percurso entre a terceira pele, a casa, definida pelo mesmo autor, e a quarta pele pela cidade.

A cidade de Contagem tem diversas pessoas que frequentam shows em BH. Muitas bandas de *heavy metal* oitentistas têm integrantes de Contagem. No caso desta pesquisa, como a cidade de Contagem fica integrada à grande região metropolitana de BH, se integra à cena local. Alguns sujeitos da cena têm essa tendência temporal que o entrevistado acima preserva tanto na sua maneira de vestir e usar o cabelo, bem como das suas preferências de estilo no metal. Há uma permanência temporal destes sujeitos na cena, que marca uma fidelidade, e mesmo estando distante por motivos diversos, família, trabalho, preservar memórias, colecionam discos, fazem tatuagens ligadas aos signos do metal e também do punk. Este último é descrito a seguir de uma forma que valoriza uma época que não volta mais, que marcou a juventude da cena de BH.

> Em BH sempre há eventos aos interessados. Sempre ouço falar destes eventos porém, como estou casado, com esposa e filha e ainda por cima trabalhando em duas escolas, não tenho muitas oportunidades de ir a eventos. Um evento inesquecível que fui em novembro de 1994 foi Ramones e Sepultura no parque da Gameleira aqui em BH. Foi um show maravilhoso! Ramones fez o 1° show, ficando Sepultura para o encerramento, invertendo a ordem da turnê em que Ramones sempre encerrava o show. Ao chegar eu estava levando correntes que tive que deixar na portaria. Assisti o show do Ramones e fui embora, visto que havia muitas possibilidades de briga no show do Sepultura, pois punks e metaleiros nunca se deram bem. (Helinton)

O entrevistado, professor de matemática de colégio militar, demonstra traços de seriedade que são exigidos pelo ambiente formal, de disciplina e hierarquia. Por outro lado, debaixo do seu guarda pó branco de mangas compridas, com emblema do colégio, esconde suas tatuagens cobrindo seus braços, uma obra de arte colorida, cheia de signos da sua identidade. A primeira pele em Hundertwasser, a epiderme (Restany, 2003), também espaço da arte, dos signos e identificações de determinado sujeito. Quando o entrevistado é lembrado dos shows, da porta da loja da Cogumelo ou de uma música da banda Ramones[76], como Pet Sematary[77], abre um sorriso, estende a conversa ao que lhe é aprazível e de tempos que marcaram sua identidade punk, quebrando um pouco o rigor das suas aulas de matemática, ou nas conversas na sala de professores e corredores. E, ainda que não esteja presente em shows atuais da cena de BH, se interessa pelos lançamentos e trabalhos das bandas, acompanhando pelas redes sociais ou conversas informais.

O primeiro contato com o *heavy metal* ou com o *punk* depende de vários fatores. Cada entrevistado conheceu de maneira diferente. A mídia, a princípio, rádio e televisão traziam

[76] Os Ramones: banda norte-americana de *punk rock* formada em *Forest Hills*, no distrito de *Queens, Nova York.* Considerada percursora do estilo e uma das bandas mais influentes e importantes da história. Membros da banda: Joe Ramone, Johnny Ramone, Dee Dee Ramone,Tommy Ramone. Esteve em atividade até 1996.

[77] Pet Sematary é uma música da banda Ramones, do álbum *Brain Drain*, de 1989. Foi o último álbum de estúdio da banda.

opções de entretenimento musical, já neste segmento. O espaço da casa, terceira pele de Hundertwasser (RESTANY, 2003), é aberto também para a comunicação e experiências de audição, de ressignificação de signos e elementos estéticos de identificação pessoal.

O atravessamento das tecnologias também faz uma linha do tempo dos sujeitos: da fita cassete e do vinil, para os CDs e hoje, os streaming[78].

> Comecei em 1992, quando via pela televisão vídeos de algumas bandas. Ozzy Osbourne, Kiss, Nirvana, Guns e Motorhead. Por discos em casa, da minha família, de bandas do rock nacional. Pelas rádios comerciais, por shows que comecei a frequentar e por amizades que fui fazendo. Foram meus primeiros contatos com o Rock. Aprofundar mais no universo do Rock, foi depois dos 15 anos. Pois tive contato com a diversidade de segmentos, fosse por discos de vinil, fita cassete, revistas especializadas e cd´s que comprava, ou que eu pegava emprestado de colegas, conhecidos e amigos. A MTV foi importante também, pois, ela deu visibilidade pra várias bandas dos anos 90, que representavam uma geração que vinha depois dos anos 80. Apesar de Belo Horizonte em seu cenário de Rock ter maior inclinação para o Rock progressivo, clássico, o cover e o Metal. O Punk me despertou mais interesse (Silva, entrevistado).

As mídias abrem um espaço amplo de inserção para ver e ouvir bandas do mundo todo, conhecer antigos e novos trabalhos das mesmas. Ela é mais uma alternativa dentro do espaço fechado da casa, que abre novos mundos, permite o acesso de diversas gerações aos materiais antigos. E mesmo quando o cenário metal e *punk* surgia em poucos canais de televisão, o seu fluxo de informação e imagens era intenso. O qualitativo falava mais alto que o quantitativo de hoje da internet, ainda que com tantos canais, páginas especializadas, esses momentos da televisão eram aguardados por determinados grupos de pessoas, que aguardavam com ansiedade para assistir ou gravar um programa sobre uma ou mais bandas de preferência. O elo com a memória também era forte, tinha um valor significativo, antes do atual mundo que a rapidez escapa entre os dedos. Quem não tinha oportunidade de ir aos shows, desfrutava dos videoclipes, das entrevistas e outras atrações.

> A mídia abria espaço também para pessoas mais novas, muitos ainda não iam nos shows. De dentro de casa, os primeiros acessos a canais especializados em música, surgiam as primeiras identificações: **"**Comecei ter interesse aos 14 anos . Eu gostava muito da MTV pela suas transmissões alternativas, e também gostava muito de jogar Tony Hawk's no PS1 (César Sputinik, entrevistado).

Em casa, portanto, tinha a possibilidade da TV, e mais tarde da internet, mas também na convivência com familiares que já gostavam de rock. No caso da entrevistada Hyanna, isso

[78] Diversas formas de distribuição digital, em oposição à descarga de dados. Acontece através da internet.

já vinha de uma cultura familiar, e a porta de entrada para gostos próximos ou em comum foi passada de geração para geração:

> Ah! Fica complicado. Sempre gostei de música boa e cresci vendo meu pai tocar e compor. Mas acho que especificamente Heavy Metal e Punk foi mais tarde. Já na Faculdade. Como disse, meu pai tocava violão e compunha e é excelente letrista. Meus pais gostavam de Pink Floyd, Janis Joplin, Led Zeppelin e outras bandas (inclusive nacionais). Meu pai é escritor e andava com o pessoal dos D.A.(s) universitários e curtia Rock/Metal Nacional também. Ainda muito pequena eu via o pessoal da Cabana ensaiando lá em casa: uma loucura! Desde aí eu já queria tocar baixo. Saca? (Hyanna, entrevistada).

Dentro da família, os irmãos mais velhos e ou primos tinham bastante influência nessa escolha pelo gosto musical dos mais novos. E muitas vezes, estes passavam a gostar ainda mais do estilo do que as próprias pessoas que os apresentava as bandas de *heavy metal*. E passam a descobrir outras bandas, adentrando ainda mais este universo e assumindo com muita fidelidade o seu gosto pelo metal. As aprendizagens e a memória tornam-se significativas por toda a vida dos sujeitos. Essa permanência temporal legitima ainda mais uma identidade que surge de um ponto de partida, que segue para grandes possibilidades de experiências e caminhos.

> Comecei a gostar de rock/heavy metal aos 12 anos. Hoje tenho 41. Foi por causa do meu irmão mais velho. Passei a adolescência e já na vida adulta curtindo bandas como Iron, slayer, sepultura e também me vestindo com camisas de bandas, sempre indo aos shows e também tive bandas, gravei um cd com uma banda chamada Warfactor.Foi quando fui a BH para passar férias e depois de ouvir iron, passei a gostar do estilo de música/vida. Hoje em dia não tenho como viver sem isso, faz parte da minha vida, da minha paixão sobre música e outras coisas que o rock/metal me deu. Não tenho arrependimento de nada, sempre fui honesto na minha vida de headbanger (Arthur Fernandes, entrevistado).

O convívio social para além da família, o da *escola* também influencia nessa construção identitária. A importância da estrutura das cinco peles de Hundertwasser (RESTANY, 2003), através desta quarta pele, o meio social e a identidade é percebida aqui, no relato do entrevistado. O baterista das Bandas Nadaver e Carcaça, Junim, descreve suas influências e sonho que, mais tarde, tornou-se realidade. Com um histórico de muitos anos na cena, o entrevistado teve na escola, a oportunidade de experienciar algo novo na época que segue até os dias de hoje, acrescentando com suas novas criações e composições nas duas bandas que toca.

> Desde os 09 anos de idade começou pelo heavy metal e segue ate hoje e varios estilos dentro do rock metal. Quando ouvi pela primeira vez as musicas do kiss , foi em numa festa da escola fase primaria final de ano letivo , onde também já tinha uma paixao por bateria meu instrumento ate hoje , sonho de menino fazer do imaginario umas latas velhas um pedaços de pau e fazer virar uma bateria e tirar ali alguns sons (Junin Mheasma, entrevistado).

O primeiro contato com o *punk* para algumas pessoas também se misturava ao primeiro contato com bandas de heavy metal. E apesar de conhecer as características do metal, alguns entrevistados são mais afetados com o punk. Sua batida rápida e cadenciada, o ritmo do som do punk, o figurino, o modo de usar os cabelos. A banda Ramones marcou muito o início de tais escolhas para muitos punks.

> Fui apresentado por um colega de escola ao Ramones quando ele gravou uma fita com varias bandas. Tinha Anthrax, Iron Maiden, Megadeth, Metallica, Ratos de Porão. Só clássicos mesmo. Fita maravilhosa e muito bem gravada. Ao ouvir Ramones, fiquei admirado pela simplicidade dos 3 acordes e da energia que eles passavam nos shows, onde as músicas ficavam mais rápidas ainda e com um toque mais hardcore. Comecei a comprar álbuns da banda, além de camisas e me identidicar com o movimento punk (Helinton, entrevistado).

Os processos de identificação com o *heavy metal* e com o *punk* podem acontecer também na *ocupação dos espaços da cidade*, em lugares frequentados por grupos, como era a porta da loja Cogumelo, na Rua Rio de Janeiro ou na Avenida Augusto de Lima, centro de BH ou Praças. A rua é o espaço aberto de tais manifestações de grupos, sejam eles do *heavy metal* ou do *punk.*

> Comecei a gostar de *Heavy Metal* na fase adulta, no final da década de 1980 e início da década de 1990, com mais de 22 anos, e a frequentar a *Cogumelo*, na época que estavam lançando o *split* Sepultura/Overdose. Certo dia, muito tempo depois parei para conversar com o *Zezório* (Zenildo Filgueiras) e o *Ameba* (Enio Sucupirama), *Punk*s que estavam assentados no degraus do Edifício Robertão, que ficava ao lado da *Cogumelo*. Eles me chamaram pra ir à Praça Afonso Arinos, onde se concentravam os *AnarcoPunks* de BH. Foi uma mudança radical. Aprendi muito com eles, tanto que teve influência na minha formação acadêmica, Pedagogia (Armando, entrevistado).

Nesse caso dos *punks*, o entrevistado abaixo abre um leque de possibilidades como porta de entrada para *o punk*, principalmente ligando-a a sua realidade, como a crítica social, as lutas políticas, uma abordagem bem mais universal, saindo da experiência subjetiva, para o contexto coletivo.

> O Punk para mim a princípio era mais completo por abordar problemas sociais, problemas políticos, por falar de sexo, drogas, violência, amor, ódio, poder, ideologia, guerra. As músicas mais rápidas, curtas e urgentes. Ao contrário do Metal que tem músicas de quatro, cinco minutos, o Punk dava um recado furioso em

> segundos, por um ou dois minutos de forma nervosa e suficiente pra mim. Na mesma época o Rap também estava em ascensão. O Rap também me despertou a atenção. Mas o Punk muito mais pelo fato de ser barulhento, com uma música executada por mãos humanas, não samplers e ser um discurso de urgência. (Silva, entrevistado)

Depois de analisar as formas de ingressar na cena metal e *punk*, percebe-se que este processo de escolhas e afinidades que constroem a identidade destes sujeitos entrevistados tem ligação com aspectos ligados aos sentidos, o ver, ouvir, perceber são ligados ao corpo das pessoas. E as percepções de corpo de cada um se apresentam com diferentes relatos e dimensões do mesmo.

Partindo do ponto de vista da relação do corpo com o *heavy metal*, a maioria dos entrevistados descreve *o uso de vestimentas e indumentárias* voltadas a este estilo como relevantes no seu cotidiano. Essa segunda pele, o vestuário, em Hundertwasser (RESTANY, 2003) é marcante na identificação dos sujeitos pertencentes a um grupo, ainda que alguns poucos sujeitos não usem camiseta de banda de *heavy metal* ou de *punk*, é característica bem visível do grupo. E essa caracterização, na esfera do design afeta estes sujeitos de forma intensa.

> Minha relação com meu corpo hoje em dia com o metal é que tenho várias tatoos e um monte de camisas de bandas. Tenho mais de 150 camisas, e passo sempre o dia todo com elas. Sempre que posso marco mais alguma tatoo. Agora, as camisas, sempre tenho alguma que se lança eu compro, e é esse jeito todo com o metal. (Arthur Fernandes, entrevistado)

As capas dos álbuns das bandas estampadas nas camisetas são, em grande parte, agregadoras no contexto identitário tanto individual, quanto de grupo. Quando alguém que gosta de *heavy metal* vê o outro com a camiseta de uma banda que gosta, pode surgir um início de conversa ou de uma grande amizade, algumas, podem seguir por longos períodos, ou mesmo por toda a vida. Mas isto não é o único motivo que identificaria algum fã de bandas de *heavy metal*.

Os acessórios de caveira são também algo que muitos sujeitos deste contexto utilizam. Os cintos, braceletes e *harness* com *spikes* de metal pontiagudos são também muito usados pelas pessoas que gostam de *heavy metal.* Alguns sujeitos, no início, usam muitas camisas de banda. E com o passar do tempo, se desprendem disso, preservando certa discrição no visual.

> No início eu usava muita camisa de banda, pulseiras, mas hoje em dia uma das únicas coisas que entrega o meu gosto são os Anéis que eu gosto muito de usar. (Luan, entrevistado).

O corpo pode ser a vitrine das influências e estilos pessoais. As tatuagens ilustram a pele, expressam singularidades e ideologias. A liberdade de usar vestimentas variadas, na sua maioria de cor preta. A entrevistada abaixo afirma que o gosto musical independe de um modelo de vestimenta e ou estilo. No seu canal, Hyanna Solta o verbo, ela demonstra muito bem usa afirmação. A voz como desdobramento do corpo pode ser um critério muito eficaz para identificar traços identitários. A essência da identidade também pode vir desse lugar da fala, do discurso e das suas escolhas e posturas políticas.

> Tenho 11 tatuagens e não pretendo parar. Me visto como sou e vou pra qualquer lugar: calça boca de sino, Jeans justo, couro, camisa de banda ou não, vestidos retrô e acessórios - amo acessórios! Pulseiras, anéis, colares e gargantilhas. Mas o que vale é você ser de verdade, autêntico e se sentir bem. Não curto essa de estereótipo para curtir um estilo musical (Hyanna, entrevistada).

As tatuagens também se destacam, como obra de arte ao longo dos dois braços do entrevistado Helinton: escondidas debaixo do jaleco branco com emblema do colégio militar onde leciona matemática no ensino médio. Quem o conhece hoje nem imagina como era sua indumentária em outros tempos. Ele relembra com saudades dessa época e reforça a ideia de ter que seguir um padrão da sociedade para ser aceito e atuar no mercado de trabalho formal, onde é concursado, cumprindo as exigências da instituição.

> Na época, como meu estilo voltou-se para o punk, eu usava moicano, colorido com muito papel crepom, correntes, cadeados, soco inglês (que eu mesmo fabricava com chumbadas de rodas de carro na rua). Tudo era usado para me defender nas muitas brigas na qual eu me metia, principalmente contra os "carecas". Na escola eu mantinha meu cabelo maior para manter o padrão social exigido pela instituição, mas fora dela eu me libertava. Hoje não tenho mais o moicano (saudade) e a temática punk é apenas uma idéia, que se renova ao ouvir os clássicos da época ou mesmo novas bandas. Trago que fui institucionalizado pela sociedade e seus padrões (Helinton, entrevistado).

Outro elemento relevante, que marca a construção de identidades destes sujeitos é a *emoção, a adrenalina que afeta o corpo e a mente* destes sujeitos, incluindo aqueles que tocam em bandas como é o caso do entrevistado a seguir.

> Uma relação do heavy metal e punk o que tem em relação ao meu corpo e de adrenalina pura emoção a cada nota , energia ao passar pela ponta dos dedo do pé ate um ultimo neuronio do cerebro , no meu caso tambem de trasmitir toda energia da ponta dos dedos da mão ate a ponta da baqueta que toda em todos tambores e pratos (Junin Mheasma, entrevistado).

A adrenalina de ouvir um som pesado ou ir num show é a manifestação pelo interesse ao estilo musical e todos os elementos que o envolve. Os cabelos grandes, muito usados pelos

headbangers, se atrapalham no ar com o bater das cabeças. O movimento acompanha as batidas do som. Aquele determinado grupo tem essa identificação como representação de grande número de seguidores do *heavy metal.* É uma característica marcante no cenário metal tanto dos integrantes de bandas, como dos fãs.

> Nos momentos que ouço, ou pesquiso sobre meu corpo, sente uma adrenalina, e sinto que aquilo é minha paixão. A questão dos cabelos grandes, quando o estilo foi progredindo, começaram a deixar cabelos grandes por rebeldia. Hoje em dia o estilo e os cabelos são por questão de encaixe em grupo social, que é o meu caso (Arthur Camarada, entrevistado).

Outro elemento forte é a identificação de ideologia. Não são suficientes apenas as manifestações estéticas. A luta pelo reconhecimento da diferença numa sociedade que busca normatizar os sujeitos é forma de resistência ou a de sobreviver diante das exigências do contrato social. O barulho do som pesado, para o entrevistado abaixo, pode ser este grito pelo direito à sua identidade.

> A relação do corpo com o gênero já é logo de cara expressada pelo nome mesmo, Metal pesado. Simbolizando resistência e força à o que a sociedade vem tentando nos enfiar goela abaixo desde sempre. A energia e a fúria expressada musicalmente pode se caracterizar a necessidade de termos que "gritar" para seguirmos da maneira que desejamos ser. Eu resumo a isso! (Fabiano Barbosa, entrevistado).

A expressão das identidades também podem se ligar à cultura de um determinado tempo e ter desdobramentos políticos. No caso dos anos 80, as chaves para a libertação pós-ditadura, a abertura para a imensa produção musical, principalmente no *heavy metal*. O conhecimento de novas bandas do estilo e as produções de bandas de *heavy metal* no Brasil representa muito nos processos de identificação que marcam para sempre a vida de muitos sujeitos que preservam a memória daquela época.

> Como cresci tendo um reflexo de uma geração antecessora como referência cultural em minha família, isso acabou por determinar e formular meu aspecto visual e pessoal para os dias atuais. Acredito que nos anos 80 a revolução cultural tenha aproximado a humanidade de sua plenitude e satisfação pessoal á favor da liberdade e apreço pela auto realização, era um período cultural muito rico, empolgante e cheio de excessos, a música passava por uma explosão popular imensa e muitos a utilizavam como ferramenta para divulgar suas ideias tanto na parte lírica como na expressão corporal, isso também acontece atualmente, mas a diferença é que nos anos 80 isso movia as pessoas de verdade, os músicos eram grandes fontes de inspiração revolucionária, isso se perdeu atualmente, hoje a música é quase que tratada como descartável em sua totalidade (Túlio Hetfield, entrevistado).

A memória do *heavy metal* oitentista fez com que muitas pessoas escolhessem essa época como estilo de vida: colecionadores de carros antigos, como o opala, admiradores do *glam metal,* pessoas que mantém um figurino da época, desde os cabelos com corte selvagem e os figurinos característicos. Os equipamentos de som também preservam os mesmos da década de oitenta, não apenas por saudosismo, mas para afirmar que têm liberdade de escolha, não seguindo o que fazem a maioria das pessoas da atualidade.

> Sou aquele tipo de cara que mantem os Mullets, usa tênis retrô cano alto, coletes de patches com diversas bandas oitentistas, inclusive com alguns patches referentes a algumas figuras populares ou personagens que possuem algo semelhante á minha pessoa, sou aquele sujeito que prefere gastar uma grana á mais em alguns discos de vinil pra sentir a essência e o prazer de colar um som no toca discos, ou até mesmo as velhas fitas cassete, e que também prefere acelerar um Opala com um Def leppard no talo e deixar os Mullets ao vento, do que pagar de materialista genérico com o carrinho do ano preocupado em agradar as pessoas ao redor (Túlio Hetfield, entrevistado).

O figurino, a vestimenta carrega signos de uma determinada época que, no caso de Túlio, assume a postura de resistência, diante das preferências da maioria das pessoas, da interpretação de certa vantagem se seguir o novo e abandonar o velho. O atravessamento das tecnologias ao longo do tempo também pode traçar identidades. A escolha do opala, por exemplo, um veículo da década de 1980, que hoje, para alguns não tem valor sentimental, nem financeiro, assume uma categoria de excelência entre grupos de colecionadores, encontros destes grupos. As bandas da época fazem parte deste conjunto. O sujeito forma um mosaico de possibilidades em si, muitas vezes dedicando-se a preservar e valorizar elementos da categoria *tempo.*

Dentro desse percurso de escolhas individuais em contrapartida das escolhas coletivas, o viés ideológico também compõe esse conjunto de elementos que constituem identidades. O punk, por exemplo, surge fora do ambiente das elites, na intenção de trazer algo diferente e outras formas de se pensar a sociedade, de incluir letras de protesto, ritmos mais rápidos na música, de uma nova esfera do design do corpo e das posturas ideológicas.

> Muitos não estão de acordo mas o Punk surgiu através do visual, antes o termo Punk era associado a pessoas pobres com aparências chamativas e vulgarizadas os mendigos e prostitutas eram os que mais recebiam este nome e logo depois o termo Punk foi associado a musica pq se tratar de um ritmo que não estava dentro de um padrão musical elitizado. Então tem Punk que super valoriza a questão do corpo e do visual, já outro acham inútil a ter uma aparência, eu sou dos q valoriza o Punk por completo o Punk pra min serve pra causar e chocar a sociedade musicalmente, ideologicamente e visualmente, então gosto de levar o Punk como um estilo de vida completo (César Sputinik, entrevistado).

A válvula de escape para desvencilhar-se da exploração e das estruturas de controle do poder e do consumo, de acordo com o entrevistado abaixo, está no discurso e na música que o Hardcore propõe. O punk diz não o tempo todo para o modelo de estrutura social em que vivemos. As letras de protesto denunciam suas indignações, e insatisfações perante os governantes, políticos corruptos e injustiças sociais. Um mundo impregnado de coisas caóticas, problemas que se acumulam, miséria, violência e alienação.

> A questão do Punk corporal, talvez tenha haver com a energia que o Hardcore como estilo musical e discurso tenha. Uma energia altiva, de força, de se manter na linha de frente contra todo o poder que explora e esmaga a classe operária. Que transforma o ser humano em uma estatística, em um consumidor, em um cidadão que tem cidadania mediante sua conta bancária. A relação corporal é de negar toda essa sociedade capitalista que esvazia a essência humana, nos transformando em escravos do papel chamado dinheiro, de mercadorias e de um consumo e acumulação, lucro (Silva Dops, entrevistado).

O entrevistado Silva Dops revela que o *punk* não é uma cena *underground* desligada do restante do mundo. Todos os sujeitos estão submissos a um contexto macropolítico, com processos excludentes, uma realidade de consumo e escravidão moderna. A quinta pele, que configura o meio global, a ecologia e a humanidade, em Hundertwasser (RESTANY, 2003), seria esse espaço que envolve toda essa estrutura interligada de trajetórias identitárias dos sujeitos, cheias de tensões, de resistência e lutas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi percorrer os elementos da construção das identidades dos sujeitos da cena *underground*, a partir das linguagens. O caminho metodológico seguido foi elaborar um recorte dessa cena, pois, o *underground* que foi discutido e analisado nesta pesquisa é constituído e reconstituído por bandas e fãs de *heavy metal* denominado extremo e do *punk* da cidade de Belo Horizonte. E quanto mais se aprofunda nos estudos, mais é possível afirmar que este é o quadro do universo *underground* mais reconhecível num horizonte cultural que se constitui como um coletivo. Tanto o *heavy metal* quanto o *punk* são temas com uma infinidade de elementos de análise, sendo necessário transitar pela interdisciplinaridade e pelos múltiplos signos das linguagens que atravessam esses temas.

Reconhecendo que o contato com o *punk* foi mais recente, este necessitaria de pesquisas mais aprofundadas, pois seu significado social e cultural vai muito além da vestimenta, da música, das suas criações artísticas, pois o protesto, suas formas de resistência e *re-existência* são cada vez mais necessários no atual contexto político que não somente o país tem passado, mas o mundo inteiro. As injustiças sociais, e novas formas de controle da cultura trabalham no sentido do apagamento das *diferenças*, e a afirmação desta é essencial para garantia de direitos individuais e também coletivos.

A cena *underground* é um universo de muitos elementos para análise (música e outras criações artísticas, signos, vestimentas, expressões e sensações do corpo, relações sociais, usos da cidade). Tendo em vista isso, o estudo das identidades dos sujeitos da cena underground, realizado neste trabalho, buscou percorrer estes elementos e selecionar através dos sujeitos pesquisados a participação destes elementos nas suas vidas, através do seu envolvimento e relações com o *heavy metal* e *o punk.*

As identidades foram analisadas a partir de estudos de pesquisadores na sociologia, como Stuart Hall, entre outros. Nesse campo, o foco desta pesquisa foi o estudo das identidades dos sujeitos a partir das linguagens. A filosofia, com Gafarov (2010) trouxe contribuições bem expressivas, pois ele analisa especificamente os sujeitos do heavy metal, a partir dos processos de identificação individual e de grupos com os elementos estéticos deste gênero musical. Deleuze e Guattari (1995) foram fundamentais para fundamentar processos de subjetivação, exemplificando os rizomas para entender o nível de multiplicidade identitária, o devir que permeia a construção identitária subjetiva. Pensamento e linguagem explicados de uma forma biológica, orgânica. Essa iminência de reinvenção constante do sujeito aponta a necessidade de estudos em Vygotsky, principalmente em nível de

aprendizagem musical e formação humana. Essa construção do pensamento e linguagem não ocorre apenas na infância, pois o sujeito está em constante mutação identitária.

Alguns apontamentos de Nancy (2014) sobre o corpo e mais especificamente sobre o sujeito, nos seus multiversos, mundos e modos de vida, foram essenciais também para explicar essa transposição do eu, sujeito, dos cruzamentos, pertencimentos, escolhas, nas esferas da vida. Essa tensão dos signos e toda produção de sentidos na linha do tempo da vida de determinado sujeito com seus gostos, não apenas musicais, é o que afirma a diferença e a diversidade, tão combatida atualmente nas instituições, discursos, ideologias de opressão.

No levantamento bibliográfico sobre o *heavy metal*, Walser (1993) oferece um panorama da oferta de elementos identitários para subsidiar as discussões sobre identidade no gênero e seus desdobramentos. A longa duração das identificações com o *heavy metal* de alguns dos entrevistados, pessoas que apreciam o *heavy metal* por mais de 20 anos, 30 anos, indicam a força e a potência não somente dos signos, mas dos processos de criação das bandas e modos de recepção de seus fãs. E estes sujeitos permanecem fieis aos seus ídolos do universo do *heavy metal*, e ou punk (no caso dos entrevistados dessa cena), muitos afirmam que seguirão o metal por toda a vida. Essa convicção de identificação com o som pesado, com as roupas pretas e outras referências de grupo, afirmam o *poder e a loucura* dos efeitos do *heavy metal*, na sua mais abrangente ressonância, que vai além da música, como as sensações de adrenalina, ou mesmo modos de pensar o mundo.

No *punk*, Gallo (2008) afirma que a marca distintiva é a revolta, o desespero. A capacidade de reverter essa angústia, fazendo músicas rápidas, cadenciadas e ritmadas, que fazem as pessoas entrarem no *pogo*, identificando-se com alguma situação de insatisfação, de impotência. Essa emergência do *punk* em dar o seu recado rápido e nervoso é uma de suas características fundamentais. A distorção e ruídos dos instrumentos nos shows complementam a mensagem. As identificações do *punk*, não param pela estética das roupas com *spikes*, cabelos com moicano, mas pela atitude, pelos modos contra hegemônicos com que se colocam no mundo. As construções identitárias no *punk* são atravessadas de elementos complexos, que envolvem uma linha do tempo de tensões, afirmações, e sobrevivência nas estruturas das convenções sociais. A própria aceitação em um trabalho formal, como foi dito nas entrevistas, traz imposições que sufocam as identidades, não somente nos modos de usar um cabelo, das tatuagens, mas em toda uma formação ideológica. A forma de resistência é criar *frestas* para tentar escapar da força opressora que é a sobrevivência na cidade. Ser um sujeito do *punk* ou do *heavy metal* por si, já é o enfrentamento. As figuras marcantes da cena *underground* são o símbolo dessa resistência (ver anexos) que representam atitudes e afetos

de grande parte dos participantes, não somente como amostra dos entrevistados, mas como comunidade, ainda que com suas tensões internas.

O *punk* e o *heavy metal*, mesmo fazendo parte do *underground*, não se constituem apenas de forma local, mas em territórios diversos, com personagens e influências diversas. A criatividade das bandas pode ser vista ao longo do trabalho, e são muito bem amarradas com a realidade do mundo, com as injustiças sociais. Essa construção identitária, supracitada, na linha do tempo do sujeito é permeada dessas lutas e iminências, imprevisíveis contra forças opressoras. A batida rápida, violenta da música *punk* é a própria arma de combate, que constrói identidades e atitudes. A identidade, neste sentido, é tecida e entrelaçada com a atitude e discursos do sujeito, não é seu corpo isolado, vestido, ouvindo algum som da cena *underground.*

Os processos identitários discutidos inicialmente, com foco nas linguagens, foram complementados com a teoria das cinco peles de Hundertwasser (RESTANY, 2003). Essa teoria pode-se chamar da cereja do bolo para entender os processos identitários. Além de toda a beleza artística da obra de Hundertwasser, que privilegia o direito à diferença, tanto dos sujeitos, bom como da arquitetura, da moda, espaços transitados pelo artista, com atitudes de luta e resistência. Essa trajetória do artista tem forte sintonia com a atmosfera e os protestos na cena *underground* (demonstrados aqui em forma de música e de arte). A sua espiral das pinturas, que deu origem a essa teoria das cinco peles, propicia o entendimento de uma linha do tempo da vida do sujeito, seus pensamentos, seu corpo, sua convivência social e os espaços que ele transita.

As cinco peles de Hundertwasser (RESTANY, 2003) representam a transitoriedade do sujeito, do seu corpo e espaços percorridos na sua construção e reconstrução identitária, sempre iminente a mudanças constantes. A primeira pele (a epiderme), a segunda pele (o vestuário), a terceira pele (a casa), a quarta pele (o meio social e a identidade) e a quinta pele (o meio global, ecologia e humanidade) são estas camadas, objetos e espaços de transição e trocas identitárias: uma estrutura pertinente que encaixa com a construção identitária dos sujeitos da cena *underground.*

A trajetória do artista Hundertwasser foi território de lutas e ativismo constante pelo direito à diferença, pela afirmação das identidades individuais e coletivas, aos usos do espaço público e privado. Sua resistência se pautou na luta para que seu país, a Áustria, não aderisse à União Européia, seu projeto de sociedade visava o humanismo, o direito a espaços felizes, ao naturalismo, nessa fuga da opressão e colonização (RESTANY, 2003). Sua ferramenta de

luta foi a arte, transitou por diversos lugares. Seu ideal de sociedade propõe um diálogo amigável com as ideias dos sujeitos da cena *underground.*

Essa dialética da arte de Hundertwasser transita na ecologia, na moda, na arquitetura (o artista era denominado por Restany (2013) como o *médico arquiteto*) no *design* e no *redesign.* Para além disso, o artista cria uma força integradora para o bem estar comum, que vai muito de encontro à ideologia punk. A arte de Hundertwasser abre para diversos diálogos e contribuições para o campo das linguagens.

Este trabalho, integrando os estudos propostos, reconhece suas limitações e aponta para futuros estudos das identidades na área da psicanálise, pois entender a complexidade dos sujeitos é necessário, em suas múltiplas dimensões.

A cena *underground* abrange também várias produções artísticas, música, desenhos das capas de álbuns, letra de músicas, figurinos, vestimentas, produções audiovisuais, *fanzines*, e outros. Seus ideais de sociedade, de afirmação identitária, da tentativa de fuga da lógica neoliberal, são suas lutas diárias e um sonho ser perseguido.

Após as entrevistas com sujeitos, a pesquisa bibliográfica e a análise de dados, é possível afirmar que a identidade do sujeito da cena *underground* se define não somente pela sua escolha musical, por elementos estéticos, vestimentas e relações sociais, mas abrange a esfera ideológica, nas suas atitudes perante o mundo: um conjunto de pensamentos, posições políticas diante de injustiças sociais e afirmação de uma cultura. Toda manifestação estética torna-se então, manifestação política. Ser um sujeito do *heavy metal* ou do *punk* é desafio e resistência, todos os dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁBRAMO, H. W. **Cenas juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano de São Paulo. São Paulo: Página Aberta,1994.

AGATHOCLES no Brasil 2013. Agenda Metal. 2013. Disponível em: http://www.agendametal.com.br/Noticia/5480. Acesso em: 19 nov. 2019.

AGENDA. Gonorreias Rock Festival. **Santa Tereza Tem**. 2018. Disponível em: https://santaterezatem.com.br/eventos/gonorreias-rock-festival/. Acesso em: 22 nov. 2019.

ALOOF. Dokken. **Metal Archives.** 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Dokken/16095. Acesso em: 01 ago. 2020.

AMBROSE, J. **The violent world of mosh pit culture**. Kindle edition. London: Omnibus Press, 2001.

ANDRADA, L. V. **We who are not as others:** Análise das noções de violência no mosh a partir do heavy metal. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

ANDRADE, J. P. Black Sabbath. **Wiplash**. 2006. Disponível em: https://whiplash.net/materias/biografias/038580-blacksabbath.html. Acesso em: 05/09/2018.

ANTÔNIO Bivar. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6959/antonio-bivar>. Acesso em: 12 de Ago. 2020. Verbete da Enciclopédia.

AUDREY, R. Metalpunk Overkill na molduraria em seu último funeral no Bonfim! **O rock não pode parar**. 2017. Disponível em: https://renatoaudrey.wordpress.com/2017/12/12/metalpunk-overkill-na-molduraria-em-seu-ultimo-funeral-no-bonfim/. Acesso em: 03 out. 2019.

AZEVEDO, C. S. N. **É para ser escuro!:** codificações do black metal como gênero audiovisual. 2009. 261 f. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2009.

AZEVEDO, C. Resenha: Sarcófago 30 anos de INRI. **Blog n'Roll**. 2017. Disponível em: http://atdigital.com.br/blognroll/2017/06/brasil-extremo-09-resenha-sarcofago-30-anos-de-inri/. Acesso em: 26 fev. 2020.

AVELAR, I. De Milton ao metal: política e música em Minas. **Artcultura**, v. 6, n. 9, 2004. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1368. Acesso em: 15 mai. 2018.

AVELAR, I. **Figuras da violência:** ensaios sobre narrativa, ética e música popular. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAHIANA, F. **CBGB & OMFUG**: A história do berço do Punk Rock. Wiplash.net. 2010. Disponível em: https://whiplash.net/materias/biografias/109235-ramones.html. Acesso em: 07 fev. 2019.

BATALHA, R. Stress: biografia. **Black Legion**. 2017. Disponível em: http://www.blacklegionprod.com/stress-biografia/. Acesso em: 08 nov. 2019.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEM Vindos ao Brasil. Rastros de Ódio. 2014. Disponível em: https://rastrosdeodio.bandcamp.com/track/01-bem-vindos-ao-brasil. Acesso em: 31 dez. 2017.

BERGER, H. M. **Metal, Rock and Jazz:** Perception and the Phenomenology of Musical Experience. Hannover: University Press of New England, 1999.

BESSONI, M. **Capa do álbum Evil Never Rests**. 2020. Disponível em: https://roadiecrew.com/sepulchral-voice-lanca-album-de-estreia-e-single-em-lyric-video/. Acesso em: 19 jun. 2020.

BH Caos. Discogs. 2020. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/Various-Bh-Caos/release/9512383. Acesso em: 09 abr. 2020.

BHAZ. Ismar: Semana do Rock Bhaz. **YouTube**, 9 de jul. de 2017. Disponível em: https://spdbcfmusp.wordpress.com/2019/01/07/como-citar-conteudos-de-redes-sociais-no-trabalho-academico/. Acesso em: 26 jan. 2020.

BILLY. Rebellion Festivals. **Billy News**. 2020. Disponível em: http://billy-news.blogspot.com/2020/01/rebellion-festivals-2020.html. Acesso em: 23 mai. 2020.

BIVAR, A**. O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BOAVENTURA, F. L. T. S. Ciência, arte e devir em Nietzsche. **Sapere Aude**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/1685. Acesso em: 18 mai. 2018.

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de Produção de Textos Acadêmicos e Científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

BROWN Sock. Various (Bra): Warfare Noise (1986). 2015. Disponível em: http://brown-sock.blogspot.com/2015/03/various-bra-warfare-noise-1986.html. Acesso em: 09 nov. 2019.

CAIAFA, J. **Movimento Punk na cidade**: A invasão dos Bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CALAÇA, G. E.; NASCIMENTO, L. A.; DINIZ, A. M. Na trilha do metal: a construção de terriotorialidades das bandas de heavy metal em Belo Horizonte nos anos 1980. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 54, 2018. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/17939. Acesso em: 20 nov. 2019.

CAMPOY, L. C. **Trevas sobre a luz:** o Underground do Heavy Metal Extremo no Brasil. São Paulo: Alameda, 2010.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANEVACCI, M; **Culturas Extremas:** Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANNIBALEX. Darkthrone. **Metal Archives**. 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Darkthrone/146. Acesso em: 06 fev. 2020.

CARCAÇA. Facebook. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/karkalegio/photos/a.356175074978294/654679595127839/?type=1&theater. Acesso em: 25 jun. 2020.

CARDOSO FILHO, J. L. C. Caos, peso e celebração: uma abordagem do heavy metal a partir da noção de gênero midiático. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 2005. p. 1-14. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Cardoso_Filho-Uma_abordagem_do_Heavy%20Metal_a_partir_nocao_de_genero_midiatico.pdf. Acesso em: 17 abr. 2019.

CARDOSO FILHO, J. L. C. A dimensão midiática da canção: a produção de sentido no heavy metal. **CMC**, v. 3, n. 6, 2006. Disponível em: http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/67. Acesso em: 23 jun. 2019.

CARDOSO FILHO, J. L. C. **Práticas de escuta do rock:** experiência estética, mediações e materialidades da comunicação. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CARNELOSSI, V. Grey Wolf: a força do metal tradicional. **Colorado Heavy Metal**. 2015. Disponível em: http://coloradoheavymetal.blogspot.com/2015/10/grey-wolf-forca-do-metal-tradicional.html. Acesso em: 16 mai. 2019.

CARNELOSSI, V. Wild Leather: hard rock selvagem de BH. **Colorado Heavy Metal**. 2018. Disponível em: http://coloradoheavymetal.blogspot.com/2018/01/wild-leather-hard-rock-selvagem-de-bh.html. Acesso em: 16 mai. 2019.

PEDRO Cataldo. Facebook. 31 de dezembro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/pedro.cataldo.5/photos. Acesso em: 31 dez. 2017.

CATANI, A. M. *et al (*Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 400 p.

CCA. Um caldeirão de bruxas chamado de Panela Lisérgica. **Conexão Contagem Alternativa**. 2016. Disponível em: https://www.conexaocontagemalternativa.com.br/2016/01/15/um-caldeirao-de-bruxas-chamado-de-panela-lisergica/. Acesso em: 14 mai. 2020.

CERCO Grotesto. Facebook. 24 de abril de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/cercogrotesco/photos/a.424280384569675/476945499303163/?type=1&theater. Acesso em: 18 nov. 2019.

CHRISTE, I. **Heavy metal:** a história completa. São Paulo: Arx, Saraiva, 2010.

CIRCUITO Panela Lisérgica No Saramandaia. All Events In. 2016. Disponível em: https://allevents.in/belo%20horizonte/circuito-panela-lis%C3%A9rgica-no-saramandaia/1397886126900009. Acesso em: 07 fev. 2020.

CLEUBER; CLEIA. Sobre Nós. **Sinfonoise**. 2018. Disponível em: http://sinfonoise.blogspot.com/p/sobre-nos.html. Acesso em: 19 mai. 2019.

CLIFF. **Amino**. 2017. Disponível em: https://aminoapps.com/c/rms-heavy-metal/page/item/sepultura/73QY_48iNIa11bb3Xe4PngkP6dKR1YZ5gjSl. Acesso em: 17 dez. 2020.

CLINGER Carlos Teixeira. Facebook. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/clingercarlosteixeira.teixeira/photos. Acesso em: 12 mar. 2020.

COELHO, P. R. S. G.; FILHO, Saulo G. S; SILVA, W.H. N. S. S. **Tribos urbanas e Educação:** Representações Juvenis sobre os saberes da escola e da rua. 2011. 46 f. Monografia (Conclusão do Curso de Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

COELHO, P. R. S. G. **Batendo cabeças:** educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

COGUMELO Records. Wikipédia. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogumelo_Records. Acesso em: 05 out. 2019.

DARKSIDE Festival. Rock e Cia. 2020. Disponível em: https://rockecia.com.br/evento/darkside-festival/. Acesso em: 06 mai. 2020.

DEBORD, G. **Society of the spetacle.** Detroit: Black and Red,1983.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V. I. São Paulo, Ed. 34, 1995.

DINIZ, S. C. Clube da Esquina: mineiridade, romantismo e resistência cultural nos anos 1960. **Per Musi.** Belo Horizonte, p.1-27, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/download/5165/3207/. Acesso em: 25 nov. 2019.

DISCO Furado. Cogumelo: 30 anos. 2013. Disponível em: http://discofurado.blogspot.com/2013/09/livro-cd-va-cogumelo-30-anos-cogumelo.html. Acesso em: 19 out. 2019.

DISCOGS. Various: Warfare Noise II. 2020a. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/Various-Warfare-Noise-II/release/2637200. Acesso em: 03 mar. 2020.

DISCOGS. Witchhammer: The First And The Last Imagens. 2020b. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/11499824-The-First-And-The-Last/images. Acesso em: 03 mar. 2020.

DISCOGS. Witchhammer: Overdose (11): You're Really Big! 2020c. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/2961320-Youre-Really-Big!/images. Acesso em: 03 mar. 2020.

DISCOGS. Sarcofago: The Laws Of Scourge. 2020d. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/Sarcofago-The-Laws-Of-Scourge/release/1676650. Acesso em: 03 mar. 2020.

DOPS Banda de Protesto. Show na Inglaterra. Facebook. 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/dopsbp/posts/. Acesso em: 17 fev. 2020.

DOPS. Cultura do conformismo. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/dopsbp/posts/2707194129372794/. Acesso em: 26 fev. 2020.

EDIFÍCIO Arcângelo Maletta. Portal Belo Horizonte. 2020. Disponível em: http://portalbelohorizonte.com.br/o-que-fazer/arte-e-cultura/centros-de-referencia/edificio-arcangelo-maletta. Acesso em: 14 mai. 2020.

EXPLOITED. Revolution Radio. 2020. Disponível em: https://revolutionradio.com.br/artistas/exploited/. Acesso em: 11 jun. 2020.

FARIAS, F. Ratos de Porão. **Radio Metal**. 2019. Disponível em: http://roadie-metal.com/ratos-de-porao-30-anos-do-album-brasil-um-disco-mais-atual-do-que-quando-foi-lancado/. Acesso em: 04 jul. 2020.

FESTIVAL Punk-se BH Especial. Sympla. 2017. Disponível em: https://www.sympla.com.br/festival-punk-se-bh-especial---ultimo-do-ano__220748. Acesso em: 04 nov. 2019.

FILMOW. Mulheres no metal. 2019. Disponível em: https://filmow.com/mulheres-no-metal-t109269/ficha-tecnica/. Acesso em:23 mar. 2020.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
FORMAS e meios. Stress pioneira heavy metal. 2019. Disponível em: https://formasemeios.blogs.sapo.pt/stress-pioneira-heavy-metal-2120639. Acesso em: 04 mar. 2019.

FUKKWITT. Darkthrone. **Metal Archives**. 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/darkthrone/146. Acesso em: 18 mai. 2020.

GAFAROV, I. Metal Community and Aesthetics of Identit. In: HILL, R. **Heavy Fundametalisms**: Music, Metal and Politics. Oxford: United Kingdon, 2010.

GALIMBERTI, U. **Psiche e techne:** L'uomo nell'età della tecnica. Roma: Feltrinelli, 2003.

GALLO, I. Punk: Cultura e Arte. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 24, n.40, jul./dez, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752008000200024. Acesso em: 10 set. 2018.

GALLO, I. Por uma historiografia do punk. **Projeto História**, São Paulo, v. 41, 2010. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6542. Acesso em: 26 out. 2018.

GANMIT. Facebook. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/Theganmit. Acesso em: 12 mar. 2020.

GARCIA DOS SANTOS, L. Tecnologia e seleção. In*:* LINS, D.; PELBART, P. P. (Orgs). **Nietzsche e Deleuze:** Bárbaros, civilizados. São Paulo: Annablume, 2004. p. 103-118.

GEERTZ, C. **Obras e vidas:** O Antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. In: GOMES, Angela de Castro (org). Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, R. *et al.* Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos:** Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 185-221.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, S**. A identidade cultural na pós modernidade.** 11. ed. São Paulo: DP & A, 2006.

HEAVY Metal Online. Conheça nossa história e nos apoie. Facebook. 20 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/heavymetalonline.br/about/?ref=page_internal. Acesso em: 11 fev. 2020.

HELLCOMMAND. Defacer. **Metal Archives**. 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Defacer/17147. Acesso em: 01 fev. 2020.

HENRIQUE, C.; MONTEIRO, M. O Punk chega em Belo Horizonte. **Zine Efeito Colateral**. 2014. Disponível em: https://zineefeitocolateral.wordpress.com/2014/08/08/o-punk-chega-em-belo-horizonte/. Acesso em: 18 nov. 2019.

HILL, R. **Heavy Fundametalisms**: Music, Metal and Politics. Oxford: United Kingdon, 2010.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2001.

HISTORY. Rebellion Festivals. 2014. Disponível em: http://www.rebellionfestivals.com/history. Acesso em: 28 mai. 2019.

HUNDERTWASSER. Amazon. 2020. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Hundertwasser-Pierre-Restany/dp/3836531585. Acesso em: 21 jul. 2020.

IGNORANCE. Facebook. 01 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/ignorancedeath/photos/a.327238660812202/1408410162695041/?type=1&theater. Acesso em: 24 jul. 2020.

INSTITUTO Helena Greco. 2020. Disponível em: https://institutohelenagreco.blogspot.com/. Acesso em: 06 mai. 2020.

JANOTTI JÚNIOR, J. **Aumenta que isso aí é Rock and Roll***:* mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

JANOTTI JÚNIOR, J. **Heavy Metal com Dendê:** rock pesado e mídia em tempos de globalização. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

JANOTTI JÚNIOR, J. **Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções:** uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático. Salvador, 2005. Disponível em: http://www.midiaemusica.ufba.br/arquivos/artigos/JEDER2.pdf. Acesso em: 26 nov. 2018.

JENSEN, K. Def Leppard. **Metal Archives.** 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Def_Leppard/16713. Acesso em: 29 jul. 2020.

JOÃO. Camden town e seus 5 incríveis mercados de rua. **Pra ver no mundo**. 2015. Disponível em: http://pravernomundo.com.br/camden-town-mercados-de-rua/. Acesso em: 06 ago. 2020.

KAMIKAZE Discografia. Armazém da música Brasileira. 2014. Disponível em: http://armazemdamusicabrasileira.blogspot.com/2014/01/kamikaze.html. Acesso em: 22 set. 2019.

KING Diamond. Rollingstone. 2017. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/media/_versions/legacy/2017/img-1043931-king-diamond_lg.jpg. Acesso em: 12 mai. 2020.

KIPPER, H. A. **A Happy house in a Black Planet**: Introdução à Subcultura Gótica. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2008.

KISS World. Kiss chronology. 2020. Disponível em: https://www.kissonline.com/history. Acesso em: 11 mar. 2020.

KRISIUN. Novo álbum. 2018. Disponível em: http://www.krisiun.com.br/. Acesso em: 14 jun. 2019.

LEÃO, T. **Heavy Metal**: guitarras em fúria. São Paulo. Editora 34, 1997.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMOS, N. A vida é punk. **Revista Trip.** 2013. Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-vida-e-punk. Acesso em: 24 mai. 2019.

LEVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOPES, P. A. L. **Heavy metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos:** a Música do Demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. 2006. 203 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MCNEIL,L.; MCCAIN, G. **Mate-me por favor.** Porto Alegre: L& PM Pocket, 2013.

MAGALHÃES, H**. O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGNANI, J. G. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L. (Orgs.) **Na metrópole**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MERCADO das Borboletas. Sou BH. 2020. Disponível em: https://www.soubh.com.br/estabelecimentos/casas-noturnas/mercado-das-borboletas. Acesso em: 07 mai. 2020.

MERCER, K. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (Org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

METAL Kingdom. Dunkell Reiter. 2020. Disponível em: https://www.metalkingdom.net/Dunkell-Reiter-8860. Acesso em: 06 jan. 2020.

METALPUNK Overkill 666. Metal Reunion Zine. 2014. Disponível em: http://metalreunionzine.blogspot.com/2014/09/metalpunk-overkill-666-atencao-novo.html. Acesso em: 20 out. 2019.

METALPUNK Overkill VIII. Sepulchralvoice Fanzine. 2015. Disponível em: http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2015/08/metalpunk-overkill-viii.html. Acesso em: 20 out. 2019.

METALPUNK OVERKILL. Facebook: página Metalpunk Overkill. 2020. Disponível em: https://pt-br.facebook.com/metalpunkoverkill
Acesso em: 13 mai. 2020.

MG METAL WARRIORS. Documentário Somos feitos de pessoas: a história do Witchhammer. YouTube. 20 de mai. de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hrx2pH0b-hk. Acesso em: 06 fev. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Abrasco, 2000.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MONDO Sonoro. Sex Pistols. 2019. Disponível em: https://www.mondosonoro.com/artistas-musica/sex-pistols. Acesso em: 15 mai. 2019.

MONSTERS of Metal Brasil 2019. Mostra Metal em Minas Santa Tereza. Facebook. 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/monstersofmetalMG/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 09 mar. 2020.

MOREIRA, M. Documentário conta parte da história das mulheres no metal brasileiro. **Estadão**. 2013. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/blogs/combate-rock/documentario-conta-parte-da-historia-das-mulheres-no-metal-brasileiro/. Acesso em: 02 nov. 2019.

MURÃO, M. Janick Gers: a trajetória do guitarrista até chegar no Iron Maiden. **Iron Maiden Brasil**. 2019. Disponível em: http://www.ironmaidenbrasil.com.br/2019/01/janick-gers-trajetoria-do-guitarrista.html. Acesso em: 10 mar. 2020.

MUZPLAY. Ramones: biografia. 2020. Disponível em: https://www.muzplay.net/musica/ramones. Acesso em: 03 jan. 2020.

NADAPOP. A história do Ariel e do punk se misturam em documentário. 2016. Disponível em: https://nadapop.com.br/2016/09/a-historia-do-ariel-e-do-punk-se-misturam-em-documentario/. Acesso em: 23 mar. 2019.

NADAVER. Facebook. 2 de abril de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/bandanadaver/. Acesso em: 28 mai. 2019.

NANCY, J. L. **Corpus**. Paris: Éditions Métailié, 2000.

NANCY, J. L. **Arquivida**: do senciente e do sentido. São Paulo: Iluminuras, 2014.

NEWS Metalpunk Overkill V. Sepulchralvoice Fanzine. 2014. Disponível em: http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2014/07/metalpunk-overkill-v.html. Acesso em: 12 nov. 2019.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2000.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

OPETH. Wiplash. 2006. Disponível em: https://whiplash.net/materias/biografias/039069-opeth.html. Acesso em: 06 jul. 2019.

OZIRIS. Corpse Grinder. **Metal Archives.** 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Corpse_Grinder/7446. Acesso em: 16 fev. 2020.

PEIXOTO, M. Cancelamentos, censura e polêmica marcaram os primórdios dos megashows em BH. **Uai**. 2015. Disponível em: https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/04/17/noticias-musica,166802/cancelamentos-censura-e-polemica-marcaram-os-primordios-dos-megashows.shtml. Acesso em 30 nov. 2019.

PESCADA, M. Metalpunk Overkill VII. **Wiplash**. 2015. Disponível em: https://whiplash.net/materias/agenda/219899.html. Acesso em: 17 mai. 2019.

PESCADA, M. Metalpunk Overkill IX. **Wiplash**. 2016. Disponível em: https://whiplash.net/materias/agenda/242227.html. Acesso em: 17 mai. 2019.

PINTO, T. S. Arte Gótica. **Brasil Escola.** 2014. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm. Acesso em 17 mai. 2020.

PIRES, G. F. **E a bela ainda é fera:** análise discursivo-crítica das performatividades de gênero nas entrevistas da revista Roadie Crew. 2018; 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

PORTAL UAI. 30 anos de resistência punk em BH. Facebook. 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/PortalUAI/videos/1231074340378573/?v=1231074340378573. Acesso em: 15 mai. 2020.

PRADO, G. S. **Caminho da morte na metrópole**: cultura punk, fanzines, rock, política e mídia (1982-2004). Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19827. Acesso em: 02 nov. 2019.

PRATES, M. Grito dos Excluídos vai às ruas em defesa da educação e da Amazônia. **UFMG**. 2019. Disponível: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/grito-dos-excluidos. Acesso em: 11 fev. 2020.

QUARENTA anos de Punk. Sympla. 2017. Disponível em: https://www.sympla.com.br/40-anos-de-punk__153844. Acesso em: 03 nov. 2019.

QUEIROZ, R. C.; TUGNY, R. **Músicas africanas e indígenas no Brasil**. Editora UFMG, 2006.

QUORTHON. Bathory álbum. Wikipédia. 2012. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bathory1984.jpg. Acesso em: 17 mai. 2019.

REDAÇÃO. Black Sabbath usava cruz nas roupas para se proteger. **RollingStone**. 2019a. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/black-sabbath-usava-cruz-nos-pescocos-para-se-proteger-de-maldicao-satanica-explica-geezer-butler/. Acesso em: 25 jul 2019.

REDAÇÃO. As 10 histórias mais doidas do Motley Crue: loucuras com Ozzy Osbourne e fogo no hotel. **RollingStone**. 2019b. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/10-historias-mais-doidas-do-motley-crue-de-viagem-com-ozzy-osbourne-policiais-disfarcados/. Acesso em: 19 nov. 2019.

RESTANY, P**. O poder da arte. Hundertwasser:** o pintor rei das cinco peles. Taschen: Lisboa, 2003.

REVIRAVOLTA Contra Cultural. Foursquare. 2014. Disponível em: https://pt.foursquare.com/v/metalpunk-overkill/5402ec38498e21f6bdc198d9. Acesso em: 26s set. 2019.

RIBEIRO, H. **Dinâmica das identidades**: análise estilística e contextual de três bandas de metal da cena rock underground de Aracaju. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, 2007.

ROLLINGSTONE. CBGB vai reabrir, mas não se anime tanto. 2015. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/blog/cbgb-vai-reabrir-mas-nao-se-anime-tanto/. Acesso em: 11 mai. 2018.

RUÍDO das Minas: a origem do heavy metal em Belo Horizonte. A ilha do Metal. 2010. Disponível em: http://www.ailhadometal.com/blog/ruido-das-minas/. Acesso em: 17 mai. 2019.

RUY, C. M. Botinada: a origem do Punk no Brasil. **Centro de memória Sindical**. 2014. Disponível em: https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/botinada-a-origem-do-punk-no-brasil/. Acesso em: 18 jun. 2019.

RUY, C. M. Há 40 anos, com a reação da periferia, nascia o movimento punk. **Vermelho**. 2017. Disponível em: https://vermelho.org.br/2017/11/23/ha-40-anos-com-a-reacao-da-periferia-nascia-o-movimento-punk/. Acesso em: 19 mai. 2019.

SALPIUS. Aka Funeral. **Metal Archives**. 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Aka_Funeral/3540409691. Acesso em: 14 mai. 2020.

SALYERS, C. D.; HELL, R. **CBGB:** Decades of Graffiti. London: Mark Batty, 2006. 64 p.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

SANTOS, B. S. Os processos da globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-94.

SANTOS, D. Malespero ENuclear Blood: Split. **Revoluta**. 2017. Disponível em: https://revoluta.com/2017/09/malespero-e-nuclear-blood-split/. Acesso em: 02 mai. 2019.

SCALPED. Synchronicity Of Autophagic Hedonism. **Discogs**. 2020. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/Scalped-Synchronicity-Of-Autophagic-Hedonism/release/11450566. Acesso em: 17 mai. 2020.

SEPULCHRALVOICE. Metalpunk overkill. 2019a. Disponível em: http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2019/04/metalpunk-overkill.html. Acesso em: 18 fev. 2020.

SEPULCHRALVOICE. Sagrado Inferno assina com a Cogumelo Records. 2019b. Disponível em: http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2019/06/sagrado-inferno-assina-com-cogumelo.html. Acesso em: 09 mar. 2020.

SEPULTURA. Bestial Devastation. 2019. Disponível em: https://www.sepultura.com.br/bestial-devastation. Acesso em: 04 jan. 2020.

SILVA, A. S.; GUERRA, P. **As palavras do punk**. Lisboa: Alêtheia, 2015.

SILVA Dops. Facebook. 31 de dezembro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/TUNGSTNIO. Acesso em: 31 dez. 2017.

SLAYER. Discography. 2019. Disponível em: https://www.slayer.net/. Acesso em: 22 mai. 2019.

SOBREIRA, V. Roadie metal cronologia: Sepultura Morbid Visions (1986). **Roadie Metal.** 2017. Disponível em: http://roadie-metal.com/roadie-metal-cronologia-sepultura-morbid-visions-1986/. Acesso em: 10 dez. 2019.

SONIK, B. Metal Punk Overkill IV. **Last FM**. 2014. Disponível em: https://www.last.fm/pt/festival/3870679+Metalpunk+Overkill+IV. Acesso em: 24 abr. 2020.
SOUSA, R. C. Conheça a banda NADAVER. **Arrepio Produções**. 2018. Disponível em: https://www.arrepioproducoes.com.br/noticias/?n=023iG7aHIX. Acesso em: 14 mai. 2020.

STRAW, W. Characterizing Rock Music Culture: the Case of Heavy Metal. **Canadian University Music Review**, v. 5, p. 104-121, 1984.

STUDIO albums. Iron Maiden. 2020. Disponível em: https://www.ironmaiden.com/discography/studio-albums. Acesso em: 21 mar. 2020.

TEIA Produções. Facebook. 28 de novembro de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/ateiaproducoes/photos/a.1504004593170651/1831130193791421/?type=3&theater. Acesso em: 24 mai. 2019.

TEIXEIRA, L. Metalpunk overkill. **Sepulchralvoice Fanzine**. 2019. Disponível em: http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2019/04/metalpunk-overkill.html. Acesso em: 01 mar. 2020.

TERRORIZER Magazine. Archives. 2015. Disponível em: http://www.terrorizer.com/category/news/shop/new-issue-shop/. Acesso em: 24 nov. 2019.

THE EXPLOITED em BH. Rock e Cia. 2019. Disponível em: https://rockecia.com.br/evento/the-exploited/. Acesso em: 10 fev. 2020.

TOSCO, C. Rastros De Ódio: lançando EP "O Mundo Em Estado De Óbito". **Wiplash**. 2014. Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_818/197760-rastrosdeodio.html. Acesso em: 14 mai. 2018.

USHIODA, E. Motivating learners to speak as themselves. In: MURRAY, G.; GAO, X.; LAMB, T. (Eds.) **Identity, motivation and autonomy in language learning**. Bristol,UK: Multilingual Matters, 2011.

VITTORTORMENTOR. Metal Punk Overkill III. **Last FM**. 2014. Disponível em: https://www.last.fm/pt/festival/3778487+Metal+Punk+Overkill+III. Acesso em: 24 abr. 2020.

VYGOTSKY, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. In: VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 103-135.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

WALSER, R. **Running with the devil**: power, gender and madness in Heavy Metal music. Hannover/London: Wesleyan University Press, 1993.

WEINSTEIN, D. **Heavy Metal:** a cultural sociology. Hardcover: 1 St Edition, 1991.

WEINSTEIN, D. **Heavy Metal:** The Music And Its Culture. New York: Da Capo Press, 2000.

WIKIPEDIA. Black Sabbath (álbum). 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Sabbath_(%C3%A1lbum). Acesso em: 06 set. 2019.

WILKUN. Twisted Sister. **Metal Archives.** 2020. Disponível em: https://www.metal-archives.com/bands/Twisted_Sister/4975. Acesso em: 01 ago. 2020.

WILSON, S. **Melancology:** Black Metal theory and Ecology. New York: Zero Books, 2014.

WITCHHAMMER. A Ilha do Metal. 2010. Disponível em: http://www.ailhadometal.com/bandas/bandas-nacionais-witchhammer/. Acesso em: 21 bov. 2019.

WITCHKROSS. Blog Witchkross. 2020. Disponível em: https://witchkross.blogspot.com/. Acesso em: 28 jun. 2020.

ZUMTHOR, P. A poesia e o corpo. In: ZUMTHOR, P. **Escrita e nomadismo**. São Paulo: Atheliê Cultural, 2005.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Entrevista 1 - Túlio

1 – Nome: Túlio Duarte, mas o pessoal geralmenete me chama pelo apelido mesmo

02 – Idade: Tenho 29 anos

03 – Profissão:

Sou formado em técnico em segurança do trabalho e Técnico em Eletroeletrônica, Mas atualmente estou atuando como eletricista de manutenção.

04 - Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?

Em meados dos anos 90 eu tinha um grande fascínio por filmes de terror e ficção científica, (Outra de minhas paixões) ficava alucinado quando meu pai me levava nas lojas de discos, adorava admirar as artes das capas que sempre retratavam criaturas de fantasia medieval , monstros, zumbis e seres cibernéticos, além de artes abstratas bizarras que retratavam diversos temas.

5- Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.

A minha lembrança mais antiga ligada ao heavy metal foi um anúncio do lançamento do Disco Youthanasia do Megadeth lançado em 1994. A imagem retratando um senhora pendurando bebês no varal me chamou bastante atenção e eu sempre perguntava sobre essa capa para os meus tios. Nas visitas na casa de minha avó, eles sempre me mostravam as capas dos albuns e contavam diversas histórias envolvendo a vida pessoal deles no som e fatos que aconteciam com as bandas. Era um período muito restrito pra compra de material, mas em 1998 meu pai me levou em uma loja de discos para escolher um CD. Por ter sido atraído pela arte de capa, acabei levando o Virtual XI do iron Maiden que acabava de ser lançado, consequentemente poucos meses depois meu tio me presenteou com meu primeiro LP, Accept (Metal heart) que já havia passado na mão de diversos amigos dele e até hoje faz parte de minha coleção. Nessa mesma época um dos meus tios tinha uma boa coleção de VHS com gravações do extinto Furia Metal da MTV e Gás total, além de outros programas do mesmo canal, ele me deu algumas dessas fitas e acabei conhecendo uma grande variedade de bandas e videoclipes que me deixavam eufórico. Foi meu primeiro contato com a MTV.
Acho que acabei respondendo a essa pergunta anteriormente hehe

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?

Sempre fui de expressar essa minha aproximação com o gênero mais de forma visual do que corporal, inclusive esse contexto não só envolve uma expressão cultural como também um lado bem pessoal, pois desde que conheci o heavy Metal, isso serviu como gatilho pra diversos temas e interesses posteriores que culminaram no que sou atualmente. O único

elemento corporal de expressão que possuo é uma tatuagem com uma arte do desenhista Pushead, retratando uma caveira com dois ossos cruzados ao fundo e uma faixa escrita "Thash Till Death", remetendo á um dos meus subgêneros favoritos do heavy metal. Mas já tenho interesse em tatuar o hexagrama unicursal da Doutrina/ Filosofia Thelemica desenvolvida por Crowley no início do século XX, pois meio que me identifiquei com os conceitos, tenho me aprofundado nos estudos thelemicos nos ultimos anos e devido a experiencias recentes decidi por essa opção. Como cresci tendo um reflexo de uma geração antecessora como referência cultural em minha família, isso acabou por determinar e formular meu aspecto visual e pessoal para os dias atuais. Lá pelo final dos anos 90 e início dos anos 2000, o que estava em evidência midiática era muito genérico e de qualidade duvidosa, talvez a busca por novas identidades culturais da população durante meados dos anos 90, tenha deixado a referência cultural pouco atraente, bastante alterada e isso não é apenas uma questão nostálgica e sim de nível de qualidade. Acredito que nos anos 80 a revolução cultural tenha aproximado a humanidade de sua plenitude e satisfação pessoal á favor da liberdade e apreço pela auto realização, era um período cultural muito rico, empolgante e cheio de excessos, a música passava por uma explosão popular imensa e muitos a utilizavam como ferramenta para divulgar suas ideias tanto na parte lírica como na expressão corporal, isso também acontece atualmente, mas a diferença é que nos anos 80 isso movia as pessoas de verdade, os músicos eram grandes fontes de inspiração revolucionária, isso se perdeu atualmente, hoje a música é quase que tratada como descartável em sua totalidade, nos anos 80 as pessoas valorizavam e viviam mais a arte e isso se reflete em mim de forma bastante evidente. Eu me sinto responsável por não deixar morrer aquilo que sempre me trouxe momentos de reflexão e felicidade intensos, as pessoas deveriam valorizar mais o aspecto cultural. procuro sempre representar um período que acredito ser de extrema relevância e jamais deva ser esquecido. Sou um reflexo de uma época que não vivi, mas que faço de tudo para sentir e ser, pois é a minha essência e fonte de auto estima. Ou seja, pra mim existem 3 tipos de pessoas , aquelas que apenas escutam o som, aquelas que vivem do som e aquelas que vivem o som, posso dizer que me enquadro na terceira opção. Sou aquele tipo de cara que mantem os Mullets, usa tênis retrô cano alto, coletes de patches com diversas bandas oitentistas, inclusive com alguns patches referentes a algumas figuras populares ou personagens que possuem algo semelhante á minha pessoa, sou aquele sujeito que prefere gastar uma grana á mais em alguns discos de vinil pra sentir a essência e o prazer de colar um som no toca discos, ou até mesmo as velhas fitas cassete, e que tbem prefere acelerar um Opala com um Def leppard no talo e deixar os Mullets ao vento, do que pagar de materialista genérico com o carrinho do ano preocupado em agradar as pessoas ao redor. Vou pelo princípio Thelemico de Crowley do "Faz o que tures há de ser o todo da lei", a realização individual é essencial para a auto estima e o que os outros pensam não nos atingem quando se está satisfeito consigo mesmo.

07 – No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

Foram dois motivos básicos, o primeiro é a estética, foi o meu fascínio já mencionado para temas de horror e ficção científica que sempre eram expressados nas artes de capa dos discos, o outro ponto foi o refúgio. No heavy metal encontrei uma válvula de escape para os meus problemas de convivência social na infância aliados a situação financeira da nossa família que era meio complicada naquele período. Por mais que tivesse amigos eu quase sempre era visto como alguém desajustado e com interesses peculiares. Em desenhos da escola, sempre retrava criaturas estranhas e decapitações com seres disformes, tantos nos cadernos quanto nas paredes, já fui encaminhado a psicólogos por indicações de professores mas aquilo não era nada além da minha forma de expressar o que estava sentindo e isso refletia na minha

convivência com outras crianças, no heavy metal encontrei outros como eu e ali eu não me sentia mais sozinho.

08 - Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

É meio complicado definir a forma que outras pessoas me enxergam, mas consigo notar que dentro da cena alguns encontram em mim certa inspiração para serem encorajadas a representar aquele período também, assim como encontro outros com as mesmas ideias e a aplicam em seu dia a dia . Alguns já me disseram que parece ter saído de algum filme de gangues de rua ou até mesmo personagens meio estereotipados dos anos 80 tanto de filmes como de jogos de fliperama, sempre encarei isso como um elogio, por mais brega ou escancarado que o personagem seja, eu me divirto com essas comparações e ás vezes até encontro novas ideias para o visual baseado nessas comparações. Inclusive costumo reproduzir algumas cenas de alguns filmes dos anos 80 com os meus amigos durante os rolês de final de semana e todo mundo se diverte com essas ideias, levo isso como estilo de vida e representando sempre em alto nível. Agora em relação ás pessoas que estão fora da cena, alguns acham que sou músico outros me acham espalhafatoso, algumas pessoas inclusive já me disseram que quando me veem se recordam de quando eram jovens nos anos 80 e contam histórias sobre aquela década pra mim.

09 – A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação desta cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

Belo Horizonte é reconhecida como grande representante do heavy Metal nacional e possui projeção internacional graças á bandas como Chakal, The Mist, Overdose, Mutilator, ,Sarcófago, Holocausto, Sepultura e tantos outros que influenciaram gerações e são frequentemente citadas como percursores do Metal Brasileiro nos anos 80. Atualmente o cenário de belo horizonte e região é repleto de bandas de qualidade como o Witchkross, Wild Leather, Drástiko e Exorddium, algumas inclusive já vieram pra minha cidade (João Monlevade) em eventos que organizei em parceria com amigos. Apesar do cenário atual ser bem diferente tanto para o Punk e heavy Metal com a chegada das redes sociais e difusão da informação em larga escala, isso acabou impactando tanto negativamente como positivamente no cenário de BH. Atualmente ficou mais fácil a difusão de material e divulgação de eventos em proximidade com o público alvo em questão, mas na contramão temos uma avalanche de bandas que não somam parcerias entre si por motivos diversos, o que torna esses agrupamentos muito limitados e seletivos. Isso prejudica a conquista de espaço e diminui a união entre os headbangers, ocasionando uma dispersão do público no cenário underground. Um dos eventos underground que destaco na cidade é o Metalpunk Overkill, que além de representar a união entre dois seguimentos culturais da cidade é uma ótima oportunidade para conhecer bandas da região, além de atrações de diversos cantos do país. Posso afirmar que BH seja meu segundo lar em MG. Foi em Belo Horizonte que fiz diversas amizades e parcerias para futuros eventos em minha cidade á fim de difundir o heavy Metal em uma grande parceria mineira e incluir Monlevade na rota de diversas bandas sedentas pela selvageria das apresentações ao vivo, assim como foi também a cidade na qual vivi momentos intensos com diversas histórias malucas e bizarras. Belo Horizonte também é a rota de diversos artistas e bandas nacionais e internacionais que me influenciaram e pude ter o prazer de presenciar ao vivo.

10- Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
O heavy metal é a bandeira que eu decidi levantar, e através dela eu descobri uma vastidão de indagações . Delas, eu retirei idéias compatíveis com minha personalidade, o que me ajudou a encarar o mundo com uma visão diferente. As pessoas comuns nunca irão entender isso. Quem está do lado externo vê as coisas de forma superficial e caricata, mas só quem vive no cenário e compartilha desses momentos, sabe de sua importância. Por esses e outros motivos eu não só acredito que isso me acompanhará até os últimos dias, como está tão enraizado na minha personalidade, que separá-lo seria uma desconstrução do que represento ou até mesmo do meu ser.

Entrevista 2 – Silva Dops

1) Nome: Silva Dops

2) Idade: 38 anos

3) Profissão: Autônomo

4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?

Comecei em 1992, quando via pela televisão vídeos de algumas bandas. Ozzy Osbourne, Kiss, Nirvana, Guns e Motorhead. Por discos em casa, da minha família, de bandas do rock nacional. Pelas rádios comerciais, por shows que comecei a frequentar e por amizades que fui fazendo. Foram meus primeiros contatos com o Rock. Aprofundar mais no universo do Rock, foi depois dos 15 anos. Pois tive contato com a diversidade de segmentos, fosse por discos de vinil, fita cassete, revistas especializadas e cd´s que comprava, ou que eu pegava emprestado de colegas, conhecidos e amigos. A MTV foi importante também pois, ela deu visibilidade pra várias bandas dos anos 90, que representavam uma geração que vinha depois dos anos 80. Apesar de Belo Horizonte em seu cenário de Rock ter maior inclinação para o Rock progressivo, clássico, o cover e o Metal. O Punk me despertou mais interesse.

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.

O primeiro contato que tive com o punk deve ter sido quando eu era uma criança e vi uma charge de um jornal do carturnista Angeli. Onde tinha o Bob Cuspe. O desenho de um Punk com uma guitarra, de cabelo espetado, ficou marcado pra mim. Eu comecei a ler um pouco sobre questões políticas no segundo grau, meu pai era operário. Então me despertou uma certa curiosidade em relação ao Punk. Pois o que chegava para mim era que o Punk era uma música feita por jovens da classe operária inglesa, que criaram um tipo de rock. Eu era jovem e estudava em escola particular, a maioria dos outros jovens eram de uma classe média baixa ou uma classe média B. Eles tinham total atitudes, comportamentos e gostos que eu não me identificava. Que eu rejeitava. Eu tinha aversão por eles. Por isso encontrei o Punk como uma forma de completar minha identidade em formação. Por ser uma música da classe trabalhadora. O punk era agressivo, veloz, sem regras, violento. Isso me despertou na música Punk mais atenção do que em outros segmentos do Rock como o Metal por exemplo, que para mim tinha um discurso restrito muito a questão religiosa. De embate religioso. O Punk para mim a princípio era mais completo por abordar problemas sociais, problemas políticos, por falar de sexo, drogas, violência, amor, ódio, poder, ideologia, guerra. As músicas mais rápidas, curtas e urgentes. Ao contrário do Metal que tem músicas de quatro, cinco minutos, o

Punk dava um recado furioso em segundos, por um ou dois minutos de forma nervosa e suficiente pra mim. Na mesma época o Rap também estava em ascensão. O Rap também me despertou a atenção. Mas o Punk muito mais pelo fato de ser barulhento, com uma música executada por mãos humanas, não samplers e ser um discurso de urgência.

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?
A questão do Punk corporal, talvez tenha haver com a energia que o Hardcore como estilo musical e discurso tenha. Uma energia altiva, de força, de se manter na linha de frente contra todo o poder que explora e esmaga a classe operária. Que transforma o ser humano em uma estatística, em um consumidor, em um cidadão que tem cidadania mediante sua conta bancária. A relação corporal é de negar toda essa sociedade capitalista que esvazia a essência humana, nos transformando em escravos do papel chamado dinheiro, de mercadorias e de um consumo e acumulação, lucro.

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

Acho que o Punk é um estilo de vida. Eu recorri a ele num período, onde eu estava formando minha personalidade. Através dele pude construir uma melhor compreensão da sociedade e minha como indivíduo. O Punk sempre me dizia pra continuar lutando “garoto do subúrbio você não pode desistir”....

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

É bem complexo. Pois são décadas dentro de um cenário underground e do Rock em suas várias vertentes. Até o começo dos anos 2000 usar roupas pretas, usar o cabelo moicano, correntes, bracelete com rebites, tatuagem. Eram coisas que chocavam, incomodavam a sociedade. Depois com o caminhar dos anos 2000, essa rebeldia acabou sendo incorporada pela sociedade de uma forma maior. Também as gerações vão envelhecendo e compreendendo mais alguns movimentos culturais. Quem não gostava outrora dizia que a música era barulho, com um discurso burro. Hoje as pessoas se referem as pessoas que escutam diferentes segmentos de Rock, como sendo música inteligente. As coisas mudaram muito. O Rock ele vem envelhecendo e não tendo renovação, vem perdendo um pouco da sua chama de rebeldia.

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

Belo Horizonte é uma cidade mais ligada ao Metal, no underground. Minha praia é o Punk, Hardcore, então São Paulo capital e o ABC paulista, Santos, sempre foram mais representativos em termos culturais para mim. As bandas de São Paulo são mais influentes pra mim em termos de formação underground. Para quem gosta de Metal, BH ainda tem uma cena que pulsa. Essa cena outrora até meados de 2008, havia shows de bandas locais que podiam bater com 600 pessoas comparecendo. Uma herança daquilo que foi o movimento que surgiu nos anos 80 do século passado e que acabou com o sucesso mundial, de bandas como

Sepultura e Sárcofago.A Cogumelo como gravadora que deu oportunidade e suporte principalmente para as bandas de Metal, a Galeria do Rock da Praça Sete, colaboraram pra manter por décadas, casas de shows.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?

Com certeza, pelo fato de já ter 38 anos de idade e continuar escutando esses estilos musicais, conhecendo bandas novas, frequentando shows e tocando no underground. Ou seja, minha personalidade não é voltada por modismos, ou por paixões superficiais. Eu me identifico com esses segmentos musicais e movimentos culturais, me sinto contemplado neles.

Entrevista 3 - Fabiano

1) Nome: Fabiano Barbosa

2) Idade: 30 anos

3) Profissão: Preparador/Pintor automotivo

4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?
Não me lembro com precisão sobre a data, mas imagino que foi por volta de 2000/2001

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.

Bom, foi meio que uma transição de vertentes do rock. No fim dos anos 90 e início dos anos 2000 eu estava bastante ligado em bandas de rock, pop rock e afins divulgadas pela emissora MTV Brasil. Colegas de escola e eu trocávamos informações sobre o que rolava nos programas emitidos na época, porém nunca saímos disso, pois todos ainda pobres, fudidos e no ensino fundamental não tínhamos grana pra adquirir nada do que gostávamos. Conheci ainda nessa época o Silvio, um colega de escola que era uma enciclopédia quando se tratava de música, nessa época ele devia ter uns 11 anos e conhecia demais de música, mas tudo limitado à MTV. Lembro que ele tinha um caderno com tudo anotado sobre a emissora, tudo mesmo. Data, programa, VJ que estava apresentando, horário dos vídeos. Tinha um programa (não me recordo o nome) que rolava um duelo entre videoclipes e ele tinha tudo anotado, qual videoclipe venceu, com qual porcentagem e tals, um maluco ele era. Trocávamos bastante informações e frequentemente eu consultava o caderno dele, já que ele acompanhava a emissora a mais tempo. Tinha bastante coisas sobre o programa Fúria Metal, onde eu ia pescando nome da bandas que eu nem fazia ideia do que era, já que foi esse programa que me fez adentrar mesmo ao Heavy Metal. Quando comecei a acompanha-lo já não tinha mais apresentador eu acho, eram somente videoclipes durante o programa. Judas priest, Accept e Motorhead foram o "start" para essa chama do Heavy Metal que carrego até hoje. Logo em seguida o programa acabou e foi substituído pelo Riff MTV, onde ainda rolava bandas de Metal, mas não era dedicado apenas a isso. Um pouco mais adiante, por volta de 2002/2003 eu adquiri uma coletânea em CD pirata, qual não imagino como consegui, que continha *Twisted Sister - We're not gonna take it* e *Dio - Holy Diver* (o restante das faixas eram coisas que já não estavam mais na minha realidade), eu escutava essas faixas várias vezes ao dia mas ainda me sentia incompleto. Depois que comprei minha primeira camisa de banda de Metal, Iron maiden - Killers, eu fui intimado por um amigo (R.I.P) a falar sobre a banda. Nisso fui conhecendo pessoas daqui do bairro mesmo que já eram amigos dele, pessoas que já tinham

um conhecimento maior sobre Metal, tinham tapes, discos de vinil, cd's e tals. Coisas de Death e Black Metal [eu ainda não curtia, pois era barulho demais pra mim (risos)]. Em 2004 conheci Dunga e Warley, todo mundo molecote. Fazíamos cursos perto da PUC de Contagem e recebíamos vale transportes para isso. Lembro que ambos faziam uma maratona diária a pé para economizar os vales transportes e posteriormente vendê-los para comprar discos. Nessa época eu apenas adquiria revistas e gravava tapes dos materiais que amigos me emprestavam. Daí eu já conhecia também, Manowar, Running wild, Rata blanca… Várias que não conheci pela emissora de TV. No meu primeiro emprego como jovem aprendiz ainda em 2004 que eu fui comprando meus primeiros CDs originais. Em 2005 teve uma festa de aniversário de um amigo aqui do bairro, Alexandre, nessa festa tocaram Sarcasmo, Horned e Incredulus (eu acho), esse foi meu primeiro contato com o Metal underground de Contagem/BH e que venho acompanhando até então.

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?

A relação do corpo com o gênero já é logo de cara expressada pelo nome mesmo, Metal pesado. Simbolizando resistência e força à o que a sociedade vem tentando nos enfiar goela abaixo desde sempre. A energia e a fúria expressada musicalmente pode se caracterizar a necessidade de termos que “gritar” para seguirmos da maneira que desejamos ser. Eu resumo a isso!

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

Como a grande maioria das pessoas que conheço, essa afinidade aconteceu em um período de formação de personalidade, então não vejo um melhor período pra ter acontecido. Pode se dizer que ser um Metalhead é ter um modo de melhor compreensão à tudo que nos afeta em nosso desenvolvimento de caráter desde que nos dedicamos a isso. É uma negação a dogmas, já que comumente pessoas crescem sob eles impostos por uma “dominação” e infelizmente morrem com eles. Escute/leia *Running wild - Prisoner of our time* e sinta o que estou dizendo!

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

Posso afirmar que hoje em dia tem sido muito saudável, tanto com que gosta e com quem não gosta. Um fato notório de qualquer Metalhead é ser reprimido em seu início no gênero, pessoas com ideias padronizadas insistem em te convencer que você não conseguirá nada (na padronização deles) se seguir por esse estilo de vida. Uma sorte minha de quando comecei é que minha família nunca se opôs à minha escolha. Acredito que hoje em dia há um entendimento cultural mais amplo sobre o rock por parte das pessoas, devido a isso há uma relação saudável entre pessoas que não gostam do estilo e eu.

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação desta cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

De fato sim. A relação mais relevante é a de negação a dogmas, principalmente cristãos. Isso devido ao período em que comecei a frequentar os rolés, já que a cena belorizontina desde então tem em sua maioria o som extremo, talvez uma herança das bandas mais influentes do estado, não sei. Uma outra relação de relevância com a cidade foi o investimento cultural físico que faço hoje, os discos de vinil. Se iniciou em 2006 na cogumelo e permanece até hoje. Um rolé corriqueiro que frequento com frequência é o Metalpunk Overkill, mas geralmente me encontra fácil (não tanto quanto antes) nos eventos de BH.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?

De certo que sim, já fazem mais de 15 anos envolvido nisso. Há uma infinidade de bandas a serem descobertas, muita informação a ser trocada, muitos shows de bandas clássicas e novas que quero presenciar… Se fosse algo superficial ou uma fase como a maioria insiste em dizer, creio que já teria passado. Como disse anteriormente, creio que se você adentra em um movimento cultural durante sua formação de personalidade, isso permanece para sempre com você.

Entrevista 4 – Luan

1) Nome: Luan Van Halen

2) Idade: 16

3) Profissão: estudante

4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?

Desde sempre eu escuto, mas só comecei a prestar a atenção e a gostar aos 10 anos

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.

Meu pai sempre escutou e uma vez ele colocou no carro para tocar Mötley Crüe e foi ai que tudo começou

As perguntas abaixo são as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?
No início eu usava muita camisa de banda, pulseiras, mas hoje em dia uma das únicas coisas que entrega o meu gosto são os Anéis que eu gosto muito de usar.

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

Eu acho que o que me atraiu mais no Heavy Metal e no Punk foi a atitude da música o ritmo e as letras.

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

Minha relação com que gosta de Heavy Metal e punk é muito boa áte porque os meus grandes amigos escutam Heavy Metal ou Punk, minha relação com quem não gosta de Heavy Metal também é muito boa porque eu acho que cada um escuta o que quiser.
9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

Eu acho que sim pois escuto falar sobre muitos shows por aqui, n muito, não fui em muitos shows

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?

Sim, não me vejo sem esse estilo de música na vida. A cada dia me apaixono mais por esse ritmo.

Entrevista 5 - Arthur Camarada

1) Nome: Arthur Siqueira Freire

2) Idade:19
3) Profissão:Telemarketing
4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?
desde os 13 anos de idade
5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.
Minha mae ,desde pequeno me mostrava muitas bandas,aí comecei com o tempo,redefinir meu gosto,e aprender mais sobre o estilo

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:
6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?

Nos momentos que ouço,ou pesquiso sobre,meu corpo seente uma adrenalç
*adrenalina,e sinto que aquilo é minha paixão. A questão dos cabelos grandes, quando o estilo foi progredindo, começaram a deixar cabelos grandes por rebeldia. Hoje em dia o estilo e os cabelos são por questão de encaixe em grupo social, que é o meu caso. Os coturnos vieram de um protesto contra militares, um tipo de ironia e opressão desses fascistas, metal tem muita questão política.

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)
O heavy metal sempre me acompanha nos momentos mais dificeis,ele faz com que eu me sinta alguem especial,alguem com alguma coisa a me orgulhar. Metal é contra qualquer tipo

de opressão. E as pessoas ainda não entendem nossas ideologias e acabam excluindo da convivência.

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

Geralmente eu me adequo ao estilo,faço com que eu consiga me encaixar na cultura,nao como algo "forçado" mas como se eu me sentisse em uma familia(quem nao gosta,eu respeito,e ainda paro prq*pra tentar conhecer o nivel cultural das pessoas

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

9a cena de bh é sensacional,no sentido que tudo começou aqui,os maiores movimentos de bandas foram aqui,e eu me orgulho com isso,e na epoca que eu conheci essa cultura em bh,eu me senti "em casa"

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
Acho que morrerei no metal,e ainda passarei essa cultura pra frente,pois a cada dia eu me apaixono mais ainda por essa magnifica cultura.
Espero ter ajudado

Entrevista 6 - César Sputinik

1) Nome: César Augusto

2) Idade: 27

3) Profissão: Desempregado, futuro mestre cervejeiro

4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?
Comecei ter interesse aos 14 anos

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.
Eu gostava muito da MTV pela suas transmissões alternativas, e também gostava muito de jogar Tony Hawk's no PS1

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:
6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?

Muitos não estão de acordo mas o Punk surgiu através do visual, antes o termo Punk era associado a pessoas pobres com aparências chamativas e vulgarizadas os mendigos e prostitutas eram os que mais recebiam este nome e logo depois o termo Punk foi associado a musica pq se tratar de um ritmo que não estava dentro de um padrão musical elitizado.
Então tem Punk que super valoriza a questão do corpo e do visual, já outro acham inútil a ter uma aparência, eu sou dos q valoriza o Punk por completo o Punk pra min serve pra causar e

chocar a sociedade musicalmente, ideologicamente e visualmente, então gosto de levar o Punk como um estilo de vida completo
No dia a dia nem todos os Punks conseguem mantes sua cultura por completo pq nem sempre é possível conciliar sua cultura com o seu trabalho, muitos tentam burlar outros já preferem não arriscar, eu sou dos que tenta burlar essa questão da aparência no ambiente de trabalho

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

Antes dos 14 anos eu era como muitos garotos da atual geração, gostava de ouvir musicas da moda tipo funk mas sempre percebi q estes estilos não me representava em nem um aspectos na sonoridade, forma de se vestir e conversar nada disso me representava até começar se interessar por sonoridades bem trabalhadas.

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)
Eu confesso que minha relação com demais da cena é um pouco dividido, eu pertenço ao um grupo que segue a vertente do StreetPunk que tem uma forte ligação com a cultura skinhead mas não o skinhead que se ver nos jornais praticando atos de intolerância pelas rua e sim o skinhead vindo dos Rudy Boys de origem jamaicana, e como muito outros Punks não estão de acordo isso acaba gerando alguns atritos dentro da cena.
E com pessoas que não tem ligação com a cena do rock eu só tive atritos quando ainda era um adolescente pq quando vc é novo as pessoas de fora te enxergam
apenas como uma fase de rebeldia, mas quando se é adulto as pessoas acaba enxergando q vc é realmente o q elas estão vendo.

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.
Eu nunca tive uma influencia vinda da cena de BH, comecei me simpatizar com as bandas locais depois de um certo tempo, eu sempre achei a pegada do Hardcore de BH muito focada no metal não que eu ache isso ruim mas eu sempre procurei na cena musical coisas que tivesse mais similaridade com o Hardcore 82 tipo Exploited, Varukers, Chaos UK e GBH e como o Punk de BH sempre puxou mais pro lado Grind eu acabei focando mais em cenas de outros lugares, mas nos dias atuais eu tenho focado muito nas bandas de BH.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
Já se foram 12 anos correndo atrás do Punk e Metal e muitos amigos não deram conta de correr juntos então eu creio q meu gosto ir me acompanha para o resto de minha vida

Entrevista 7- Helinton

1) Nome: Helinton A. L. Barbosa
2) Idade: 42 anos
3) Profissão: Professor
4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?
Por volta dos 14 anos, ao entrar no Ensino Médio.

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.

Fui apresentado por um colega de escola ao Ramones quando ele gravou uma fita com varias bandas. Tinha Anthrax, Iron Maiden, Megadeth, Metallica, Ratos de Porão. Só clássicos mesmo. Fita maravilhosa e muito bem gravada. Ao ouvir Ramones fiquei admirado pela simplicidade dos 3 acordes e da energia que eles passavam nos shows, onde as músicas ficavam mais rápidas ainda e com um toque mais hardcore. Comecei a comprar álbuns da banda, além de camisas e me identidicar com o movimento punk.
As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?
Na época, como meu estilo voltou-se para o punk, eu usava moicano, colorido com muito papel crepom, correntes, cadeados, soco inglês (que eu mesmo fabricava com chumbadas de rodas de carro na rua). Tudo era usado para me defender nas muitas brigas na qual eu me metia, principalmente contra os "carecas". Na escola eu mantinha meu cabelo maior para manter o padrão social exigido pela instituição, mas fora dela eu me libertava. Hoje não tenho mais o moicano (saudade) e a temática punk é apenas uma idéia, que se renova ao ouvir os clássicos da época ou mesmo novas bandas. Tiago que fui institucionalizado pela sociedade e seus padrões.

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)
As letras eram bem rebeldes e sugeriam brigas, bebidas e uso de drogas. Tirando as drogas, que nunca fiz uso pelo medo do vício e das consequências, eu seguia a risca as músicas. Principalmente com brigas. Eu não aceitava muito o limite imposto, sem sentido prático e muito lógico. Hoje, claro mais maduro e medindo meus atos, o espírito agressivo ficou para trás, restando o amor pela música punk sem influência das letras, apenas pelo simples prazer de ouvir. Na época eu sempre frequentava a região da Savassi onde havia o Pop Pastel, local de encontro de punks interessados em brigar com boyzinhos e metaleiros. Eu realmente adorava uma briga. Outro local bem frequentado era a galeria do rock na praça 7 e a loja cogumelo, na avenida Augusto de Lima. Nesses locais trocavamos ideias, compravamos roupas e nós informavamos sobre shows e eventos interessantes.

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)
Tenho contato hoje com poucas pessoas que curtem metal ou punk, porém é um relacionamento sem hipocrisia e falsidade. São pessoas autenticas. Muito saudável!
Aqueles que não gostam, hoje respeitam e tem menos preconceito do que havia na década de 90, onde éramos vistos como vagabundos. Um ponto é diferenciado: éramos vistos como vagabundos, mas não como bandidos. Diferentemente daqueles que ouvem funk atualmente, altamente vistos como marginais ou muito próximos a eles.

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação desta cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.
Em BH sempre há eventos aos interessados. Sempre ouço falar destes eventos porém, como estou casado, com esposa e filha e ainda por cima trabalhando em duas escolas, não tenho muitas oportunidades de ir a eventos. Um evento inesquecível que fui em novembro de 1994 foi Ramones e Sepultura no parque da Gameleira aqui em BH. Foi um show maravilhoso! Ramones fez o 1° show, ficando Sepultura para o encerramento, invertendo a ordem da turnê em que Ramones sempre encerrava o show. Ao chegar eu estava levando correntes que tive

que deixar na portaria. Assisti o show do Ramones e fui embora, visto que havia muitas possibilidades de briga no show do Sepultura, pois punks e metaleiros nunca se deram bem.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
Seguindo no sentido de ouvir, valorizar e repassar a minha filha. Porém como estilo de vida, infelizmente não é mais possível. A sociedade e suas exigências não me permitem me vestir, portar ou agir como a filosofia punk prega. Mas as ideias ninguém pode mudar. Continuo muito radical em diversos pontos, mas me calo diante da necessidade de levar a vida e criar a família!

Entrevista 8: Hyanna da Cunha

1) Nome: Hyanna da Cunha
2) Idade: 45
3) Profissão: Artista
4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk? Ah! Fica complicado. Sempre gostei de música boa e cresci vendo meu pai tocar e compor. Mas acho que especificamente Heavy Metal e Punk foi mais tarde. Já na Faculdade.

5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.
Como disse, meu pai tocava violão e compunha e é excelente letrista. Meus pais gostavam de Pink Floyd, Janis Joplin, Led Zeppelin e outras bandas (inclusive nacionais). Meu pai é escritor e andava com o pessoal dos D.A.(s) universitários e curtia Rock/Metal Nacional também. Ainda muito pequena eu via o pessoal da Cabana ensaiando lá em casa: uma loucura! Desde aí eu já queria tocar baixo. Saca?

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?Eu sou o relato e o testemunho do que vivo e curto. Já usei cabelo de todo jeito e tamanho. Agora estou com a cabeça raspada. Tenho 11 tatuagens e não pretendo parar. Me visto como sou e vou pra qualquer lugar: calça boca de sino, Jeans justo, couro, camisa de banda ou não, vestidos retrô e acessórios - amo acessórios! Pulseiras, anéis, colares e gargantilhas. Mas o que vale é você ser de verdade, autêntico e se sentir bem. Não curto essa de estereótipo para curtir um estilo musical.

7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação).
Cara, o Punk tem tudo a ver comigo principalme pela questão do protesto e do papo muito franco e aberto. Gosto do Pós-Punk também e sou fã da Joy Division. O Punk, assim como o Hardcore chega mandando a insatisfação de forma honesta e simples, assim como é o som: honesto e simples. Já o Heavy Metal tem a rebeldia diferenciada, o som forte, marcado, bem feito, as letras também inteligentes. Mas não curto ser chamada de "metaleira" não. Prefiro a alcunha de "rockeira", apesar de curtir o Metal em todas as suas variáveis: desde alguma coisa melódica até o Black Metal mais extremo.

8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)
Eu não tenho problemas para conviver com ninguém. Tenho o respeito absoluto da galera da cena Punk e da cena Metal também. Nunca rolou nada errado ou grave. Já aconteceram estranhamentos pontuais em eventos de metal extremo porque eu sou declaradamente eclética e frequento ambientes em que rola música boa, seja Samba de Raiz, MPB, Blues, Soul, Jazz, Reggae, Rock Psicodélico, Heavy Metal e tal - não visto rótulos. Mas conheço o que curto e resolvi a situação no diálogo. Ao fim acabei por ficar amiga de um cara gigante (tipo guarda roupa quatro portas) que me peitou num desses shows questionando essa minha versatilidade musical (risos). Gosto do moshe tanto Punk quanto Metal. Amo a energia! Mas fico fora, pois meu físico não permite (risos). Mas danço mesmo e meus amigos já sabem onde me encontrar num show: lá no gargarejo, o mais próximo possível do palco, batendo cabeça, pirando e curtindo muito.

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação desta cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.
Eu sou belorizontina. Nasci e cresci aqui. Minha escola musical se fez aqui. Há cenas fortes e resistentes em BH no Punk/Hardcore, no Rock, no Metal, no Blues, no Reggae, no Soul e até no Rap. Eu vou em eventos autorais de todo porte. Apoio demais o Underground e a resistência. Prestigio eventos com bandas cover também e respeito, mas acho que estamos precisando mesmo de movimentos com os que Márcio Aranha e a Têia Produções, Ronnei Scanners da Toca dos Scanners, Cerco Grotesco, Marcenaria Artística, Rancho do Rock e o Mister Rock, por exemplo, têm apoiado e fortalecido, dando moral pro autoral prioritariamente. Acho válido demais. Não tenho nada contra bandas cover, tributo e/ou releituras. Rolam eventos mistos também em espaços maiores como praças, tem o Viaduto das Artes com o Barreiro Rock (que tem somado muito ao autoral), tem a Pista de Skate, tem os festivais organizados na rua pelos Camisa Preta e o Stonehenge Rock Bar e outros movimentos alternativos na resistência cultural. Juntos somos mais fortes - é o que penso e apoio.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
Claro que sim. Eu acredito na ideologia, eu curto o som, eu sinto e me emociona. Faz parte de minha verdade e de quem sou. Simples assim.

Entrevista 9 - Júlio César

1) nome: Júlio César Ribeiro da Silva (Junin Mheasma)

2) idade: 50

3) profissão: gestor de produção industrial - aposentado

4) desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?

Desde os 09 anos de idade comecçou pelo heavy metal e segue ate hoje e varios estilos dentro do rock metal

5) como foi isto? em qual ocasião? fale sobre.

Quando ouvi pela primeira vez as musicas do kiss , foi em ua festa da escola fase primaria final de ano letivo , onde também já tinha uma paixão por bateria meu instrumento ate hoje , sonho de menino fazer do imaginario umas latas velhas um pedaços de pau e fazer virar uma bateria e tirar ali alguns sons

As perguntas abaixo são sobre as categorias de análise:

6) qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (o que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?

Uma relação dp heavy metal e punk o que tem em relação ao meu corpo e de adrenalina pura emoção a cada nota , energia ao passar pela ponta dos dedo do pé ate um ultimo neuronio do cerebro , no meu caso tambem de trasmitir toda energia da ponta dos dedos da mão ate a ponta da baqueta que toda em todos tambores e pratos .

7) no âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)

foi atraves do que acontecia com o munde que vivemos em poder expressar atraves da musica , todo nosso pensamento sentimento de forma mostrar o que ser melhor para o meio e que vivemos

8) descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. e descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

Minha relaçao com as pessoas que curtem o heavy metal ou punk e de um mundo maravilhoso , sinto uma energia muito positiva que mexe com o ego das pessoas . Com relação aos que não curtem o heavy metal ou punk , respeito por ainda não saberem que um estilos que proporciona uma das melhores sensações do corpo e alma , mas tenho sempre na maneira do possível mostrar que é estilo que faz bem a saúde mental e corporal .

9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de bh.

Sim , mas ainda esta cercada pelo orportunismo desenfreado egoista , uma minoria que apoia apenas um movimento e não iguais ao do passado (80/90), hoje temos muitas casas de shows , espaços underground , criação de coletivos que ajuda a fortalecer a cena . Como comecei a tocar bateria com 12 anos , primeiro em uma banda musical do sesi em bh mas no mundo metal em 1987 onde acompanhei varios movimentos de bh onde criei uma identidade que sou hoje juninmheasma graças as bandas do cenário de bh e região nos anos 80/90 tive bandas de 87 ate infinito . Foram varias bandas também que me influenciaram do cenário de bh ex Chakal/Holocausto/Sepultura/Sarcofago/Tridente/minério de ferro/kamikaze/Túmulo de ferro /Overdose /Mutilator /Sagrado inferno /Ursso/Eutanasia e outras .sobre os eventos que sempre vou e faço parte são o cerco grotesco uma ramificação do Nadaver estilo grot(grind rock obscure terror) e os coletivos panela licergica/toca do scanner/barreiro rock/som de rua /vutus/punho cerrado/hellish holocaust e outros , isolados das casa matriz e mister rock .

10) você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? por que?

Sim , seguirei por toda a vida ate eu corpo aguentar .Já são 30 anos como baterista tocando metal extreamoe so paro quanto não tiver jeito mesmo por condições fisicas , voutentar passar

a maximo de conhecimento sobre heavy metal um exemplo é a banda carcaça com uma galera nova com muita vontade de fazer heavy metal com qualidade .

Entrevista 10: Artur Fernandes

1- Nome: Artur Fernandes
2- Idade: 41 anos
3- Profissão: Auxiliar de acabamento
4) Desde quando você começou a gostar de heavy metal/punk?
Comecei a gostar de rock/heavy metal aos 12 anos. Hoje tenho 41. Foi por causa do meu irmão mais velho. Passei a adolescência e já na vida adulta curtindo bandas como Iron, slayer, sepultura e também me vestindo com camisas de bandas, sempre indo aos shows e também tive bandas, gravei um cd com uma banda chamada Warfactor
5) Como foi isto? Em qual ocasião? Fale sobre.
Foi quando fui a BH para passar férias e depois de ouvir iron, passei a gostar do estilo de música/vida. Hoje em dia não tenho como viver sem isso, faz parte da minha vida, da minha paixão sobre música e outras coisas que o rock/metal me deu. Não tenho arrependimento de nada, sempre fui honesto na minha vida de headbanger

6) Qual a relação do seu corpo com o heavy metal /ou o punk? (O que seu corpo sugere de aproximação ou interesse pelo heavy metal ou o punk?
Minha relação com meu corpo hoje em dia com o metal é que tenho várias tatoos e um monte de camisas de bandas. Tenho mais de 150 camisas, e passo sempre o dia todo com elas. Sempre que posso marco mais alguma tatoo. Agora, as camisas, sempre tenho alguma que se lança eu compro, e é esse jeito todo com o metal.
7) No âmbito do pensamento, da sua mente e da sua formação como sujeito, como você descreve que aconteceu essa afinidade com o heavy metal ou o punk? (subjetivação)
Bom, minha afinidade com o estilo foi por causa da música. E também pode ser um estilo forte e sem muita atenção da mídia, sempre foi por meios underground e também por ser um estilo único. Hoje em dia vejo o metal como se fosse pela primeira vez sempre. Tenho uma grande paixão por este estilo de vida/música. E vou passar o resto da vida ouvindo-o.
8) Descreva a sua relação com as pessoas que gostam de heavy metal ou punk. E descreva a sua relação com quem não gosta. (a nível de imaginário cultural)

Minha relação com as pessoas do meio metal é muito bom. Tenho vários amigos em BH e Sete Lagoas.Também tenho muitos amigos que não são da cena metal, que eu também tenho amizade. Para falar a verdade, eu trabalho com pessoas que não são do metal, mas me tratam muito bem, e eu também trato muito bem, elas também.
9) A cidade de Belo Horizonte tem muito a oferecer na cena metal/punk? Qual a relação dessa cidade com sua formação de identidade? Descreva algum evento que você costuma ir ligado à cena underground de BH.

10) Você acha que vai continuar seguindo o heavy metal ou o punk por toda a vida? Por que?
Eu acho que sim, pois estou nessa há 30 anos, desde meus 12 anos, e vejo uma cena que vou ficar até morrer. É um estilo de vida/música e também é um grande prazer fazer parte deste movimento. Não me arrependo de nada do que vivi ou que perdi. Vou continuar meu estilo de vida/música até os últimos de vida, amo o metal.

APENDICE B - OUTROS SUJEITOS QUE CONTRIBUEM COM A CENA UNDERGROUND DE BH

1) Joubert: Vocalista da Banda Escória. Organiza eventos de metal extremo, principalmente no interior de Minas Gerais. Cabelos compridos, figurino mais voltado para a cena extrema: *black death.* Usa camisetas de bandas extremas, anticristãs. Destaca-se por ter começado muito jovem na cena, tocando desde os 14 anos de idade e surpreendendo no palco, sendo bastante elogiado nos shows. É revelação das novas gerações na cena do metal extrema. É seguidor fiel e convencido da sua ideologia anti-religião. Assume sua posição radical optando pelo underground na sua forma política e estética por completo.

2) Ismar Tupinambá: Uma senhora de mais idade, filha da artista Yara Tupinambá, que assiste a shows de metal desde a década de oitenta. Tem estatura baixa, cabelos pretos e curtos. Ao contrário do que se imagina, não se veste como os outros sujeitos, de preto; usa roupas comuns, de cores claras e estampadas. Ela é fiel aos shows que acontecem no *Music Hall*, inclusive com bandas do exterior. Está sempre com uma cadeira, que posiciona bem perto do *mosh* nos shows.

Figura 87 - Ismar sendo entrevistada por Clinger Carlos - Programa Heavy Metal Online
Fonte: Clinger (2020).

3) Clinger Carlos: Produtor do programa *Heavy Metal Online*. É alto, magro, usa óculos de grau, camisetas de bandas de metal e jeans. É frequentador assíduo de shows no Brasil e

exterior. Cobre todos os eventos que acontecem para seu programa *online.* Autor de vários documentários sobre *heavy metal* com diferentes temáticas (Metal e religião, preconceito no metal).

Figura 88 - Silva Dops – Vocalista da Banda de Protesto Dops (entrevistado)
Fonte: Silva (2017).

4) Cleuber Toskko: Vocalista da Banda Rastros de Ódio. Produtor e ilustrador. Lançou o selo *Sinfonoise*, para álbuns de bandas autorais. É um sujeito ativo na cena, faz turnês da banda pelo país, além da revista *Caoz Magazine* e *fanzines* sobre bandas. Comercializa discos, camisetas, e diversos materiais da cena underground. Sua banda lançou recentemente o álbum *Escravos Modernos*, como crítica ao contexto atual do mundo do trabalho.

5) Gamnit: Punk, vocalista da banda Consciência Suburbana. É atuante há mais de 20 anos na cena de BH, estilista de moda, costureiro. Utiliza, no momento, cabelos roxos, coletes com tachinhas de metal e patches punks, coturnos e roupas também criadas por ele. É bastante estiloso e vaidoso. Apresenta o Programa *online Kapitan Underground*, que traz bandas de *punk* e metal de BH e regiões próximas. Trata-se de um programa realizado com poucos

recursos, mas com excelente qualidade de programação e divulgação na cena. É um dos sujeitos mais versáteis: canta, toca guitarra, costura, cozinha, pinta. Pelas redes sociais é visível sua criatividade nas fotos que posta das coisas que cria e faz.

Figura 89 - Ganmit: Vocalista, guitarrista, estilista, costureiro, pintor, chef e outros
Fonte: Ganmit (2020).

6) Pedro Cataldo: Produtor cultural, músico. Alto, cabelos cacheados longos, bastante simpático e receptivo, comunicativo e excelente articulador cultural. Tem unido a cena *punk* e metal de BH com diversos eventos como o *Monsters of Metal Minas Gerais*, o *Hell Horizonte Festival*, trazendo de volta aos palcos bandas que tocavam nos anos de 1980. Para além da cena metal e *punk*, ele também une bandas de outros estilos musicais no seu projeto Panela Lisérgica, uma mistura de *heavy metal, jazz, punk, folk* e outros. É um dos produtores mais atuantes da cena underground, vive intensamente a noite de BH, desde o samba e o chorinho na Rua do Ouro, Bairro Serra, até os encontros informais de músicos na pracinha do Bar do Orlando em Santa Tereza. Poderia dizer que conhece a grande maioria dos músicos de BH pela sua atuação em shows maiores da cena. Conhecido por assumir shows de maior porte

nesse âmbito local, faz acontecer semanalmente eventos que envolvem a música. Bastante conhecido no Bairro de Santa Tereza, é um dos sujeitos com a vida noturna mais movimentada entre os pesquisados.

Figura 90 - Pedro, produtor de shows e vocalista de banda
Fonte: Pedro (2017).

APÊNDICE C - ALGUNS FILMES, DOCUMENTÁRIOS, BLOGS, DISCOS

BLOG “Iron Man Music”. Blog musical para compartilhamento de músicas, em especial *rock’n’roll*. Desenvolvido por “Iron Man”. Blogger – © Google 1999-2017. Disponível em: http://ironmanmusic.blogspot.com.br/2011/08/black-sabbath-black-sabbath-heavy.html. Acesso em: 10 mai. 2017.

GLOBAL METAL**.** Produção e direção: Sam Dunn. Toronto, 2008. 1 disco digital versátil (95 min.), DVD, son., color.

METAL: a headbanger's journey. Produção e direção: Sam Dunn. A Banger Productions, 2006. 1 disco digital versátil (94 min.), DVD, son., color.

MULHERES NO METAL. Gracielle Fonseca. Direção: Gracielle Fonseca. Brasil, 2013. (24 minutos), DVD.

RUÍDO das Minas. A origem do heavy metal em Belo Horizonte. Direção: Gracielle Fonseca; Filipe Sartoreto; Rafael Sette Câmara. 2009. 1 disco digital versátil (83 min.), DVD, son., color.

RUY, C. M. Botinada: a origem do Punk no Brasil. **Centro de memória Sindical**. 2014. Disponível em: https://memoriasindical.com.br/cultura-e-reflexao/botinada-a-origem-do-punk-no-brasil/. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, Leonardo Daniel Tavares da. **Overdose e Sepultura**: Split Bestial Devastation/Século XX relançado em vinil.

ANEXO A - ÁRVORES GENEALÓGICAS

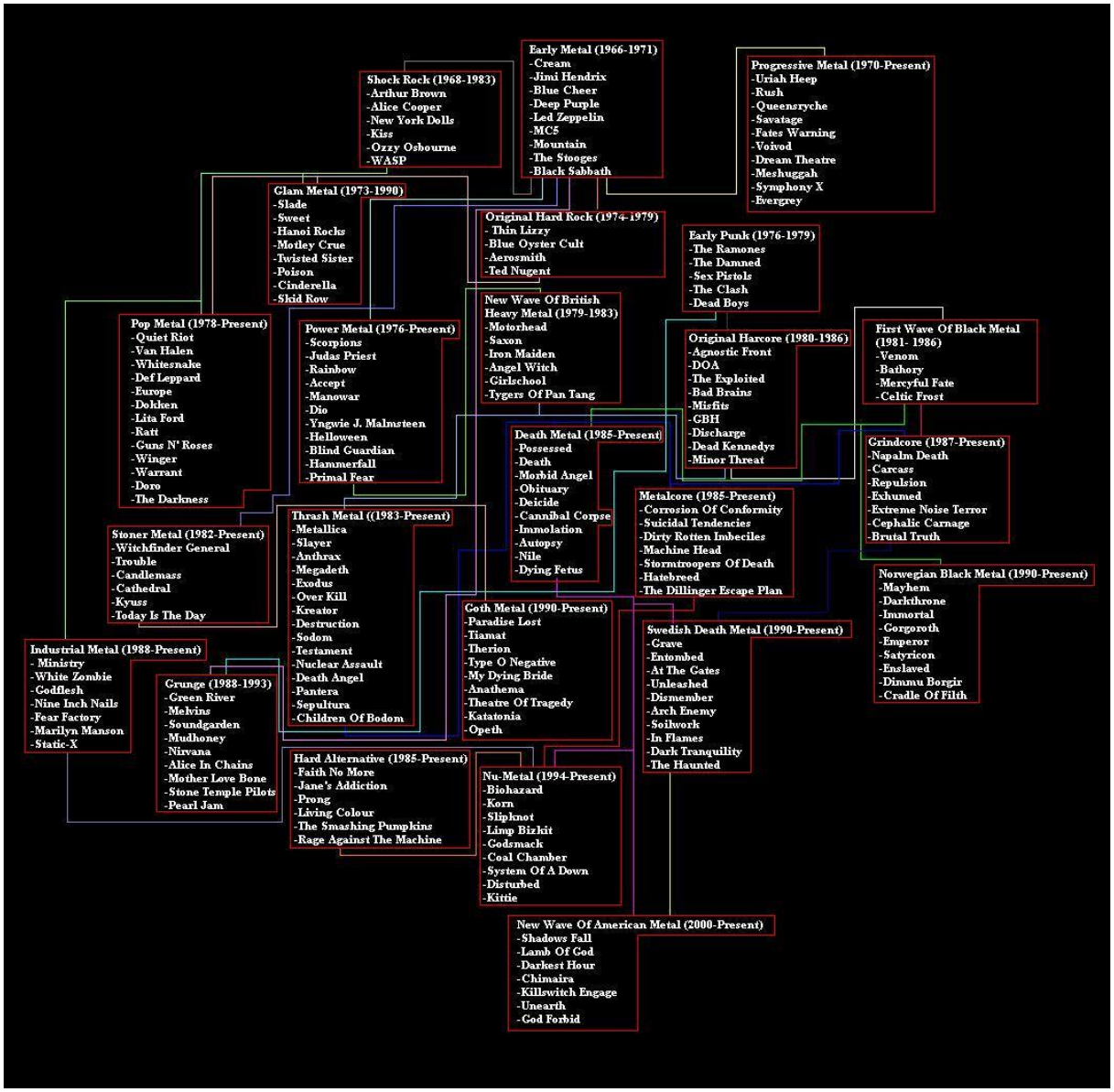


Figura 91 - Árvore genealógica do Heavy Metal elaborada pelo Antropólogo canadense Sann Dunn
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (imagem veiculada no documentário *Global Metal*, 2008, de Sam Dunn).

ANEXO B - LISTA DE BANDAS DE PUNK EM BH

A seguir, apresenta-se uma lista, elaborada em colaboração com os sujeitos da pesquisa, em relação às nuances identitárias do *heavy metal* e do *punk.*

Lista de Bandas de punk em BH (por Silva Dops):

- DOPS Hardcore Punk
- Atack Epléptico Grindcore
- Expurgo Grindcore
- Mata Borrão Grindcore
- Razão Social - Hardcore Punk
- Offensor - Punk
- Komando kAOS - hARDCORE
- Decréptos - Horror Punk
- Consciência Suburbana-Punk Rock
- Desistência Zero -Hardcore
- Certo Porcos - Hardcore
- Kaos Atack - Crust
- Drástiko- Hardcore
- Distúrbio Subhumano - Crossover
- Fake - Crossover
- Joe- Punk Rock (as duas são bandas de mulheres no vocal a Joe e a Distúrbio)
- Gato Feio - Punk Rock
- Scarro - Hardcore
- Herdeiros da Miséria- Punk
- Rastros de Ódio - Metal Death Punk
- Madpunch - Crossover
- Bulldogs - Crossover
- Desgraça Social - Punk
- P4HC - Punk
- Insolentes - Punk Rock
- Banda do Lixo - Punk Rock (a primeira de Minas e um das pioneiras do Brasil)
- Pterodáctilos - Punk Rock
- Oficina do Diabo - Rap core
- Prole.Idem - Hardcore melódico
- Pense - Hardcore melódico
- Dead Pixels - Punk Rock
- Rhódya - Punk Rock
- Cretinos e Calhordas - Punk Rock
- Garagem Dinossauro - Punk Rock
- Pandemônio - Punk Rock
- Ex-Machina – Grindcore

Fonte: elaborado por Silva Dops, sujeito pesquisado, vocalista da Banda Punk de Protesto Dops.